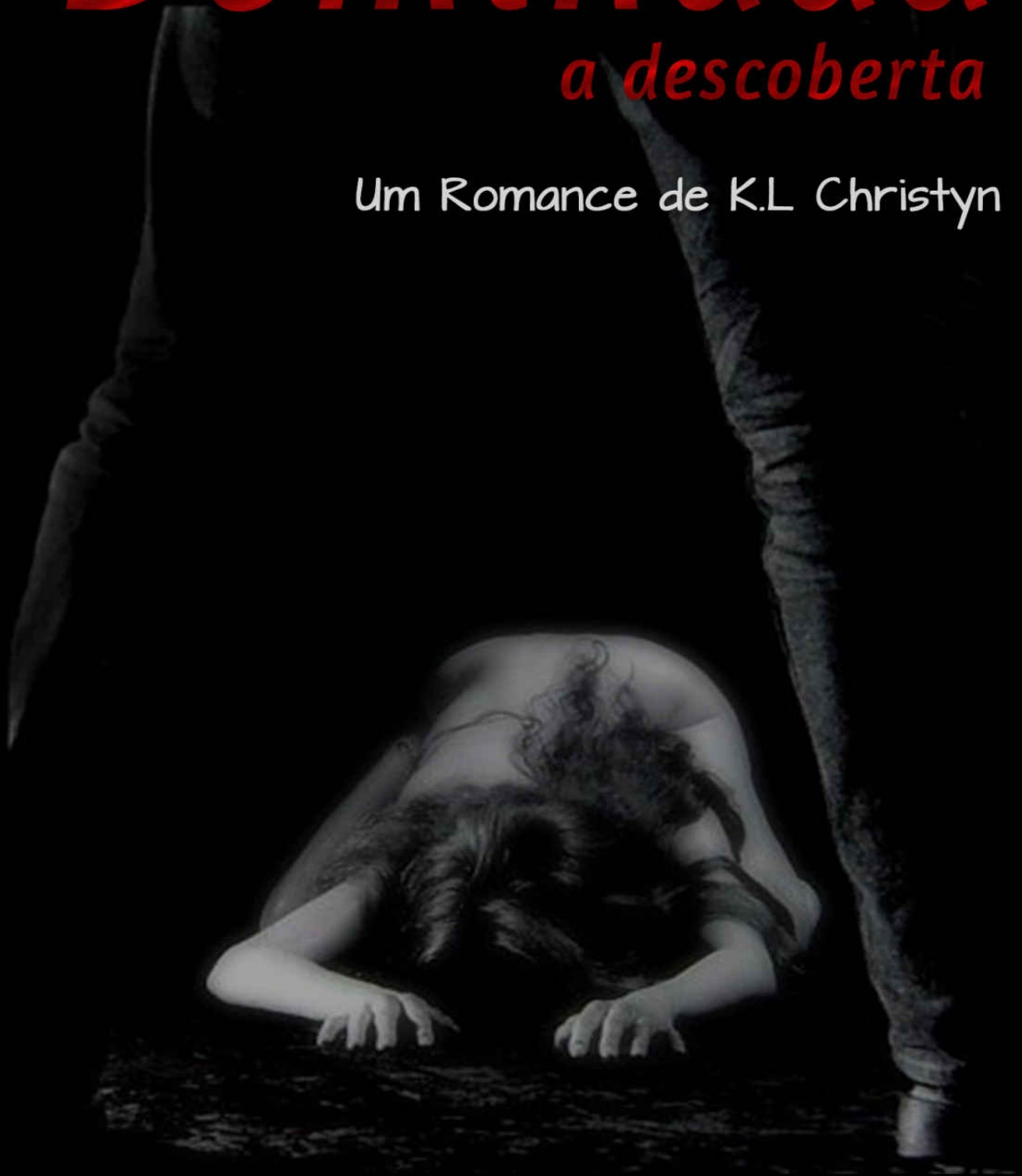


Dominada

a descoberta

Um Romance de K.L Christyn



" Pouco importa o que as pessoas pensam. Quando fechamos a porta, tudo passa a ter outro sentido, outras razões..."



DOMINADA
A DESCOBERTA

(LIVRO I)

Copyright @ 2018 – Todos os direitos reservados

Capa

MLopesDesign

Revisão

K. Guimarães

B. Junior

1. Literatura Brasileira 2. Romance 3. Erótico

É expressamente proibida a cópia do material contido nesse exemplar sem o consentimento escrito dos responsáveis. Essa obra é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele se remetem a situações verdadeiras da vida real.

K.L. Christyn
DOMINADA
A DESCOBERTA

DOMINADA
A DESCOBERTA

POR

K.L. Christyn

ESCLARECIMENTOS AO LEITOR.

Apesar de ser uma obra de ficção, as fontes usadas para a estruturação desse livro são verdadeiras. Todos os acontecimentos descritos a respeito das “Sessões *BDSM*”, são detalhadamente verídicos e podem ocasionar certo desconforto em leitores mais sensíveis. É indicada cautela e principalmente discernimento ao se propor tal leitura. Todas as diretrizes do “*BDSM*” foram rigorosamente respeitadas e relatadas, sem pudores ou qualquer tipo de censura. O livro aborda desde a simples dominância até o sadismo. Lembrando que a autora não compactua de forma alguma com qualquer tipo de violência doméstica ou de qualquer outra espécie de violência cometida contra a mulher. O “*BDSM*” é uma forma consensual de sexo, prazer, entrega e relação, onde indivíduos se propõem a provar novas sensações e trocar diferentes experiências em prol de satisfação para ambas as partes envolvidas. “*BDSM*” não é CONTO DE FADAS, às vezes ele é feio, sangra, dói, deixa marcas, cicatrizes, faz chorar, tremer as pernas, suar, desesperar, te faz pensar em desistir..., mas só cabe a você decidir até onde vale a pena ir. Abra sua mente e boa leitura.

Sobre a Autora

K.L. Christyn tem 46 anos, é nascida no Rio de Janeiro, onde cursou ciências médicas na universidade Gama Filho e hoje reside em São Paulo. Desde criança sempre teve o dom da palavra e chegou a escrever alguns contos na época do colegial. Como toda boa romântica, seu desejo sempre foi conseguir atingir os leitores, transformando aquilo que escrevia em histórias de simples compreensão, apaixonantes e inesquecíveis. Seus sonhos precisaram ser adiados para que se destinasse exclusivamente aos cuidados intensivos e especiais de seu filho mais novo. Em 2017, depois de 11 meses de dedicação, conseguiu realizar o sonho de terminar o seu primeiro Romance, *"Inconstante Prazer"*, que originou a trilogia *"Inconstante"*, ganhando notoriedade como escritora de sucesso e alavancando sua carreira.

AGRADECIMENTOS

Seria injusta se não colocasse em primeiro lugar minha família, que sempre esteve ao meu lado, apoiando, ajudando, criticando, elogiando, aturando minhas noites mal dormidas, meu mau humor, meu cansaço e minhas neuras. Graças a eles, busco todos os dias a superação e o aprimoramento do meu trabalho. Não posso deixar de fora os amigos, sempre na torcida e que esbanjam orgulho cada vez que compartilham comigo o sucesso de uma obra. As meninas fiéis e também exigentes do Facebook, que não poupam palavras ou pedidos, que tento, na medida do possível, atender. Meu primo querido, um super design gráfico, que aprimora minhas ideias e as converte em realidade. A todos aqueles que dedicaram um tempinho para sentar comigo e me esclarecer sobre um assunto ainda tão pouco conhecido e por diversas vezes, erradamente explorado. A Deus, por ter me dado a possibilidade de trabalhar com aquilo que gosto e sei fazer e por último, os agradecimentos mais importantes de todos. Durante essa jornada, conheci pessoas incríveis que tiveram paciência e disponibilizaram muito do seu tempo, sabendo entender que esse era um mundo novo para mim e, mesmo assim, não desistiram de me explicar, ensinar e fazer compreender todo o real conceito do “BDSM”. A vocês, meus queridos amigos, “D. Dom F.”, “M. Dom B.”, “Dom Millos S.” e “Dom A. R.”, que me reverenciaram com integridade, generosidade e ética, deixo um beijo e um super muito obrigada. Por último e especialmente, dedico minha admiração, carinho, amizade eterna, meu respeito e o arrebatamento quase inexplicável por ter feito parte do seu mundo durante a construção dessa obra à “Domenico Bruno”. Sem você, nada disso teria sido possível... Muito, muito obrigada, “Senhor”, por ter sido minha maior, mais real e apaixonante inspiração!

“Pouco importa o que as pessoas pensam... Quando fechamos a porta, tudo passa a ter um outro sentido, outras razões... E que se dane se o mundo lá fora não consegue entender o que parece a eles tão estranho, misterioso e assustador. Quando na verdade, aqui dentro, tudo é desejo, cumplicidade, tesão, entrega...”

K.L Christyn.

PRÓLOGO



Domenico Aron Fox

– Merda! A cabeça de quem vou precisar cortar por esse erro primário idiota? – Não consigo conter meu ímpeto de fúria.

– Domenico, apenas me escute...

– Escutar? Agora ou quando todas as paredes daquele buraco desmoronarem e a água matar milhares de pessoas? Você faz ideia da gravidade da situação? – Interrompo aos gritos meu engenheiro chefe e responsável pela obra do túnel em Tóquio.

– Foi um erro de cálculo, admito... Porém, foi percebido a tempo.

– E isso nos causará semanas de atraso, Rafael! Não temos mais prazos a serem esticados e muito menos recursos a serem gastos.

– Acredite, faremos o possível para compensar, talvez fiquemos defasados somente uns sete dias.

– Acho que você não me entendeu. Eu não vou tolerar qualquer tipo de atraso. Se vire, faça a porra da sua mágica, conserte o que por incompetência acabou fodendo! – Incapaz de manter minha envergadura passiva, soco a mesa, me virando de costas e dando a conversa por encerrada.

Não percebi quando Rafael deixou a sala, meus olhos se perderam na paisagem acinzentada de Boston, que combina perfeitamente com a porra do meu coração e meu humor. Não fui criado para ter emoções. Fui criado para ser competente. E é exatamente o que faço.

A vida me ensinou que usar de emoções só estraga a porra toda. A duras penas, me condicionei a dar o máximo e o melhor de mim. Não me permito mais ser testado pela sorte ou pelo tal destino que as pessoas teimam em culpar cada vez que uma merda acontece na vida de alguém.

A grande maioria das pessoas, pelo menos aquelas que tem essa coragem, dizem que tenho um coração de pedra. Como fala meu digníssimo Pai, o qual sustento os luxos, farras e eternas irresponsabilidades, sou uma verdadeira máquina de fazer dinheiro, o que não deixa de ser verdade, nesse ponto preciso

concordar.

A seis anos me dedico em tempo integral a “*Geo Fox*”, empresa de engenharia fundada pelo meu Avô, herdada pelo incompetente do meu Pai e por sua vez, jogada em minhas mãos, onde trabalho de maneira indistinta e incansável, perdurando e aumentando consideravelmente o capital familiar, controlando com punhos de aço os luxos descabidos de toda a família.

Em uma época complicada, cheguei a perder o controle da minha vida, mas, assim que fui capaz de recuperá-lo, estabeleci como minha meta primordial cuidar do dinheiro, nome e reputação da família, não dando chance a ninguém de meter o bedelho em minhas decisões e ordens.

Não sou um homem fácil de lidar. Vivo em meio aos meus medos, meus dramas e minhas fraquezas, muito bem disfarçadas pela máscara impenetrável que criei junto a um personagem rude, prepotente, autoritário, inflexível, arrogante e as vezes um tanto agressivo.

Medo. Palavra que exprime com perfeição o sentimento que todos nutrem por mim. A verdade é que cago e ando para isso. Quanto mais medo melhor, dessa forma consigo me manter intransponível, sem correr o risco de mais uma vez me encontrar além do fundo do poço, tomando drinques com o demônio em pessoa em um bar qualquer no inferno.

Quanto as mulheres, resumidamente posso dizer que quando a noite chega, meu faro é purificado. Saio a caça por entre as frestas e sombras, colhendo pequenas vidas insignificantes e carentes de doces sonhos, promessas e expectativas exageradas, as quais, jamais tenho a pretensão de corresponder a altura.

Sedento, faminto, desapegado, não me dou ao trabalho de perguntar por nomes, apenas vago entre suas peles, suores, lençóis e orgasmos. Sim, me tornei uma fera quando o assunto é sexo e prazer. Romantismo não faz parte da minha vida. Sou aquilo que marca e se apodera. Sem culpa, remorso ou pena, sou apenas o vício.

Sou apenas eu, a mão que deixa as mulheres inquietas e marcadas, sem a oportunidade de uma segunda vez, sem um dia seguinte, sem um café da manhã ou um beijo de despedida. Sim, virei um monstro cruel e quase inescrupuloso. Uso e sou usado, dou e recebo prazer. Não me interesso por nada além disso.

Me esforcei para me transformar, para ser supostamente diferente. Externamente, obtive êxito, mas toda vez que me olho novamente no espelho, percebo o inevitável. Sou fodidamente a mesma coisa. Petróleo e água, sol e lua. Coisas que jamais irão se misturar.

Talvez eu seja apenas o único na mente daqueles que me idealizam como tudo, como forte, como o cara capaz de superar seus próprios demônios. Por

mais que eu tente e finja também acreditar, sei que a porra da fivela álgida e ácida da dor continua me aprisionando no frígido mundo de tristeza que estipulei para mim.

Um barulho e a abertura de supetão da porta de meu escritório me tiram do meu torpor de reflexão e auto avaliação. Menos mal, depreciações a parte, eu até gosto do ser quase intocável que me tornei, tirando esses momentos como agora, que minha irmã entra enfurecida e aos gritos, se aproximando como se estivesse a frente de uma succulenta refeição, a qual parece não fazer a dias.

– Qual o seu problema Domenico? Dessa vez você passou completamente dos limites! Com que autoridade você bloqueia meu cartão de credito? – Elise, descompensada como sempre acontece quando o assunto é dinheiro, joga de maneira pesada sua bolsa sobre minha mesa, apoiando ambas as mãos no tampo de vidro e me encarando.

– Com a autoridade de quem paga suas contas. – Respondo, erguendo uma das sobrancelhas e abrindo o meu mais filho da puta dos sorrisos. Pode parecer escroto, mas minha maior diversão é foder o juízo da minha família parasita, que muito quer, mas nada faz para ter.

– E como eu vou viver? Você só pode ter enlouquecido de vez!

– Você já pensou em trabalhar? A grande maioria das pessoas usa desse tipo de artifício para, como você diz, viver.

– Trabalhar? – O tom de repugnância em sua voz consegue me estressar. Elise inteira consegue me estressar.

– Sim, Elise, trabalhar, coisa que realmente preciso fazer. Agora se puder me dar licença, pegue seu ataque de histeria e saia daqui antes que realmente me aborreça. acredite, por enquanto estou apenas achando graça da situação.

– Domenico...

– Acho que você realmente não me entendeu. Tenho uma reunião importante em menos de vinte minutos, não estou nem um pouco a fim de aturar mais um dos seus ataques infantis ocasionados por falta de fundos monetários em sua conta, portanto, sugiro, ainda educadamente, que vá buscar algo para fazer, Elise. – Minha irmã enrijeceu o semblante irritada, me encarando duramente, tenho certeza que pensando em uma resposta a altura.

– Essa merda toda aqui também é minha! Você não pode simplesmente querer controlar a parte que cabe a mim. – A resposta veio entredentes e em um tom baixo.

– Trabalhe e terá direito a sua parte, enquanto isso, eu decido o que terá ou não direito.

– Domenico, seja coerente!

– Estou sendo, caso contrário, toda essa merda, como você chama, já

teria ido para o buraco a muito tempo!

– Você se tornou um fascista depois que... – Me ergui imediatamente da mesa e encarei minha irmã, que diante da visão intimidadora, se calou instantaneamente.

– Com quem você está falando? – Meu tom é baixo e sério, demonstrando o quanto não vou permitir ser manipulado por sentimentos familiares do passado que Elise sabe perfeitamente o quanto me abalam.

– Com você, Domenico... – A resposta de Elise não foi mais que um sopro.

– Ótimo, fico feliz que ainda se lembre disso...E quem é que manda nessa firma? – Inclinei meu corpo por sobre a mesa em sua direção, a fim de me tornar ainda mais ameaçador do que geralmente já aparento ser.

– Você, Domenico... Só você! – Elise solta uma longa baforada, dando-se por vencida. Pela sua reação e pela raiva embutida em sua voz, notei que ela já havia entendido o recado e sabia exatamente onde eu queria chegar.

– Então acredito que não temos mais o que conversar, Elise. – Falo, ao mesmo tempo em que dou a volta na mesa em sua direção, dando a conversa por encerrada.

– Engano seu! Temos muito ainda que conversar, eu exijo que devolva os limites dos meus cartões! – De olhos arregalados, Elise dá um passo em minha direção. Em anos, essa é a primeira vez que a vejo me enfrentar dessa forma. O que o dinheiro não é capaz de fazer com os covardes!

– Entenda uma coisa Elise, ninguém me dá ordens! Dobre a porra da sua língua para falar comigo! – Estreito nossa distância, e vejo minha irmã se encolher de encontro a mesa e seu rosto empalidecer.

– Domenico, eu...

– Nunca mais fale comigo nesse tom. Se tem alguém que pode exigir alguma coisa aqui, esse alguém sou eu, fui claro?

Ficamos nos encarando, ambos com expressão áspera. Os poucos passos que nos separavam servindo para nos manter em lados opostos, como sempre estivemos desde que minha vida se tornou um inferno. Daquele dia em diante passei a acreditar que minha família não passava de um agrupamento nojento de sangue sugas, interessados exclusivamente em dinheiro fácil, incapazes de compreender a dimensão do sofrimento humano.

Tanto meus pais quanto minha irmã, não souberam compreender minha dor e apenas se preocuparam em se engalfinhar, reivindicando suas devidas partes materiais em meio a tragédia emocional que me abatia. Decepcionado, machucado e sozinho, me permitir ser levado pela mágoa e me reeduquei, me transformando no monstro abominável que sou hoje. A verdade é que nunca

fomos verdadeiramente uma família, e eu, nunca fui santo!

– Eu só acho que... – Levantei minha mão e isso foi o suficiente para que ela se calasse, desistindo de tentar me convencer com suas ideias absurdas.

– Não vou dar nem mais um centavo para sustentar seus luxos e muito menos seus vícios, Elise.

– Domenico, isso não é justo!

– Justo ou não, assim será! Peça dinheiro a seu marido, de quem muito francamente, não sei ainda porque não se separou.

Uma pausa dramática e silenciosa me faz pensar em qual absurdo está sendo fermentado na mente mórbida de minha irmã. Elise é uma mulher capaz de qualquer coisa para manter seu padrão de vida e não duvido que poderia inclusive roubar e até matar para sustentar seu vício.

– Não posso me separar... Estou grávida. – Mais uma vez fico chocado com a tentativa ridícula de manipulação. Quanta perda de tempo por parte de Elise.

– Chega dessa merda, Elise! – Aos gritos, perco de uma vez o pouco de paciência que ainda me resta com o ensaio patético de me comover.

– Não chame meu filho de merda, eu não vou admitir que fale assim comigo!

– Não seja ridícula! Para início de conversa tanto eu quanto você sabemos perfeitamente que nem deveria ter engravidado novamente, sua baixa autoestima faz com que você use desse tipo de artifício para se manter presa a um homem que está pouco se fodendo para você e só tem interesse nos benefícios que é capaz de arrancar da sua conta bancária. Entenda que, não vou mais dispor de um tostão sequer para manter o seu casamento de merda!

Os olhos de Elise escureceram e a fúria que até então ela ainda tentava conter veio à tona com intensidade, fazendo-a ruborizar desde o pescoço até o último fio de cabelo. Com passos largos, ela caminhou decidida em minha direção, segurando com força meu braço, a fim de me impedir de encerrar a conversa e sair da sala, uma vez que ficou claro que ela não iria sair por vontade própria.

– Não ouse, em hipótese alguma tocar em mim! – Gritei, rígido de raiva, agarrando seu punho com força redobrada, afastando-a antes que meu ímpeto de esganá-la fosse mais forte que meu bom senso.

Permanecemos nos encarando com animosidade, mais distantes do que nunca, dessa vez é como se um muro ainda mais alto tivesse sido erguido entre nós dois. Minha irmã é uma mulher alta e apesar de ser ainda muito mais alto que ela, é possível nos enfrentarmos quase no mesmo nível.

A despeito de nunca termos tido um verdadeiro relacionamento como

irmãos, confrontos como esse, vem se tornando uma constante nos últimos anos e tudo por causa do desgraçado do meu cunhado, que prefere as orgias que promove a cuidar dos vícios da sua própria esposa. Nunca fui a favor do casamento.

A verdade é que não fui com a cara de Michael. Desde a primeira vez que coloquei meus olhos nele, durante um jantar preparado por Elise para sua apresentação a família, nossos santos não se cruzaram, por mais que ele tenha tentado a todo custo interpretar o cunhado simpático e prestativo.

Meus homens investigaram a fundo a vida de Michel Brighton, talvez, por mais que eu demonstre não ligar para nada, ainda sim eu ligue, o fato de não me dar bem com minha irmã não significa que eu queira que ela se foda. Ela, por si só, já é mais do que capaz de foder com a própria vida, sem a ajuda de mais ninguém.

Michael é dono de uma das maiores firmas de marketing dos EUA, além de possuir investimentos diversificados em outras áreas, mas, meu sentido apurado, já desgastado pela amargura, me fez desconfiar de suas intenções desde o início de sua relação com minha irmã.

Com o tempo, só ficou mais do que comprovado que seu mais novo investimento financeiro havia sido o casamento com Elise, uma vez que o consumo desacerbado de suas verbas e a má administração de seus negócios, haviam o levado praticamente a falência.

O único detalhe que ele esqueceu de levar em consideração foi que: O bilionário em questão não era meu pai, minha mãe ou até mesmo minha irmã, mas sim eu! Qualquer valor, qualquer quantia a ser disponibilizada precisa antes da minha aprovação, e isso, vem deixando meu caríssimo cunhado cada vez mais frustrado e menos apaixonado por Elise.

Pisquei os olhos com força e lancei em sua direção um dos meus olhares imperturbáveis, me afastando em direção a porta, tendo a mais absoluta certeza de que essa história ainda vai me render muita dor de cabeça. Por mais que minha vontade seja soberana, Elise não é do tipo que deixa as coisas passarem em branco, nem mesmo comigo.

Respirei profundamente e apertei com força a maçaneta entre meus dedos, olhando-a friamente e logo depois, desviando meus olhos, não por medo de demonstrar qualquer tipo de emoção que me fizesse parecer mais humano, mas sim, por infelizmente não ter nenhuma para mostrar.

– Entenda uma coisa de uma vez por todas, Elise. Sou o único que manda em toda essa merda, sou o único capaz e o único confiável para reger um império, que se estivesse em suas mãos ou na de nosso pai, já teria ruído a muito tempo! – Muito mais rosnei do que falei, sem piedade alguma, ficando ainda

mais irritado ao perceber seu olhar cheio de animosidade em minha direção.

– Sou o cara que pensa, que age e que nos mantém no topo! Por isso, volto a deixar bem claro que não possibilito que saia nem mais um centavo nosso para acobertar o rombo dos seus vícios e extravagâncias. Se você não tolerar isso, é livre para sair porta fora com seu marido, seu suposto bebe, nosso pai e nossa mãe e irem morar todos no puta que pariu! Só não esqueça de quando se transformar na mulher mais pobre do mundo, noticiada pela Forbes, e não tiver quem sustente os seus luxos, vícios e prazeres, de não vir me procurar e pedir ajuda. Estamos entendidos? – Encravei meus olhos nos dela, levantando uma sobranceira de forma interrogativa.

– Sim, Domenico... Eu entendi.

– Eu realmente espero que tenha entendido, Elise. Para o seu próprio bem!

Dei as costas, sem me preocupar com despedidas e saí calmamente da sala, passando por uma boquiaberta Srta. Mathews, que parecia ouvir toda a discussão estarecida. Caminhei pelos corredores ignorando a presença dos demais funcionários, que se encolhiam pelos cantos diante da minha presença inesperada.

De rabo de olho, consigo ver suas expressões. Estariam apavorados com minha presença? Sou tão abominável assim? Foda-se! Não estou aqui para agradar ninguém, que temam! Quanto mais medo, maior a distância, menor o contato e diminuta é a necessidade de algum tipo de intimidade.

Esperei impaciente o elevador chegar, com as mãos enfiadas nos bolsos e rezando para que Elise tivesse bom senso o suficiente para não ousar sair da minha sala enquanto eu ainda estivesse no andar. Dividir o espaço limitado do elevador com ela seria o mesmo que ter uma arma engatilhada com a mira fixa em uma caça indefesa.

Tendo o cuidado de travar o elevador para evitar companhias desagradáveis, me permitir se levado para o destino já programado pelo computador central que comanda o quadrado sufocante. Assim que as portas se abriram, me vi no subsolo frio e impessoal, onde apenas os executivos da “Geo Fox” têm autorização para estacionar seus luxuosos carros.

Sem saber o que fazer e ciente que tenho um reunião importantíssima em menos de dez minutos, me recosto em um carro qualquer e passo as mãos vigorosamente em meus cabelos. Preciso lembrar de pedir a Giovan, meu personal, que aumente minha carga de exercícios. É mais do que evidente a necessidade de colocar para fora toda essa agressividade contida de alguma maneira.

O tremer de meu paletó indica que meu celular está tocando. Penso duas

vezes antes de atender. Não estou disposto a qualquer outro tipo de confronto com quem quer que seja da minha família e, conhecendo Elise como conheço, estou certo de que ela já fez questão de alastrar o acontecido.

Sem muita vontade, retiro meu Iphone do bolso e observo a tela. Um número completamente desconhecido que não consta em minha agenda. Delaware? Provavelmente engano, uma vez que apenas pessoas muito próximas a mim possuem meu número pessoal e não conheço ninguém daquelas bandas. Encorpendo a voz e tentando ser o mínimo educado possível, atendo.

– Fox.

– *Ah...Como?* – Uma voz doce, quase angelical me pega completamente desprevenido.

– Como? – Repito sua pergunta, achando graça ao ouvir sua respiração se acelerar do outro lado da linha.

– *Desculpe, achei que estava ligando para uma amiga...* – A voz, agora nervosa e bastante perturbada tenta a todo custo se explicar. Não seria mais simples falar que foi engano e desligar?

– Com certeza não sou sua amiga. – Assim que respondi me dei conta do quanto fui rude e não sei exatamente o porque, mas senti uma necessidade louca de me redimir com aquela voz quase infantil que agora não passa de um murmuro assustado.

– *Me perdoe senhor, eu liguei errado...*

– Qual o seu nome? – Sério? Estou tão carente emocionalmente que estou perguntando o nome de uma desconhecida que me ligou por engano? Logo eu, que cago e ando para nomes?

– *Thell...*

– Thell? – Pergunto intrigado, afinal, qual mãe em sã consciência daria o nome de Thell a uma filha?

– *Sim, Thell. Bom, peço realmente desculpas pelo inconveniente Senhor. Tenha um bom dia.* – E ela desligou.

Fiquei algum tempo parado, como um completo idiota ainda mantendo o celular colado ao ouvido, talvez na esperança de que a ligação fosse restabelecida. Puta merda! Toda essa pressão deve estar me deixando maluco! Sacodindo a cabeça, volto a olhar a tela do celular e sem pensar muito, salvo o número...Thell, a voz de anjo!

Sorrio sozinho, me deleitando momentaneamente com a sensação agradável ocasionada por uma completa desconhecida. A verdade é que sou um filho da puta que nem deveria merecer ouvir voz tão serena e angelical. Um brinde ao quão fodido eu sou. Um brinde ao meu caos que sem intenção me deixou seletivo demais para me aproximar de qualquer pessoa.

Um brinde ao medo que sem querer me obrigou a construir um mundo particular trancado a sete chaves e mais um brinde, esse direcionado as minhas loucuras que ainda me permitem sonhar e voar como um homem de verdade o faria nas asas de um anjo com a voz da misteriosa Thell.

Infelizmente, no meu mundo só existe espaço para mim, não por egoísmo ou arrogância, foi simplesmente o jeito que encontrei pra tentar organizar a bagunça dentro de mim. E talvez, só talvez, eu permita que alguém entre no meu mundo. Talvez, só talvez, esse alguém ajude a organizar minha bagunça. Volto silenciosamente aos meus brindes, dessa vez as possibilidades do talvez...Um brinde a uma desconhecida de nome estranho, um brinde a mim!



ETHEL LISA WILLIANS

– Vamos garoto, liga! – Encostei a testa no volante e desisti de uma vez por todas de fazer meu velho e caindo aos pedaços Honda dar a partida.

Estou em cima da hora, só por milagre vou conseguir um taxi a tempo de me levar até o aeroporto. Acontece que não posso de forma alguma perder esse voo. Usei todas as minhas economias para comprar essa passagem e a oportunidade de conseguir a vaga de estágio em Boston é o pote de ouro no final do arco íris para mim!

Me formei a quatro meses na universidade da Pennsylvania e desde então, venho correndo como uma louca atrás de uma colocação decente no mercado de trabalho, o que admito, não tem sido nada fácil. Como ter experiência se ninguém dá emprego a quem não é experiente? Cansei da vida de garçonzete e me arrisquei, enviando meu currículo para todos os cantos do país.

Sair do conforto e da segurança de New Castle vai ser um imenso desafio, ainda mais para uma cidade como Boston, que é o avesso de tudo que um dia achei normal e a que estou acostumada, mas ter a oportunidade de me aperfeiçoar em um dos maiores jornais do país, é muito mais tentador do que o medo do desconhecido é assustador.

A verdade é que nunca fui muito apegada a absolutamente nada. Desde muito nova, quando abandonada por minha mãe aos cuidados de minha avó, descobri que a vida não era lá aquele conto de fadas que costumava ler nas histórias infantis antes de dormir todas as noites, sempre sozinha.

Não cheguei a conhecer meu pai, mas, pelo que minha avó falava, sempre com bastante aspereza em sua voz, ele não passava de um cafetão barato e drogado e havia sido a ruína de minha mãe, que abandonou estudos, emprego, família e inclusive a mim para se jogar de cabeça ao vício do craque, da cocaína e prostituição.

Desde muito cedo me vi sozinha, precisando caminhar com minhas próprias pernas, sem um abraço carinhoso ou um ombro amigo para chorar. Estudei em colégios públicos, onde a lei da sobrevivência era soberana. Nunca fui a popular e muito menos a mais bonita para ser protegida.

Sempre me recusei a fazer parte das gangues latinas que imperavam e distribuíam livremente, desde anfetamina, até a heroína no pátio nos horários de intervalo, precisando assim me isolar e buscar minha proteção nos livros e no máximo de tempo que conseguia ficar enfiada na biblioteca.

Posso facilmente dizer que meus anos escolares foram os piores de toda a minha existência. O pouco que conquistei foi com meu exclusivo esforço. Nunca tive ninguém que me incentivasse ou que lutasse por mim. Guardei cada centavo que pude para fazer minha faculdade de jornalismo.

Dobrei noites seguidas no “*Millo’s*”, um bar fétido e super mal frequentado, mas que me projetava gordas gorjetas no final do expediente, contanto que eu mantivesse um imenso sorriso e uma expressão prazerosa enquanto servia os bêbados imundos e abusivos que elogiavam minha bunda e batiam ponto diariamente na espelunca nojenta.

Minha avó faleceu pouco tempo antes de me formar, sendo assim, herdei o único bem que ela tinha, a humilde e modesta casa onde morei por toda a minha vida, uma vez que minha mãe pouco aparecia e nunca foi encontrada para reivindicar aquilo que seria dela por direito.

Ali, naquela pequena propriedade cheia de mofo e pouquíssimo convidativa, fui alimentada e educada, não que vovó fosse o modelo perfeito de afetuosidade, jamais senti o calor dos seus braços, e toda vez que chorava, escutava a célebre frase “*Engole o choro ou a vida trata de te engolir*”.

E foi com isso que me acostumei. Hoje não sei chorar, pouco me comovo com situações que a grande maioria acha desesperadora e vivo em um mundo onde muros de concreto foram devidamente projetados, a fim de me manter longe de tudo que um dia me fez algum mal. E como me fizeram mal...

Graças a tantos traumas e dificuldades, minha vida se tornou uma ansiedade generalizada. Por mais que tente evitar, existem dias que me sinto tão perdida e cansada pela falta de expectativa que nada parece fazer algum sentido, daí, vem aquela sensação desconfortável de estar fora de mim, de não ser realmente quem eu sou e o desespero vem junto a uma emoção de irrerealidade.

Não sou confusa, muito pelo contrário, me acho até sensata demais depois de tudo a que fui submetida desde muito nova, mas não consigo evitar sentir o mundo girar ao meu redor, quando na verdade, eu que gostaria de estar girando ao redor do mundo. Um aperto no peito me traz uma imensa dificuldade para respirar e faz meu coração disparar.

Quando afinal os adultos vão perceber o quanto seus atos inconsequentes podem estragar de vez a vida de crianças indefesas? Tudo bem que é muito mais fácil culpar as irresponsabilidades de minha mãe e a falta de amor por parte da minha avó por minhas inseguranças do que realmente encará-las e correr, me

jogando de cabeça no mundo, que mesmo desconhecido, sempre me pareceu muito receptivo.

Mas, por diversas vezes, me vi deixar ser consumida pelo medo incoerente de ter medo. Por mais que tente me mostrar forte, controlada e adulta, me sinto frágil e desprotegida. Mesmo beirando meus vinte e quatro anos, ainda me vejo aquela menina que quer de forma desesperada um colo protetor, uma mão para apertar e uma voz calma e macia que ao menos uma vez na vida me diga que tudo está bem e que não estou sozinha.

Respiro profundamente, sabendo o quanto necessito inventar meu cotidiano diariamente a fim de não enlouquecer com as lembranças do abandono do meu passado. Drogas, violência, prostituição...Esse foi o mundo que conheci, e hoje, preciso acreditar que existe coisa melhor, mesmo que distante de uma casa que nunca me trouxe felicidade ou segurança, mas sim, costume daquilo que virou habitual.

Preciso acreditar em qualquer coisa além do medo de me tornar tudo aquilo que sempre vi e me obriguei a repelir. Me reinventei para aprender a lidar com minhas frustrações e solidão, mas as vezes, em meio a falta de lágrimas, me pego na luta constante que preciso travar contra minha própria insegurança.

Talvez tanto medo seja o preço mínimo que preciso pagar por ser tão intensa, por sentir demais, por lamentar demais o que poderia ter sido diferente. A verdade é que eu não escolhi ser assim... Me transformaram no que sou e para minha própria proteção, fui obrigada a criar um antídoto, o qual uso constantemente, para me manter afastada de tudo e de todos, evitando assim, qualquer tipo de dano emocional que possa me descobrir da minha capa protetora e relativamente segura, a qual estou sempre envolta.

Perdida em meus pensamentos não me dei conta de que a hora continuava a passar e não ia de forma alguma esperar eu terminar minha biografia crítica e auto piedosa, fazendo com que o avião me esperasse. Preciso pensar rápido, bem rápido inclusive, se quiser estar a caminho de Boston em menos de duas horas.

– Pense Ethel, pense... – Falo comigo mesma, saltando do carro e o olhando com rancor diante da sua ingratidão de me deixar na mão quando eu mais preciso dele.

Certo, não vou conseguir chegar no aeroporto, isso é fato. O caso agora é tentar adiar minha entrevista para amanhã. Pego o celular e tento achar o número de Clarisse, minha única e melhor amiga, que vai me abrigar até que eu me estabilize em Boston. Claro que não gravei o número, minha desorganização conspira junto ao mundo e o universo, todos contra mim.

Olhando para o céu pensei que esse era o tipo de dia que fazia despertar o

pior que poderia existir na alma de uma pessoa. Até mesmo o sempre constante canto dos pássaros era mais intenso e ao invés de acalmar, acabava me estressando ainda mais, afinal, pelo menos eles podiam voar!

É como se todos os bichinhos fofinhos ao meu redor e a perfeição do clima ensolarado, que contrastava absurdamente com meu interior cinza e pouquíssimo receptivo, como se eu já estivesse entregue aos tons frios e pouco convidativos de Boston sem nem ao menos ter chegado por lá, debochassem claramente do meu pânico crescente e da minha total falta de opções inteligentes.

Respirei fundo e tentei ao máximo me acalmar. Como colocar a culpa em um lugar tão lindo como New Castle? Apesar de não ter sido lá muito feliz por aqui, não posso negar a beleza do lugar. O azul do céu sem uma nuvem sequer me vez visualizar uma merda de um avião! Esfregando ambas as mãos no rosto, me dou conta do quanto estou realmente ferrada.

Não tenho mesmo mais alternativas, o jeito é relaxar e tentar, com bastante calma, encontrar alguma saída lógica. Conformada inspiro profundamente o ar quase mediterrâneo que transforma a paisagem bucólica até o âmago. Campos verdes, muretas de pedras, casas de madeira com canteiros floridos e telhados vermelhos...

O pensamento inevitável de que quando me afastar de algo tão tranquilo e costumeiro para mim irá me fazer sentir só e ainda mais desprotegida me invade com tudo. Certo, esse não é o momento de arrependimentos e muito menos de dar para trás. O ser humano é adaptável, eu sou adaptável!

Apertei os braços com força ao redor do meu corpo a fim de amenizar a dor súbita que invadiu o meu peito. Nada disso! Não posso fraquejar! Sou uma jornalista jovem e esforçada, formada com notas honrosas, buscando o sonho de vencer na própria carreira. Preciso pensar no meu futuro e esquecer o passado.

Volto a pegar o telefone e dessa vez, me esforço ao máximo para encontrar a última chamada que eu e Clarisse fizemos ontem a noite. Nada! Tecnologia não é lá muito o meu forte. Me lembro dos últimos números e tenho quase certeza dos primeiros. Não custa tentar. Nervosa, efetuo a ligação, meu futuro depende da minha memória!

– *Fox...* – Uau! Claro que não acertei o número, mas a voz encorpada e bastante sexy que atendeu chegou a me causar um imenso arrepio na espinha. Pigarreio e tento me recompor.

– Ah...Como? – Por que diabos falei isso?

– *Como?* – A voz dilacerante e sexy para cacete repete minha pergunta, parecendo também não entendê-la. Claro que ele não entendeu, nem eu entendi!

– Desculpe, achei que estava ligando para uma amiga... – Nervosa, tento

me explicar, mas minha voz não sai mais do que um sussurro assustado.

– *Com certeza não sou sua amiga.* – Claro que ele não é, mas a grosseria em sua voz me faz ficar ainda mais desconfortável e sem graça. Será que liguei para algum mafioso? Algum traficante? Ou quem sabe um figurão?

– Me perdoe senhor, eu liguei errado... – Murmuro, certa de que não é normal me sentir tão intimidada apenas por estar ouvindo uma frequência emitida por cordas vocais desconhecidas através de uma linha telefônica.

– *Qual o seu nome?* – Fiquei em silêncio. A pergunta, que não foi bem uma pergunta, mas sim uma intimação, me pegou desprevenida. Por que esse homem quer saber meu nome?

– Thell... – Foi mais forte do que eu. Sem perceber, já havia respondido.

– *Thell?* – A voz, antes um tanto rude e seca, se torna quase divertida e bastante curiosa. Na mesma hora, pude imaginar o homem por trás dela com um sorriso torto nos lindos lábios. Cara, devo estar ficando louca!

– Sim, Thell. Bom, peço realmente desculpas pelo inconveniente Senhor. Tenha um bom dia. – E antes que mais reações descontroladas tomassem conta do meu cérebro e deixassem minha boca sem qualquer limite, encerrei a ligação.

Putá merda! Se a voz desse homem é capaz de causar um impacto tão fulminante e profundo, imagine só a presença física? Sorrio internamente ao imaginar que talvez minha mente fértil esteja visualizando algo completamente diferente da realidade. Com a sorte que tenho, muito provavelmente é baixinho, gordinho, careca, casado e pouquíssimo atraente.

Sacudo a cabeça e volto a me concentrar no mato sem cachorro que me encontro. Levei semanas tentando marcar essa entrevista e da primeira vez que falei com a diretora de publicações do “*New Boston Post*”, ela não me pareceu nem um pouco receptiva, me dispensando sem ao menos me dar a oportunidade de enviar meu currículo.

Não sou de desistir fácil daquilo que quero, tentei mais duas vezes, acabando vencendo sua inicial resistência por pura insistência. Depois de quarenta minutos em uma ligação não muito amistosa, Susanna Wesley concordou em me receber. Mesmo não prometendo a vaga, deu indícios de que minha impetuosidade seria muito bem-vinda no quadro de funcionários do jornal.

Mais uma vez coloco minha cabeça para pensar e tento a todo custo lembrar o telefone de Clarisse. Preciso anotar na minha agenda mental ser menos desorganizada. Depois de mais umas cinco combinações erradas, claro, evitando a da voz quente e sensual, enfim consegui entrar em contato.

– Clarisse!

– *E aí amiga? Já está no aeroporto?* – Clarisse como sempre tem aquela

sua voz tranquila. A verdade é que se o mundo estivesse prestes a explodir em uma catástrofe atômica ou se desfragmentar em um apocalipse zumbi, ainda sim ela estaria calma e tranquila, sorrindo e acreditando que tudo iria se resolver da melhor maneira possível.

– Que nada! Meu carro enguiçou. Estou parada no meio do caminho na auto estrada, sem a mínima possibilidade de conseguir um táxi. Vou perder meu voo e conseqüentemente, a merda da minha entrevista! – Desesperada. Sim, minha voz está completamente desesperada.

– *Se acalme, amiga! Ligue para a companhia aérea, tente colocar o voo para mais tarde.*

– Impossível! Comprei a passagem na promoção. Não posso trocá-la sem pagar a multa e é claro que não disponho de dinheiro para isso. Honestamente, não sei o que faço.

– *Vamos fazer por partes Ethel, nada vai adiantar você ficar estressada. Me passe o número do seu voo. Vou pagar a multa e mudar o horário. Só me diga de quanto tempo precisa para conseguir chegar ao aeroporto, o resto deixe por minha conta. Vamos resolver ao invés de criar ainda mais confusão.* – A tranquilidade na voz de Clarisse me faz pensar se ela realmente é uma pessoa real ou talvez alguma deusa mitológica da calma suprema.

– Não vou poder pagar por isso, Clarisse, não é justo...

– *O que não é justo é você perder a oportunidade de conseguir o estágio em um dos maiores jornais do país minha amiga! Se apresse, dê o seu jeito que eu darei o meu.*

– Um reboque pode demorar horas para chegar, não sei se vou conseguir...Não sei nem se tenho dinheiro para chamar um reboque!

– *Querida, Deus não lhe deu essas lindas pernas e esse bundão à toa. Largue essa lata velha aí mesmo, peça carona e corra para o aeroporto. Vou atrasar seu voo por uma hora, acha que consegue?*

– Pedir carona com a quantidade de malas que estou carregando?

– *Pernas para seduzir e cabeça para pensar, gata! Peça a carona sem as malas, quando alguém parar, aí sim você as mostra!*

– E se um tarado parar?

– *Ethel, por cristo, você está Delaware! Não existem tarados nessa parte do mundo. Vamos, se apresse!*

– Existem tarados em todas as partes do mundo, Clarisse!

– *Não nesse fim de mundo que chamávamos de lar, até os tarados fogem daí. Vamos, você está perdendo tempo. Me passe os dados do voo por mensagem, vou ver o que posso fazer.*

Encerramos a ligação e fiz o que minha amiga pediu. Atrapalhada,

busquei minha passagem no buraco negro que chamo de bolsa e passei todos os detalhes por mensagem. Assim que acabei de fazê-lo, me dei conta da real importância de Clarisse Thompson em minha vida.

A conheci no segundo período de faculdade. Ela, sempre muito ocupada e estudiosa, frequentava tanto quanto eu a biblioteca, engolindo vorazmente livros e mais livros de medicina, enquanto eu, usava o ambiente apenas como um consolo para minha sempre tão constante solidão.

Nossa aproximação foi gradativa, como tudo em minha vida. Não sou muito aberta a qualquer tipo de intimidade com desconhecidos, para ser honesta, nem com conhecidos. Tudo começou com um pedido discreto de um lápis por parte de Clarisse, que parecia um anjo em meio aos seus lindos cachos loiros e bochechas rosadas.

A partir daí, passamos a nos sentar sempre na mesma mesa, uma respeitando os momentos silenciosos da outra e quando dei por mim, éramos inseparáveis. Clarisse foi a primeira pessoa em minha vida a ter acesso a minhas dores e emoções e agradeço a Deus, todos os dias, por tê-la colocado em meu caminho. Sem sua voz doce e seus conselhos maternos, talvez já tivesse enlouquecido.

Um leve sorriso desenha meus lábios, pensar em Clarisse e não sorrir é o mesmo que estar de frente a um pote imenso de sorvete e não querer ao menos tirar uma colherada. Imersa em pensamentos, não reparei quando um luxuoso carro encostou logo atrás do meu e um jovem, aparentando no máximo uns 25 anos caminhou lentamente em minha direção.

– Em apuros? – A voz grave e simpática, um pouco abafada pelo barulho da rodovia me fez dar um pulo de susto.

– Desculpe, não foi minha intenção assustá-la. – Imediatamente ele dá um passo para trás, parecendo ler meus olhos assustados com a proximidade de um estranho.

– Não se desculpe... Eu que estava distraída.

– E então, precisando de ajuda? – Um sorriso simpático desenha o belo rosto, enfeitado com um límpido e quase angelical par de olhos verdes.

– Parece que nem ajuda divina vai fazer com que ele funcione... – Demonstro meu desanimo, apontando para meu carro inerte no acostamento.

– Quem sabe eu não seja um anjo? – Ele sorri ainda mais abertamente e começo a me sentir um pouco mais confortável em sua presença.

– Se assim o for, tenho certeza que foi enviado para me levar em tempo recorde ao aeroporto... – Balbuciei, mais para mim do que para ele, que franziu levemente as sobrancelhas, cerrando os olhos.

– Se for só esse o seu problema, já está resolvido. – A simplicidade das

palavras me surpreende. O fato de nunca em minha vida nada ter caído de mão beijada para mim, me deixa desconfiada até das mais nobres e honestas intenções.

– Sério? – Pergunto incrédula.

– Seríssimo. Mas antes gostaria de saber o seu nome, afinal, posso estar dando carona para uma criminosa perigosa. Preciso me resguardar. – Não consegui deixar de acompanhá-lo em um sorriso farto e sincero.

– Eu sou Ethel Lisa Willians..., mas pode me chamar de Thell. – Estendo minha mão que é prontamente segura por dedos longos e firmes.

– Muito prazer Thell, eu sou Gabriel Jones.

– O anjo... – Falo baixinho, realmente o considerando um anjo nesse momento tão adverso.

– Não tanto quando minha mãe gostaria, mas sim, pode me considerar o seu anjo no momento. Onde estão suas malas? – Observo o jovem esbelto caminhar até o porta malas do meu surrado Honda e parar, me olhando com curiosidade.

– Desculpe... Estão na mala. Vou abrir. – Sem graça com minha estática, apertei a chave, destravando o compartimento, dando acesso as minhas bolsas.

– Pelo que vejo não será uma viagem a passeio. Está se mudando?

– Sim.

– Posso saber para onde?

– Está pensando em me perseguir? – Pergunto, fazendo uma expressão forçada de medo.

– Quem sabe? – Improvisando uma cara engraçada, ele responde enquanto pega minha primeira mala, que realmente está bem pesada.

Depois de arrumar todos os meus pertences com cuidado no banco de trás do seu esportivo, como um legítimo cavalheiro, Gabriel se aproximou da porta do carona e a abriu, fazendo um gesto cortes para que me acomodasse no luxuoso banco de couro. Em passos largos, deu a volta no carro e se acomodou atrás do volante, dando a partida e pegando a rodovia.

Nesse exato momento todas as minhas inseguranças resolveram gritar em meus ouvidos. Estou no carro de um completo estranho! Isso vai contra tudo aquilo que minhas barreiras impostas por mim mesma me permitiriam fazer. Insanamente, aquele velho medo que sempre tento conter reaparece.

Sem perceber, me encolho como um cachorrinho assustado, apertando as mãos uma na outra, até que os nós de meus dedos, ficassem completamente sem circulação sanguínea. Percebendo meu desconforto, Gabriel tenta puxar uma conversa aleatória, talvez apenas no intuito de me deixar mais relaxada e confortável.

– E então, você não me disse para onde vai.

– Boston... – Respondo de maneira evasiva.

– Boston... E o que uma jovem delicada criada em Delaware pode querer em uma selva de cimento como Boston? – Gabriel desviou momentaneamente seus olhos verdes da estrada, fixando-os em mim.

– Sou recém-formada em jornalismo. Mandeí currículo para diversos jornais, espalhados por todo o país. Acho que tenho uma vaga garantida de estagiária no “*New Boston Post*”, isso é claro, se eu chegar a tempo no aeroporto.

– Fique tranquila, no que depender de mim, você conseguirá sua vaga. – Sorrindo, Gabriel pisa mais fundo no acelerador e pela primeira vez desde que entrei no carro, consegui me senti confortável e confiante.

Vinte minutos depois, estava na área de embarque, sentada, aliviada e muito mais do que grata ao anjo Gabriel por todo o esforço que fez para que eu chegasse a tempo de pegar o voo remarcado por Clarisse. Durante a viagem o clima foi descontraído, a conversa casual e bem divertida. Incrivelmente, ele me fez sentir bastante à vontade em sua companhia.

Gabriel se ofereceu para providenciar o reboque de meu carro e como não tenho mais casa e nenhum interesse em manter a lata velha ingrata, também foi gentil ao se oferecer para vendê-lo, por qualquer que fosse o preço e depois me enviar o cheque.

Trocamos telefones e fiquei com a promessa de receber uma visita sua assim que estivesse devidamente instalada em Boston. Ao menos uma vez na vida as coisas parecem estar dando certo, melhor acreditar que isso é um bom indício para o desconhecido futuro que me aguarda.

CAPÍTULO UM



Um frio aterrorizante dominou cada pequeno filamento do meu corpo assim que transpus as portas automáticas do aeroporto internacional de Boston. Já sabia que nessa época do ano o clima poderia ser bem inconstante nessa parte do país, mas não fazia ideia de que poderia e seria praticamente glacial!

Atolada com a infinidade de malas que preciso empunhar ao mesmo tempo, fico feliz ao ouvir a buzina estridente do carro de Clarisse, que do seu jeito calmo e tranquilo, está parada em faixa dupla, atrapalhando todo o trânsito do local e acenando. Impossível não sorrir. Estar tão próxima a essa tranquilidade convulsa familiar, me acalma e me faz acreditar que tudo vai dar certo.

Sem se preocupar com a possibilidade de ser multada, Clarisse salta do carro e vem em minha direção, de braços abertos e com aquele sorriso estonteante nos lábios. Me jogo no calor aconchegante do corpo de minha amiga e recebo um afago, daqueles de mãe, que apenas Clarisse Thompson é capaz de me proporcionar.

– Que saudade que eu estava! – Falo baixinho, ainda agarrada em seu corpo, sem conseguir conter a emoção.

– Também estava com muita saudade de você. Agora que tal deixarmos os abraços e a conversa para depois? Aquele guarda que está me encarando muito provavelmente não levará em consideração nossa afetividade na hora que me multar. – Clarisse me afasta pelos ombros e sorri, me ajudando a carregar a infinidade de malas e bolsas que larguei no chão até o carro.

– Uma minivan? – Perguntei intrigada, me acomodando no banco do carona, aproveitando o calor que o aquecedor proporciona.

– Qual o problema? Não gosta de carros grandes? – Minha amiga joga os belíssimos cabelos loiros para o lado e me olha, estreitando os olhos ao sorrir largamente.

– Minivans são para mães decadentes, amiga! – Provoco, colocando o cinto de segurança e vendo Clarisse acenar com amabilidade para o guarda que sorri encantado com tamanha delicadeza, livrando-a assim, de uma boa multa ou advertência.

– E para médicas recém-formadas sem pretensão ou tempo de arrumar um namorado tão cedo também. Sem contar que estava na promoção! Quase cinco metros quadrados de carro pela bagatela de quatro mil dólares.

– Com certeza, imperdível! Eu teria comprado duas! – Implico, sabendo que ter trocado o belíssimo Porshe esportivo pela minivan deve ter sido um sacrifício tremendo para minha amiga.

– Amiga, pagar aluguel com o salário de residente e manter os luxos de antes é praticamente impossível. A venda da cerejinha me rendeu um bom dinheiro. Consegui pagar a minivan e mais quatro meses adiantado de aluguel, e ainda guardei o que sobrou como uma caixinha de reserva. – Sorrio ao lembrar que eu apelidei seu carro de cerejinha. Ele realmente era idêntico a uma pequena e bem delineada cereja. Lindo!

– Tem sido complicado? – Pergunto preocupada. Como posso me sentir confortável ficando de favor na casa de Clarisse se para ela sozinha, as coisas já estão apertadas?

– Eu não diria complicado, apenas mais regrado que antes. Mas isso é um assunto que podemos deixar para depois. Você tem uma entrevista em menos de meia hora e é claro que não vai vestida assim. – Olhei para mim mesma e não entendi o comentário.

– O que tem de errado com minhas roupas?

– São simplórias, Thell! Você não está mais em Delaware. Aqui as coisas funcionam de outra forma, aparência conta muito. Jamais conseguiria o estágio vestindo jeans, camiseta e jaqueta. Pule para o banco de trás, na sacola preta existe um belo conjunto, meias e sapatos. Seja rápida! – Encaro minha amiga de olhos arregalados.

– Você não pode estar falando sério! Quer que me troque dentro do carro? Vou fazer um show para os outros motoristas.

– Não, você não vai! O carro tem uma película bem escura revestindo as janelas e é grande o suficiente para que você se abaixe, além disso, estamos pegando a interestadual, ninguém olha para ninguém em uma auto estrada!

– Claro que olha!

– Não olha não! Vamos Ethel! Agora você tem menos de vinte minutos. Se apresse garota!

Resolvi não contestar as ordens de Clarisse, pulando na mesma hora para o banco de trás e analisando com bastante atenção o conteúdo da tal sacola preta. Um belíssimo par de sapatos altos pretos, meias finas também pretas, blusa social branca, sobretudo cinza e uma saia lápis preta.

Inquestionável o bom gosto de minha amiga, só não sei ao certo se combina comigo esse estilo tão clássico e elegante. Me vesti com certa

dificuldade, mas a pior parte foi realmente encaixar as meias. O medo de puxar fio e estragar o visual, me fez demorar muito mais do que o necessário em uma tarefa que para grande maioria das mulheres é simplória e bem comum.

Desafio concluído, me enfiei na blusa e depois na saia, me atrapalhando para conseguir vestir o sobretudo em lã, que pareceu se enrolar em meu corpo como uma camisa de força. Enfim consegui terminar e pulei para o banco da frente com os sapatos em uma das mãos.

– Prenda esse cabelo. – Do seu jeitinho manso, Clarisse ordena.

– Prender? Como?

– Tem uma presilha no porta luvas, faça um rabo de cavalo baixo, tem uma escova também. – Ela me dá as coordenadas e eu obedeco, meio atolada, mas obedeco.

– Ficou bom? – Olho em sua direção, ela desvia por uns instantes os olhos da autoestrada e me observa.

– Falta alguma coisa...

– Uma coroa florida talvez? – Debocho e a vejo torcer o nariz.

– Maquiagem. Pega minha bolsa, dentro tem uma nécessaire. Um pouco de corretivo, pó e blush. Não exagere, deixe um ar saudável, não bochechas de palhaço!

Revirando os olhos, acho a tal nécessaire. Nunca fui muito fã de maquiagem, a verdade é que nunca soube me maquiar. As poucas festas que fui na época de faculdade, a própria Clarisse foi quem me maquiou. Tentando conter o tremor nas mãos causado pelo sacolejar do carro, faço o possível para ficar ao menos apresentável.

– E agora, posso encerrar a sessão futilidade?

– Não, não pode. Delineador de cílios. Faça sobressair aquilo que tem de melhor amiga. Seus cílios são invejáveis. Ah, tem um batom cor de boca, passe um pouco também.

Assim que terminei a produção expressa, virei o espelho retrovisor em minha direção e me observei atentamente. Claro, minha amiga sempre tem razão. Estou mais adulta, menos interiorana e com cara de profissional séria, merecedora da vaga. Sorrio ao ver o brilho de satisfação nos olhos azuis de Clarisse.

– Tudo bem, não precisa falar nada... – Clarisse tira uma das mãos do volante e faz um gesto afetado, como se quisesse gritar ao mundo que tinha razão ao falar que eu realmente precisava de uma produção.

– Eu não ia falar nada. – Retruquei.

– Claro que ia... Vamos meu bem, tome fôlego e faça uma expressão segura. Chegamos!

No mesmo momento em que o carro estaciona próximo ao meio fio, meus olhos se perdem na imensidão do prédio que abriga o “*New Boston Post*”. Assustadoramente alto, imponente e admiravelmente lindo. A fachada toda em vidro introduz um ar moderno e ao mesmo tempo clássico, fazendo toda a estrutura convidativa aos olhos e atrativa aos sentidos, deixando-os mais aguçados e alertas.

– Posso saber o que está esperando? Você tem menos de cinco minutos para estar no quadragésimo andar. Se não quiser torcer um dos tornozelos correndo de saltos altos, sugiro que se apresse.

– Me deseje boa sorte, amiga! – Procuro pelos olhos de Clarisse, que sempre me passam a calma e segurança que tanto preciso.

– Você vai se sair bem, Thell! Acredite em você! – Suas mãos seguram as minhas, apertando ligeiramente meus dedos antes de soltá-las.

– Você não me passou seu endereço, como vou encontrá-la depois da entrevista? – Pergunto apreensiva, abrindo a porta do carro e saltando, alisando os pequenos vincos que se formaram na saia e fechando o sobretudo.

– Vou estacionar e ficar naquela cafeteria logo à frente. Me encontre lá, de preferência com boas notícias! Agora vá... Um emprego a aguarda! – Me mandando um beijo ela arranca com o carro e me vejo assustada e solitária parada como uma idiota no meio da calçada.

Lentamente me viro de frente para o imenso arranha céu. Engolindo meu nervosismo e evitando pensar na vontade incessante de dar meia volta e correr como uma louca dali, obrigo meu corpo a caminhar com o máximo de elegância que consigo para dentro do imenso e muito bem decorado saguão.

Um breve momento, identificação feita e recebo um crachá, que me dará acesso direto ao quadragésimo andar. Sem entender direito, aperto o botão digital, aguardando irrequieta a chegada do elevador, trocando as pernas e brincando com o cartão magnético que me foi entregue com os dedos.

Assim que as portas se abriram pisei com o máximo de cuidado no mármore negro que cobre o chão e todas as paredes que não contém espelhos, como se qualquer movimento mais brusco de minha parte pudesse danificá-lo. Caraca, até o elevador desse lugar é majestoso!

Olho meu reflexo e aproveito para avaliar a totalidade da produção. Respeitável e profissional. Gostei muito do resultado. Entretida em me observar e dar os últimos ajustes, tanto na roupa quanto nos cabelos, não notei que o elevador não se movia. Intrigada, voltei a apertar o quadragésimo andar. Nada!

Mais uma tentativa e mais uma vez, fracasso total. O que diabos faz essa merda funcionar? Irritada e já começando a querer surtar, lembro do cartão magnético. Um leitor discreto, quase imperceptível se destaca aos meus olhos e

por instinto, passo levemente o cartão na sua frente.

Não foi necessário que eu apertasse o andar. Sozinho, o mecanismo leu a informação e direcionou o elevador para o meu destino final. É, vá se acostumando Ethel, coisas de cidade grande! Sorrindo, observo o leitor que indica os andares, tentando me habituar com todas as novidades as quais estou sendo apresentada.

Foi rápido, muito mais rápido do que eu imaginava. Em questão de menos de um minuto eu já estava de frente a uma imensa porta de vidro com a logo “NBP” em letras vermelhas. Meu estomago se contorceu e respirei fundo para tentar conter a náusea súbita que pareceu querer forçar todas as minhas entranhas para fora.

Me forcei a respirar com força e repreender o medo. Sempre enfrentei minhas dificuldades, não será agora que vou dar um passo para trás quando já dei tantos decisivos para frente. Decidida e empinando meu corpo o máximo que posso para mostrar confiança, avancei em direção a imponente recepção em mármore.

– Boa tarde, em que posso ajudá-la? – A jovem morena vestida em um uniforme impecável se dirige a mim com um sorriso simpático nos lábios vermelhos e carnudos.

– Boa tarde, sou Ethel Willians...Tenho uma entrevista marcada com Susanna Wesley. – Digo, encorpando a voz e mostrando o envelope em minha mão, onde trago meu currículo.

– Srta. Wesley? Tem certeza? – A morena franze a testa, parecendo intrigada e curiosa.

– Certeza absoluta. Marcamos a uns dez dias essa entrevista. – Respondo, tentando conter o nervoso que começa mais uma vez a me invadir.

– Sente-se um pouco, vou anunciá-la. – O sorriso gentil retorna aos lábios da morena, e confusa, me viro em direção ao sofá que ela indicou.

Por que diabos ela teve essa reação? Antes mesmo que eu pudesse pensar muito sobre o assunto, uma outra jovem, dessa vez loira e meio cheinha aparece pelo corredor lateral, chamando meu nome com educação e cordialidade. Sorri de volta, me levantando na mesma hora e caminhando em sua direção.

– Srta. Willians?

– Sim...

– Me acompanhe por favor, a Srta. Wesley irá recebê-la.

Segui a jovem por um extenso corredor com diversas janelas de vidro, todas dividindo vários ambientes. Inúmeras pessoas corriam de um lado para o outro de forma frenética, me dando a impressão de estar observando um enorme formigueiro se aprontando para a tenebrosa escassez do inverno. Sim, tudo bem

diferente da pequena sala que chamávamos de “*redação*” no jornal da universidade.

A jovem parou de frente a uma porta branca de madeira maciça e sorriu mais uma vez, batendo de leve por duas vezes, até que uma voz encorpada e melodiosa anunciou em tom baixo para que entrasse. Virando o corpo para dar espaço a minha passagem, ela se despediu silenciosamente com um gesto de cabeça e se afastou.

Respirei fundo e girei a maçaneta. Antes que meus olhos pudessem notar a presença da mulher sentada atrás da descomunal mesa de vidro próxima a janela, me perdi no bom gosto e na quantidade de classe junto a modernidade existente no lugar. Obras de arte coloridas se misturavam a diplomas e graduações por todas as paredes.

Sofás estrategicamente colocados, davam um ar menos sóbrio ao local e uma imensa mesa de reuniões completamente abarrotada de papéis e Ipads se insinuava na outra extremidade da sala, deixando claro que todo o fervor externo se reproduzia com a mesma intensidade também aqui dentro.

– E enfim estou conhecendo a insistente Srta. Willians... – A voz harmoniosa, porém austera, me arranca do meu torpor de encantamento e me faz virar os olhos em sua direção.

Apenas sorri diante da visão impar a minha frente. Linda, loira, atraente e portadora de uma presença muito mais do que marcante. Provavelmente beirando seus trinta anos, Susanna Wesley é certamente uma daquelas divas que merecem ser pintadas a óleo e expostas em museus espalhados por todo o mundo.

– Sente-se, Srta. Willians.

Os dedos longos me indicaram a cadeira estofada em couro vermelho a frente da sua mesa. Tremula e muito provavelmente demonstrando muito mais insegurança do que deveria, caminhei e obedeci, cruzando as pernas de modo a conter os movimentos involuntários que mais se assemelham a espasmos de puro pavor.

Sem saber exatamente o que fazer, estendi o envelope com meu currículo em sua direção. Uma de suas sobrancelhas se arqueou e um sorriso irônico desenhou seus lábios delicadamente pintados de um rosa queimado, me fazendo retroceder na mesma hora, apertando o envelope em meu colo.

– Acredito que isso seja desnecessário, uma vez que seu currículo já circula pelo nosso RH a algumas semanas.

– Desculpe, eu só pensei... – Delicadamente, Susanna ergueu uma das mãos e me interrompeu.

– Vamos, Srta. Willians, meu tempo é precioso demais para preliminares

desnecessárias. Me surpreenda, você tem cinco minutos para me convencer que é capaz de trabalhar em um jornal do porte do “NBP”.

Com um olhar breve para o belíssimo relógio de ouro que ostenta em seu pulso, Susanna Wesley se encostou na cadeira quase com complacência, cruzando elegantemente as pernas e aguardando com certa impaciência que eu pronunciasse alguma coisa. Vamos Ethel, essa é a sua hora!

– Acredito que eu seja merecedora da vaga. – Falo, esticando meu corpo e deixando meu lado profissional sobrepujar minha insegurança.

– Mesmo? E por que você acredita nisso? – Os brilhantes olhos castanhos e muito bem maquiados se fixam em mim, acho que com curiosidade.

– Sou esforçada, aplicada, dinâmica, interessada e acredito que muito competente também. – Respondo, suportando a força do olhar inquisidor de Susanna.

– Competente... Esse é um ponto que muito me interessa. Onde já trabalhou antes, Srta. Willians? – A displicência em sua voz junto ao desinteresse me irrita.

– Está no meu currículo, Srta. Wesley. – Retruco, certa de que a pergunta é capciosa.

– Muito honestamente? Não tive tempo e nem interesse em lê-lo. – O pouco caso que exala pelos poros dessa mulher começa a me tirar dos meus sempre tão controlados brios.

– Se não leu por que então me chamou para entrevista? – Antes mesmo que percebesse, já havia feito a pergunta.

– Pela sua única qualidade que me interessou... A insistência. Precisamos disso nesse jornal. Uma pessoa insistente tem a tendência a ser inconveniente também, e isso a qualifica a grandes matérias e amplos furos de reportagem. Eu diria que a falta de limites, no caso da nossa profissão, é essencial para o sucesso. – De insistente a inconveniente. De qualquer forma, que pelo menos isso tenha interessado a altiva Susanna Wesley. Se esse é o caso, preciso então tirar proveito dessa minha suposta “Qualidade”.

– Fui editora chefe do jornal “*Ivy League*” por dois anos. Mas também cheguei a trabalhar como repórter.

– Jornal “*Ivy League*”? Está me dizendo que sua única experiência profissional foi em um jornalzinho de universidade? – Susanna faz questão de carregar bem o tom de voz com uma incredulidade quase cruel.

– Só para esclarecer, não é um jornalzinho qualquer de universidade. O “*Ivy League*” é distribuído por toda a Pennsylvania. – Defendo aquilo que é meu maior orgulho, meu trabalho, que sempre foi muito sério no jornal da faculdade, que ajudei a reerguer depois de um longo tempo jogado nas sombras e esquecido

pelos colaboradores.

– Tanto faz, para mim continua sendo um simples manifesto universitário.

– O que de fato não é. – Retruco e vejo um sorriso de canto de boca se formar nos lábios de Susanna.

– Você trabalhou como repórter. Alguma matéria que tenha alcançado notoriedade? – Dessa vez Susanna Wesley se superou, enquanto fala, mexe despretensiosamente em seu celular.

– Consegui uma exclusiva com “*Gisele Bündchen*” para a edição de final de ano.

– Querida, todo mundo tem uma exclusiva com “*Gisele Bündchen*”! Falar com ela é mais fácil do que com o meu cabelereiro. Vamos ao que interessa, você realmente está interessada no cargo de estagiária, não está?

Susanna se levanta e preciso segurar o queixo. Se já a havia considerado uma mulher bonita sentada, de pé ela é um escândalo! Esguia, graciosa e elegante como uma daquelas modelos de passarela. Vagarosamente, ela dá a volta na mesa, se encostando com displicência no vidro, cruzando os braços e me encarando.

– Sim, esse emprego é tudo que mais quero! – Respondo, sem conseguir esconder a aflição.

– Ok, meu bem. Terá que se esforçar para tê-lo. A meses estamos tentando uma exclusiva com o famoso, arquimilionário, charmoso e mais bem-sucedido engenheiro dos estados unidos, Domenico Aron Fox.

– O dono da “*Geo Fox*”? – Minha voz parece engasgada na garganta, não posso crer que ela irá me pedir o que estou achando que vai.

Esse homem é completamente avesso a imprensa. Ele jamais deu uma entrevista, até mesmo fotos são difíceis e a grande maioria tiradas sem o seu consentimento em momentos bem pouco oportunos, onde mal se enxerga seu rosto. Todas as informações, que são bem poucas a respeito da sua vida e dos megaprojetos executados pela “*Geo Fox*”, são repassadas por assessores muito bem instruídos.

– O próprio meu bem! Consiga uma exclusiva com ele e o emprego é seu! Não como estagiária, mas como repórter contratada!

– Como vou conseguir chegar perto desse homem? Tecnicamente, nem faço parte da imprensa ainda!

– Use isso a seu favor! Caso pendure uma credencial do “*NBP*” no seu pescoço, ele jamais permitirá sequer a sua aproximação.

– Mas... – Tento falar, mas com um gesto de sua esguia mão, Susanna me interrompe.

– Estamos conversadas. Consiga a entrevista e terá o emprego dos seus sonhos. Passe no trigésimo quinto andar e procure por Allan Stroke. Ele lhe dará um cartão corporativo, não abuse da minha generosidade, mas use-o para frequentar os mesmos lugares que o Sr. Fox frequenta. Compre roupas decentes e sexys, Domenico é o tipo de homem que gosta de coisas caras.

– E como vou saber os lugares que ele frequenta? Você está me pedindo algo impossível! – Levo a mão a testa, em um movimento de derrota. Nunca, jamais vou conseguir me aproximar de um homem com tamanha importância.

– Todos sabem os lugares onde Domenico frequenta, meu bem. Mas, por ser de Delaware...Bom, darei um desconto a menina do interior. Junto ao cartão corporativo, você também pegará uma lista desses lugares. Lembre-se, pouco existem fotos de Domenico Fox, as que encontrará na internet, ou ele está de perfil ou algum dos seus seguranças trogloditas está com a mão ou corpo na frente, impedindo a visão.

– Ah, que ótimo! E como vou saber quem é esse homem?

– Sinto deboche no seu tom de voz, Delaware?

– Desculpe-me Srta. Wesley, mas se não existem fotos, como vou saber quem é esse homem? – Sim, agora começo a entrar em desespero. Meu emprego dos sonhos depende de uma exclusiva com um homem que nem rosto tem.

– Posso garantir, quando encontrá-lo, saberá que é ele. – Susanna abre um sorriso, daqueles estonteantes e se dirige a porta, abrindo-a sem cerimônia alguma, dando nossa entrevista por encerrada.

Depois de deixar a sala se Susanna e encontrar com Allan Stroke, o simpático gerente de RH que me passou todas as coordenadas a respeito da vida de Domenico Aron Fox e o tal cartão corporativo, deixei o prédio cabisbaixa, mais desanimada do que nunca, desacreditando de tudo aquilo que me achei ser capaz.

A pouco tempo, me desprendendo de tudo que me fazia mal, decidi atravessar o país para encontrar algo que fizesse sentido, um lugar onde pudesse repousar, confiar e ficar, sendo apenas eu mesma, sem um passado, sem meus traumas, sem meus medos, talvez, covardemente, tenha inclusive pensado na possibilidade de apagar quem já fui um dia.

Lutei, mesmo cansada de não enxergar perspectivas para minha vida, lutei muito para chegar aqui. Ironicamente, agora me pego combatendo o combate. Susanna Wesley me colocou contra um imenso muro. Como vou fazer isso? Como vou conseguir essa merda de exclusiva?

De fato, diante de tudo que tenho e do que realmente preciso, tenho a impressão real de que minha verdade sangra, sufocando a mentira que construí quando visualizei que aqui em Boston tudo poderia ser diferente e minha

competência enfim, seria reconhecida. Como pude ser tão inocente?

Me sinto mais do que nunca perdida, caída, sozinha, ferida e abatida demais para enxergar qualquer tipo de saída. Melhor mesmo começar a procurar um novo emprego de garçonne em New Castle e engolir as dores e cicatrizes moldadas em meu peito, ainda bem abertas e voltar para casa. Certamente, por mais que achasse que sim, ficou claro que ainda não estou pronta para voar, se é que algum dia estarei.

CAPÍTULO DOIS



– Me explica isso? Como assim essa louca quer uma exclusiva com o todo poderoso Domenico Fox, herdeiro multimilionário da “Geo Fox”? – Clarisse, sempre tão controlada, parece ainda mais estarecida do que eu diante da imposição que Susanna Wesley fez para que conseguisse o emprego.

– Não tem o que explicar. Ou consigo a exclusiva, ou nada de emprego! – Desanimada, apoio os cotovelos na mesa, em um gesto nada elegante, encaixando meu queixo entre as minhas mãos.

– Mas ela não pode fazer isso!

– Tanto pode que fez, Clarisse! O problema todo é... Com tantos jornalistas competentes dentro do “NBP”, por que ela cismou que preciso conseguir o que nenhum outro conseguiu para ter o meu emprego?

– Não é óbvio para você? – Clarisse ergue a mão e chama a garçonete enquanto fala.

– A verdade é que não enxergo obviedade em absolutamente nada do que aquela mulher falou!

– Pois então comece a enxergar. Não, ela não te acha supercompetente, ela apenas está usando um trunfo enorme que caiu em seu colo como um presente divino.

– Como assim? – Interrompo a conversa me afastando levemente da mesa com a chegada da garçonete.

– Pois não? Gostaria de pedir alguma coisa?

– Arsênico, talvez? – Debocho, batendo levemente com a testa na mesa, arrancando um olhar assustado da pobre moça.

– Ela está brincando, não tomou os calmantes hoje, sabe como é né... Um chocolate quente já está de bom tamanho. – Clarisse sorri, aquele sorriso de anjo, só dela, tentando desfazer a impressão suicida que causei na jovem, que se afasta ainda um tanto o quanto perturbada.

– Sobre o arsênico, só para constar... Não estou brincando!

– Sem dramas desnecessários, Thell! Preste bastante atenção, vou falar o que acho. – Clarisse toma o último gole de sua xícara de café e se joga contra o encosto da cadeira, entrelaçando os dedos, como um pensador o faria antes de

uma citação muito importante. Sim, isso muito me assusta!

– Você não é parâmetro para achar nada, Clarisse. Suas palavras são sempre positivas, assim como suas opiniões. Você é aquele tipo de pessoa que só consegue enxergar o melhor, mesmo diante do pior!

– Ethel, a sua irritação não solucionará problema algum e não será capaz de alterar a natureza das coisas que nesse momento, você acredita estarem contrárias a você.

– Não estou irritada. Desapontada talvez seja o mais apropriado.

– Pois bem, que seja, mas saiba que seu desapontamento não vai resolver absolutamente nada e muito menos fazer o trabalho que só o tempo e você, é claro, vão conseguir realizar. – Como sempre Clarisse Thompson tem respostas inteligentes guardadas a sete chaves para tudo!

– Me dá um desconto amiga, é simplesmente impossível conter o mau humor diante da imposição feita por aquela bruxa do mal! – Reclamo manhosa e na verdade louca para que minha amiga tenha realmente alguma solução para o meu imenso problema. Se alguém é capaz de gerenciar situações de crise, esse alguém é Clarisse.

– E passa por essa sua cabecinha oca que o seu mau humor vai ser capaz de modificar as coisas? Muito pelo contrário, só irá atrapalhar ainda mais! – Clarisse se estica e segura minha mão, me observando com uma expressão muito séria, daquele jeito maternal, só dela, capaz de derreter meu coração e me encher de amor!

– Eu sei que não vai resolver, mas se coloca na minha posição...Larguei tudo em New Castle, dependia desse emprego amiga! Como vou me manter?

– Se acalme e me ouça... Você, melhor do que ninguém sabe que sua dor ou o seu desespero não vão impedir que o sol volte a brilhar no dia seguinte, seja sobre os bons ou maus. A vida já foi cruel o bastante com você, minha amiga, e sua tristeza nunca foi capaz de iluminar seus caminhos, assim como o seu desanimo não conseguiu edificar suas certezas. As vezes fico tentando imaginar o quão difícil não foi e ainda o é para você, mas sou honesta, não consigo nem chegar perto de ter a real noção...

Apertando meus dedos, Clarisse faz uma pausa emocionada e depois de anos, e quando digo anos, são tantos que perdi até a conta, sinto uma única lágrima escorregar suavemente por minha bochecha. Envergonhada por demonstrar tamanha fraqueza, baixo os olhos, fungando e tentando me recompor.

– Fico feliz em ver essa solitária lágrima escorrer pelo seu rosto, achei que não fosse mais capaz de demonstrar esse tipo de sentimento. De qualquer forma, acredite, suas lágrimas, por mais escassas e incomuns que sejam, não

substituem o suor que você deve verter em benefício da sua própria felicidade.

– E como posso ser feliz, Clarisse? Tudo para mim dá errado. Olha só o fiasco que foi minha entrevista... Conspiração intergaláctica em prol da minha infelicidade sem fim? Algum dia vou ser capaz de ver qualquer coisa dar certo para mim? – De forma grosseira, seco a umidade irritante em meu rosto. Chorar é para os fracos, minha avó ficaria uma fera se visse isso.

– Se lamentar e reclamar não vai ajudar muito, Ethel. A verdade é que jamais acrescentarão nos outros um só grama de simpatia por você, principalmente nessa tal de Susanna Wesley. – Clarisse torce o nariz ao pronunciar o nome de Susanna e é impossível não desprender um tímido sorriso.

– A última coisa que espero daquela mulher é qualquer tipo de simpatia.
– Falo, dando um gole no agora já frio chocolate quente a minha frente.

– Então não estrague o seu dia por causa dela. Aprenda a sabedoria divina do foda-se e acredite infinitamente nela. Vai por mim, é libertador!

– Clarisse, as vezes eu me pergunto de onde você tira essas pérolas.

– Tiro da vontade de conseguir seguir em frente, amiga. Precisamos de estímulos e não existe maior e melhor do que rir da própria merda! Agora termine esse chocolate que já deve estar mais do que gelado e vamos embora, precisamos estudar as alternativas.

– Que alternativas?

– Você vai conseguir esse emprego. Vai conseguir essa merda dessa exclusiva e vai conseguir encontrar esse homem. Vamos sentar e montar uma estratégia. Essa tal Susanna vai se dar conta, tarde demais, de que mexeu com a pessoa errada!

O apartamento de Clarisse é muito mais do que eu supostamente poderia ter imaginado. Espaçoso, confortável e localizado em “*Back Bay*”, o bairro mais nobre e também mais transado de toda Boston. Lojinhas, comércio variados e prédios lindos de morrer de espalham por todos os lados.

Pesquisei muito sobre Boston antes de me aventurar, não posso me considerar uma expert no assunto, mas posso dizer que sei bastante sobre esse bairro, uma vez que foi um dos que mais me chamou atenção e o primeiro a que tive certeza que jamais chegaria perto.

É em “*Back Bay*” que fica localizada a “*Newbury Street*”, a mais linda e também mais cara rua de Boston. A rua é linda, ou melhor, perfeita! Não só por ser abarrotada de inúmeras lojas de grifes e ter um dos mais deslumbrantes parques de Boston, mas por ser arborizada e extremamente agradável ao olhos, repleta de restaurantes e barzinhos que ficam lotados aos finais de semana.

– E aí, gostou? – Clarisse pergunta, jogando sua bolsa por sobre um dos sofás e voltando para ajudar a puxar minhas malas para dentro.

– É simplesmente lindo, amiga! – Exclamo extasiada.

– Fico feliz. Sinta-se em casa, por favor. Separei um quarto só para você, o closet é grande e tem seu próprio banheiro, assim, o dia que não estiver a fim de olhar para minha cara, não precisa encontrar comigo pelos corredores do apartamento.

– Ah tá, como se fosse possível eu não querer olhar para sua cara.

– Vai que! Melhor prevenir do que remediar.

Enfim, após colocarmos a última mala para dentro, consegui respirar profundamente recuperando o fôlego escasso, e com calma, corri meus olhos ao redor de todo o ambiente. Lindo com certeza seria a palavra mais apropriada para usar, porém, magnifico se assemelha mais a conclusão que chego após avaliar tudo atentamente.

– Tem uma varanda no seu quarto também. – Clarisse envolve meus ombros com um de seus braços ao me ver perdida na paisagem esplendida do “*Public Garden*”, que se estende após as portas de vidro que separam a sala do terraço externo.

– Jamais vou poder agradecer o suficiente o que tem feito por mim, Clarisse. – Encosto minha cabeça na dela e deixo meu corpo relaxar e expurgar toda a tensão desse dia corrido e para lá de agitado.

– Só existe uma maneira de você me agradecer.

– E como seria?

– Conseguindo a exclusiva com esse homem misterioso.

– Amiga, vai ser impossível. Amanhã vou voltar ao “*NBP*”, devolver o cartão corporativo e avisar a “*Malévola*” que estou fora.

– Nem pensar! Vamos estudar com calma esse itinerário que ela te deu. Por mais difícil que o cara seja, uma hora vamos encontrá-lo.

– Vamos encontrá-lo? Por acaso está pensando em conseguir a exclusiva e roubar meu emprego? – Pergunto sorrindo.

– Jamais! Só quero mesmo ver a cara de babaca da “*Malévola*” quando você conseguir.

– E eu achando que precisava me espelhar na sua bondade... – Faço uma cara de chocada para minha amiga, que chega a se engasgar em uma deliciosa e farta gargalhada.

– Bonita é a alma que coleciona cicatrizes, mas prefere espalhar o amor, minha amiga!

– O que? – Pergunto, sem entender a conotação que Clarisse quis impor a frase.

– Deixa para lá. Tome um banho, reconheça seu espaço, relaxe e vamos sentar e analisar suas probabilidades.

– Que probabilidades? Não tenho nenhuma... – Dou de ombros, sabendo que nem o otimismo de Clarisse vai ser capaz de me ajudar dessa vez.

– Sempre existe...Sempre existe! – Me mandando um beijo, minha amiga se afasta e some no imenso corredor que leva aos quartos, me deixando plantada sozinha no meio da sala.

Sem muita opção, caminhei vagarosamente até o quarto indicado por Clarisse. Ao abrir a porta, uma lufada de vento atinge meu rosto, reavivando todos os meus sentidos adormecidos. Fecho a porta e me encosto na madeira convidativa e aprazível. Meus olhos reconhecem o cômodo, pedacinho por pedacinho, me fazendo ser ainda mais agradecida a minha amiga.

Generosidade deveria ser o sobrenome de Clarisse. O quarto que ela disponibilizou para me instalar é quase do tamanho de toda a casa que morei durante a minha inteira. Tomando coragem, me afasto da porta e meus pés se perdem no fofo e aconchegante carpete em tons de marrom dourado.

Toda a decoração é simples, mas tem aquele requinte que apenas Clarisse Thompson possui. Desde as luminárias até os porta retratos e roupas de cama, tem aquele toque sutil e imponente, que lembra a vida cercada de regalias e facilidades de minha amiga. Suspiro densamente, querendo a todo custo ser mais emotiva e conseguir mostrar o quão agradecida estou.

Esquecendo as malas, vou direto para o banheiro, que mantém o padrão do quarto, simples e elegante. Uma banheira de pés cromados se destaca bem no centro e é um convite aos meus nervos massacrados por tamanha oscilação de humor desde o minuto que coloquei meus pés para fora da cama hoje cedo.

Enquanto a banheira enchia, arranquei minha roupa e me observei no espelho. Não sou uma garota feia, muito pelo contrário. Loira, alta, olhos azuis esverdeados, bochechas rosadas e sardas. Nada intoxicante de tão perfeito, mas me considero na normalidade do aceitável pela sociedade.

Talvez durante muito tempo tenha permitido que minha insegurança e meus medos ocupassem espaço demais dentro de mim para reparar naquilo que realmente valia a pena. Submerjo na água escaldante da banheira e me permito sentir cada alfinetada que parece castigar e aliviar o meu corpo ao mesmo tempo.

De olhos fechados, me perco em meus pensamentos que, nesse instante, são como um imenso abismo, onde caio lentamente, sem nunca conseguir alcançar o fundo. Meus medos me fazem tropeçar nas rochas resistentes das lembranças, em uma flutuação desconfortável e sem fim.

Todo esse martírio emocional tem um objetivo, corro trôpega em busca daquilo que realmente sou, do ser desconhecido que habita em mim e que a todo

custo, preciso encontrar. Meus traumas me deixaram reservada a uma loucura profunda demais, de quem está lúcida o suficiente para temer o presente evitando o passado, sem pensar no futuro.

Meu receio ao desconhecido é o meu templo, onde me torno dona de mim mesma, sem precisar dar satisfações a minha consciência, que clama por ser libertada. Sonhos, planos, tudo isso misturado a um imenso tédio. O que eu quero afinal? O que de fato eu espero de mim mesma?

Assustada, abro os olhos ainda embaçados pelo cochilo, que parece ter durado bem mais que alguns poucos minutos. Olhando pela imensa janela de vidro, percebo que os últimos raios de sol começam a desaparecer no horizonte. Estava realmente cansada, precisava desse tempo para mim.

Me espreguiço e muito a contragosto, deixo o conforto seguro da banheira, alcançando o roupão que deixei na cadeira ao lado e me envolvendo no tecido felpudo e quente. Vamos então encarar as supostas probabilidades surreais de Clarisse. Quem sabe em meio as suas divagações, ela não perceba o quão impossível é essa louca missão?

Enrolo uma toalha no cabelo e corro para o quarto, onde abro minha bagagem de mão e tiro um velho e surrado moletom junto a um conjunto qualquer de lingerie, enfiando rapidamente no corpo. Uma meia nos pés, escova nos cabelos e me sinto pronta para encarar a positividade incessante de minha amiga.

– Ei, achei que não fosse mais vê-la hoje! – Clarisse dá a volta na imensa bancada da cozinha e vem em minha direção com uma garrafa de vinho em uma das mãos e duas taças na outra.

– Acabei dormindo na banheira... Desculpe por fazê-la esperar.

– Não se desculpe. Sua demora abriu um leque infinito de possibilidades na minha fértil imaginação. Está com fome? Tem salada de atum na geladeira. – Nego com a cabeça enquanto Clarisse se joga em um dos sofás pesadamente, fazendo o mesmo ao seu lado.

– Estive pensando, acho que o mais razoável é desistir dessa loucura toda, Clarisse. – Falo baixinho, sabendo perfeitamente que minha amiga jamais aceitaria minhas palavras sem retrucar com seus argumentos filosóficos e incentivadores.

– Você quer desistir do emprego? – Ela pergunta incrédula, enquanto serve o vinho em nossas taças.

– É loucura minha amiga. Quando me fez a proposta, Susanna sabia disso. A verdade é que ela não faz questão alguma de uma pessoa insípida como eu trabalhando no “NBP”. – Tomo um longo gole do vinho, saboreando as notas amadeiradas da bebida de ótima qualidade.

– Então você não está desistindo apenas do emprego, está desistindo de você, Ethel! – Clarisse se senta de frente para mim, trançando as pernas em posição de lótus.

– Não estou desistindo de mim, apenas tendo a consciência do quanto não me encaixo. – Mais resmungo do que falo.

– Ethel, pare com essa merda de não se encaixar, não desista de você, é só o que peço! – O tom de Clarisse é carregado em súplica.

– A questão não é desistir de mim.

– Então qual é a questão, Thell?

– Sei lá...Talvez esse meu jeito interiorano demais. Não vou ser capaz, amiga! – Baixo os olhos, envergonhada comigo mesma por estar desistindo sem ao menos tentar.

– Mas é exatamente esse seu jeito que te faz diferente e única! Não mude seu jeito nunca.

– Parece que meu jeito só agrada você. – Sorrio sem vontade, entornando o resto da minha taça e buscando a garrafa sobre a mesinha de centro, a fim de enchê-la mais uma vez.

– Você não vai conseguir agradar a todos sempre, se tentar se modificar vai estar apenas se afastando da sua real personalidade, e o que antes era agradável, vai se tornar forçado e sem graça.

– Minha real personalidade? Ah, sim...Uma personalidade simplória e interiorana. Muito atrativo!

– Interiorana sim, simplória nunca! Não tenha medo de desagradar as pessoas, Thell, isso sempre irá acontecer, busque ser sempre você, a menina que dá sua real opinião e é capaz de ouvir qualquer justificativa de quem discordar, você é aberta, sempre foi, é capaz de mudar e rever seus conceitos, você se adapta a realidade absoluta e isso te faz mais do que especial!

– Essa é a sua visão, Clarisse.

– Essa é a visão de quem conhece sua lealdade e sabe o quanto é capaz de absorver energias positivas.

– Eu? Positiva?

– Atitudes pessimistas não significam necessariamente negatividade, Thell.

– Não estou sendo pessimista, estou sendo realista. O que eu teria a oferecer a uma mulher como Susanna Wesley?

– Sempre temos algo para oferecer, e claro, receber também. Aprender e ensinar faz parte.

– Infelizmente não consigo crer nisso. – Solto uma baforada, sabendo que talvez esteja mentindo para mim mesma por puro receio de falhar.

– Sim, você consegue e pare de fugir dos seus sentimentos, tente lidar com eles. Olhe para dentro de si e tenha orgulho de você!

– É fácil para você falar esse tipo de coisa, Clarisse. Você me conhece, você me entende...

– Mesmo que ninguém te entenda ou conheça, Thell! Você não precisa e não deve se esconder.

– Talvez eu não queira e ainda não esteja preparada para sair da minha zona de conforto. – Falo, sabendo que o rumo da conversa girou em uma curva fechada e perigosa demais e que não estamos mais falando do emprego, mas sim das minhas aflições e angustias pessoais.

– Aí que está o ponto, está na hora de você deixar fluir aquilo que sente, sejam seus desejos, suas vontades, suas esperanças, suas alegrias, suas dores, seus anseios...Essa é você por completo! Já chega de se reprimir, não acha?

– Clarisse, eu... – Não consigo retrucar, sei o quanto minha amiga está coberta de razão em tudo que está falando.

– Ethel, chega de máscaras, você não precisa ser forte todo o tempo. Se alguém te ama, como eu, é pelo que é, não por causa de um personagem bem construído. Admirar e gostar é também aceitar. Aceitar sua personalidade e não um texto decorado a fim de afastar a tudo e a todos. Você não é uma marionete ou uma cópia barata de tudo que julga dar “*IBOPE*” em busca de aplausos. – Segurando minhas mãos, minha amiga me olha profundamente, como se assim sua mensagem pudesse ser absorvida por completo e de uma só vez.

– Me ouça, não gaste seu tempo tentando ser alguém como Susanna Wesley. Você jamais será e um dia, vai lembrar dessa nossa conversa e vai ver que foi melhor assim, porque vai enfim perceber que as pessoas estarão ao seu lado por um simples e único motivo...

– Que motivo? – Pergunto completamente comovida com a explosão emocional de Clarisse.

– O mais óbvio de todos. Porque elas vão amar aquilo que você é... Porque você, é simplesmente você!

Um sorriso seguido de um abraço apertado me faz ter uma reação completamente inesperada. Supreendentemente, me vejo perdida em uma enxurrada de lágrimas fartas e pesadas, sem sentir a necessidade descontrolada de detê-las. Pela primeira vez estou dando vazão as minhas dores, frustrações e mágoas, sem ser repreendida por estar sendo fraca.

– Agora vamos ao assunto que interessa. – Clarisse me afasta de supetão, parecendo já completamente recuperada.

– Meu suposto emprego... – Murmuro, limpando com discrição as lágrimas que sobraram.

– Claro que não, o emprego já é seu. Estou falando de Domenico Fox.
– Como falar de alguém que nem rosto tem?
– Fique aqui, vou buscar o laptop, não é possível que não exista ao menos uma foto desse cara perdida pela internet.

Sem esperar por uma resposta minha, Clarisse se levanta e some mais uma vez em direção ao corredor, voltando logo em seguida, municiada de seu laptop, um bloco, uma caneta e o envelope que me foi entregue hoje mais cedo por Allan Stroke, o simpático e agradável gerente de RH do “NBP”.

Depois de mais de quarenta minutos de uma busca incessante, o desanimo invadiu Clarisse. Achamos algumas fotos, em todas, o tal Domenico estava de costas ou altamente protegido por diversos seguranças, que impediam qualquer visão mais apurada de sua imagem.

Irritada, Clarisse fechou o laptop e ficou algum tempo calada, muito provavelmente pensando em suas remotas, mas ainda sim, devido a toda sua positividade, possíveis probabilidades. Enfim, depois de um interlúdio quase teatral, e uma análise complexa dos documentos sobre os locais frequentados por Domenico Fox, ela resolveu falar.

– Lembra quando estávamos na lanchonete e comentei que Susanna sabia perfeitamente o que estava fazendo?

– Você disse que eu era um trunfo que havia caído em seu colo.

– Exatamente, Thell! Por que você acha que ela mesma não tenta a tal da exclusiva?

– Talvez já tenha tentado antes e tenha recebido uma negativa por parte dele. Sangue novo faz milagres, não é o que dizem por aí? – Me aproximo de Clarisse, curiosa para ver o que ela tanto anota.

– Sim, é óbvio que já existiram tentativas frustradas. Mas você não é um trunfo por ser sangue novo. Você é um trunfo por ser quem é!

– Explica a teoria, ou sou burra demais ou realmente seu raciocínio está tão rápido que não estou conseguindo acompanhar.

– E se você é o tipo do cara? Ingênua, recém-chegada na cidade, diferente de tudo que ele já teve até hoje.

– Fala sério, Clarisse! Você anda usando medicações controladas em seus plantões? Acho que está começando a ter alucinações! – Minha amiga apenas sorri com o meu comentário, mas continua com sua teoria, sem se importar nem um pouco com minha pouca receptividade.

– Estou falando sério. Você é linda de morrer, Ethel. Além do mais, tem essa inocência perene a seu favor, o que a faz atrativa a homens poderosos, caçadores natos, como Domenico Fox.

– Caçadores natos? Isso é assustador, Clarisse.

– Assustador ou não, é isso que esse homem é Ethel.

– Susanna Wesley é muito mais linda, e nem por isso foi capaz de conseguir a exclusiva. Com certeza ela deve ser o tipo de presa que ele está acostumado a “caçar”.

– Ela é figurinha repetida! Imagina quantas mulheres do tipo “Porcelana” esse homem não deve conhecer? Susanna é apenas mais uma. Você não. Você é diferente de tudo!

– E o que te faz achar que sou diferente de tudo?

– Você é real! Uma menina vinda do interior, sem qualquer vínculo com a imprensa local e sem vícios aparentes da cidade grande. Que maneira seria mais eficaz de se aproximar de um homem tão cheio de reservas como o herdeiro soberano da “Geo Fox”?

– Essa é a sua teoria? – Pergunto, mal acreditando no que estou ouvindo.

– Sim, a minha e muito provavelmente a da “Malévola” também.

– Você só pode estar mesmo ficando louca, Clarisse. Te juro, de todas as insanidades que já ouvi de você, essa é a mais bizarra de todas!

– Bizarra por que diz respeito a você e todo o seu potencial atrativo? Ora, vamos Thell! Não é possível que você não tenha pensado nessa possibilidade.

– É claro que não pensei. Não vim para Boston para seduzir um empresário famoso, super discreto e reservado com meu jeitinho caipira. Vim para explorar meu potencial profissional. – Falo, me sentindo ofendida com a possibilidade de usar sedução para conseguir garantir meu tão sonhado emprego.

– Não estou falando que você vai precisar dormir com ele...

– Claro que não vou! – Interrompo Clarisse, chocada com a possibilidade. Era só o que me faltava, vender meu corpo em prol de uma colocação profissional.

– Nunca diga dessa água não beberei, Thell.

– Cala a boca, Clarisse! – Me levanto indignada. Minha melhor amiga, que sabe absolutamente tudo sobre minha conturbada existência, cogitando a hipótese de me prostituir em benefício financeiro?

– Ei, baixe a guarda! Eu não quis dizer o que você está pensando.

– Como sabe o que estou pensando?

– Conheço muito bem essa sua cabecinha. O que eu quis dizer é... Boatos espalhados dão conta de que Domenico Aron Fox é um homem deslumbrante. Dado esse fato, claro que não confirmado ainda, não seria difícil você se apaixonar por ele.

– Você está sendo ridícula, Clarisse!

– Estou sendo realista. O fato é... Foi exatamente isso que a “Malévola” pensou.

– Além de ler meus pensamentos agora você também é capaz de ler os de Susanna Wesley, mesmo sem conhecê-la? – Sim, estou muito irritada e não consigo mais disfarçar.

– Não leio pensamentos, leio atitudes! Ela viu seu potencial e apostou nele.

– E agora você quer que eu me vista como uma puta e comece a frequentar os lugares onde esse homem frequenta na pretensão de seduzi-lo?

– Eu não disse isso, Ethel!

– Não, não disse, mas insinuou.

– Vamos fazer o seguinte, encerramos esse assunto, ao menos por hoje. Amanhã, com a cabeça mais fria, pensamos em outras possibilidades.

– Não estou a fim de pensar em outras possibilidades Clarisse, está mais do que decidido. Amanhã, assim que acordar, vou até o “NBP” devolver o cartão e comunicar que estou fora!

– Você tem a noite inteira para mudar de ideia. Eu só acho... – Ergo minha mão e aperto os olhos, gestos perfeitamente entendidos por minha amiga, que se calou imediatamente.

– Não vou mudar de ideia e não estou querendo saber o que você acha ou deixa de achar!

– E o que você vai fazer? Procurar emprego de garçonne? Voltar para New Castle? Quais são suas reais possibilidades, Ethel?

– Não sei. Darei um jeito. – Emburro a cara e cruzo os braços, possuessa com a atitude de Clarisse.

– Você está agindo como uma criança e não quer compreender o que está sendo falado.

– Compreendi perfeitamente. Não sou igual minha mãe, Clarisse! Jamais faria sexo por dinheiro!

– Por Deus, Ethel! Quem disse que você faria isso? Você só escuta aquilo que quer e depois distorce de forma que isso se torne ofensivo! Que tal parar um pouco de bancar a vítima das circunstâncias e começar a agir como uma mulher adulta? Eu não sou contra você, muito pelo contrário, sou eu, Clarisse, a que sempre estive ao seu lado, nos momentos bons e nos ruins também.

Um silêncio constrangedor tomou conta da sala. Só consigo ouvir a respiração alterada de Clarisse e no fundo, sei que ela tem total razão. Claro que ela não insinuou que eu precisaria dormir com o tal Domenico para conseguir meu emprego. Me sinto culpada e ao mesmo tempo chateada.

– Clarisse, eu peço desculpas... Acho que me excedi um pouco.

– Não, Thell, você se excedeu demais. Mas não será por isso que vou deixar de amá-la. Pense bem minha amiga, se quer esse trabalho, faça acontecer.

Você é capaz de obter essa exclusiva e estou falando isso sem pensar que precisa tirar sua calcinha para tal, que fique bem claro! Mas, se de qualquer forma você ainda assim não quiser, quero que saiba que é aqui que vai ficar, nem que tenha que trabalhar passeando com os cachorros da vizinhança. Dobro meus períodos de plantões e dou um jeito, para New Castle, você não volta, fui bem clara com a senhorita? – Sorrio com o jeito mandão e ao mesmo tempo doce de Clarisse.

– Sim, eu entendi... – Respondo baixinho, arrependida por ter sido tão radical com minha única e melhor amiga.

– Agora vá dormir, acho que você está precisando de uma boa noite de sono para clarear suas ideias!

Clarisse se levanta enquanto fala, se aproximando de mim e beijando minha testa de forma terna e suave. Com uma piscadela de olho, ela deixa a sala, levando junto toda a sua energia que me faz sentir protegida e profundamente amada. Solto o ar com força, não tenho ideias para clarear, amanhã cedo encerro toda essa história.

CAPÍTULO TRÊS



Dormi pouco e esse pouco foi recheado de sonhos inquietantes e nervosos. As horas se arrastavam e com isso, minha ansiedade se multiplicava em níveis quase descontrolados. Mal os primeiros raios de sol despontaram no horizonte, me levantei e corri para o banheiro, me enfiando embaixo da poderosa ducha e me preparando para encarar minha decisão.

Ao sair do quarto, ficou notório que Clarisse ainda estava dormindo. A casa toda estava silenciosa, sem um único indício de vida existente a não ser por diversos papéis espalhados sobre a bancada da cozinha e o cheiro de café fresco, muito provavelmente recém preparado pela máquina programada por Clarisse.

Curiosa, me aproximo do amontoado de anotações. Antes de olhar, me sirvo de uma fumegante xícara de café e me sento em um dos bancos altos, agora sim preparada para ver o que minha amiga andou aprontando enquanto eu tentava a todo custo dormir ao menos por uma única hora essa madrugada.

A lista que me foi entregue ontem por Allan Stroke estava completamente coberta por anotações. Uma caneta marcadora foi utilizada, destacando alguns dos locais assinalados como preferidos de Domenico Fox. “*Royale*”, “*Candi*”, “*Whisky Saigon*” e “*Havana Club*” são os que mais se sobressaem.

– Bom dia. – A voz de Clarisse me faz dar um pulo de susto.

– Ah...Bom dia... – Respondo, levando a mão ao peito e tentando conter os batimentos acelerados.

– Vejo que encontrou minhas anotações. Mas acho que isso não importa mais, não é mesmo? Está de saída? Se quiser esperar, te dou uma carona até o prédio do “*NBP*”.

– O que significam esses nomes destacados? – Pergunto, realmente curiosa e começando a ficar interessada pelo assunto.

– São os lugares regularmente frequentados por Domenico Fox.

– Regularmente o quanto?

– Pelo menos uma vez por semana ele está em um desses lugares. Em um deles, o “*Whisky Saigon*”, ele tem uma mesa reservada, todas as quintas. – Clarisse responde, orgulhosa por sua pesquisa eficiente e talvez animada por

meu súbito rendimento.

– Quinta? Hoje, você quer dizer? – Sei que a intenção de Clarisse foi de me aguçar e estimular ainda mais ao fornecer essa informação potencialmente atrativa.

– Sim, curiosamente é hoje. Coincidência, não?

– Podemos deixar o escárnio para depois das dez da manhã? Ainda não despertei o suficiente para lidar com esse tipo de coisa. – Faço uma careta para Clarisse enquanto penso, quase fundindo as engrenagens do meu cérebro.

E se... Não! Preciso terminar logo com isso. Não posso seguir adiante com algo que sei não ser capaz de consolidar. Mas e se eu for, somente hoje? Não posso negar que os mistérios que envolvem esse homem exacerbaram e muito a minha rara indiscrição. Gostaria ao menos de saber quem é esse tal figurão que se acha tão importante.

Com toda a certeza é um homem insuportável. Aquele tipo arrogante, que acha que tem o rei na barriga e que pode tudo. Por que então de fato estou tão eufórica para saber quem ele é, se de antemão já sei que não vou gostar, por que então insistir? Talvez seja meu instinto investigativo jornalístico aflorando.

– Bom, vou me arrumar. Vai querer a carona? – Os olhos de Clarisse se fixam em mim, em um apelo silencioso, que reconheço muito bem.

– Ok, não precisa me olhar dessa maneira. Hoje, apenas hoje, e só hoje! – Falo, balançando a cabeça, sem acreditar que cedi ao charme irresistível de Clarisse.

– Você está falando sério? – Clarisse estanca na mesma hora, se virando lentamente, como se qualquer movimento mais brusco de sua parte pudesse me fazer mudar de ideia.

– Sim, estou..., mas é realmente só hoje. Depois disso vou devolver o cartão e começar a procurar emprego.

– Então precisamos fazer compras. Tenho certeza absoluta que você não tem nada apropriado para usar essa noite.

– O que você chama de apropriado muito provavelmente eu chamo de vulgar.

– Sensual... – Ela retruca.

– Vulgar... – Insisto.

– Tanto faz, sensual ou vulgar, tenho certeza que não está na sua mala. Só vou me vestir e partimos para as compras. – Clarisse corre em direção ao corredor, me deixando atônita e sem entender nada.

– Ei... Espera! – Grito antes que ela desapareça por completo.

– O que foi?

– Você não ia trabalhar? – Pergunto, já sabendo qual será a resposta.

Clarisse e suas artimanhas.

– Não trabalho hoje, estou no sistema 24 por 48 horas, só estava mesmo colocando uma pressão básica em você. – Ela sorri e pula como uma criança, batendo palmas excitada.

– Você não presta! – Jogo um dos guardanapos em sua direção e ela prontamente o agarra, sorrindo ainda mais amplamente.

– Eu nunca disse que prestava! Cinco minutos e estarei pronta.

O dia passou voando. Fazer compras com Clarisse é quase que como uma terapia, muito mais cara, é óbvio. Desfilamos animadas por toda a “*Newbury Street*”, provando uma infinidade de modelos, alguns que eu conseguiria inclusive chamar de constrangedores. Mas entrei na brincadeira e depois de muito tempo, percebi que estava verdadeiramente me divertindo.

Passava das cinco da tarde quando enfim voltamos para casa. Recheada de sacolas e com a consciência pesada, fiquei imaginando se deveria ter usado o tal cartão, uma vez que não tenho intenção alguma de seguir em frente com essa loucura e conseguir a tão conjecturada exclusiva com Domenico Fox.

Por insistência de Clarisse, acabei excedendo o limite do razoável e gastando uma pequena fortuna, comprando um vestido de marca, sapatos e uma pequena bolsa para combinar. Não cedi ao gosto excêntrico de Clarisse, mas, pela primeira vez na vida, me permiti ser arrojada.

Um vestido preto todo em seda com corte reto, costas de fora e pernas também, foi o máximo de ousadia a qual consegui me submeter. Os saltos, altíssimos, dão conta de deixar o visual ainda mais sensual e também extremamente elegante, e a bolsa de mão em tons de bronze, complementam o conjunto com perfeição.

Estou a mais de dez minutos me observando atentamente no espelho quando Clarisse invade meu quarto, trazendo em suas mãos uma caixinha vermelha de veludo a qual abre e me mostra o conteúdo. Impossível não me deslumbrar. Um lindo par de brincos de ouro com pequenos e discretos diamantes encrustados em formato de cascata.

– São lindos, Clarisse! Quer ajuda para colocá-los? – Pergunto, largando minha bolsa e estendendo minhas mãos.

– Não amiga, não preciso de ajuda, mesmo porque, não vou colá-los, você sim vai. – Ela me encara e sorri, ainda mais divina do que geralmente é.

– Eu?

– Sim, você. Esse é o tempero que faltava para que o prato ficasse completo.

– Será que você pode parar de dar uma conotação degustativa a tudo que me envolve? – Implico, torcendo o nariz e revirando os olhos.

– Desculpe amiga, não foi minha intenção. – Seu sorriso se alarga e seus dedos colocam meus cabelos atrás da orelha, abrindo caminho para que ela consiga encaixar os brincos com perícia e habilidade.

Serviço encerrado me olho mais uma vez no espelho. Sim, mesmo não tendo reparado nisso antes, os brincos fizeram a diferença no visual. Com uma firula exagerada, dou uma leve desfilada e uma volta inteira com o corpo, encerrando minha apresentação com uma reverência a espera de sua aprovação.

– E então, como estou? – Pergunto sorrindo, mas bem lá no fundo, insegura.

– Um arraso! Ethel, você está linda! Se Domenico Fox não der uma única olhada para você essa noite eu mudo o meu nome!

– Para com isso, Clarisse! Já falei que não vou seguir com toda essa porcaria adiante!

– O fato de não seguir com isso que chama de porcaria adiante por acaso impede que o cara te olhe?

– Não, não impede... – Sorrio, bem lá no fundo querendo mesmo ser notada, principalmente por um homem poderoso como o Sr. Fox.

– Pois bem, se prepare, não só para que ele te olhe, mas para que toda a boate caia de quatro a seus pés!

– Exagerada! – Cutuco sua barriga com meu cotovelo, voltando a pegar a bolsa que deixei por sobre a cama.

– Podemos ir? – Clarisse dá uma panorâmica no seu visual no espelho e sorri, muito provavelmente feliz com o que vê.

Em seu lugar, eu também estaria. O vestido vermelho colado ao seu corpo como uma segunda pele a deixa estonteante, muito mais do que já é. Os fartos cabelos loiros estão presos em um rabo de cavalo baixo e sua maquiagem, exagerada no ponto certo dos olhos, traz um ar fatal e sedutor. Sim, minha amiga é uma afronta a beleza!

Resolvemos, depois de muita discussão, ir de taxi, uma vez que, de acordo com Clarisse, chegar em uma boate do nível da “*Whisky Saigon*” em uma minivan seria nossa decadência moral assinada e registrada em cartório. Segundo ela, constituiria o mesmo que chegar em uma feira livre de limusine.

O percurso até a boate foi mais curto do que eu imaginava. Em menos de dez minutos, estávamos paradas a frente de uma luxuosa construção totalmente pintada de preto com letreiros em neon roxo na “*Boylston Street*”. Pela primeira vez, desde que saímos de casa, meu estomago se comprime, mostrando o quanto estou nervosa.

Saltar do carro foi um desafio. Primeiro porque o vestido, muito curto, me fez executar malabarismos para não mostrar a minúscula calcinha que Clarisse me obrigou a comprar hoje a tarde e segundo, porque minhas pernas parecem ter adormecido. É como se todos os meus músculos estivessem se rebelando contra o meu cérebro.

Percebendo minha hesitação, Clarisse toma a frente e segura vigorosamente minha mão. Chocada, noto uma fila gigantesca que se forma por trás de cordões vermelhos de veludos, tudo devidamente supervisionado por seguranças que eu poderia dizer facilmente que devem ter algum grau de parentesco com um “Yeti”. Honestamente? Nunca vi homens tão grandes!

– Não vamos entrar na fila? – Pergunto ao ver Clarisse se aproximar da entrada, caminhando segura e tranquilamente em direção a uma jovem e muito bem vestida recepcionista.

– E eu tenho cara de quem pega fila? – Clarisse me olha espantada, como se eu estivesse falando a maior das besteiras do mundo.

– E como vamos entrar?

– Lindinha, apenas se concentre em achar o Sr. Fox, o resto, deixe por minha conta. – Ganho uma piscadela de minha amiga e volto a ser delicadamente puxada em direção a imensa porta giratória que dá acesso a boate.

– Como vou me concentrar em achar uma pessoa que não faço ideia de quem é? – Arregalo os olhos e encaro minha amiga, que apenas sorri, voltando a se virar em direção a recepcionista.

Algumas palavras trocadas e pulseiras são colocadas em nossos punhos. Logo após o ritual, nossa passagem é liberada e adentramos em um espaço fino e bastante comprido, completamente revestido em carpete negro, desde o chão, até o teto. Aperto com força a mão de Clarisse, que deve estar se divertindo diante da minha reação apavorada.

No final do corredor nos deparamos com uma longa e também inteiramente negra escadaria, iluminada apenas com luzes estrategicamente colocadas a fim de criar um clima ainda mais instigante. Todos os degraus, sem exceção alguma, estão completamente abarrotados de casais. A luxúria do local é tão evidente que praticamente dá para sentir o cheiro libidinoso de sexo no ar.

– E aí, o que está achando? – Clarisse pergunta, desviando o corpo com uma perícia desconcertante do amontoado hormonal de corpos.

– Diferente... – Respondo, bastante hesitante.

– Um diferente bom ou um diferente ruim?

– Acho que é um diferente bom... – Falo sorrindo timidamente, ciente que minha resposta muito agradou minha amiga.

– Hum, parece que temos uma evolução aqui! A menina do interior

achando um diferente bom um monte de casais se agarrando sem um pingo de pudor?

– Sou aberta a novas experiências... – Dou de ombros e estanco na mesma hora em que colocamos os pés no imenso e desnorteante salão principal.

– Impressionante! – Exclamo sem perceber em voz alta, boquiaberta com tamanha soberba e luxo.

– Não é? – Clarisse sorri, ficando parada ao meu lado, enquanto tento absorver todos os mínimos detalhes.

Uma imensa pista de dança onde corpos suados se mesclam em uma perfeição pomposa se adianta bem a frente de meus arregalados olhos. A esquerda um bar em mogno escuro, cercado de bancos fluorescentes e ornado com tochas douradas nas extremidades, ostenta mulheres belíssimas dançando por sobre o balcão.

Do lado oposto, uma grade vermelha separa o tumulto incandescente da pista de um reservado, com mesas redondas e bancos em veludo vermelho, capazes de acomodar no mínimo umas vinte pessoas. Sem querer, me vi correndo os olhos freneticamente pelas mesas, a fim de tentar reconhecer o irreconhecível...Domenico Aron Fox.

– Fique aqui no bar, vou tentar descobrir qual das mesas é a cativa de Fox. – Clarisse cochicha em meu ouvido, produzindo um desespero imediato em mim.

– Ficar aqui sozinha? Está louca? – Pergunto, mostrando todo o meu pavor.

– Ninguém vai morder você, Ethel. Bom, a não ser é claro, que você queira ser mordida.

– Não estou brincando, Clarisse. Não quero ficar aqui sozinha.

– Você não vai estar sozinha. Olha a quantidade de gente ao seu redor!

– Gente que não conheço. Eu vou com você!

– Claro que não vai, com essa sua carinha de bichinho assustado encolhido atrás de mim, jamais vou conseguir as informações que precisamos.

– Clarisse... – Praticamente imploro pelo bom senso, hoje bem escasso de minha amiga.

– Peça uma bebida, eu volto em cinco minutos, prometo.

– Não quero beber.

– Será que você pode ao menos tentar colaborar? Se topou vir, faça por onde dar certo! – A impaciência de Clarisse toma conta de sua voz.

– Eu estou colaborando... O fato de não querer ficar sozinha não significa necessariamente que não esteja a fim de que as coisas aconteçam! – Retruco, mesmo sabendo que não vou fazer minha sempre tão decidida amiga mudar de

ideia.

– Peça uma cerveja para mim também. Cinco minutos, apenas isso. Serei breve.

Sem me dar a oportunidade de falar nada, ela se afasta, me deixando de pé, sozinha e desconfortável, em um ambiente onde me sinto literalmente um peixinho fora d'água. Com dificuldade, me aproximo do bar, achando uma brecha entre dois bancos ocupados e fazendo meu pedido.

Um gole de cerveja e uma sensação estranha me invade. Um arrepio se alastra por todo o meu corpo, me fazendo estremecer, como se uma lufada de vento gélido e ao mesmo tempo abrasador tivesse me atingido em cheio. Desconcertada, busco com os olhos a causa aparente de tamanha e inesperada reação.

Nervosa, procuro por Clarisse no meio da multidão que se aglomera por todos os cantos. Antes que eu me desse conta, mais uma vez a sensação, que não posso chamar de desagradável, muito pelo contrário, me domina. É como se uma força poderosa e avassaladora buscasse por mim e me jogasse de encontro a tudo aquilo que desconheço, porém, anseio sem nem ao menos saber o que de fato é.

Volto a percorrer a escuridão do ambiente com os olhos e dessa vez, me vejo presa a dominação irresistível de belíssimos olhos azuis. Não reparo em mais nada, apenas sou levada para um mundo paralelo, onde unicamente existe o brilho hipnotizante das esferas azuladas e poderosas.

Institivamente, levo minha mão a garganta, tentando em vão conter o imenso bolo que se forma, que parece sufocar meus pulmões e também os meus sentidos. Tento desviar, olhar para o outro lado, mas é impossível. Meu sangue ferve em minhas veias, minha pele simula estar se rasgando e o chão sob os meus pés se derrete, abrindo um imenso e férvido buraco, estremecendo toda a minha estrutura.

Sinto como se a porta do meu peito inerte e a tanto tempo trancada, estivesse sendo escancarada, me fazendo pulsar por inteira, me libertando, me mostrando que é possível viver, me permitindo não sentir medo, apenas uma confiança cega e uma necessidade exigente e impulsiva de me entregar e me admitir sonhar sonhos impuros, quase difamados.

Sem conseguir mover um músculo sequer do meu perturbado corpo, vejo os olhos azuis de aproximarem sem desviar um minuto dos meus, é como se ele buscasse por uma intimidação explícita, me impedindo assim de conseguir reagir ao controle que ele consegue impor a mim.

Dedos quentes, fortes e ao mesmo tempo macios tocam os meus. Com a cabeça levemente erguida, mantenho o contato visual, sem me preocupar com mais nada, a não ser a entrega necessitada pela qual meu corpo clama. O sedutor

desconhecido mantém seus olhos grudados aos meus e por mais que eu quisesse, coisa que não quero, não conseguiria evitar a intimidade explícita que ele me impõe.

Nenhuma palavra foi dita. Com um movimento que para mim mais pareceu estar em câmera lenta, o desconhecido retirou a garrafa de cerveja da minha mão colocando-a por sobre o bar, em seguida me puxando com uma delicadeza firme, em direção a lotada e convulsional pista de dança. Incrivelmente, me permiti ser levada, sem nenhum tipo de protesto.

Em um instante mágico, me vi enlaçada por braços fortes, sem entender direito o que estava acontecendo. Busquei mais uma vez por seus olhos, que não desgrudavam dos meus e pela primeira vez, reparei em seu rosto levemente escondido pela escuridão, mesmo assim, aparente o suficiente para que eu conseguisse perceber o quão bonito era.

Um sorriso suave se desenhou em seus lábios e nossos corpos se ondularam em uma cadência compassada, quase como se tivéssemos ensaiado o número por diversas vezes antes disso. Fechei os olhos ao sentir seus músculos fortes e potentes roçando contra minha pele nua das pernas.

– Abra os olhos. – A voz rasgada, autoritária e ao mesmo tempo suave me fez obedecer imediatamente.

– Desculpe, eu... – Tentei falar, mas fui interrompida pela aproximação de seu rosto, sentindo seu nariz deslizar pela pele sensível e hiperestimulada do meu pescoço, até atingir meu ouvido, onde ele mordeu delicadamente o lóbulo da minha orelha, me fazendo encolher em seus braços.

– Sem palavras. Apenas se entregue ao momento. – O delicioso desconhecido apenas sussurrou, se agarrando ainda mais ao meu corpo tremulo.

Pensei em fechar os olhos mais uma vez ao ouvir o tom grave e decidido ecoar ao pé do meu ouvido, mas me senti intimidada ao lembrar da sua ordem anterior. Fazendo o máximo de esforço possível, os mantive bem abertos, voltando a encarar o oceano azul, que libera micropartículas de desejo e cobiça. Ele me encara quase como se eu fosse uma propriedade dele. Excitante e assustador, tudo no mesmo pacote.

– Posso ao menos saber seu nome? – Pergunto, tomando coragem para falar e movida pela curiosidade que me assola desde o momento em que me prendi aos seus olhos.

– Para que saber nomes? – Que voz é essa? Meus órgãos internos se transformam em uma placenta pegajosa de tão derretidos apenas ao ouvir esses pequenos e baixos timbres.

– Costume imposto por anos de convivência social, talvez? – Vejo um sorriso se formar nos lábios carnudos assim que termino de falar.

– Meu nome não importa... Nem o seu. O que importa é que agora você me pertence.

– O que? – Meus olhos se arregalaram, não porque fiquei balançada ou chocada por suas palavras, mas porque nesse exato momento é assim mesmo que me sinto, uma posse desse homem incógnito.

– Exatamente o que ouviu. Agora você me pertence e dito isso, uma nova fase se inicia. – A voz atinge um tom mais rouco e alguma coisa nela me soa familiar... Muito familiar.

– Uma nova fase? – Entro no jogo, querendo saber até onde consigo ir, pouco me importando com as consequências.

– Uma nova fase onde novos sentimentos surgem, instintos se apuram e todos os sentidos ficam a flor da pele.

– Sobre o que você está falando? – Tento me afastar um pouco do imenso e musculoso corpo, mas sou detida por mãos fortes, que me apertam ainda mais.

– Preste bastante atenção, minha doce menina. A mim, cabe a proteção, o domínio, a conduta. A você, se ajoelhar, aprender a postura correta, se entregar a servidão e ser obediente. – Puta merda, de que porra esse homem está falando? Um medo sem precedentes toma conta de mim e começo a me arrepender por ter sido tão impulsiva.

– Domínio, servidão, obediência? – FRANZO a testa ao ver sua reação. Ele parece se deliciar ao ouvir as suas próprias palavras, dessa vez, através da minha boca.

– Exatamente. acredite, isso trará a ambos momentos de paixão, sonhos e muito prazer. – Me calo, sem saber o que falar diante de tamanha intensidade e poder. Me sinto pequena e incapaz de qualquer tipo de reação.

– Me diga, minha menina... O que você espera de uma relação? – Olhos azuis inquisitórios parecem agora querer ler a minha alma.

– Cumplicidade, respeito e amor. Isso é essencial para qualquer tipo de relação. – Respondo sem precisar pensar, minha vida inteira repeti essas palavras como um mantra sagrado, do qual jamais abriria mão.

– Cumplicidade e respeito... O amor vem como consequência. Antes de conquistar o amor de uma mulher, é necessário se apoderar de sua alma.

– Desculpe, mas o Senhor só pode ser louco! – Com um movimento brusco, espalmo minhas mãos em seu peito, tentando mais uma vez me afastar. Mãos fortes seguram em minha cintura e ao mesmo tempo em meus cabelos, forçando minha cabeça a fim de que nossos olhos mais uma vez estejam ligados uns aos outros.

– Por que você insiste em evitar o inevitável? Não consegue perceber que sua alma já me pertence? – A voz ameaçadora faz meu corpo tremer e um calor

se espalha por todas as minhas células.

– Eu não sei do que você está falando... – Digo, gemendo baixinho ao sentir seus dedos se agarrem com mais firmeza aos meus cabelos, massageando levemente minha nuca.

– Estou falando que você é minha, que você quer ser minha! – Ele sorri e passa sua língua junto ao contorno do meu lábio inferior, me fazendo apertar as coxas diante da sensação descontrolada que provoca.

– Sua? Você realmente é louco, nós mal nos conhecemos!

– Resgate de almas, eu diria. E sim, minha, só minha.

– Como assim, sua? – Tento resistir a sua barba cerrada e macia, que agora se esfrega com delicadeza e suavidade pelo meu pescoço. Ai, caralho! Como aguentar essa tortura deliciosa?

– Me permita explicar. Minha...Pronome possessivo que determina que um substantivo, seja coisa ou pessoa, do gênero feminino é claro, pertence à ou é parte de, e está relacionado com a primeira pessoa do singular, nesse caso... Eu! – Uma mordida seca na junção entre meu ombro e pescoço me arranca um gritinho. Imediatamente, o local antes castigado por seus dentes, é acariciado por sua língua, provocando uma intensa mistura de sensações. O que diabos está acontecendo comigo?

Completamente fora do meu eixo, não percebi quando fui puxada para um dos cantos mais reservados da boate. Encostada a parede e sendo firmemente amparada por seus braços, me observo mais uma vez presa ao seu olhar. Sua boca buscou a minha em um beijo absorvente, inflamado e asfixiante de tão poderoso.

Minhas pernas falharam e mesmo diante da possibilidade de despencar como uma banana mole no chão, me senti protegida, como se ali, em nossa bolha, convertidos em nossa redoma, nada de mal pudesse me acontecer. Me entreguei a luxúria abusiva desse desconhecido, que arrancava a cada segundo uma nova camada de mim, derrubando todos os meus muros, fazendo com que minhas barreiras emocionais de desmoronassem.

Sua língua exigente e também bastante experiente, devasta minha boca, explorando cada minúsculo cantinho, me reconhecendo, provando do meu gosto, sentindo meus reflexos e reações. Me sinto completamente dominada e incapaz de resistir, seguindo intuitivamente sua firmeza refreada e me permitindo ser subjugada.

Suas mãos necessitadas deslizam pelo meu corpo, distinguindo minhas curvas, me arrancando gemidos e suspiros profundos ao sentir a pressão ardente de seus dedos na pele nua das minhas coxas. O corpo musculoso colado ao meu me faz sentir o calor e a fúria de seu prazer, em uma dança quase copular, que

me viola e deflagra um estopim que nem eu sabia ter.

Enfim nossos lábios se separam, sem fôlego, observo o queixo suntuoso e quadrado, másculo ao extremo. O nariz reto, esculpido de maneira a ser perfeito, covinhas que se salientam por baixo da barba cerrada por fazer, o cabelo loiro acobreado, bagunçado e selvagem. Sim, esse homem é uma visão divina!

O hálito, que mistura canela a algum tipo de bebida forte destilada de excelente qualidade, me deixa mole, tépida, necessitada. Tento aproximar nossos lábios mais uma vez e sou contida. Quanto mais desejo o toque, mas ele o evita, parecendo se sentir extasiado com o jogo cruel que me estabelece.

– Quer a minha língua dentro dessa sua boca gostosa? – A voz grave e encorpada agora é um sussurro, quase um lamento rouco e sexy para cacete.

– Quero... – Ele apenas sorri diante da minha resposta tímida.

Meu ouvido é bombardeado de obscenidades deliciosas, mordidas e lambidas são distribuídas por todo o meu pescoço, me arrancando de vez o juízo que ainda me restava. Sem aviso, sua boca volta a tomar a minha, quase em uma exaltação animal. Lábios, línguas e dentes.

O gosto metálico do sangue não me impede de continuar a retribuir, me fazendo cada vez mais desejosa e excitada. O cuidado misturado a ansiedade com que seus dentes devoram meus lábios deixa nítido que sua intenção é marcar sua assinatura, demarcar seu território, exercer o poder de sua propriedade.

– Sabe o que eu queria agora? – Fala ofegante, e me deleito com seu hálito inebriante muito próximo ao meu rosto.

– O que? – Minha voz é um débil sussurro. Não tenho forças para combater tamanha energia.

– Queria morder seus seios, até te ouvir gritar. Queria me socar dentro de você, bem fundo e com força, sentindo seu canto mais escondido, te fazendo se derramar de tesão chamando pelo meu nome.

– Mas eu não sei o seu nome... – Falo baixinho, me agarrando em seus ombros, antes que despenque de uma vez no chão.

– Senhor. É assim que você vai me chamar, minha doce menina!

– Senhor? – Ao falar isso dou uma risada. Esse cara só pode estar de brincadeira comigo!

– Vire-se de costas. – Não é um pedido, é uma ordem e é claro, hesito em obedecer.

– Vire-se de costas. Não pense, doce menina. Apenas obedeça. – E eu, sem pensar uma segunda vez, talvez guiada pela força quase sobrenatural que emana pelos poros desse homem, me viro, encostando minha testa na parede

acarpetada.

– Boa menina...

Sua mão ergue meus cabelos, em um rabo de cavalo improvisado e ele desfere uma mordida dolorosa em um dos lados da minha nuca, por sobre meus cabelos. Minhas pernas dobram e me seguro para não gritar. Antes que eu pudesse me recompor do impacto que a primeira mordida causou, outra é lançada, dessa vez do outro lado, me deixando sem fôlego e por incrível que pareça, completamente encharcada de tanto tesão.

Um leve soprar e não me reconheço mais. Não tenho mais ideia do que sou, de quem eu sou, de onde estou e de quem está a minha volta. Espalmo ambas as mãos na parede, esperando pelo próximo passo desse desconhecido que virou minha vida de cabeça para baixo em apenas uma hora.

Nada... Ainda sinto sua respiração pesada por trás de mim, mas não sinto seu toque e isso me arremessa a um vazio inexplicável. É como se um pedaço de mim tivesse sido retirado de forma repentina e desavisada. Fecho os olhos, e rezo, mesmo sabendo ser pecado pedir por tamanha volúpia erótica, que ele permaneça ali e que continue a abusar do meu corpo e da minha alma.

Sinto algo ser colocado entre os meus dedos ainda apertados contra a parede, mas não ousa olhar para trás. Sem uma única palavra, ele beija minha nuca e não preciso mais do que a sensação desconfortante de abandono que me domina para ter certeza de que ele foi embora, sem a necessidade de qualquer tipo de explicação.

Arrisco virar um pouco a cabeça e vejo a figura soberba e imponente desfilar com desenvoltura por entre a quantidade de pessoas na pista de dança, que muito provavelmente se multiplicou desde que cheguei junto a Clarisse. Um calor me invade quando o vejo estancar e buscar meus olhos por cima do ombro, como se sua intenção fosse apenas observar minha reação e meus desejos desesperados de saber quem é o homem que foi capaz de me causar tamanho impacto emocional.

Um sorriso irônico desenha seus lábios, mostrando que apesar de eu não fazer a mínima ideia de nada, ele sim faz. Ele sabe perfeitamente para que veio e com toda certeza, tem a consciência que deixou marcado em mim o motivo de estar aqui. Meu Deus! O que de fato acabou de acontecer comigo?

Me vejo parada, ainda recostada na parede, buscando pelo ar, que cada vez se torna ainda mais rarefeito ao meu redor. Minha mente bagunçada só consegue recordar a voz dura e profunda que me levou a caminhos desconhecidos, nunca antes explorados e obviamente, bem perigosos.

Meu corpo parece implorar pelas mãos desconhecidas percorrendo minhas curvas, domado por um desejo incontrolável, quase insaciável. É como

se o mundo tivesse parado desde que ele partiu. Puta merda! Como sossegar essa sede? Essa fome? Esse desejo e toda essa loucura que jamais fui capaz de sentir?

CAPÍTULO QUATRO



– Onde você estava? Te procurei como uma louca por toda a parte! – A voz tranquila, mas um pouco alterada de Clarisse me desperta dos meus devaneios.

Estranhamente, não consigo emitir um único som. Por mais que eu tente, não atinjo articular as palavras. Meu corpo inteiro treme e não sou mais capaz de me sustentar de pé. Preocupada, Clarisse se aproxima e me segura pelos ombros, me ajudando a buscar uma das mesas vazias para que eu pudesse me sentar.

– Você está se sentindo bem? Alguém te fez alguma coisa? – Ela se engasga nas próprias palavras, desesperada com meu estado catatônico.

– Pelo amor de Deus, Ethel! Fale comigo! – Clarisse me chacoalha pelos ombros de leve, os olhos arregalados e o rosto pálido, mostrando um pavor que jamais havia visto em sua expressão anteriormente.

– Eu... – Tentei, mas minha garganta ainda se encontra apertada e contraída demais. Não tenho condições de falar.

Sem uma explicação razoável para dar a minha amiga e acabar com sua aflição crescente, estendo o pedaço de papel que agarro como se minha vida dependesse disso por entre meus trêmulos dedos em sua direção. Clarisse o segura e acende a lanterna do seu celular para ler o conteúdo.

– Amanhã, as nove no “*Back Page*”. O que significa isso? – Os olhos preocupados de Clarisse se grudam aos meus, buscando um esclarecimento que não sou capaz de dar.

– Eu não sei! – Enfim, minha voz parece acordar do seu sono profundo e resolve dar o ar da sua graça.

– Como assim, você não sabe? Quem te entregou isso?

– Eu não sei! Nós dançamos...

– Deixe-me entender. Você dançou com um cara e vocês marcaram de se encontrar amanhã, é isso?

– Clarisse, eu preciso ir embora.

– O que esse babaca fez com você? Vou chamar os seguranças. – Clarisse se vira e um pavor imenso toma conta de mim. Não quero que ela chame seguranças, quero que ela traga aquele homem enlouquecedor mais uma vez para

perto de mim!

– Não! – Gritei e o som alterado da minha voz fez com que minha amiga me olhasse espantada.

– Que merda está acontecendo aqui? – Dessa vez seu tom se torna austero e sei que Clarisse começa a perder sua infinita paciência.

– Apenas vamos embora, prometo que conto tudo assim que chegarmos em casa.

– Ethel, eu estou preocupada com você! Olhe o seu estado, você está pálida, tremula...

– Eu estou bem. Ninguém me fez absolutamente nada. Só quero mesmo ir embora, podemos?

Sem responder absolutamente nada, minha amiga se agarra em meu braço e segue decidida até a escadaria que dá acesso a saída. Perdida em meus pensamentos e com os olhos focados em achar o meu desconhecido, não reparei quando pisamos na calçada, apenas o vento forte que congelou meu corpo me fez dar conta de que já havíamos saído da boate.

Um dos seguranças se encarregou de chamar um taxi, que pareceu demorar uma eternidade para chegar. Do outro lado da rua, reparei em um luxuoso Bentley estacionado. Meus olhos foram atraídos como imã, buscando qualquer sinal de movimento em seu interior, o que me foi impedido devido a escura película que protegia os vidros.

Assim que entramos no taxi, o Bentley arrancou, parecendo ter esperado propositalmente que estivéssemos seguras dentro do veículo para poder se afastar. Sério? Acho que estou ficando louca e começando a imaginar coisas. Encaixo meu rosto entre minhas mãos e fico em silêncio, permanecendo assim até chegar em casa, perdida em meus pensamentos insanos.

Por anos da minha vida me preservei, me mantive longe do desconhecido, daquilo tudo que achava ser perigoso. Não me perdoaria nunca se caísse nas mesmas ciladas infortunas que minha mãe caiu. Tudo que eu condeno seria esfregado na minha cara e eu demonstraria uma fraqueza a qual fui criada para esconder todo o tempo, dos outros e de mim mesma.

Mal colocamos os pés no apartamento, Clarisse, não contendo sua tortura e também bisbilhotice, começou sua série de perguntas metódicas e bastante estressantes. A verdade é que não sei o que falar. Não sei o que aconteceu! Como explicar a mistura de sensações loucas que senti junto a um homem completamente desconhecido que nem o nome sei?

– Vamos, comece a falar, mocinha! – Arrancando os sapatos, Clarisse se acomoda no sofá, apontando com o dedo o local ao seu lado, para que eu me sente.

Esgotada, tanto física quanto emocionalmente, acabo cedendo a sua vontade. Sei que no fundo ela se preocupa comigo, não é apenas curiosidade. Imitando seu gesto, arranco os saltos altíssimo e me jogo de qualquer jeito por sobre as almofadas confortáveis e convidativas.

– Eu vou contar... – Falo baixinho.

– Claro que vai, porque se não o fizer, eu a esgano! – Clarisse aproxima suas mãos do meu pescoço e na mesma hora me retraio, fingindo estar apavorada com seu gesto. Um sorriso se desenha em seus lábios angelicais e me sinto mais confortável para começar a falar.

– Eu fiz o que você mandou. Fui até o bar e peguei nossas cervejas.

– E?

– Fiquei ali, correndo os olhos pelo local, sem saber muito o que fazer. Foi quando esse cara apareceu.

Pulei propositalmente a parte da atração absurda que senti sem nem ao menos ver o tal desconhecido. Por mais que eu falasse por um dia inteiro ou talvez por semanas, nenhuma palavra verbalizaria a sensação que um simples olhar foi capaz de despertar em meu corpo.

– E quem é esse cara, de onde ele é, o que ele faz?

– Eu não sei, Clarisse! Não tive tempo de fazer esse amontoado de perguntas!

– Não teve tempo? Como assim não teve tempo? Você ficou desaparecida por mais de uma hora!

– Uma hora bem intensa. Mas, nós mal nos falamos... – Suspiro e vejo minha amiga revirar os olhos, acho que não acreditando muito no que estou contando.

– Você? Curtindo uma hora intensa sem nem ao menos saber o nome do cara? Conta outra vai!

– Você não entenderia... E mesmo que eu tentasse explicar, acho que ainda assim, não conseguiria.

– Ao menos tente! Não me deixe nessa aflição, Ethel!

– Ele simplesmente chegou, segurou minha mão e me levou para pista de dança. Não falamos absolutamente nada...

– Nada?

– A não ser quando ele disse que estava louco para se estocar em mim... – Estalo a língua irritada com o arrepio que percorre meu corpo ao lembrar de suas palavras vulgares, mas que soaram tão íntimas e quase românticas ao pé do meu ouvido.

– Ele disse o que? – Clarisse arregala os olhos e vira o corpo em minha direção, parecendo entusiasmada com o rumo da conversa, dado o sorriso que

tem no rosto.

– Exatamente o que ouviu, ah, e ele disse que iria fundo, bem fundo, até me ouvir gritar. – Mal terminei de falar e vejo minha amiga se escancarar em uma sonora gargalhada, jogando sua cabeça para trás e praticamente se engasgando em sua própria diversão.

– Qual é a graça?

– Desculpe amiga, mas imaginei sua cara ao ouvir isso de um desconhecido! – Clarisse fala, tentando se recuperar da explosão cômica.

– Não tive como fazer cara nenhuma.

– Não?

– Não, porque ele me beijou. Não só beijou, como me mordeu.

– Uau, e não é que temos um homem com muita pegada aqui! Mas me conte, como ele era?

– Loiro, alto, olhos azuis que me derreteram. Um rosto perfeito Clarisse, daqueles que a gente só vê nas revistas de moda, sabe?

– E eu achando que você não ficaria bem na minha ausência! Ethel, você tirou a sorte grande!

– Sorte grande? O cara não me falou o nome dele, o bem da verdade, não falou quase nada, e tem mais, foi embora sem ao menos se despedir. – Emburro a cara, sem entender direito as ações do desconhecido.

– Mas ele marcou um encontro com você, está no cartão!

– Fala sério! Você acha mesmo que vou a um lugar desconhecido encontrar com um homem desconhecido?

– Homem desconhecido esse que pelo que posso perceber, mexeu com todas as suas estruturas!

– Mexendo ou não com minhas estruturas, sei que não devo ir.

– Claro que deve! Está louca? Pense pelo lado positivo, Ethel. Não achamos o Sr. Fox, mas talvez, você tenha encontrado o seu príncipe encantado!

– Posso te garantir que de príncipe encantado ele não tem nada.

– Que seja um cavaleiro negro, tanto faz, isso pouco importa, o que importa é que você balançou.

– Como não balançar diante de tamanha intensidade, Clarisse?

– Intenso, bonito, desconhecido... Estou realmente começando a gostar desse cara.

– Vá no meu lugar ao encontro. O mais bonito e musculoso do local com certeza vai ser ele, será fácil reconhecer.

– Deixa de graça, Ethel! Qual o problema? É uma boate, vocês não estarão sozinhos. Centenas de pessoas vão estar ao redor, o que ele pode fazer demais?

– Não me faça esse tipo de pergunta, porque mesmo estando em uma boate com centenas de pessoas ao redor hoje, ele só não me comeu em plena pista de dança porque não quis!

– Oi?

– Exatamente o que ouviu. Me senti estranha, como se minha alma gritasse pelo controle que ele me impunha. – Respiro profundamente, exasperada com minha entrega inexplicável.

– Então rolou mais alguma coisa que apenas um beijo?

– Não, não rolou... A não ser que você considere ele alisar meu corpo e morder minha nuca dolorosamente por duas vezes alguma coisa. O fato é... Esse cara tem uma força quase sobrenatural. Não consegui resistir, eu tentei, mas me entreguei sem um pinga de culpa e quando ele foi embora, parecia que tinha levado um imenso pedaço de mim junto a ele.

– Por Deus, Ethel! Não vai me dizer que se apaixonou à primeira vista por um cara que mal sabe o nome?

– Não estou apaixonada! – Me acho na obrigação de dizer algo em minha defesa, mesmo tendo certeza absoluta de que o que sinto por esse desconhecido vai muito além da curiosidade e talvez seja sim uma breve e adolescente paixão, disfarçada em uma louca e intensa entrega adulta.

– Pode não estar apaixonada, mas está entregue. Isso é apenas um pulo para a paixão!

– Dá para não falar merda? – Irritada, prendo meu cabelo em um coque alto, sentindo um calor absurdo percorrer meu corpo e ao mesmo tempo um estremecer involuntário ao tocar os lados doloridos da minha nuca, castigados pelos dentes do delicioso desconhecido.

– Então me diz, você vai amanhã? – Clarisse pergunta, já se levantando e catando seus sapatos e bolsa.

– Acho que não.

– Bom, infelizmente vou estar de plantão, caso contrário, arrastaria você até a “*Back Page*” nem que fosse pelos cabelos. Quando uma oportunidade grita a nossa frente, não deve ser desperdiçada, meu bem!

– Oportunidade de que? De ser violentada, estuprada ou talvez até morta por esse louco desconhecido? – Indago, encarando minha amiga que tem as sobrancelhas arqueadas, em um claro deboche as minhas palavras.

– Dramas, dramas e mais dramas! Se o cara quisesse te estuprar, violentar ou matar, segundo você mesma falou e admitiu o quanto foi permissiva, ele o teria feito hoje, não marcaria um segundo encontro para isso.

– Vai que ele é um psicopata organizado e detalhista?

– Amiga, honestamente? Estou começando a acreditar que a psicopata

aqui é você! Na verdade, uma sociopata perigosíssima! Um tesão de homem cai no seu colo e você simplesmente quer descartar?

– Percebeu que acabamos nos desviando do nosso principal objetivo da noite? – Pergunto, tentando tirar a pressão do assunto de cima de mim.

– Claro que percebi, mas nem por isso deixei de investigar. Só para você saber, enquanto se esfregava com o Sr. Gostoso desconhecido eu estava pesquisando. A mesa cativa de Domenico Fox estava desocupada essa noite, o que significa que infelizmente demos azar dessa vez.

– Dessa vez? Eu fui clara ao dizer que não levaria essa loucura adiante, não fui?

– Sim, mas nosso acordo era encontrar o tal Fox, e isso não aconteceu, portanto, vamos ter que tentar uma outra vez... Ao menos.

– Não Senhora! Talvez tenha sido o destino mostrando o quanto essa ideia é insana. Não vou sair por aí caçando um homem como Domenico Fox.

– Qual é Thell? As vezes você parece uma velha! Nós vamos sim! Esse era o acordo, conhecer o cara e tentar a exclusiva.

– Não me recordo de ter feito acordo algum com você. – Levanto, também pegando meus sapatos e caminhando lado a lado com Clarisse em direção ao corredor que dá acesso aos quartos.

– Mas eu fiz com você, e não vou quebrá-lo em hipótese alguma. Sou uma mulher de palavra meu bem!

– Você é uma mulher bem descarada, isso sim. Mas prometo que vou pensar com carinho sobre o assunto.

– Fico feliz. Não esqueça de pensar com carinho também a respeito de comparecer ao encontro com o gostoso desconhecido.

– Isso eu já não posso prometer.

– Vamos querida, se dê uma chance! O cara pode ser o homem da sua vida, mas você só irá ter a certeza disso se tiver culhões para se arriscar!

– Só para fins de esclarecimento...Não tenho culhões, Clarisse. Sou menina!

– Não se faça de boba, você entendeu perfeitamente o que eu quis dizer.

– Entendi que você é maluca, isso sim. Agora trate de ir dormir, já passam das duas da manhã e não quero de forma alguma que minha melhor amiga sofra um processo por negligência médica porque não chegou em condições físicas adequadas para um plantão e acabou arrancando um fígado ao invés de um apêndice.

– E se eu te dissesse que é bem fácil confundir um com o outro e o erro seria perfeitamente admissível?

– Eu diria que você é uma tremenda de uma mentirosa! – Clarisse sorri e

abre a porta do seu quarto, parando e virando o corpo em minha direção.

– Apenas me prometa que vai pensar sobre o encontro.

– Clarisse, eu não tenho o que pensar. Não conheço o cara, não vou a um encontro as cegas.

– Apenas se permita, Ethel! Apenas se permita... – Lentamente, Clarisse fecha a porta, ostentando aquele seu sorriso insuportável, de quem sabe que vai ganhar mais essa parada.

Corro apressada para o meu quarto, me jogando na cama sem ao menos me dar o trabalho de tirar a roupa. Uma confusão sem precedentes invade todo o meu ser. Já não sei quem sou eu além daquela que fui até o encontro dessa noite! Me sinto perdida entre florestas e sombras de ilusão, guiada por pequenos passos invisíveis de uma paixão louca e inconsequente.

Fecho os olhos e tento me resguardar, lembrando o quanto já fui jogada aos chutes pelo ódio do opressor, um opressor muito próximo a mim, que me abandonou e renegou o amor que me era de direito. Mas talvez eu esteja sendo salva pelas mãos delicadas de uma anjo. E que anjo!

Fui tão claramente subjugada as suas vontades que me sinto estranhamente envergonhada. Fraquejei, me deixei levar por um momento que não consegui, ou melhor, não quis evitar. O controle, a força o poder daquele olhar, das suas palavras e do seu toque me deixaram fora de prumo, fora de mim, me fazendo renegar aquilo que sou!

Pego o pequeno pedaço de papel e observo a caligrafia forte e máscula. A cara dele, não poderia esperar menos do que isso. No mínimo eu chamaria de “*marcante*”. De forma impressionante, até mesmo sua escrita resumida em breves palavras, soa como uma ordem e não posso negar, meu corpo implora por obedecer. O que está acontecendo comigo?

Meu corpo inteiro queima, como se uma quantidade excessiva de lava escorregasse por minhas artérias, me fazendo incandescer de tesão, vontade, desejo e um desespero que nunca havia sentido antes. A verdade é que quero mais. Quero estar com ele, quero ouvir suas loucuras e deliciosas obscenidades.

Minha mente voa nos mais promíscuos e profundos absurdos. Sempre me considereei uma pessoa estranha. A realidade é que sou estranha mesmo, diferente dos padrões impostos pela sociedade, inconstante e espontânea, tão espontânea, que as vezes me perco nas minhas próprias palavras, que deveria pensar antes de proferir.

Mas sou medrosa, muito medrosa. Cubro meu ser com uma máscara que me transforma em uma pessoa sem noção e dona da razão, desde nova aprendi que essa era a forma mais fácil de esconder minhas frustrações e me fazer respeitável em um mundo onde nunca fui muito bem aceita.

Isso me traz a insegurança de não conseguir entender o que um homem como aquele viu em mim. Logo eu, que sempre faço questão de entender tudo. Sou capaz inclusive de entender quando alguém não me entende. Talvez tenha essa capacidade ilógica por simplesmente nem sempre eu mesma conseguir me entender.

Sempre aceitei de boa as rejeições que a vida me impôs. Sofri a maior delas, então, estou preparada para qualquer coisa. Fui criada por minha avó para ser rejeitada e aceitar isso como se fosse a coisa mais natural do mundo, sem qualquer tipo de lamentação. Mas não estava preparada para ser deixada por esse homem desconhecido da forma que fui.

Talvez eu esteja mais uma vez tentando ofuscar minha importância e dando ouvidos aos meus demônios a fim de arrumar uma desculpa para não permitir despertar a intensidade da minha alma tão remexida essa noite. Tudo conspira a favor se você permitir que no seu universo sua mente possa mandar... Se permita Ethel...Apenas se permita!

Adormeço em meio a essas palavras, ecoando como trovões em meu bagunçado cérebro, me fazendo sonhar com olhos azuis cintilantes, cheios de luxúria, lasciva e desejo. A voz acompanhou os sonhos, implorando para que me entregue, para que me permita, para que me deixe comandar e conduzir. Talvez assim, com alguém no controle da minha vida, tudo possa se tornar mais fácil e aceitável... Talvez. Só talvez...

CAPÍTULO BONUS



Que merda toda foi essa que deu em mim? Como pude chegar em alguém desconhecido dessa forma e pior, impor meus desejos e minhas manias doentias? De qualquer maneira seria inevitável. Alguma coisa naquela menina chamava por mim. Seus olhos, de um azul esverdeado quase transparente, brilhavam o mais puro teor da inocência.

Por um momento, enquanto a observava perdida no ambiente da boate, cheguei a imaginar que estava delirando. Encontrar um diamante bruto tão raro, necessitando ser lapidado pelas minhas mãos em um lugar tão improvável é quase um presente divino. Como se eu merecesse qualquer tipo de presente divino.

Ridiculamente levei algum tempo para acreditar que aquela criatura angelical realmente era de verdade. Eu estava olhando no fundo dos seus olhos, e que belos olhos ela tinha. Sua entrega absoluta e imediata me fez perder a noção do tempo e me deixou desejando tê-la, como nunca quis nenhuma outra mulher.

A anos não tinha esse tipo de reação. A última vez... Melhor deixar a última vez para lá, não quero me perder dos meus objetivos e de mim mesmo, preciso apenas me entender, por mais que isso seja impossível até mesmo para mim, que planto constantemente ser essa confusão que ninguém consegue compreender de maneira proposital.

Não consegui ir embora da boate. Precisava saber se havia causado a impressão que desejei causar. Por meia hora fiquei plantado como um idiota aguardando a sua saída, o que seria um indício, apenas um indício de que ela é tão vulnerável quanto aparentou ser. Era apenas disso que precisava para seguir adiante ou desistir de uma vez dessa loucura.

– Não me decepcione minha pequena! Você precisa sair... – Me lembro de ter falado comigo mesmo, rezando para que tivesse conseguido atingir meu objetivo e a abalado o suficiente para que precisasse ir embora.

Com um sorriso escroto nos lábios, a vi sair da boate amparada por outra jovem, ainda tremula e pálida. Sim, essa menina precisa de mim. Incrivelmente, seus olhos mais uma vez pareciam colados aos meus, mesmo eu sabendo ser impossível, devido a película escura que reveste todo o meu carro por questões

óbvias de segurança e privacidade.

Por milésimos de segundos ficamos nos encarando, sem saber que o estávamos. Essa mulher parece dotada de um sensor, que indica eficazmente minha presença. Arranquei com o carro assim que ela entrou no taxi, sem conseguir extrair dos meus pensamentos a mulher com cara de anjo, a menina que parece atormentada por uma mistura de sentimentos desconexos que tanto me atraem.

Assim que meus olhos repousaram por sobre a figura pecaminosamente atrativa, mesmo de longe, consegui perceber sua dor, por mais que uma máscara aparente a tentasse disfarçar. Consegui enxergar a profundidade da sua alma, sua vida em cálida solidão.

Sem considerar a distância que nos separava, senti o gosto da lágrima fria que ela parece evitar, a pele trêmula, suplicando por um toque úmido que a desperte, em chamas, buscando um beijo ainda não dado. Um anjo... Um lindo anjo que precisa se curvar e pertencer. Pertencer a mim!

Sua doce alma grita pela liberdade em clausura, pela assinatura que apenas eu posso deixar em sua carne e principalmente, fica muito clara a necessidade que essa mulher, com um jeito doce e irresistível de menina, sente de se perceber segura. Segura em posse de um corpo impuro como o meu.

Fecho os olhos e me permito imaginar a pele macia da linda menina sendo cuidadosamente abusada pelas minhas mãos. Tudo que mais quero agora é provar do seu corpo, saboreá-lo como açúcar, deixá-lo molhado de prazer e totalmente derretido pela entrega sublime ao desejo.

Quero delimitá-la, descobrir o que a excita. Tomá-la de forma permanente para mim. Quero descobrir tudo a seu respeito, explorar seus limites além do infinito, ouvir seus gemidos, sussurros, gritos. Essa menina precisa ser minha, como uma gota faz parte do mar. Quero movê-la de seus perímetros costumeiros, excitá-la, amá-la.

Quero fazê-la sentir o meu mundo, para ela desconhecido, mostrá-la algo que nunca viu e jamais sentiu. Preciso, necessito domar sua alma e invadir seu coração, sentir o seu sabor adocicado, me extasiar penetrando-a e depois de tudo, sentir seu delicioso cheiro junto ao seu suor encharcando meus lençóis. Quero preenche-la por inteiro, sem deixar espaço para absolutamente mais nada em sua vida.

Me sirvo de uma dose dupla de uísque e como um som disforme, o ciúme invade a minha mente leviana de maneira gradativa e lenta. Em meio a minha loucura, imagino se ela tem alguém. E se tiver? Em seu ritmo frenético, minha psicose não para e me traz dor, uma dor que não atinge o corpo, mas sim minha alma ensandecida pela doença que me consome, a doença constante do domínio

que nunca poderá ser curada.

Meus pensamentos viajam no impossível, meu corpo inteiro treme só de imaginar outro homem desfrutando do seu abraço, da quentura dos seus lábios, da suavidade da sua pele macia. Disfarço minha tolice, tentando me despir da atitude escrota e do momento de fraqueza ao qual estou me permitindo mergulhar. Mal conheço essa mulher, não sei nada dela e isso me faz sentir ainda pior.

É como se tivesse uma missão, uma missão irrevogável de arrancar o corpo angelical de qualquer outra mão que possa tocá-lo. Puta merda! Quando vou deixar de ser esse monstro desprezível que me transformei? Não me importo em plantar a semente amarga da discórdia nem em meus próprios pensamentos febris e confusos, mesmo tendo a noção do quão amargo é o gosto do seu fruto.

A verdade é que quero a cumplicidade e a entrega plena dessa mulher, anjo e menina, única e exclusivamente para mim. Apertando os olhos em direção a escuridão da cidade, peço silenciosamente a Deus por misericórdia, não só para mim, por ouvir o que escuto dos meus próprios demônios e fazer o que quero sem me importar com mais nada.

Peço misericórdia por ela também, mesmo sabendo que a última coisa que Deus faz é ouvir meus apelos ou lamentos, mas preciso pedir para que a doce menina com cara de anjo tenha discernimento o suficiente e fuja, fuja antes que seja tarde demais e principalmente que não seja capaz de ouvir o som que me arde e que pode contaminá-la de forma perigosa, mudando sua vida e transformando o seu ser de maneira irrevogável.

Merda! Por mais que eu tente e busque pensar em outra coisa, não sou capaz. Como posso querer tanto essa desconhecida mulher? O dorso frio, como um campo de lírios completamente florido, a cor dourada dos cabelos sedosos, a boca fresca que promove a esperança de liberdade com seu beijo tímido e convidativo.

Sim, ela é linda! Linda e tentadora. Seu corpo grita, suplica para ser saciado, parecendo ter vivido na clausura sentimental por muito tempo, mas até do que deveria. Quero esse anjo sem asas dentro das minhas noites, preenchendo todos os meus dias! Quero doutriná-la, ensiná-la, domá-la.

Seus olhos azuis esverdeados, como uma rara esmeralda, emanam sentimentos contraditórios. Dor, sofrimento, melancolia, prazer, satisfação, necessidade. Necessidade de ser controlada, dominada, necessidade de pertencer! A pele fresca e macia que se salienta a minha vista, em um convite explícito para que meus dedos a marquem, deixando minha assinatura, tomando posse, carimbando aquilo que me pertence.

Putá que pariu! Preciso mudar o foco de qualquer maneira. Me jogo no

sofá e arranco de uma só vez a blusa, sem me preocupar com os botões que se espalham por todos os cantos. Com um dos braços, tapo os olhos, talvez em uma fuga da realidade, não querendo enxergar a insanidade que estou cometendo indo atrás de alguém tão puro e casto, que é óbvio, irei estragar a vida.

Porque é assim que sou, um filho da puta fodido, que só se importa com seus próprios problemas e pisa nas dores alheias. Meu Deus, o que faço para tirar essa porra de mulher da minha cabeça? Seguir adiante com meus propósitos impudicos será o mesmo que invalidar de vez a existência dessa criatura, então, por que diabos insisto em querê-la tanto e de um jeito tão intenso?

– Preciso me desligar! – Sem pensar muito e irritado com minha incapacidade de conter meus instintos, arremesso com toda força que sou capaz o copo de uísque na parede, concentrando minha frustração e descontrole emocional no ato irracional.

Meus olhos observam o estrago. O líquido âmbar escorre pela parede, deixando desenhos disformes, como minha mente e caráter o são. Por alguns segundos consigo me ausentar da realidade e até ameaço um sorriso diante da possibilidade de ter uma vida normal ao lado daquela garota.

Vida normal... A tempos não faço ideia do que isso signifique. Como ter uma vida normal estando atolado em merdas, desgostos e frustrações? Impossível. Respirando fundo me levanto, certo de que a coerência daquela jovem e inocente menina, a impedirá de se aproximar de mim.

A caminho do quarto em meio a escuridão assustadoramente solitária de meu apartamento, me pego pensando no quanto gostaria de ser surpreendido com sua presença no “*Back Page*” essa noite. Como dizem os mais otimistas... Esperança é a última que morre. Isso para quem a tem, não para um lixo humano e pouquíssimo aberto a coisas boas como eu.

CAPÍTULO CINCO



O som estridente do meu celular que toca de maneira insistente me desperta. Minha noite foi péssima, tive sonhos povoados por bocas, mãos, cheiros, sensações e vontades antes desconhecidas. Porém, o que mais me perturbou foi a voz... A voz rouca, sexy, ritmada e quente, que com apenas alguns simples acordes, foi capaz de me fazer viajar para outra dimensão.

– Oi... – Atendo, ainda sonolenta e já com a cabeça fervendo com os pensamentos conflitantes que domam o meu ser desde a noite passada.

– *Bom dia amiga! Te acordei?* – A voz suave e sempre animada de Clarisse me desperta de vez.

– Tudo bem, já estava mesmo na hora de sair da cama. – Falo em meio a um bocejo.

– *Que nada, aproveite o dia e descanse.*

– Se você queria que eu descansasse, por que então me ligou antes das nove da manhã? – Implico e consigo ouvir o sorrisinho de Clarisse através do som metálico da linha telefônica.

– *Só para avisar que deixei umas coisas em cima da minha cama para você.*

– Que tipo de coisas?

– *Coisas funcionais, as quais você irá precisar essa noite.*

– Clarisse... – Balbucio desanimada o nome de minha insistente amiga.

– *Ethel Lisa, me escute. Não existe a remota possibilidade de você não comparecer a esse encontro.*

– É claro que existe, na verdade, tanto existe que eu não vou!

– *Você vai.*

– Não, eu não vou.

– *Então me diga “Srta. Tenho certeza”, você realmente não tem vontade alguma de voltar a encontrar o misterioso gostosão que tenho certeza absoluta, domina seus pensamentos desde ontem a noite?*

– A questão não é essa, Clarisse...

– *Claro que não é! A questão é que mais uma vez você está boicotando suas vontades e desejos, Ethel.*

– Eu não estou fazendo isso!

– *Sim, você está. Você sempre faz isso. Na sua concepção, a palavra diversão e felicidade não cabem a sua pessoa.*

– E diante de tudo que já vivi, você ainda acha que devo esperar por algo de bom? Contos de fadas não existem, Clarisse! Mesmo porque, como já te falei, o cara não me pareceu um príncipe encantado, muito pelo contrário.

– *Ethel, quando você vai deixar de temer o lado negativo das esperas? Até na negatividade habita uma semente positiva que, mesmo que a gente desconheça, ainda estar por vir.*

– Poetizando o nada, amiga?

– *Esse é o seu problema, não reconhecer o tudo contido no interior do nada!*

– Sério? Agora vou precisar de tradutor para entender suas divagações?

– *Não meu bem, apenas assimile junto a mim. Quando temos que lidar com o nada, se encararmos com a naturalidade necessária, acabamos enxergando o tudo como a possibilidade de um “Turning point”.*

– Turning point?

– *Um recomeço, Ethel!* – Clarisse bufa do outro lado da linha, como se eu fosse obrigada a entender suas colocações ensandecidas.

– Sair para encontrar esse cara a noite não tem nada a ver com um recomeço Clarisse, muito pelo contrário. Você acha mesmo que quando ele souber o quanto sem graça e complicada eu sou ele mesmo não será o primeiro a me repelir com um imenso não?

– *E daí?*

– E daí que não quero ter um encontro com um “Não”!

– *Ethel, querida... Um encontro com o não jamais deve ser considerado uma derrota, mas sim uma abertura para vários “Sim”, que de outra forma, talvez não conseguíssemos enxergar, que dirá tentar viver!*

– Então na sua concepção um não é uma oportunidade imperdível de ter um sim?

– *Exatamente isso!*

– Clarisse, essa conversa está parecendo um papo de dois loucos!

– *Por que de médico e louco...*

– Todo mundo tem um pouco! Ok, você me convenceu, mesmo eu não tendo entendido porra nenhuma do que falou. Vou passar pelo seu quarto e olhar o que deixou para mim. – Falo, desistindo de tentar competir com a racionalidade irracional de minha amiga.

– *Muito bem, é assim que se fala. Agora preciso desligar, acho que já rolaram umas três paradas cárdio-respiratorias desde que iniciamos nossa*

conversa.

– Clarisse! – Exclamo chocada.

– *Relaxa, nada de muito sério. Eu consigo reverter.* – A risada de minha amiga é deliciosamente contagiante.

– Claro que consegue, afinal você é o máximo!

– *Não, não sou o máximo, eu sou foda, muito foda! Beijos amiga, te ligo mais tarde.*

Fiquei um longo tempo sentada na cama, pensando no que devo ou não fazer. A noite anterior ainda grita em minhas entranhas remexidas pelo homem desconhecido que foi capaz de me submeter sem dificuldade alguma. A sensação que tenho é que nele encontrei meu maior pecado, mas também a remissão da confissão.

Através do seu belíssimo e potente olhar eu me enxerguei, como se estivesse diante de um cristalino espelho. A respiração sufocada compassada a minha me fez sentir viva, saindo da minha guerra interna, dolorosa e doentia, me jogando na paz dominadora que ele me implantou.

Quando suas mãos desconhecidas e quentes percorreram minha pele morna, percebi que naquele momento eu tinha tudo, mesmo sem ter nada, teimando em vagar pelo mundo frio das minhas próprias imposições emocionais, não me dei conta de que as barreiras construídas por mim, a fim de evitar qualquer tipo de sofrimento ou decepção, foram derrubadas.

Mesmo estando em um ambiente lotado de pessoas, cercados de olhares, era como se a porta de um quarto sem regras tivesse sido fechada, onde eu fui capaz de me liberar, permitindo que a dor que aflige a minha alma simplesmente cessasse. Meu corpo vibrou, minhas vontades ecoaram... Foi como se a vida gritasse diante do jogo que ele me impunha.

Tomando coragem, levanto da cama e corro em direção ao quarto de Clarisse. Por sobre sua cama me deparo com um belíssimo vestido vermelho tomara que caia, justo até a altura da cintura e lindamente finalizado em uma saia armada, que muito provavelmente deve chegar a altura dos meus joelhos.

Ao lado, um par de sandálias pretas com tiras que devem dar algumas muitas voltas em meus tornozelos, a caixinha com o brinco que usei noite passada, uma linda e delicada bolsinha de mão também preta, a famosa nécessaire lotada de maquiagens diversas e uma garrafa de champanhe, onde um bilhete encontra-se enrolado.

Curiosa, sento a cama e apanho o pequeno pedaço de papel, reconhecendo imediatamente a caligrafia corrida e quase ilegível de minha amiga. Sorrio ao lembrar quantas vezes impliquei com ela por isso, afirmando que seus pacientes jamais entenderiam o que ela escreveria. Cheguei ao cumulo

de presenteá-la em um dos seus aniversários com um caderninho de caligrafia.

“A vida não oferece promessas nem garantias. Apenas possibilidades e oportunidades. Aproveite! Como dizem por aí, um raio não cai duas vezes no mesmo lugar e muito menos a vida é generosa o suficiente para proporcionar uma segunda chance. Sua sempre amiga, Clarisse Thompson.”

Tudo bem, recado dado, recado entendido. Me enchendo de coragem, pego a roupa junto aos acessórios de cima da cama de Clarisse e tomo a mais controversa decisão da minha vida. Que se dane se o não já é certo, vou me jogar e me permitir acreditar em um sonoro e generoso sim. Vou encontrar esse homem essa noite e de uma vez por todas, quebrar a redoma de medo e frustração que me permiti ser envolvida por todos esses anos.

Oito e meia e meus nervos estão a flor da pele. Nervosa, aguardo o taxi na portaria do prédio. Depois de um telefonema de mais de uma hora de Clarisse, onde ela fez questão de passar diversas instruções de como devo agir, me vejo perdida na quantidade exorbitante de informações, as quais é mais do que óbvio, não consegui assimilar absolutamente nada.

Quando o taxi chega, me vejo dividida entre a vontade absoluta de correr de volta para a segurança do meu quarto e a louca tentação de tornar a encontrar o desconhecido excitante, que arrancou de mim emoções que eu nem sabia que poderia sentir, quando mais existir. Respiro fundo e resolvo seguir adiante. Não aguentaria viver a frustração de nem ao menos ter tentado.

– Para onde minha jovem? – Pergunta o senhor, muito provavelmente de origem indiana, exibindo uma bela barba e um turbante que se assemelha muito ao cabelo da “*Marge Simpson*”.

– Quinze da “*Kearney Square*”. – Sorrio, tentando disfarçar meu divertimento com o pensamento sobre seu turbante.

– “*Back Page*”? – O educado senhor pergunta, já arrancando com o carro.

– Isso, para lá mesmo.

– Dizem que é um lugar incrível. Pelo que sei, só frequentado por bacanas.

– Sério? – Rio das palavras do taxista e do seu sotaque bem carregado. Claro que é um lugar para bacanas, se não o fosse, o misterioso cavalheiro negro não seria fichinha repetida por lá.

– Já levei alguns passageiros até lá. Vive cheio de celebridades. Certa vez dei de cara com “*Jay-Z*” em pessoa.

– “*Beyoncé*” não estava junto? – Pergunto sorrindo.

– Não minha jovem. O “*Back Page*” não é um lugar onde os homens costumam levar suas esposas. – O motorista movimenta uma das mãos, como se não aprovasse tal atitude.

Ok, agora realmente fiquei muito bolada com a informação. Como assim não é um lugar onde os homens possam levar suas esposas? Meu discernimento finalmente desperta. Caralho! Sério que esse homem marcou um encontro comigo em uma boate que é conhecida por ser um antro de adultério?

– O Senhor quer dizer que aqueles famosos, os mais famosos, costumam levar suas amantes para lá? – Tomo coragem de perguntar.

– Não só os famosos mais famosos, minha jovem. Empresários, empreendedores, pessoas importantes de um modo em geral. Tudo que acontece dentro daquelas paredes, morre por lá.

– Tudo que acontece? – Indago começando a chacoalhar de nervoso.

– Não é uma casa de danças convencional. Lá, grandes negócios são fechados, negócios que precisam ser mantidos em sigilo, casos extraconjugais...

– Alguma coisa ilícita?

– Minha jovem, você está em Boston, em qualquer esquina dessa cidade existem coisas ilícitas.

– Ilícitas do tipo? – Tranco os dedos por sobre meu colo, pensando seriamente na possibilidade de pedir ao motorista que de a meia volta.

– Drogas, prostituição, gostos singulares... Tudo que não pode ou deve ser considerado normal.

– Prostituição?

– Isso não é exclusividade da “*Back Page*”, minha jovem. A grande maioria das boates de luxo em Boston trabalham nesse esquema.

– Esquema? – Puta que pariu! Onde afinal fui me meter?

– Acompanhantes de luxo. Pelo visto você é nova por aqui, estou certo?

– Me olhando através do espelho retrovisor, o simpático motorista franze sua já bem enrugada testa, visivelmente castigada pelo sol.

– Estou aqui a apenas dois dias. Sou de New Castle. – Falo, confusa comigo mesma por ainda não ter desistido dessa ideia louca de ir encontrar um homem estranho em um antro ilícito de coisas ilícitas.

– Delaware. Lugar bom, cheio de gente boa. Já estive lá algumas vezes. Minha esposa é americana e tem família na Pennsylvania, costumamos passar as férias escolares das crianças por aquelas bandas. O que a trouxe para uma cidade como Boston?

– Tive uma proposta de trabalho. – Proposta de trabalho? Qual é Ethel! A quem você quer enganar? Me recrimino mentalmente.

Tive um desafio, o qual jamais serei capaz de cumprir e ao invés de estar

buscando desesperadamente outro emprego que me sustente, estou dentro de um taxi, de conversa fiada com um indiano simpático, indo ao encontro de um homem que mexeu completamente com minhas estruturas e de quem nada sei.

– Trabalhar em Boston, o sonho de toda menina do interior.

– Sonho que virou pesadelo... – Balbucio, mais para mim mesma do que para o motorista, que sorri através de espelho retrovisor em minha direção.

– “*Back Page*”? – Ele se refere a boate, talvez meu desalento tenha dado a entender que esse era o meu tal emprego.

– Não! De forma alguma. Estou apenas indo encontrar um amigo na “*Back Page*”. – Me explico, sentindo uma necessidade tremenda de esclarecer que não sou esse tipo de mulher.

– Sou jornalista. Tive uma proposta para ser estagiária no “*NBP*”. – Termino minha explicação sem sequer respirar, agoniada por ter causado a impressão errada em um desconhecido, que agora, sorri ainda mais abertamente, como se achasse graça do meu aparente desconforto.

– Que bom, fico feliz em ouvir isso. Seria apenas mais uma das meninas interioranas que se perderiam nessa selva louca de pedras.

– Não tenho intenção alguma de me perder, garanto ao senhor. – Sorrio de volta, dando por encerrado o assunto, apreensiva demais para continuar com qualquer tipo de diálogo, mesmo que casual.

Uns dez minutos depois estou de pé, olhando apavorada para a imponente construção que abriga a boate em sua cobertura. Apesar do frio, o suor começa a escorrer por dentro do meu vestido e preciso me controlar para não ter uma crise histérica e sair correndo como uma louca pelo meio da rua.

– Não, eu não posso... – Decido que não sou capaz de encarar essa noite. A verdade é que nem deveria ter vindo.

Baixo meus olhos e verifico meus pés. Falando muito sério, não faço mesmo ideia do porque estar fazendo isso. Talvez tenha gostado do efeito que a sandália trançada em meus tornozelos causou. Sei lá. Sem graça com minha pouquíssima falta de coragem, aliso a saia armada do belíssimo vestido vermelho de Clarisse e quando já estava prestes a me virar e caminhar para bem longe do prédio, dedos fortes, quase brutais seguram meu braço, na altura do meu cotovelo.

– Senhorita, peço por favor que me acompanhe. – Uma voz rude e rouca me interpela e ao mesmo tempo me assusta.

– Desculpe, acompanhá-lo para onde? – O desespero começa a me invadir. Quem é esse homem imenso e para onde ele quer que eu vá?

Penso em gritar, me debater, tentar me soltar e correr, mas apenas uma rápida olhada no homem me faz desistir imediatamente de todas as ideias. Um

armário! Sim, ele é imenso. Vestido em um terno negro e de fisionomia nada amigável, apenas o seu olhar já me faria ficar estancada como uma bandeira em meio mastro de tão apavorada.

– Apenas venha comigo, Senhorita.

– É claro que não vou com você! Me solte, por favor! – Puxo meu braço e nesse momento noto que o brutamonte não tem pretensão alguma de me soltar. Apesar de não me machucar, seus dedos exercem pressão suficiente para que eu cesse minha tentativa vã de me soltar.

Assustada, me vejo ser conduzida para o interior do prédio que mal tive como avaliar. Em questão de menos de um minuto, já estávamos dentro do elevador, onde o troglodita encaixou uma chave logo após tocar o leitor digital, travando as portas e evitando que fizesse escalas em outros andares.

Um pouco aliviada, percebo que nosso destino é a cobertura, onde a boate está localizada. Menos mal, esse ogro gigante não vai ter coragem de fazer nada contra mim diante de tanta gente. Assim que a porta do elevador se abre, sou gentilmente empurrada para fora e quando tomei coragem de olhar para trás, percebi que o troglodita havia simplesmente desaparecido.

Nervosa, me vi perdida em uma enxurrada de gente bonita e muito bem vestida. Nessas horas preciso agradecer o bom senso e conhecimento de Clarisse, caso contrário, estaria parecendo uma camponesa em meio a tanto luxo estético. É simplesmente um mar de beleza exagerada.

Meio sem jeito, ando vagorosamente até a porta giratória que dá acesso ao interior da boate. E agora? O que exatamente devo fazer? Achei que chegaria e acharia uma bilheteria, onde poderia comprar uma entrada, como em qualquer outro lugar normal. Sim, olha a doce e ingênua menina achando estar em um cinema de Delaware! Nervosa, percebo que o segurança da porta carrega uma lista, onde risca com uma caneta marcadora a cada novo convidado que se aproxima e dá o seu nome.

Claramente, é um ambiente exclusivo para convidados e como eu posso ter sido convidada se nem o meu nome ele sabe? Desanimada dou meia volta e me dirijo a caminho do elevador, tentando disfarçar meu tormento. A única coisa que posso fazer é descer e correr para casa, aproveitando que o ogro gigante desapareceu temporariamente.

– Senhorita? – Uma voz feminina adocada e simpática me interpela. Observando por sobre o meu ombro me deparo com uma jovem loira de simplesmente parar o trânsito. Tudo bem, mais deslocada do que nesse instante seria impossível eu estar!

– Oi... – Respondo, buscando a voz sei lá de onde.

– A senhorita está sendo aguardada, poderia fazer a gentileza de me

acompanhar?

A jovem sorri e tenho vontade de ligar para o meu dentista em Delaware e xingá-lo de todos os nomes feios que conheço. Mesmo após anos de aparelho ortodôntico e cuidados semanais com meus dentes, a discrepância é muito mais do que aparente. Bom, melhor mesmo é não sorrir. De maneira alguma!

Com passos incertos, me afastei um pouco do elevador e segui em sua direção, tentando evitar a todo custo a coleção dentária digna de um “*Oscar*” que enfeita seu rosto deslumbrante e muito bem maquiado. Pelo menos ela é alguns centímetros mais baixa que eu, não vai segurar meu braço como o troglodita o fez, ainda me dando a oportunidade de quebrar um dos seus belíssimos dentes por pura dor de cotovelo de não tê-los.

Com um sorriso amarelo, evitando mostrar os dentes é claro, retribuo sua delicadeza e a acompanho pelo caminho indicado. Não entramos pela porta principal, mas sim por uma lateral, onde as palavras “*Acesso restrito*” estampadas deixam claro que não é qualquer pessoa que pode ou deve passar por ali.

Com um gesto delicado de sua pequenina mão, ela me cede a frente e antes mesmo que eu percebesse, a jovem já havia desaparecido, como em um passe de mágica. Foda viu! Além de linda, dentes perfeitos e delicada, a filha da mãe ainda tem poderes mágicos? Sorrindo com meu pensamento idiota me dou conta da sensação estranha que invade meu corpo.

Sim, ele está aqui. Olho através do corredor por onde entramos e não visualizo ninguém, desesperada pela intensidade com que meu corpo reage, continuo a caminhar, até me deparar com um enorme salão escuro, lotado de pessoas e com uma música estridente demais para o meu gosto, que me faz imaginar como não tinha percebido os acordes nada discretos antes.

Incerta do que fazer e de como agir, vou em direção ao imenso bar, que mantém alguns dos seus bancos altos vazios, uma vez que a multidão presente se espalha pela pista de dança ou nas mesas que parecem reservadas para os convidados mais “*VIPs*”. Como se aqui algum convidado não fosse “*VIP*”!

Com cuidado, me acomodo em um dos bancos, cruzando as pernas para não dar um espetáculo particular e mostrar a calcinha ridiculamente minúscula que não sei porque cagas d’água, resolvi vestir. Nesse momento, as palavras do motorista indiano me voltam com tudo a cabeça.

Sentada aqui, sozinha, com cara de quem nada sabe e nada quer, muito provavelmente serei confundida com uma das acompanhantes de luxo que ele citou. Nervosa com a possibilidade, levanto em um único pulo e nesse momento mais uma vez me vejo mergulhada na floresta sombria de emoções, que mesmo achando absurdo, sei que só aquele homem estranho e desconhecido é capaz de

me causar.

Braços fortes enlaçam minha cintura e a partir de agora, compreendo que meu corpo e minha alma não me pertencem mais. Inclinando minha cabeça, recosto no peito forte, sem precisar virar o rosto para ter a certeza de que é ele. Todos os meus músculos tremem e minha respiração acompanha o ritmo frenético dos meus batimentos cardíacos.

– Feliz em vê-la, minha menina. – A voz rouca e sexy pronunciada próxima demais ao meu ouvido literalmente me faz vazar de tanto tesão.

– Para ser sincera, não sei ao certo porque vim... – Falo baixo, sendo o mais honesta possível, mas, já sem consegui conter a dormência que se instalou em minha língua ao lembrar o poder do beijo desse homem.

– Você veio por que se encaixa perfeitamente no meu mundo, mesmo ainda não sabendo disso, é claro. – Enquanto fala, seu braço me enlaça ainda mais forte pela cintura. Uma delícia por sinal!

De maneira nada discreta, ele força meu corpo contra o dele, onde já consigo sentir claramente o grau de excitação que se instala nele. Sua outra mão brinca em meus cabelos e pescoço, desenhando círculos perfeitos, me obrigando a fechar os olhos e não sucumbir ali mesmo ao desejo arrebatador que me domina.

– E que mundo é esse? – Pergunto em meio a um gemido que não consigo conter. Sou brindada com um sorriso que não preciso ver, apenas sentir, junto ao hálito quente em meu pescoço.

– Alguns minutos, apenas isso menina... Esse tempo será o suficiente para que eu consiga mostrá-lo a você.

– Alguns minutos? – Repito confusa.

– Não pondere. Apenas me permita explorá-la. Me permita trazê-la para o meu mundo.

– Você me deixa confusa... – Manhosa, ondulo meu corpo contra o dele, que posso estar imaginando coisas, mas deixa escapar um gemido rouco do fundo de sua garganta.

– No meu mundo não existe confusão, sua entrega a deixará livre de qualquer comprometimento. Apenas se permita entender.

– Tudo bem... – Caralho! Não estou acreditando que concordei com essa loucura!

– Vamos.

– Vamos? Para onde? – Tento virar meu corpo para encará-lo, mas sou impedida pela mão forte que ainda domina minha cintura.

– Primeira regra do meu mundo. Não desobedeça. Apenas se permita ser guiada por mim.

– Não desobedecer? A questão aqui não é desobedecer, quero apenas saber... – Tento ponderar, mas sou imediatamente interrompida.

– Vai mesmo desobedecer? – A voz se torna ainda mais rouca e dessa vez é regada em um autoritarismo erótico e excitante.

– Não... Não vou. – De forma impressionante, não me senti mal com minhas próprias palavras que acabam de me submeter a um completo estranho, muito pelo contrário. Me sinto aliviada em não precisar tomar decisões por mim mesma e deixar em suas mãos esse poder.

– O certo é... Não, Senhor. – Enquanto fala, ele mordisca levemente o lóbulo de minha orelha, me arrancando um gemido gutural do fundo da alma.

– Vou perguntar novamente. Vai me desobedecer, minha menina?

– Não Senhor. – Respondo de imediato, começando a cagar e andar para qualquer tipo de conceito pré-estabelecido para um primeiro encontro.

– Boa menina. Se você conseguisse dimensionar o tesão que sinto ao ouvir essas palavras saírem da sua boca. Comería você aqui mesmo, no meio dessa pista de dança, sem me importar com a imensa plateia que certamente morreria de inveja de me ver enfiado na sua bocetinha molhada e apertada.

– O que? – Não sei se estou chocada com as palavras vulgares e obscenas, mas certamente posso garantir que estou triplamente molhada com elas. Desesperada, aperto as coxas, temendo que meu desejo escorra pelas minhas coxas.

– Venha.

Sem me dar a oportunidade de falar mais nada, sua mão agarra a minha, onde ele trança seus dedos aos meus, seguindo a minha frente e nos guiando até o local onde já havia avistado antes, cheio de mesas e também de casais que querem e pelo que vejo, precisam de um pouco mais de privacidade. Que merda estou fazendo?

Até hoje jamais havia me permitido tal situação, muito pelo contrário, sempre vivi mentiras, as minhas mentiras, que continuamente foram capazes de me deixar confortável dentro das minhas limitações emocionais. Em questão a relacionamentos então, desses sempre fiz questão de me perder.

Sorria constantemente aos céus, por assim achar que conseguia disfarçar o tão pouco que me achava. Beijeí bocas, me entreguei a quem muito provavelmente não deveria ter me entregue. Não sou uma santa no que diz respeito a sexo, mas não posso também me considerar uma mulher experiente.

Cedi meu abraço, muitas vezes achando que estava no caminho certo, mas tudo que ouvia eram suspiros e sussurros de sonhos inacabados, e talvez por isso mesmo, tenha desistido de sonhar. Aceitei numa boa que a solidão era o meu destino. Aquele dom precioso de a tudo ser feliz, preenchendo as falhas que a

vida me impôs com memórias nada gloriosas, realmente não pertencem a mim.

Por mais que eu tente, meu coração tortuoso, acostumado as rejeições constantes, não consegue aprender a ousadia da realidade de uma entrega. De qualquer forma, hoje estou me permitindo essa ousadia e quem sabe aprendendo que a entrega e a vontade não só destroem, mas também são capazes de construir.

A força desse homem faz com que nada mais me importe, é como se eu não pertencesse a lugar algum que não fosse ao lado dele. Incrivelmente deletei o reino de solidão que sempre vivi e me convenço de todos os sentimentos que tanto expurguei, me deixando levar pelos meus excessos, caio na rede excitante de todas as sensações emocionais... Literalmente me jogo, com o coração liberto e a alma pronta para ser domada e por sua vez, tomada!

CAPÍTULO SEIS



– Uma garrafa de “*Château d'Yquem e Ygrec*” safra 1811, por favor. – O já conhecido desconhecido se dirige ao garçom com uma intimidade que deixa bem óbvio que sua presença por aqui é muito constante, assim como seus gostos finos e requintados.

Ficamos calados, sentados um ao lado do outro até que o garçom voltasse e nos servisse com o delicioso vinho, que mesmo que não fosse delicioso, eu acharia o manjar dos deuses, devido ao toque constante da coxa musculosa na minha, movimento que ele faz parecer involuntário, mas que é óbvio, tem como objetivo principal me provocar.

– Me diga, você é uma mulher que gosta de mistérios? – A pergunta me surpreende e pela primeira vez, fixo meus olhos nos cristais azulados que deixam seu rosto ainda mais lindo do que já é.

– Não sei... – Respondo tendo a consciência de que estou sendo contraditória, uma vez que estou sentada em uma mesa com um dos homens mais misteriosos da face da terra.

– Não sabe? A maioria das mulheres gosta, não gosta? – Ele insiste.

– Sendo bem honesta, acho que todas gostam, não só a maioria. – Ele sorri e suas covinhas sobressaem, me fazendo querer passar a língua em casa uma delas.

– Probidade. Eu admiro isso em uma mulher. Ponto positivo para você menina.

– Devo agradecer o ponto positivo? Vou ganhar uma estrelinha por bom comportamento? – Empino meu nariz e o encaro, pela primeira vez de maneira desafiadora. Nesse exato momento vejo sua fisionomia mudar.

É como se ele tivesse se transformado no mais perigoso dos predadores, pronto para atacar sua inocente e indefesa vítima, que nesse caso, sou eu. Parecendo sair do seu transe, ele volta a sorrir, colocando uma mecha de cabelo rebelde que teimava em cair sobre minha testa para traz de minha orelha. O simples toque me faz estremecer e o sorriso belíssimo se alarga.

– Você estaria disposta a brincar? – Um gole em sua taça e a visão de seu pescoço esbelto e bem torneado me faz apertar as coxas. Quero morder esse

homem, desde o pescoço até o lugar mais escondido do seu corpo gostoso.

– Brincar? – Indago, me recuperando do meu pensamento nada pudico.

– Sim, brincar. Vamos fazer um jogo, o que você acha?

– Um jogo do tipo?

– Do tipo perguntas e respostas.

– Finalmente vai perguntar meu nome? – Carrego minha voz com sarcasmo quando pergunto.

– Como já falei antes, nomes são desnecessários uma vez que existe o encontro de duas almas. – E lá vem ele com esse papo de “*almas*” mais uma vez.

– Poético, mas pouquíssimo prático e convencional. – Estendo minha taça e o vejo completá-la, com um sorriso enigmático desenhando seus belíssimos lábios.

– Eu sou um homem pouco convencional.

– Sério? Eu nem tinha percebido isso!

– Gosto desse seu jeito atrevido. Ele me estimula.

– Estimula?

– Sim, muito me estimula. E então, vamos jogar? – Recostando seu imenso corpo contra o encosto de couro vermelho, ele me encara, como se estivesse me desafiando a aceitar.

– E como vai ser esse jogo? – Receosa, porque é exatamente assim que me sinto, começo a pensar nas probabilidades negativas de aceitar jogar com um homem que emana tamanha intimidação e poder.

– Para cada coisa que eu disser a seu respeito e estiver certo, ganho o direito de tocar uma parte do seu corpo.

– Tocar uma parte do meu corpo? Estamos em um boate lotada! E mesmo que não estivéssemos, acha mesmo que deixaria um desconhecido tocar alguma parte do meu corpo dessa maneira?

– Isso não me pareceu um problema para você na noite passada...

– Foi diferente. – Falo, sem argumentos inteligentes o suficiente para me defender.

– Não, não foi. Por outro lado, eu posso simplesmente não acertar nada a seu respeito e acabar não tocando em nem um único fio de cabelo seu.

– E se você errar? Eu vou poder tocar em uma parte do seu corpo? – Puta merda! O que diabos deu em mim? Sério que eu quero mesmo entrar em um jogo do tipo “*Pera, uva, maçã, salada mista*” em “*Braille*” com esse homem?

– Fica a seu critério. De qualquer forma, gostaria que entendesse que se não topar tem total liberdade de se levantar e ir se divertir como e com quem bem entender.

– Eu aceito. Qual a pergunta?

– Pergunta não. Afirmação.

– Tudo bem, qual é a afirmação?

– Você é uma mulher sozinha e já sofreu várias decepções. Arriscaria dizer que tem como objetivo se vingar de quem tanto a decepcionou. Errei? – Cerro os olhos e o encaro. Essa eu ganhei. Só não saio dando pulinhos de alegria porque bem lá no fundo estou bem decepcionada por não ser tocada por sua deliciosa mão.

– Errou... Bem, mais ou menos.

– Onde eu errei?

– Jamais me vingaria de quem me decepcionou, não faz o meu estilo. Simplesmente dou as costas e vou embora.

– Interessante. – Ele sorri e me encara. Sua fisionomia é uma incógnita.

– Isso significa que eu posso tocá-lo. – Baixo os olhos e me envergonho de tamanha expansividade.

– Pode, esse era o acordo. Onde quer tocar? – Ele se aproxima, deixando seu rosto tão próximo ao meu que me delicio diante do hálito adocicado pelo vinho.

– Escolho os lábios. – Falo baixinho, já sem fôlego diante da possibilidade de explorar a boca perfeita desse homem.

– E como quer tocar? Com as mãos? – O filho da puta segura o lábio inferior com os dentes, me obrigando a esmagar uma coxa na outra diante da cena.

– Com o indicador, bem de leve.

– Estou a sua inteira disposição.

O mundo parou quando ele aproximou de uma vez seu rosto do meu. A música, os barulhos, as pessoas... Nada mais existe, apenas a possibilidade de poder explorar o território desconhecido que é esse homem. Lentamente ergo minha mão, deslizando meu indicador suavemente pelo contorno perfeito de sua boca.

Com os olhos fixados aos meus ele me lambe. Sua língua desliza por todo o comprimento do meu dedo, já na ponta, ele desfere uma dolorida mordida, logo depois enfiando-o na boca e chupando de um jeito que deixaria até uma freira monástica molhada. Mais uma chupada, outra mordida, um beijo e uma soprada e ele volta a se recostar, me deixando com cara de idiota, tendo a certeza que por mais que ele tenha errado a tal afirmação, o prêmio foi dele e não meu.

– Você tem um gosto maravilhoso. – Ele fala, passando a ponta da língua pelos lábios, como se retirasse o excesso de sorvete escorrido. Sexy para

caralho!

– Próxima afirmação... – Pigarreio antes de falar e desvio o olhar, a tempo de ver o sorriso mordaz transformar seu rosto.

– Você é uma mulher de postura firme, que não dá espaço para que entrem em sua vida e prefere se manter a distância, mas se desmancha ao se deparar com algo que provoca medo e mistério.

– A mais pura verdade...

Ele não esperou qualquer tipo de reação minha e também não adiantou nenhum movimento, apenas me observou. Por alguns segundos, achei que não iria me tocar até que ergueu sua bem cuidada e forte mão, acariciando suavemente meu rosto, desde a têmpora até o queixo, chegando enfim a minha boca, onde forçou a entrada de seu polegar por entre meus lábios, forçando-o para baixo.

– Chupe. – A voz rouca e o olhar intimidador me fizeram obedecer na mesma hora.

De olhos fechados me delicieei com o seu gosto. Gosto de homem, homem de verdade. Arrastei os dentes na pele firme e ao mesmo tempo macia, fazendo sucções leves e cadenciadas, terminando o balé erótico com uma suave e proposital mordida bem na ponta.

Como se absolutamente nada tivesse acontecido, ele retirou o dedo e voltou a se recostar, tomando um longo e demorado gole do vinho. Sem entender direito, apenas observei. Como um homem pode ter tanto controle sobre suas emoções? Estou aqui me desmanchando de tesão enquanto ele parece estar assistindo um jogo de futebol na televisão de casa cercado de amigos.

– Quer continuar? – Ele fala, não me permitindo reconhecer qualquer emoção em sua voz.

– Sim... – Respondo desviando os olhos.

– Está gostando?

– Hum, hum... – Sou vaga na minha resposta, apenas para não cometer a gafe de gritar que estou deliciada com a brincadeira.

– Não era a resposta que eu esperava, minha menina. Vamos, você consegue e pode fazer melhor.

– Sim, estou adorando. – Disfarço minha total falta de vergonha mexendo incessantemente nas pregas do vestido vermelho que cobrem minhas coxas.

– Estou certo quando digo que sente seu corpo incomodado toda vez que é pressionada a fazer algo que tira você da sua zona de conforto moral.

– Conforto moral?

– Sim, pequena. Quando você mesma se obriga a não se mostrar tão certinha.

– Vou ser obrigada a mais uma vez dizer que está certo...

– Eu sei que estou.

– Você é sempre assim tão convencido?

– Não estou sendo convencido, estou sendo honesto. Isso te incomoda?

– Honestidade não me incomoda... Nunca. Por exemplo, estou sendo honesta, o máximo que posso, mesmo sabendo que vai ser muito fácil você usar essas informações contra mim. – Dou um risinho sem graça, sabendo que ele é um homem capaz de usar qualquer coisa a seu favor.

– Jamais usaria nada contra você, minha menina.

Falando isso, ele deslizou sua mão pelo meu braço de forma lenta e delicada, em um carinho delicioso, me obrigando a fechar os olhos. Surpreendentemente, ele alcança minha mão, onde entrelaça seus dedos aos meus, arrancando um gemido baixinho da minha garganta. Do erótico ao romântico. Impossível compreender esse homem!

– Continuamos o jogo? – Ele pergunta, com os lábios muito próximos aos meus.

– Sim... – O movimento que minhas palavras liberam de meus lábios fazem nossas peles se tocarem levemente e isso é combustível o suficiente para um lançamento intergaláctico em meu corpo.

– Posso dizer que você é uma mulher resolvida, independente, mas está confusa e apavorada, se descobrindo dominada por um estranho que te conheceu na pista de uma boate.

– Mais uma vez... É verdade. – Engoli em seco para responder e perdi completamente a respiração quando senti sua mão quente apertar meu joelho.

– Posso dizer ainda que você fica morrendo de vontade de ouvir eu dizer coisas atrevidas, mas se incomoda por eu tomar cuidado e escolher cada palavra. Estou enganado?

– Não, não está. Pensei em mentir, mas seria injusto... – Meu coração acelera quando sua mão começa a deslizar por entre as minhas coxas, me fazendo travar as pernas na mesma hora. Ele apenas sorri, mas não retira sua mão, me fazendo ver estrelas de tanto desejo.

– Quer seguir o jogo? – A voz amanteigada flui por sua boca, passeando pela sua língua, me provocando espasmos descontrolados por todo o corpo.

– Quero...Uma hora você vai ter que errar – Respondo bem baixinho, forçando um sorrisinho.

– Ótimo. Então vou escolher outro castigo.

– Castigo? – O encaro assustada. Como assim castigo?

– Se eu acertar... – Ergo minha mão e o interrompo, ainda bagunçada por ouvir a palavra castigo.

– Estávamos falando de toques, não de castigos.

– Uma palavra não muda a intenção. Apenas me siga, pode ser? – Suspiro ao ouvir suas palavras. Onde diabos estou me metendo?

– Tudo bem...

– Tudo bem o que?

– Como assim, o que?

– Quero ouvir a frase completa.

– Essa é a frase completa. Tudo bem, eu aceito continuar na brincadeira.

– Respondo confusa.

– Minha menina, tão doce, tão ingênua, tem tanto ainda para aprender. Sua curiosidade contida em seu olhar me excita e me estimula. Apenas fale a frase completa.

– Que porra de frase completa? – Sério, agora perdi a paciência. Que esse cara era meio pancada da cabeça eu já sabia, mas agora está falando com enigmas também? Isso é demais para meu limitado entendimento.

– Senhor. – O tom de voz grave não deixa dúvida alguma que não é uma brincadeira.

– Senhor? Você quer que eu o chame de... Senhor? – Olho estarelecida para o belíssimo rosto a minha frente, que parece desdenhar da minha agitação.

– Será assim que irá me chamar nos momentos oportunos, doce menina. Agora a frase, completa. – Ele insiste e não me vejo capaz de resistir a sua intensidade e força mais uma vez.

– Tudo bem... Senhor. – Sem condições de manter seu olhar quase sádico, baixo a cabeça, sentindo o apertar de seus dedos entre as minhas coxas.

– Deliciosa. Simplesmente deliciosa. – Pode parecer loucura, mas o cara parece ter acabado de alcançar um orgasmo por eu tê-lo chamado de senhor. Que doido!

– Podemos continuar? – Se aproximando, ele pergunta.

– Sim...

– Sim o que, pequena?

– Sim, Senhor. – O sorriso que se desenha em seu rosto é tão emblemático e incompreensível, que chega a assustar.

– Você se força a negar, mas sente curiosidade em saber como seria estar sozinha entre quatro paredes comigo, e isso te faz umedecer sua calcinha e deixar essa sua bocetinha apertada pingando de vontade.

Não consegui responder, apenas gemi quando percebi sua mão abrindo caminho por entre as minhas coxas e avançando em direção ao meu ponto em ebulição tão necessitado. Inconscientemente, abri de leve as pernas, permitindo a exploração. Dedos longos tocam a renda encharcada da minha calcinha e o

sorriso de satisfação dele quase me faz gozar.

– Molhada, quente e molhada. – Ele murmura, extasiado com sua constatação.

– Por favor... – Jogo a cabeça para trás e me delicio com os movimentos circulares que seu dedo faz por todo o meu sexo.

– Me diz, minha menina. Você já descobriu o que eu sou e a que mundo quero te apresentar, não?

– Você é intimidador, excitante e muito intenso... é isso? – Gaguejo e quase perco o ar ao sentir um leve beliscão em meu clitóris.

– Digamos que está quente, quase lá. O jogo continua?

– Sim...

– Sim o que, minha menina?

– Sim, Senhor. – Minha voz não passa de um grunhido disforme. Meus tesões me impede qualquer reação racional e clara.

– Você está louca para fazer tudo que eu mandar. Sei que vai contestar, mas sei que quer me obedecer. Estou certo?

– Sim, está certo.

– Ainda quer seguir no jogo?

– Quero...

– Ótimo. Levante-se, vá ao toalete, retire sua calcinha e traga para mim.

Agora!

– Vou precisar discordar... Senhor! – Falo em tom de deboche. Ironizando a parte do senhor.

– Dessa vez errou feio, bem feio. – Completo me vangloriando internamente.

– Errei? – Não sei porque a pergunta dele me preocupou. Ele me parece seguro demais de que não errou, mesmo eu tendo certeza absoluta de que acertei.

– Sim, errou... não preciso ir ao toalete, tiro aqui mesmo a calcinha e entrego na sua mão. Minha vez! – Digo animada, já pronta para tocá-lo mais uma vez.

– Não. – O tom seco e dominador faz estancar minhas vontades imediatamente.

– Mas esse era o trato...

– Era não, é. O problema é, você não acertou. Não quero simplesmente sua calcinha, mas sim que sinta o prazer de ir com ela e voltar caminhando sem ela, sentindo o melado entre suas coxas escorrer. Você apenas obedece. Como pode ver, estou mais do que nunca no jogo. Eu acertei

– E quando eu voltar você não vai estar mais na mesa é isso, para manter o mistério, da mesma maneira que fez ontem? – Digo, tentando esconder minha

frustração em ter sido largada daquele jeito por ele.

– Vou estar aqui. Quero ver seu constrangimento ao caminhar sem a calcinha. E se quer jogar, apenas obedeça, mocinha.

Por alguns segundo fico parada, olhando com cara de nada em sua direção. Que homem normal mandaria a garota com quem está saindo ir até o banheiro e voltar sem a calcinha apenas pelo prazer de saber que ela o fez por obedecer a uma ordem sua? Preocupada, começo a imaginar se estou na mesa com alguém que tem algum tipo de patologia psiquiátrica grave.

– Pensando? – O sorriso sarcástico que desenha seus bem definidos lábios me atrai como abelha a um pote de mel.

– Sim...

– E posso saber no que está pensando? – Seus dedos deslizam por minha bochecha, terminando o carinho na ponta do meu nariz, onde ele aperta, me fazendo sorrir.

– Estou pensando que... – Hesito, não sei se devo ou não falar. A verdade é que temo em ser muito honesta e ele simplesmente levantar e ir embora, me largando mais uma vez completamente desolada.

– Não tenha medo de exprimir suas emoções e vontades, mocinha. Consensualidade é a marca registrada daquilo que iremos viver. Você precisa confiar em mim, da mesma forma que eu preciso confiar em você.

– E o que de fato vamos viver? Nós mal nos conhecemos, não sei seu nome, quem é, o que faz.

– E isso é muito importante para você, não é mesmo?

– Acredito que isso seja importante para todo mundo. Como iniciar uma relação sem conhecer a pessoa?

– Meu anjo, conhecer uma pessoa pode ser muito mais perigoso do que você imagina. Acredite quando digo que para uma relação dar certo é necessário antes de qualquer coisa a entrega da alma. Uma alma não tem rosto, não tem corpo, não tem classe social. Apenas mostra aquilo que um ser realmente o é.

– Entendo... – É a única coisa, que com muita dificuldade, consigo dizer.

– Não, você não entende. Mas vai entender. E então, não vai tirar?

– Tirar? – Pergunto confusa.

– A calcinha. – Olhos azuis gelados e comprimidos em uma linha dura me observam, como que esperando por uma reação minha.

Sem pensar muito, me levanto e caminho apressada em direção ao banheiro mais próximo. Nervosa, troco os pés na imensa fila que se forma do lado de fora, minha vontade e de arrancar aqui mesmo a calcinha e correr de volta a mesa. Um pânico me assalta. E se eu voltar a mesa e ele não estiver mais lá?

Finalmente minha vez chega e antes de entrar na cabine, me observo no espelho. Bochechas rosadas, olhos que brilham intensamente, cabelos esvoaçados. Sim, essa mulher que enxergo não é a mesma que deixou New Castle a apenas dois dias. A menina assustada parece simplesmente ter desaparecido. Uma mulher intensa e cheia de desejos deu lugar a insegurança e medo que sempre me habitaram.

Saí um pouco cambaleante do banheiro, mas dona de mim, dona das minhas vontades. Meu vestido vermelho encobre o quanto minhas coxas estão molhadas pelos desejos despertados, que antes de conhecer esse homem, fugiam de mim. Olhos azuis intensos acompanham o meu caminho.

Uma cantada delicada aqui, uma vulgar ali, um assovio... Uau! Como uma atitude pode mudar algo que achava completamente perdido. Sorrio ao ouvir um sonoro “*gostosa*” e, dentro de mim, o meu sangue ferve, talvez de tesão, vontade ou apenas efeito da bebida que começa a fazer efeito e inebriar meus sentidos.

Os pés, castigados pelas sandálias de saltos finíssimos doem, mas isso não é nada. O desejo me consome! Em meu corpo não existe espaço para mais nada que não a embriagues volátil que leva um imenso pedaço de mim, daquilo que fui e que perto desse homem incrível, não quero nunca mais voltar a ser.

CAPÍTULO SETE



Me aproximei da mesa e vi sua masculina e bem-feita mão estendida em minha direção. Aceitei a delicadeza encantada com tamanha gentileza, aproveitando para passar a minúscula e encharcada calcinha para sua mão. Um sorriso de esfinge surge em seu rosto. A satisfação dele é tão aparente que chega a ser constrangedor.

– Ótimo. Uma boa e obediente mocinha. Seguimos em frente?

– Seguimos... Gosto de jogos, sou competitiva. – Ele sorri com o meu comentário e me puxa pelos ombros, colando seu corpo ao meu.

– Estaria errado se dissesse que seus instintos estão a flor da pele e que nesse exato momento você está louca para que meus dedos toquem além das suas coxas sem a barreira da sua calcinha, e mais, também está louca para que eu a mande me tocar?

– Acho que essa eu nem preciso responder. – Sem graça com o rubor que muito provavelmente invadiu meu rosto, desvio os olhos para seus dedos, que apertam com força a carne macia da minha coxa.

– Eu quero a resposta e que venha acompanhada do pedido. – Ele ordena e não sei porque diabos me sinto sempre na necessidade absoluta de obedecer.

– Sim, você está certo e sim...Quero que sua mão toque além da minha coxa. – Respondo tímida e ao mesmo tempo excitada.

Com um sorriso sacana nos lábios ele coloca dois dedos dentro de mim. A sensação é magnífica e por mais que eu tente conter, gemidos baixos e longos escapam pela parte mais profunda da minha garganta. Um discreto vai e vem se iniciou e, sem pudor algum, abri minhas pernas, protegida pelo tampo da mesa, que esconde do resto do mundo o que de fato está acontecendo ali.

Um leve roçar em meus lábios e a força de seus dedos que exploram cada canto úmido do meu sexo me fazem literalmente ir as nuvens. É como se ele escrevesse em todos os meus espaços em branco. Meus desejos tanto oprimidos borbulham em minhas veias, querendo rasgar o vazio insaciável que me estabeleci.

Os comandos lascivos e desregrados desse homem me fazem perder o juízo. O líquido abundante que nem eu sabia ser capaz de verter, escorre quente e

viscoso por entre minhas pernas, como um feitiço, um prazer garantido, o qual estou ficando viciada, contaminada e completamente corrompida.

– Me diz, mocinha... Você está com muita vontade de chupar meus dedos, não está? – Ele rosna, quase selvagem, ao pé do meu ouvido.

Dessa vez foi realmente impossível responder, apenas abri os lábios, a espera de seus dedos, que de forma delicada me invadiram, me fazendo provar do meu gosto doce e salgado ao mesmo tempo. Chupei todo o melado, como se minha vida dependesse disso. De olhos fechados, percebi o quanto esse simples e erótico gesto é prazeroso. Interrompendo nosso contato, ele retira os dedos da minha boca e os leva a sua. Olhos azuis fixados aos meus, deixando clara a vontade carnal que o consome.

– Deliciosa. Doce, apetitosa e delicada. Vou passar horas bebendo do seu gosto. Minha boca vai colar nesse sua boceta gostosa e só irei parar quando você gritar de exaustão. – Obscenidades a parte, tudo que esse homem fala me dá uma vontade louca de foder com ele.

– Me diz, doce menina... O que exatamente está sentindo agora?

– Estou dominada e encantada... Na mesma proporção. – Até tentei segurar as palavras, mas elas fluíram de forma tão natural que me senti mais leve em admitir isso a ele.

– Então você admite que está se sentindo dominada? – Seus olhos brilham e o prazer estampado em sua fisionomia chega a ser deleitoso.

– Sim...Acho que estou.

– Acha? Quero que tenha certeza, não só isso, quero que goste do que está sentindo. Vou repetir a pergunta, doce anjo. Você admite que está se sentindo dominada?

– Sim, completamente. – Me assusto com minha honestidade. Mas é o que estou sentindo.

Estou dominada, subjugada e completamente entregue a esse estranho desconhecido. Estremeço quando vejo seus lábios mais uma vez se aproximarem do meu rosto, dessa vez ele não me toca, deixando à vontade tão palpável que eu certamente poderia agarrá-la e apertá-la, até que minha tortura sensual fosse completamente saciada.

– Me escute com bastante atenção, mocinha. Você vai ser a minha cadelinha, será cuidada, amada, tratada, entregará seu corpo, alma e vontades a mim. Meu poder te trará a segurança que sempre sonhou e quis ter e sendo assim, será obediente as vontades de seu dono.

– Como? – Indago confusa. Que porra é essa de dono?

– Responda! – A voz embargada em autoritarismo e o olhar imponente e austero desencadearam sensações em meu corpo que até então achava não

existirem e antes mesmo que meu cérebro pudesse considerar as probabilidades existente, me vi respondendo, como um cão adestrado, a espera do seu petisco favorito como recompensa.

– Vou ser obediente aos desejos do meu dono... – Sussurro, nervosa e incomodada por me sentir tão débil em sua presença. Minhas vontades parecem simplesmente desaparecer.

– Então acredito que você queira descer um pouco o seu vestido e mostrar seus seios para o seu dono, não?

– Você está louco? Estamos na mesa de uma boate lotada! – Rebato, olhando para os lados em busca de olhos que possam estar nos observando.

– Sim, estamos. Está escuro. E eu pedi que descesse um pouco o decote, não que tirasse o vestido.

– Mas... – Tento argumentar, mas sou interrompida com tamanha impetuosidade que transborda de seu olhar azulado que resolvo me calar.

– Vai questionar? – De intimidador a ameaçador e bem sinistro.

– Apenas não acho conveniente. Olhe a quantidade de pessoas ao nosso redor! – Busco mais uma vez argumentar, tendo a certeza de que isso não vai adiantar nada, que por mais que eu relute, vou acabar cedendo as suas loucas vontades.

– Vai preferir que eu mande? – Seus dedos deslizam pelo meu rosto, em um carinho que causa um arrepio em todo o meu corpo.

– Acho que sim...

– E quer obedecer?

– Quero..., mas não vou! – Decido desafiá-lo.

– Não? – Seu olhar mistura surpresa e uma certa admiração.

– Não, não vou! – Ergo o queixo, encarando as belíssimas esferas azuis que brilham em minha direção.

– Uma pena... – Ele apenas lamenta, muito honestamente, não parecendo lamentar porra nenhuma.

– Uma pena? Para mim ou para você? – Falo, sem conseguir compreender suas intenções.

– Para você, que vai precisar repelir suas vontades.

– Sou rebelde... Como você mesmo se intitulou meu dono, é bom que saiba que gosto de testar os limites. – O vejo erguer apenas uma das sobrancelhas, fazendo seu belíssimo rosto ficar ainda mais irresistível do que já é.

– Cuidado, mocinha. Meu castigo as vezes pode ser não deixar você testar... E engolir a vontade de experimentar.

– Não é justo... – Reclamo manhosa, fazendo todo o dengo que posso.

– O que não é justo é você estar louca para me obedecer e lutar contra isso. – Com um sinal de sua mão, ele solicita ao garçom uma nova garrafa de vinho, se concentrando em terminar o conteúdo de sua taça logo depois.

– E quem disse que estou louca para obedecer?

– Você não precisa dizer nada. Seus olhos a denunciavam.

– Tudo bem... Eu estou louca para obedecer. – Que merda! Por que fui falar isso? Boca grande dos infernos essa minha!

– Eu te disse que as coisas acontecem, fluem, sem a necessidade de forçar nada. Então, siga seus instintos. Você já se descobriu uma mulher diferente apenas respeitando a minha vontade. Vontade essa que te faz apertar as pernas e melar essa bocetinha quente e apertada, do jeito que eu quero e gosto.

– Você realmente me deixa muito confusa.

– Isso é bom. Sua confusão é apenas um dos indícios daquilo que você precisa.

– E como você sabe o que eu preciso?

– Eu sei, mocinha. Apenas aceite isso. Agora me diga, você está como o seu dono quer e gosta?

– Sim... – Apenas sussurro.

– Sim, o que? – Seus dedos apertam com força meu braço, não posso dizer que a dor é insuportável, mas se faz presente, o suficiente para que eu não pense duas vezes antes de falar o que sei que ele deseja.

– Sim, meu Senhor.

– Muito bem mocinha. E o que espera de seu dono agora? Já está molhadinha e louca para agradar seu Dono. Preciso que fale, quero te ouvir. O que você quer?

– Eu quero saber o seu nome. – Falo sem pensar muito. Mesmo porque, atingimos um nível de intimidade que não cabe mais esse tipo de mistério.

– Meu nome vai mudar alguma coisa? Vai mudar a vontade que você está de enfiar o dedo por entre suas pernas e se fazer sentir prazer para mim?

– Eu não quero fazer isso.

– Sério? Mas eu quero. Se toque, olhando para mim. Sinta o quanto está pronta para mim. Se faça gozar.

– Aqui? Sinceramente? Vou desconsiderar suas insanidades. Acredito que para tudo exista um limite.

– E está certa, mocinha. Limites existem e sempre serão respeitados. Mas esse não é o caso. Agora enfie dois dedos em você, e inicie pequenos movimentos circulares, se conheça, se explore para mim.

– Mas eu...

– Não é um pedido. Apenas obedeça! – Seu timbre se torna duro, mas a

verdade é que pouco estou me importando para isso.

Sem um pinga de pudor, enfio minha mão por baixo da minha saia e faço exatamente o que ele mandou. Impossível evitar um gemido rouco diante da sensação que meus dedos e suas palavras me causam. Lentamente faço círculos perfeitos, dilatando a carne inchada e hiperestimulada do meu sexo. Puta merda, isso realmente é bom!

De olhos fechados, sinto o hálito adocicado e quente muito próximo ao meu rosto e um puxão em meu cabelo na altura da nuca me desperta, obrigando-me a abrir os olhos e encarar o mar azul cheio de prazer e luxúria. Seus dedos se fecham cada vez mais forte em torno do meu pescoço, mantendo assim um contato constante entre nossos olhares.

– Quero que olhe para mim. Não desvie, quero seu prazer só para mim. Vamos, intensifique os movimentos, enfie os dedos, bem no fundo, sinta a dor que o prazer verdadeiro causa.

Mergulhada em suas palavras obscenas, esqueço que estamos em um ambiente público e contorço meu corpo de vontade e tesão. Espasmos descontrolados se espelham por cada micrograma do meu ser e liberto de vez minha alma, deixando sob o controle desse perigoso e intenso desconhecido.

– Isso, minha menina. Quero que goze para mim, forte, fundo e dolorosamente. Enfie o máximo que conseguir, pense no pau invadindo sua boceta sem piedade, te fazendo gritar e se contorcer por baixo do meu corpo.

Suas palavras são mais que suficientes para me puxar a um elevado nível de êxtase absoluto. Minhas pernas tremem e não evito um gemido alto ao sentir minha carne se fechar contra os meus dedos, latejando e indicando que minha liberação se aproxima. Reviro os olhos e meu cabelo é mais uma vez puxado, entendendo o recado, o encaro, sem conseguir esconder as sensações inebriantes que ele me causa.

– Nada de gemidos altos, mocinha. Seu gozo, seu prazer e seu tesão a partir de agora são meus, apenas meus. Goze, agora!

Seus lábios tomam os meus, em um beijo doloroso, brutal e selvagem. Meu corpo responde imediatamente e em poucos segundos estou me entregando a um orgasmo surreal, sem precedentes, com a potência de uma ogiva nuclear. Seus dedos apertam meu mamilo por sobre o vestido e ele me beija mais forte, reprimindo o som ruidoso que salta da minha garganta.

Só me dei conta que seus dedos se juntavam aos meus quando uma forte pressão invadiu meu sexo. Puta que pariu, que loucura é essa? Gradativamente ele aumenta os movimentos me deixando ensandecida. Ele me masturba, se enfiando com força junto aos meus dedos, exigindo com seus olhos que eu não desvie os meus.

Sinto a parede do meu sexo voltar a apertar nossos dedos e me dou conta de que mais uma vez estou chegando lá. Me contorço, tremo, sinto calor, frio, uma infinidade de sensações grandiosas e incontroláveis. Seu olhar me chama e o sorriso puto em seus carnudos lábios é o convite explícito para que mais uma vez eu me entregue.

– Isso minha cachorra, molha o meu dedo, quero sentir sua vontade escorrendo pela minha mão. Goza mais uma vez para mim.

Chego ao ápice do prazer quando sinto o beliscar em meu clitóris inchado e estimulado. Agarrando seus braços e enfiando minhas unhas sobre o tecido fino do elegante terno, grito de prazer, sem me preocupar nem um pouco com a quantidade de pessoas que nos cercam, me entregando a mais um ato de prazer intenso, ondulando junto aos espasmos frenéticos do meu sexo castigado.

Esgotada, recosto minha testa em seu ombro musculoso, esperando minha respiração normalizar e a dor causada pelos acelerados batimentos cardíacos em meu peito aliviar. Um carinho sensível e delicado ocupa toda a extensão das minhas costas e ronrono, como uma gata manhosa sob os cuidados das mãos experientes e habilidosas.

Enfim, tomando coragem, desencosto a testa de seu ombro, fitando os belíssimos olhos azuis, que ardem como duas esferas de fogo em minha direção. Inesperadamente, ele beija meu rosto e acaricia de leve meus cabelos, parecendo extasiado com o prazer que acabou de me proporcionar.

– Você precisa descansar, mocinha. – A voz, antes carregada de volúpia e lasciva, se tornou paternal e eu diria que até preocupada.

– Eu estou bem... – Falo baixinho, ainda tentando me recompor dos dois melhores orgasmos da minha vida.

– Mas eu não estou. Tudo isso me deixou assim. – Segurando minha mão, ele a coloca por sobre sua ereção, que mesmo por sobre o pano da calça, fica perceptível o quão imensa é.

– Desculpe por isso... – Que babaca! Isso é coisa que se fale? Você deixa um homem desse nível cheio de tesão e com o pau pronto para explodir as calças e pede desculpas?

– Não se desculpe, mocinha. Você ainda não está pronta para mim. Não seria apropriado... Ainda. Entretanto com toda a certeza é bem mais que apropriado eu liberar o meu tesão reprimido em jatos e mais jatos de porra assim que colocar meus pés em casa.

Sem aviso, ele desfaz nosso abraço e se levanta, esticando sua mão em minha direção. Sem graça e arrumando meu vestido, levanto e aceito sua mão, sendo delicadamente guiada para fora do sofá vermelho de veludo. Não trocamos mais uma única palavra. Sério? Essa porra desse homem só pode ser

bipolar!

A mão forte espalmada nas minhas costas se encarrega de afastar os olhares dos admiradores pelo ambiente e sua cara de pouquíssimos amigos deixa qualquer palavra desnecessária para impor sua vontade soberana. E eu acho que nesse instante sua maior vontade é me tirar o mais rápido possível daqui.

– Você não vai mesmo me dizer o seu nome? – Pergunto assim que atingimos o corredor estreito, o mesmo por onde entrei, já apavorada pela simples possibilidade de voltar mais uma vez para casa sem saber absolutamente nada sobre o homem capaz de fazer miséria com o meu corpo e alma.

– Isso é mesmo tão importante assim para você?

Me pegando desprevenida, ele me joga contra a parede, pressionando seu enorme corpo contra o meu, literalmente me amassando e me fazendo perceber o quão óbvia é a sua vontade. A história de liberar jatos e jatos de porra não foi mesmo da boca para fora, muito pelo contrário, sua mão provavelmente ficará dormente essa noite.

Sua mão? Deixa de ser imbecil Ethel! Um homem como esse estala os dedos e uma fila de mulheres, todas de bocas bem abertas, aparecem ajoelhadas a sua frente, loucas para provarem dos seus jatos de porra. Sacudo a cabeça tentando desviar do pensamento, que nem sei porque, me causa certa repulsa. Ou seria ciúme?

– Responda, saber meu nome é importante para você? – Ele repete a pergunta, deslizando os lábios pelo meu pescoço, me arrancando suspiros e gemidos diante do contato.

– Sim... Eu quero saber quem você é. – Respondo praticamente sem ar, agora que meu ombro é castigado por mordidas pesadas e logo depois beijos delicados.

– Eu sou o cara que vai mudar sua vida. O cara que vai te acalmar e ajudar a fechar suas feridas. Nosso tempo chegou, minha pequena, foque apenas nisso. Não existirá mais espera para as suas vontades oprimidas. Seremos nós e não apenas eu, para que você finalmente viva.

– Seremos nós? E como poderemos ser “nós”? Vai sempre me propor encontros em locais como esse? Sem nomes, sem intimidades, sem uma verdadeira entrega? – Falo, deixando transparecer minha decepção, me sentindo como um brinquedo, que ele pega e usa quando convém.

– E o que aconteceu aqui essa noite não foi uma verdadeira entrega? – Surpresa e uma certa aflição surge em seus olhos azuis.

– Eu não falei isso. Apenas acho que deveria saber mais a respeito do homem por quem... – Puxo o freio da minha língua.

Falar exatamente o que? O homem por quem me apaixonei logo no

primeiro encontro? Se é que, o que estou sentindo pode ser chamado de paixão. O homem por quem tenho um louco tesão? O homem por quem abriria facilmente as pernas em uma mesa de boate lotada? Melhor mesmo ficar calada... Bem calada!

– Curiosidade. Entendo perfeitamente, minha menina. Vamos combinar uma coisa, me agrada e será recompensada.

– Te agradar? Essa história de agradar, obedecer, castigos... Isso já está começando a me deixar um pouco estressada.

– Você não me pareceu absolutamente nada estressada a alguns minutos atrás quando gozou em meus dedos sentada na mesa. – A falta de paciência em sua voz deixa claro o quanto esse homem detesta ser questionado.

– Tudo bem, vou corrigir minha colocação. Estou confusa.

– Confusa com o que?

– Com o que? Sério mesmo que você está me perguntando isso? Saímos duas vezes, tudo bem que não podemos considerar a noite passada como um encontro, mas esse sim o foi e mesmo assim, você quer continuar bancando o misterioso, escondendo seu nome e principalmente, falando coisas que não faço ideia alguma do que verdadeiramente significam.

– Não sabe o que significam, mas a curiosidade de conhecer a impede de se afastar.

– Me afastar? Cara, eu não sei nem como me aproximar de você! Acha mesmo que sou o tipo de mulher que vou estar a disposição quando lhe convier? Para sua informação, “*Sr. Sei lá quem*”, eu não sou um brinquedo! – Irritada, tiro sua mão que ainda descansava por sobre as minhas costas e sem esperar por ele, caminho decidida em direção a saída.

Assim que coloco os pés na calçada uma lufada de ar frio contrasta com a quentura deliciosa dos longos dedos que voltam a tocar a minha pele, dessa vez, em meus ombros. Evito olhar para o lado, não por não me agradar muito a vista desse homem delicioso, mas simplesmente por não fazer a mínima ideia do que falar.

– Eu acho que você tem razão. – A voz rouca e muito próxima ao meu ouvido me pega de surpresa.

– Tenho? – Falo, ainda sem condições de olhá-lo, uma vez que agora ele roça sua barba por toda a extensão do meu pescoço. O desgraçado tem o dom de enlouquecer uma mulher!

– Fox... – O murmuro me pega de sobressalto e uma sensação de “*Déjà vu*” me abala. Parece que já vivi essa cena antes.

– O que? – Como ele desfez o contato com meu pescoço, decidi que era a hora de virar a cabeça e encará-lo.

– Meu nome. Domenico Aron Fox. – O sorriso de esfinge retorna ao seu belíssimo rosto e eu, bom, eu quase desmaio!

Caralho, caralho e caralho. Instintivamente me afasto de supetão, causando uma expressão confusa em nada mais nada menos do que Domenico Aron Fox, o super, hiper, extra, máster, mega milionário dono da “*Geo Fox*”, de quem necessariamente preciso de uma exclusiva para garantir meu emprego e que acabou de me fazer gozar como uma puta em uma mesa de uma boate de origem bem duvidosa. Fodeu!

Muito provavelmente ele notou a palidez mórbida que invadiu meu rosto e em apenas dois passos, voltou a se aproximar de mim, me segurando pelos ombros, em uma mistura de incredulidade e acho que também um pouco de preocupação. Mas que merda! Essas coisas só acontecem comigo! E agora? O que eu falo? Olá, prazer, meu nome é Ethel Lisa, obrigada pela excelente gozada, mas você poderia me dar uma exclusiva uma vez que minha vida monetária depende disso?

– Algum problema? – Diz ele malicioso, muito provavelmente apenas para me provocar, achando que minha reação tem a ver com tê-lo reconhecido como sendo o manjar dos deuses das caçadoras de maridos e amantes ricos de todos os Estados unidos.

– Nenhum... Eu sou Thell. – Falo sem jeito, tentando disfarçar e ao mesmo tempo pensar em uma saída ligeira para a merda que me meti.

– Thell? – Seus olhos brilham e eu sei lá porque, mas vejo uma excitação fora do normal em sua fisionomia.

– Sim, Thell. Algum problema? – Me irrita o jeito que ele fala a respeito do meu nome. Qual o problema de eu me chamar Thell? Por que diabos todo mundo sempre tem a mesma reação?

– É um apelido? – Mas que porra de curiosidade é essa por causa de uma merda de um nome?

– Posso saber por que tanta curiosidade? Thell é um nome tão estranho assim? – Pergunto, me afastando mais uma vez do seu corpo apetitoso que me faz ter pensamentos nada puros.

É simplesmente impossível não imaginá-lo completamente pelado, suado, gemendo e enfiado até o talo em mim. Sério, preciso mesmo controlar meus instintos ninfomaníacos que até três dias atrás eu nem sabia que existiam. Pigarreio e tento me recompor, mas como me recompor quando Domenico Aron Fox está a apenas uma folha de papel de distância do meu rosto? Fala sério, Susanna Wesley mataria o papa por essa oportunidade.

– Bom, Srta. Thell, não vamos nos prolongar com a origem de nossos nomes. Posso garantir que temos coisas bem mais interessantes para ressaltar.

– Do tipo você me trazer em uma boate onde os homens não trazem suas esposas?

– O que? – O rosto, antes pacífico e que mostrava uma calma apetitosa se torna brutal e confesso que minha primeira reação foi dar um passo para trás, a fim de me proteger.

Por mais que nesses dois últimos dias tivéssemos criado uma intimidade, sexual apenas, mas mesmo assim criado, não sei absolutamente nada sobre esse homem, a não ser o que a mídia esporadicamente solta, o que de fato, sendo jornalista, sei que muito é inverídico.

– Nada, melhor deixar isso para lá. De verdade, estou muito cansada, vou para casa. – Um desanimo me abate e me viro em direção a rua, a fim de chamar um taxi. Chega, adrenalina demais para pouco tempo de cidade grande.

Se eu falar para ele quem eu sou e que estive na noite passada o caçando a fim de conseguir uma entrevista que ninguém jamais o fez, vou estar dando um tiro em meu próprio pé. Óbvio que passará por sua cabeça que nossa aproximação foi uma artimanha criada por mim. Muito provavelmente ainda vai achar que fiz a menina inocente a fim de conquistá-lo.

– O que você pensa que está fazendo? – Segurando meu braço, a voz aumenta alguns decibéis e apenas isso é capaz de fazer minha espinha se arrepiar.

– Chamando um taxi. Geralmente é assim que as pessoas se locomovem quando não tem carro, o que de fato é o meu caso. – Debocho, verdadeiramente louca para sair de perto dele.

– Qual o seu problema? – Me virando de maneira nada gentil pelos ombros, ele me encara. Talvez meus olhos arregalados tenham denunciado o quanto fiquei estressada e assustada com sua atitude não muito amistosa.

– O meu problema? Querer ir para casa agora virou um problema? E por favor, seja mais gentil quando quiser se dirigir a mim. – Falo, puxando com força meus ombros do contato de suas mãos.

– Em primeiro lugar, não trouxe você aqui por ser um lugar onde os homens não trazem suas esposas, mesmo porque, não tenho uma. Combinei de encontrá-la aqui por ser um lugar ao qual costumo frequentar, e tenha certeza que isso não tem absolutamente nada a ver com o que penso ou não a seu respeito.

– Ah, não mesmo? Combinar de me encontrar em uma boate com a fama de ser um antro de promiscuidade não tem nada a ver com o fato de você ter me achado uma imbecil interiorana que cairia fácil na sua lábia? – Por mais que eu tente compreender, não consigo achar sentido algum para estar tão puta da vida.

– Thell, se é que esse é mesmo o seu nome... – Ele começa a falar e

minha irritação aumenta potencialmente. Quebrar o nariz desse imbecil seria uma opção bem satisfatória nesse instante.

– É Ethel... Ethel Lisa Willians! Thell é a merda de um apelido, que pelo visto, muito o incomodou! Agora, por favor, gostaria muito que me deixasse ir embora. Estou cansada e nem mais um pouco a fim desse papo.

– Posso saber o que a deixou tão nervosa? – Sério mesmo que ainda vou precisar lidar com o cinismo de Domenico Fox?

– Tirando o fato de que me tratou como uma puta? Acredite, não tenho motivo algum para estar nervosa.

– Você está sendo injusta, Srta. Willians. Não a tratei como puta. Jamais faria isso.

– Com todo respeito do mundo, Sr. Fox. Vá a merda!

– Como é? – A expressão chocada e furiosa deixa claro que ninguém nunca mandou esse homem a merda. Tomara mesmo que eu tenha sido a primeira. Idiota imbecil de merda!

– Sei que não sou o modelo de mulher com quem está acostumado a sair, como sei também que minha cara de idiota que acabou de chegar em uma cidade grande me torna uma isca muito fácil. Não vim para Boston para vender meu corpo para o primeiro milionário metido a conquistador que aparecesse, e isso inclui você!

– Em primeiro lugar, como sabe que não é o meu tipo de mulher?

– Não precisa ser formada em “*Oxford*” ou “*Harvard*” como o Senhor é para perceber isso. Posso ser do interior, mas não sou burra!

– Burra com certeza não, mas tem uma língua bem afiada.

– Apenas com quem merece, que fique claro.

– E eu mereço? Estou a quase quinze minutos aturando a birra infantil de uma mulher adulta sem nem ao menos saber o motivo. Acredito que mereça um bônus por paciência.

– Acho que você não ia gostar de saber o que eu penso que mereça, Sr. Fox.

– Thell, Ethel, ou seja lá como gosta de ser chamada, onde será que posso encontrar o seu manual de instruções?

– Desculpe, fui fabricada sem. Agora, se puder me dar licença, eu gostaria muito mesmo de ir para minha casa.

– Não vou deixá-la ir sozinha para casa a essa hora.

– E desde quando preciso da autorização de um estranho para ir e vir a hora que eu bem entender? – Avistando um taxi, estico meu braço fazendo sinal, ao mesmo tempo em que me alongo e beijo seu rosto.

Parecendo chocado com minha reação, uma vez que esse homem parece

jamais ter sido contrariado em toda a sua vida, ele sinaliza com sua mão, dispensando o taxi e me deixando com uma vontade incandescente de esfregar seu belíssimo rosto no chão, fazendo um profundo “*Peeling asfáltico*”, se bem que, no caso dele, o melhor seria uma lixa, para sua cara de pau!

– Qual a porra do seu problema? – Irritada, tento chamar o taxi de volta, o que é claro, já é tarde demais.

– Você vai comigo. Não quero minha mulher andando sozinha essa hora da madrugada.

– Sua mulher? – Engasgo na minha própria gargalhada. Esse cara é realmente maluco. Isso explica seu pouquíssimo contato com a imprensa. Imagina só, o homem mais rico dos Estados Unidos descoberto também o mais louco?

– Falando muito sério, qual tipo de droga você anda usando? Não sou sua mulher, nos encontramos por duas vezes e não dou o direito que tome conta da minha vida dessa forma.

– Não estou tomando conta da sua vida, estou cuidando de você.

– Cuidando de mim?

– Faz parte do processo. – Um sorriso irônico se manifesta enquanto ele fala.

– Parte do processo? Será que você pode ser um pouco mais franco e direto? Que processo é esse? Fica difícil compreender suas charadas.

– Com o tempo tudo vai ficar mais claro, mocinha. Até lá, apenas se permita. – Imediatamente após o delicioso Sr. Fox falar, pipoca em minha mente as palavras de Clarisse... “*Permita-se*”.

Putá merda! Clarisse! Esqueci completamente de dar notícias como havia prometido. Nervosa, busco meu celular em minha bolsa, constatando inúmeras chamadas de minha amiga, que deve estar arrancando os cabelos a base de pinça cega de tanto estresse pela minha falta de contato.

– Desculpe-me, Sr. Fox, mas realmente preciso ir. – Falo, mostrando o celular, como se assim o fizesse compreender minha urgência.

– O carro já está a caminho. Algum problema? – Ele fala, apontando com o queixo bem feito para o celular.

– Nenhum, apenas fiquei de dar notícias a uma amiga e acabei esquecendo. Ela muito provavelmente deve estar bastante preocupada.

– Quem é essa sua amiga?

– Oi? – Como um homem pode ser portador de tamanha arrogância?

– Alguma dificuldade para entender minhas palavras, Srta. Willians? Perguntei quem é essa sua amiga.

– Uma amiga é uma amiga, uai! Que diferença faz para você quem ela é?

– Quero saber com quem anda. As pessoas de Boston não costumam ser muito confiáveis. – Mal ele termina de falar e um sorriso se escancara em meu rosto, deixando-o furioso, dado pelo olhar quase brutal que me lança.

– Sério mesmo que as pessoas daqui não são lá muito confiáveis? Então isso significa que eu deva ter algum tipo de receio por estar em sua companhia?

– Vejo que essa sua boquinha linda vai me dar muito trabalho.

– Sr. Fox, estou querendo ir embora, já que faz tanta questão de me acompanhar até em casa, por favor... – Não termino a frase, deixando clara minha posição.

De forma elegante, ele busca por seu celular no bolso do fino e com aparência de bem caro terno e digita uma mensagem. Menos de um minuto depois, um imenso Bentley estaciona a nossa frente, dele saltando um homem de meia idade, com um sorriso simpático no rosto, que prontamente abre a porta traseira, fazendo um aceno com a mão para que eu entre e me acomode.

Vacilo por uns instantes. Tudo bem que agora eu sei com quem estou, mas isso não diminui em nada a minha preocupação, muito pelo contrário, só a aumenta, em níveis alarmantes. Domenico Aron Fox é o cara mais porra louca que já conheci em toda a minha vida. De qualquer forma, com o nome e a posição social que tem, acho bem improvável que seja um psicopata tarado que vai abusar de mim e depois jogar meu corpo em um beco qualquer de Boston.

– Não vai entrar? Achei que estava com pressa. – Com uma das sobrancelhas levantadas, ele me observa, como quem está pronto para dar o bote caso eu decida sair correndo pela rua.

Soltando uma lufada de ar e me dando por vencida, me jogo no confortável e imenso banco de couro, chegando o máximo possível para perto da janela, no intuito de deixar o maior espaço entre nós dois. Por mais que esteja confusa com tudo que aconteceu essa noite, não respondo pelas reações descabidas do meu corpo perto do delicioso Sr. Fox.

Parecendo respeitar minha vontade, o corpo magnífico e apetitoso se instala na outra extremidade do banco, permanecendo assim até que o carro começasse a andar. Sem muito o que falar e sem coragem de confrontá-lo mais uma vez, deixo meus olhos perdidos na paisagem do lado de fora, fingindo prestar atenção em algo inexistente.

– Vai me dizer onde mora? – A voz rouca já não tão receptiva quanto antes, interrompe nosso silêncio.

– Em “*Back Bay*”.

– “*Back Bay*” é um lugar bem grande. A não ser que tenha disposição para rodar por toda a madrugada até que meu motorista adivinhe onde fica, sugiro que seja mais específica. – De pouco receptivo a quase grosseiro. Qual é a

desse idiota?

– 2115 da “*Newbury Street*”. – Respondo seca.

Apenas um olhar através do retrovisor foi o suficiente para que o Sr. Fox estabelecesse uma comunicação com seu simpático motorista, que retribuiu com um aceno leve de cabeça, mostrando ter entendido o recado passado pelo seu patrão egocêntrico, autoritário e completamente piroca da ideia!

Fizemos o trajeto calados, mesmo porque, o doido agora não se mostra nem um pouco a fim de manter qualquer tipo de diálogo. Seus longos dedos mechem incessantemente em seu celular e vez ou outra, consigo ver a sombra de um sorriso desenhar seu rosto. Filho da puta! Provavelmente deve estar marcando de esticar a noite com outra de suas vítimas, afinal de contas ele precisa colocar litros de porra para fora.

– Pacote entregue. – Ele fala assim que o carro encosta no meio fio. Fala sério, agora eu virei um pacote?

Minha raiva por esse homem aumenta a cada segundo de um jeito quase descontrolado. Sem me despedir e sem esperar que ele o fizesse, abri a porta do luxuoso carro e avancei calçada a fora em passos largos, decidida a não olhar para trás. Sair essa noite e encontrar com Domenico Fox foi o maior e pior erro de toda a porra da minha medíocre vida!

– Ei, onde a Senhorita pensa que vai com tanta pressa? – Me pegando de surpresa, seus braços enlaçam meu corpo, colando minhas costas na perdição absoluta de seus músculos.

– Pacote entregue, se lembra? – Falo, tentando me desvencilhar, claro que sem sucesso.

– Gatinha selvagem. Vamos precisar trabalhar esse seu gênio ruim, mocinha! – Sinto o seu sorriso ao pé do meu ouvido e fica impossível conter o arrepio que se espalha por todo o meu corpo.

– Meu gênio ruim? Que tal se preocupar em conter seu egocentrismo e autoritarismo antes, Sr. Fox? Tenho certeza que meu gênio ruim é o menor dos problemas nesse momento. – Debocho, soltando um gemido lento e baixinho ao sentir sua barba roçar pelo meu pescoço. Merda de homem irresistível! Ele poderia ao menos ser feio, ou quem sabe gordo, mau hálito talvez?

– Você tem namorado? – A pergunta me pega de surpresa e decido que essa é a hora de me vingar.

– Talvez eu tenha alguém... – Respondo, o mais reticente e enigmática que consigo.

– Esse “*alguém*” é importante? – O ênfase que ele dá a palavra “*Alguém*” demonstra seu desdém, como se desacreditasse de tal existência.

– Quem sabe... Talvez sim, talvez não... Por que? Vai querer me arrancar

do meu “*Alguém*”? – Sinto seu corpo estremecer colado ao meu. Bingo, acertei em cheio. O gostosão é do tipo que não aceita concorrência. O típico babaca!

– Eu não quero te arrancar de ninguém. Principalmente se esse “*ninguém*” for um alguém especial. – Sarcasmo puro exala da sua voz.

– Sério? Então o que você quer? – Com um movimento delicado, ele me vira de frente para ele, segurando meus ombros enquanto acaricia a pele nua com a ponta dos dedos.

– Eu quero te fazer sentir dominada e desejada.

– Dominada?

– Sim, dominada. Uma deliciosa submissa imaginando ser dona.

– Então, devo deduzir que se não quer me arrancar desse suposto “*Ninguém*”, você não se importa nem um pouco com fidelidade, é isso? – Não estou mesmo acreditando que esse cara vai me propor uma relação do tipo “*Quando der a gente sai, quando não der eu pego as outras e você fica com o seu alguém*”. O homem é muito mais filho da puta e canalha do que eu imaginava.

– Mocinha, eu não quero a sua fidelidade. Quero a sua saudade!

– Minha saudade? Você não quer fidelidade, mas quer criar uma dependência ao ponto de eu sentir saudades daquilo que não vou ter?

– Belíssima Srta. Willians, entenda uma coisa, não quero morar em sua vida, apenas deixar marcas deliciosas. Não quero tomar o seu coração, apenas encantá-lo.

– Você é um homem muito confuso, Sr. Fox! Impossível acompanhar seu raciocínio.

– Abra sua mente e se permita entender. Eu quero ser aquele que você irá procurar quando estiver magoada e triste, aquele que você confiará seus mais obscuros segredos...

– E você quer isso tudo sem qualquer tipo de compromisso pelo visto não é mesmo, uma vez que você pouco se importa com fidelidade.

– Não se apegue a apenas uma palavra em um extenso contexto, Srta. Willians.

– Uma palavra de imenso peso no contexto, não é mesmo Sr. Fox? – Retruco, fixando meus olhos nas esferas azuis, que parecem querer me engolir.

– Fidelidade é uma palavra inexistente quando existe a entrega de duas almas. Acredite, de início isso pode parecer confuso, mas logo você conseguirá compreender.

– Sr. Fox, sério mesmo, qual é a sua? – Falo, me afastando do seu toque, já muito irritada com todo esse papo desconexo.

– Eu quero que fique em meus braços, que eu seja o seu porto seguro,

que seja capaz de desabafar, contando seus problemas aconchegada em meu peito, que chore e coloque tudo para fora e depois disso, mais leve e refeita, se entregue as minhas vontades, ao peso das minhas mãos.

– Ah tá...Simples assim?

– Sim, Ethel. Simples assim. – Falando isso ele beija minha testa e sorri, o mais belo de todos os sorrisos.

– Domenico, eu... – Tento falar, mas seus lábios se colam delicadamente aos meus, me impedindo de continuar.

– Agora suba. Já é tarde.

Talvez meu olhar desesperado tenha me entregue. Como assim suba? Depois de tudo que fizemos nessas duas últimas noites e desse discurso possessivo e protetor que acabou de fazer, vamos simplesmente ficar assim? Sobe e pronto? E quando voltamos a nos ver? Se é que vamos voltar a nos ver... Decepção misturada a um descomunal desapontamento faz todo o meu corpo estremecer.

– Fique tranquila, Thell. Vamos voltar a nos ver, você apenas precisa estar pronta para isso.

– Pronta? Pronta para que? – Minha voz sai alguns decibéis mais altos do que o normal, diagnosticando minha angustia.

– Apenas obedeça. Esse é o começo para que esteja preparada.

Ganho mais uma beijo na testa e com as mãos ele me vira em direção a entrada do prédio. Um leve tapa em minha bunda e não penso duas vezes antes de caminhar, quase a galope em direção ao hall dos elevadores, tão desconcertada, que mal me dei ao trabalho de cumprimentar o atencioso porteiro da madrugada, que prontamente já chamava o elevador para mim. Afinal de contas, que merda toda foi essa?

CAPÍTULO OITO



– Você só pode estar de sacanagem comigo! – Clarisse se joga no sofá, sem se dar ao trabalho de tirar o jaleco, tamanha é a sua ansiedade.

– Eu até gostaria de estar. – Respondo desanimada.

– Deixa de ser louca, Thell! Domenico Aron Fox cai de paraquedas em seu colo e você está com essa cara de bunda?

– O problema foi como ele resolveu cair. Como vou chegar para o cara e falar que quero uma exclusiva, ou melhor, que preciso dessa exclusiva caso queira o emprego dos meus sonhos?

– Falando uai, com a boca!

– Clarisse, as coisas não são tão simples assim.

– Claro que são. Basta você chegar e falar.

– Ah tá, e ele me bane para marte. Clarisse, o cara é o poder em pessoa! Você acha mesmo que vai deixar passar em branco caso descubra que sou uma jornalista querendo uma entrevista exclusiva com ele?

– Tecnicamente você ainda não é uma jornalista.

– Tecnicamente sou uma jornalista ainda desempregada, que depende dele para estar empregada.

– É impressão minha, ou você está com medo que ele se afaste quando souber que o estava caçando? – Clarisse ergue suas sobrancelhas e faz uma cara engraçada, me arrancando o primeiro sorriso desde que cheguei em casa e sentei no sofá, completamente desnorteada e sem saber o que fazer.

– Eu não posso falar para ele que meu emprego depende de uma exclusiva que muito obviamente, ele jamais me dará.

– E por que não?

– Deixa de ser burra, Clarisse! Seria muita coincidência eu sair com ele duas noites seguidas por mero acaso. O cara não é idiota, vai concluir que me fiz de interiorana com cara de pura para conseguir a porra da entrevista.

– Agora é você quem está sendo burra, minha amiga. Não foi você quem se aproximou dele, foi ele quem se chegou até você.

– Nossa, e isso realmente muda muita coisa. O cara vai me detestar para o resto da vida e ainda está arriscado foder com minha carreira. Pelo menos

poder para isso ele tem.

– Ethel, deixa de ser trouxa! Domenico Fox veio até você porque se sentiu atraído. Você não sabia quem ele era.

– Mas estava na boate a fim de saber quem ele era. E se passar pela cabeça dele que eu sabia e aceitei... Bom, aceitei tudo que fez comigo apenas para conseguir essa merda de entrevista?

– Então rolou mais coisa hoje? – A curiosidade de Clarisse ocupa o espaço da ansiedade. Sim, essa é a minha amiga.

– Rolou, mas isso não vem ao caso. Mesmo porque, acredito que não vai rolar mais nada.

– Ai cacete! Dá para não falar em códigos comigo? Passei as últimas vinte e quatro horas escutando bipes e ressuscitando pacientes, minha mente se encontra bastante limitada. Clareza nos fatos, Ethel!

– Deixe de ser exagerada. Muito provavelmente você dormiu o plantão inteiro.

– Inteiro não, apenas uma parte, de qualquer forma, estou no limite dos meus pensamentos racionais. Me conte, pelo amor de Deus, o que rolou dessa vez? – Clarisse se vira em minha direção e é impossível conter um sorriso.

– Nós praticamente transamos na mesa da boate. – Digo bem baixinho, já esperando a reação exagerada de minha amiga.

– Como assim? – Claro, como já era esperado, ela não falou, gritou!

– Exatamente o que você ouviu. Ah, e tem mais. Estou sem calcinha.

– Você está sem calcinha? E posso saber onde foi parar a sua calcinha? – Cada vez mais entusiasmada, Clarisse se remexe sem parar no sofá.

– Muito provavelmente no bolso da calça dele. – Coloco pouco caso na minha voz, como se não me importasse nem um pouco onde ele colocou minha calcinha, o que é claro, não é verdade.

– Puta que pariu! Ele arrancou sua calcinha em plena mesa?

– Não, ele me fez ir ao banheiro, tirar e voltar desfilando, para ter a sensação de ser observada sem calcinha.

Mal terminei de falar e Clarisse se desdobra em uma farta gargalhada, ao ponto de se engasgar. A filha da mãe realmente está se divertindo com tudo isso. Não que eu não esteja, mas agora o único pensamento que tenho é: Se eu contar para Domenico Fox quem eu sou e qual é a minha intenção, ele vai querer voltar a me ver?

– Eu quero, preciso, necessito de um homem desses na minha vida! Meu Deus, Ethel! Você faz ideia do quanto é sortuda?

– Você é uma doente, Clarisse! O cara é um perverso!

– Tão perverso que você entrou no jogo dele. Deixa de fazer a

hipócrita, Ethel! Você está amando esse poder que ele está impondo a você, digo mais, você está fascinada e não quer falar que precisa de uma entrevista exclusiva com ele e que seu emprego depende disso porque não quer correr o risco de não voltar a vê-lo. Estou errada? – Vermelha, ela puxa o ar, me observando com os olhos arregalados de pura excitação.

Tudo bem, preciso admitir que foi bem difícil acompanhar o discurso apressado e sem fôlego de Clarisse, mas, bem lá no fundo, eu sei que ela está certa. Ninguém no mundo consegue me ler tão claramente quanto minha amiga. Não quero estar perto do Sr. Fox, ele me intimida, assusta e me remete a lembranças que tento a todo custo evitar. Entretanto, ao mesmo tempo eu quero estar.

Ele me liberta, me mostra um lado que nem eu sabia ter. Um lado livre de tudo que mantive em cativeiro dentro de mim até hoje. Certo ou errado, pouco me importa, pelo menos não nos momentos em que estou sobre o poder assustador e despuadorado de Domenico Aron Fox!

– Vamos, confesse. Você tem medo de que quando ele descobrir que a “*Malévola*” condicionou seu emprego dos sonhos a uma entrevista com ele, vocês nunca mais se vejam.

– Tenho... – Respondo em um lamento curto, quase desesperado.

– Sinceramente? Acho que você está sendo uma idiota! Aproveite a oportunidade. Você tem um homão da porra nas mãos, que te leva as nuvens sem esforço algum e ao mesmo tempo, a chave para entrar pela porta da frente no “*NBP*”.

– Como você pode pensar assim, Clarisse? Não seria honesto.

– Honesto ou não, essa é a sua grande e única oportunidade. Imagine só, esfregar na cara da “*Malévola*” que você foi capaz de algo que ela nunca foi... Meu Deus! Isso seria melhor que tirar pirulito da boca de uma criança!

– Sabe de uma coisa, Clarisse Thompson?

– O que? – Se levantando, ela me olha sobre os ombros, debochada como só ela o sabe e consegue ser.

– Você é uma doente!

– Doente ou não, você sabe que tenho razão. Não perca essa oportunidade. Uma boa trepada e um ótimo emprego. O que mais uma mulher quer da vida?

– Te mandar ir a merda talvez?

– Pode mandar, vou com gosto e talvez até encontre alguma coisa interessante por lá, contanto que você não seja burra e faça aquilo que é o certo a ser feito.

– Dar para um cara apenas para conseguir um trabalho?

– Não tolinha. Mesmo porque, você já daria para ele de qualquer jeito. Apenas uma coisa útil ao agradável. Ao menos uma vez na vida, pense em você, Ethel!

– Isso não é certo...

– Certo ou não, é o necessário. Por falar em necessário, o que exatamente aconteceu entre vocês dois essa noite?

Voltando a se interessar pelo assunto, Clarisse torna a se jogar no sofá ao meu lado, com os olhinhos brilhantes, tamanha é a sua curiosidade. Expliquei por alto o que rolou essa noite, omitindo alguns detalhes, que até mesmo para minha amiga, me sinto bastante envergonhada e constrangida de contar.

– Tá de sacanagem comigo? Ele te fez gozar duas vezes na mesa?

– Fez...

– Caralho mulher! Você goza duas vezes e está nesse desânimo? Eu estaria dando pulinhos de alegria! Sabe a quanto tempo não sei o que é gozar? Com um homem, é claro.

– Clarisse, por favor, me poupe!

– Estou falando sério! Não é possível que você não consiga notar!

– Notar o que, criatura?

– Que você nasceu com o cu virado para a lua, Ethel!

– Quer parar de falar como uma vadia, por favor? – Exclamo, chocada com a falta de compostura de minha amiga.

– Meu bem, eu nasci uma vadia. Pena que não tenho tempo para exercer a função, a medicina exige demais de mim! – Como não rir? Clarisse é completamente louca!

– Sua demente! Vai dormir, vai Clarisse, seu mal é sono e acho que o meu também.

– Com ou sem sono, acho que deve pensar bastante na possibilidade de fazer desse suposto caso existente entre você e o Sr. Fox o seu laboratório para uma exclusiva de arrepiar até mesmo os culhões mais murchos do globo terrestre!

– Tá bom, Clarisse. Prometo pensar com muito carinho nessa possibilidade. – Aceitando que debater com as ideias nada convencionais de minha amiga é pura perda de tempo, me dou por vencida.

– Bom, já é alguma coisa. Agora posso descansar satisfeita!

Sem esperar por minha resposta, como sempre faz, ela se perde no corredor que leva em direção aos quartos, me largando sozinha na sala, ainda mais confusa do que antes. Olhando pela imensa porta de vidro, percebo que o sol já está a pino e que simplesmente estou acordada a mais de vinte e quatro horas.

Desanimada, me levanto e praticamente rastejo até meu quarto, tamanha é a minha prostração física e emocional. Abatida, me jogo sobre a cama sem me dar ao trabalho de tirar a roupa. A última coisa que quero e preciso agora é pensar em qualquer episódio que diga respeito a Domenico Aron Fox.

– Delaware! E eu que subestimei você! – A voz sedosa e ao mesmo tempo ácida de Susanna Wesley interrompe meu sossegado café da manhã, quase um almoço, dado a hora do dia.

– Boa tarde, Srta. Wesley. – Faço a educada, uma vez que não passa por minha cabeça sobre o que ela está falando.

– Me chame se Susanna, querida. Acredito que já temos intimidade para isso. – Simpatia demais para que eu não comece a desconfiar que alguma a “*Malévola*” está aprontando.

– Temos?

– Sim, temos! Principalmente depois da noite passada. E eu achando que estava lidando com uma doce e inocente menina do interior. Te espero em meu escritório em trinta minutos para me passar os detalhes.

– Detalhes? – Pergunto, sem entender tamanha agitação e entusiasmo por parte de Susanna.

– Sim, detalhes! Acredito que tenha um material extenso para me entregar.

– Desculpe, Susanna, mas não faço ideia alguma do que esteja falando! – Coloco minha caneca de café sobre a bancada e atônita, espero por uma explicação que me faça compreender o que de fato está rolando.

– Qual o seu problema, Delaware? Escondendo o jogo? Acho que é tarde demais, principalmente depois que a quantidade exorbitante de fotos de você junto a Domenico Fox, vazara na noite passada.

– O que? – Caio sentada em uma das bancadas da cozinha, sem conseguir acreditar no que acabei de ouvir.

– Uma jornalista competente que conseguiu a façanha de passar uma noite inteira ao lado do homem mais difícil de todo o universo não teve sequer a curiosidade de abrir o “*Google*” para ver a repercussão disso?

– Pode me dar cinco minutos, Susanna? – Nervosa, corro para o quarto de Clarisse, abrindo a porta e a acordando de supetão.

– Trinta meu bem. Você tem trinta minutos para estar com essa bunda bem torneada que encantou tanto o Sr. Fox, sentada na cadeira a minha frente.

Sem me preocupar com despedidas educadas, corro na direção da cama de Clarisse, que já se encontra sentada com uma cara apalermada e uma

aparência caótica depois das pouquíssimas horas de sono. Coçando os olhos, ela me encara, esperando que eu dê uma explicação decente que a convença a me perdoar por ter interrompido seu sagrado e necessário sono.

– Preciso do seu laptop... – Falo em um sopro de voz.

– Aconteceu alguma coisa? – Se espreguiçando, Clarisse tenta assimilar a situação.

– Aconteceu que acabei de receber uma ligação da “*Malévola*”.

– E o que ela queria? – Ela pergunta entre um bocejo e outro.

– Apenas me empreste a merda do laptop, Clarisse! – Falo nervosa.

– Ei, calma lá! Não precisa ser grosseira. – Se fazendo de magoada, Clarisse aponta sua escrivaninha, onde descansa seu laptop.

Desordenada, abro o aparelho e bato os pés no chão até que ele resolva ligar, um tempo que para mim foi uma eternidade, mas que muito provavelmente não passou de alguns segundos. Dolorosos e torturantes segundos. Acesso o “*Google*” e com dedos trêmulos digito o nome de Domenico Aron Fox.

– Puta que pariu! – Mais grito do que falo.

– O que foi mulher? – Em um pulo, Clarisse salta da cama e cola sua bunda junto a minha na pequena banqueta acolchoada, curiosa para saber o que está rolando.

– Fotos! Fotos e mais fotos minhas com Domenico Fox!

– Caralho! Que máximo! – Clarisse bate palmas como uma foca ao receber uma sardinha do seu treinador.

– Que máximo? Você está louca? Agora todo mundo já sabe quem eu sou! – Apoio o cotovelo na escrivaninha e enfio meu rosto entre as mãos em completo desalento.

– Quem você é? Acorda Ethel! Você é apenas uma jovem menina interiorana que veio para Boston tentar a vida!

– Não, Clarisse. Sou uma merda de uma jornalista que precisava de uma exclusiva com o Sr. Fox para conseguir o emprego dos sonhos.

– Nada liga você ao “*NBP*”, Ethel! Por enquanto, você não é nada.

– Nada?

– Você entendeu o que falei, não se faça de estúpida. Ele jamais irá desconfiar que sua pretensão é uma entrevista exclusiva.

– Eu não pretendo ter uma exclusiva com ele. – Falo, já me preparando para o chique de minha amiga.

– O que? Vou precisar fazer uma busca por drogas em seu quarto? Qual é a sua, Ethel?

– Vou contar a ele a respeito do emprego, da entrevista e explicar que nossa aproximação foi apenas uma imensa coincidência, se é que terei essa

oportunidade depois dessas merdas de fotos. – Forçando minha testa com uma de suas mãos, Clarisse me obriga a encará-la.

– Olha aqui garota, eu te proíbo, proíbo terminantemente de cometer essa insanidade!

– Clarisse, olhe essas fotos! O cara é super reservado. Quando descobrir que conseguiram nos fotografar juntos, vai simplesmente desaparecer.

– Deixa de ser dramática! O rosto dele não aparece em foto alguma e olhando bem, mal dá para ver o seu. São fotos que não se mostram comprometedoras. Ele poderia facilmente estar apenas te dando uma carona.

– Será que você não consegue enxergar o que eu enxergo?

– Não, jamais seria pessimista como você o é! Eu sempre enxergo o lado bom, até mesmo das coisas ruins.

– E que lado bom pode existir no fato de Domenico Fox nunca mais voltar a me procurar?

– E como você pode ter tanta certeza disso?

– Caralho Clarisse! Olhe a merda das fotos!

– Estou olhando! E não vejo nada demais nelas. Ele mal está tocando em você!

– A questão não é essa.

– Então qual é?

– Acontece que Domenico Fox se tornou minha perdição, amiga. Ele me deixa em chamas, e um desejo que jamais achei conseguir sentir, me consome cada vez que ele me toca. Acho que meu maior problema não é a merda da entrevista, mas sim ele desaparecer por completo da minha vida depois dessas fotos terem vazado.

– É minha amiga, foder a mente de uma mulher é um vício para poucos conhecedores refinados. Alguns se contentam em foder o corpo, outros os corações... Esse é expert em mentes.

– Clarisse, deixar meu corpo em chamas e me consumindo de desejo nada tem a ver com foder minha mente, concorda?

– Não, não concordo. Foder a mente de uma mulher é uma arte dos sábios.

– Não o vejo como um sábio, mas sim como um homem delicioso que transformou a minha vontade de foder no sentido mais sujo da palavra, isso sim.

– Ethel, preste atenção. Esse cara é um profissional na arte da sedução como poucos os são. Alguns tentam, e até acham que conseguem, mas acabam tropeçando em seus próprios passos.

– Arte da sedução? Do tipo fazer você se apaixonar a cada dia por um novo motivo? Então seduzir significa despertar meus demônios mais obscuros ao

ponto de me colocar de joelhos sem um pingo de pudor em cometer os piores pecados do mundo?

– Deixe de ser ingênua, Ethel. Isso não tem absolutamente nada a ver com paixão. Esse é o motivo de muitos homens que tentam ser como o poderoso Sr. Fox, fracassarem. Eles buscam a ilusão de um abrigo seguro apenas no coração das mulheres.

– Não estou conseguindo mesmo acompanhar seu raciocínio, Clarisse.

– Me entenda... Foder a mente de uma mulher é uma tarefa rara e delegada apenas a pouquíssimos e capazes seres. Aquele que penetrar na mente, tocará a alma, massageando-a com ternura e aí sim, tomará posse do coração e nada e nem ninguém poderá mais tirá-lo de lá.

– Amiga, minha alma já está em êxtase e meu corpo em chamas! Meu desejo por esse homem é intenso, apressado, demorado...

– Me diz, qual a primeira coisa que vem a sua cabeça quando pensa em Domenico Fox?

– Em meter gostoso? – A gargalhada de Clarisse com minha resposta me contagia e fica impossível não acompanhá-la.

– Quer prova maior que essa? O cara que fode a mente de uma mulher abala o seu psicológico, causa mudanças bruscas dentro dela, criando uma guerra interna, a fazendo querer ficar ao mesmo tempo que pensa em partir. Observe a sua mudança! Você está se permitindo sentir coisas que jamais achou que fosse sentir! O que você espera dele?

– Metidas lentas, que vão entrando e saindo, ocupando cada espaço de mim, me causando sensações delirantes... Quero que ele goze apenas ao me ouvir gritar seu nome, quero que ele dependa de mim, do meu corpo... – Falo, movimentando minhas mãos teatralmente.

– Assim como você, mesmo ainda sem essas metidas lentas e profundas, já depende dele?

– Eu não dependo dele! – Afirmo, mas nem eu acredito nas minhas palavras.

– É claro que depende, Ethel! Domenico Fox te devolveu a vida na forma mais plena de ter satisfação. Ele te trouxe de volta amiga, ou melhor, ele te fez renascer!

– Pelo amor de Deus, Clarisse. Estamos falando em desejos, em foder, em vontades! Você já está levando para outro lado que não tem nada a ver.

– Garota, se liga! Ele pode sim foder seu corpo, mas quando o fizer, será bem mais profundo que a carne, porque tudo começou na mente!

– É só sexo, Clarisse!

– Meu Senhor! Um alienígena deve ter tomado seu corpo. Olhe o que

está falando! Para quem escuta pode parecer só sexo, Ethel, mas para quem deseja o pleno, existe uma diferença enorme!

– Que diferença? Não vejo diferença alguma entre ter tesão e ter muito tesão.

– Não seja escrota com você mesma! Você e ele querem mais do que o convencional, jamais irão se contentar com uma simples gozada, Ethel, sabe por que?

– Por que, Sra. Sexóloga?

– Porque ambos desejam alcançar a plenitude de suas almas! Vocês querem encher a taça, e não só isso, desejam que ela transborde. A relação de vocês já começou com tanta intensidade que fica óbvio que mais cedo ou mais tarde, irão além dos limites que existem, que se estabelecem, que se levantam!

– Vulgarmente falando, vamos fazer sexo animal e violento.

– Não querida, se bem que não vejo nada de errado em um bom sexo animal e violento, mas as coisas entre vocês vão muito além disso! Domenico Fox abriu a caixa de Pandora que você fez questão de ocultar por tanto tempo.

– Sério mesmo, estou começando a ficar assustada com seu discurso, Clarisse.

– Não está assustada com meu discurso, mas sim por querer mergulhar em um vasto universo e descobrir que é ali que você quer mergulhar e pior, se afogar!

– Nossa, então você está querendo me dizer que encontrar Domenico Fox foi uma dádiva em minha vida, quase um milagre divino?

– Uma dádiva ou uma maldição amiga. Está tudo bem aí, dentro de você, é uma decisão sua, não minha.

– Uma decisão minha? Que decisão, Clarisse?

– Só você pode saber o que é certo. Só você pode condicionar Domenico Fox a foder seu corpo, seu coração ou a sua alma, Ethel. É uma escolha sua!

De certa forma, perdida em meus pensamentos, preciso admitir que bem lá no fundo Clarisse tem razão. Domenico Fox parece ter me reerguido, trazido uma força que não sabia que tinha, me sinto redimida de todos os erros cometidos por minha mãe e pelo abandono emocional de minha avó.

Me sinto outra quando estou junto a ele. Reerguida, mais forte, resgatada! Por anos fui infectada pelo pior vírus que existe... O vírus da maldade! Devido a isso me condicionei a lutar pela justiça, aquela que sempre achei ser a correta e mesmo estando inebriada por todos os sentimentos que esse homem me causa, não acho nada justo me abster de informá-lo qual era minha intenção em relação a ele.

Por outro lado, não sei se quero falar. Não quero perder o gostinho de

liberdade que Domenico Aron Fox colocou de maneira tão singular em minhas células, me permitindo acreditar que todo o meu passado pode não ser apagado, mas sim superado, recuperado. Que merda devo fazer?

Esse homem é o delicioso mistério que me espanta, alucina, atormenta e ao mesmo tempo encanta. Ele me provoca, mexe comigo, me intriga, fascina e instiga. Contraditoriamente, alguma coisa nele me faz duvidar, acreditar, inibir, precisar e provar de tudo aquilo que quero fugir, entender, reprimir, proibir e permitir.

Ele me faz indecisa, excitada, assustada e encantada. Domenico Fox se tornou o provedor de tudo aquilo que me envolve, da razão, do desejo, paixão, de absolutamente tudo que meu corpo pede, tudo que eu preciso, tudo que eu quero, tudo que desesperadamente necessito.

Sua imagem de homem forte, potente, absorvente, intenso, quase violento e brutal, junto a sua necessidade de condução, despertam em mim a ânsia de ser dominada, a verdade de permitir aflorar minha submissão. Submissão essa que até dois dias atrás, não sabia existir.

Com esses pensamentos conflitantes, corro para o meu quarto, imaginando enquanto me arrumo, uma boa e convincente história para contar a “*Malévola*”, que muito provavelmente espera detalhes sórdidos sobre os acontecimentos da noite passada. Por que diabos nada pode ser simples para mim?

CAPÍTULO BÔNUS



– Thell! – Repito seu nome como se não acreditasse em como o destino pode ter sido tão monstruoso comigo.

A ligação a três dias atrás, a voz doce e angelical. Thell, a garota que me fez adicionar um número desconhecido em minha agenda telefônica, não me reconhecendo nos próprios propósitos para fazê-lo. Sorte, acaso, coincidência, casualidade ou uma infeliz fatalidade?

Meu deus! O que está acontecendo comigo? Essa garota está me deixando completamente louco! Não paro de sentir seus beijos quentes, suaves e de uma inocência que me excita em doses nada homeopáticas. Só de pensar em suas mãos me tocando meu pau já dá sinais de vida nada modestos.

A sua pele em contato com a minha, é pura energia, uma energia incontrolável, que escapa pelos seus poros sem que ao menos ela saiba disso. Essa garota não tem a menor noção do poder que tem. Seu corpo tenro, suave e macio, é como fogo, aquele fogo que quero para todas as minhas noites, o fogo que achei não mais existir.

Que merda! Por mais que eu tente pensar em outra coisa, não consigo esquecer o rosto perfeito, angelical de olhos azuis esverdeados quase infantis. Me sinto depois de muito tempo romântico, bobo...Sinto-me como se fosse dela! Quando fecho meus olhos, me vem a voz, o cheiro de baunilha fresca, a respiração ofegante.

Essa menina é o meu pecado e com toda a certeza vai ser a minha perdição. Ethel Lisa Willians me enfeitiçou, me dominou, tomou posse da porra da minha suja alma. Agora, depois de muito tempo descobri quem é que manda. Não é a minha vontade, meus desejos sujos e impudicos, minhas ânsias carnis, mas sim sentimentos os quais tentei por várias vezes fugir, o bem da verdade, deletei esses sentimentos, fazendo de conta que não existiam.

Ridiculamente me vejo preso nessa garota, mesmo tentando manter o controle que sempre tive sobre mim. Caralho! Tudo que quero é que essa criatura de existência única me tire do lado escuro que me enfiei. Virei escravo dessa mulher. Por mais que eu tente negar, já sou completamente seu, somente seu.

– Sr. Fox? – Ergo os olhos e me deparo com o rosto embevecido de prazer com a minha figura da incansável Srta. Mathews. Mulheres! Sempre

enxergando apenas o conteúdo externo. Se ela fizesse ideia do monstro que sou, muito provavelmente guardaria seu olhar apaixonado para outro homem.

– Algum problema, Srta. Mathews? – Pergunto, pouquíssimo receptivo e irritado pela invasão em minha sala.

– Eu liguei para a sua mesa, o Senhor não atendeu...

– Pois é, não atendi. Talvez isso fosse um indício de que estava ocupado demais para fazê-lo. – A corto, antes mesmo que tivesse a oportunidade de terminar a frase.

Francamente, estava tão perdido nas lembranças da deliciosa Srta. Willians, que não ouvi a porra do telefone tocar. Preciso me concentrar, preciso trabalhar, preciso voltar a ter o controle da minha vida. Quem manda nessa merda sou eu, não vou permitir que uma paixão, seja lá o que for isso, cause um estrago na minha maneira de viver.

– Me perdoe, Sr. Fox, realmente não queria interrompê-lo, mas o Sr. Robson está aqui e disse que o assunto é urgente. Ele insistiu em vê-lo.

Certo, para Leonard estar aqui e insistir em me ver, o assunto é sério. Mesmo ficando irritado com toda essa proteção exagerada que ele impõe a minha figura pública como meu assessor de imprensa, não posso questionar a competência do seu trabalho. Graças a ele, me mantenho longe dos holofotes e por sua vez, dos escândalos que minhas escolhas nada convencionais causariam caso viessem à tona publicamente.

– Mande-o entrar. – Respondo, fazendo um sinal com a mão, dispensando a presença da atenciosa e apaixonada Srta. Mathews, que decepcionada, se vira e caminha cabisbaixa de volta a sua sala, fechando a porta logo atrás de si.

– Que merda você tem na cabeça, Fox? – Leonard invade minha sala segundos depois, vermelho e suado, como se a terceira guerra mundial tivesse iniciado.

– Bom dia, Leonard. – Debocho, me jogando contra o encosto da cadeira e cruzando as pernas.

– Bom dia o caralho, Fox! Eu trabalho duro para manter sua imagem intacta e você dá um mole desses? Tem ideia da quantidade de ligações que venho recebendo desde as cinco da manhã?

– De que merda você está falando? – Irritado, me levanto e caminho em sua direção, em busca de uma explicação para tamanho estresse.

– Digite seu nome no “Google”, Domenico! Não é possível que ainda não saiba de nada!

– Não sou egocêntrico ao ponto de buscar pelo meu nome todas as manhãs na internet, Leonard! Adiante o assunto e se acalme.

– Como posso me acalmar? Olha essa merda Domenico! – Praticamente esfregando seu aparelho celular em meu rosto, Leonard exaspera, ficando ainda mais vermelho e inchado que antes.

– O que é isso? – Pergunto, ainda tentando entender a infinidade de imagens que ele rapidamente desliza com os dedos a minha frente.

– O que é isso? Você foi fotografado saindo com uma puta da “*Back Page*” na última noite, Domenico! Como quer que eu mantenha sua imagem intacta se não se dá ao trabalho ao menos se ser discreto ao colocar seus gostos em prática?

Irritado, arranco o celular de suas mãos e observo melhor as fotos. Caralho! Eu e a doce Ethel fomos flagrados na saída da “*Back Page*”. Tudo que eu não precisava era qualquer tipo de divulgação da minha imagem, quanto mais envolvendo uma mulher. Agora consigo compreender o nervoso de Leonard.

– Só para constar, ela não é uma puta, mas sim uma amiga. E pelo que vi, as fotos não mostram absolutamente nada, não sei para que o estardalhaço, Leonard!

– Puta ou não, se ela topa os seus jogos, você deveria ter tido a precaução de mandá-la assinar um termo de confidencialidade antes de qualquer coisa, Fox! O que deu em você? Sabe quantas mulheres aguardam por uma oportunidade como essa para te chantagear e conseguir mesadas milionárias para o resto da vida?

– Não é o caso dela.

– Ah, não? Sério mesmo que agora você consegue prever o futuro?

– Não estou prevendo o futuro, Leonard, apenas sei que ela não o fará!

– Que merda, Domenico! Acorda para a realidade! Todas farão, é só surgir uma oportunidade. Por que não seguiu o protocolo de sempre? Você tem centenas de mulheres cadastradas que topam suas loucuras, por que não uma delas? De onde surgiu essa mulher?

– Acho que não devo satisfações da minha vida para você, Leonard! – Engrosso o tom de minha voz, deixando claro que Leonard está começando a ultrapassar os limites.

– Não fale comigo como se eu fosse apenas um dos seus funcionários, Domenico! Somos amigos a mais de vinte anos e sempre cuidei da sua imagem, jamais permitindo que uma vadia qualquer o manipulasse.

– Não fale assim dela! Ethel não é uma vadia! – Socando o tampo da

mesa me aproximo ameaçadoramente do corpo esguio de Leonard, que por precaução, mas do que medo, dá um passo para trás.

– Ethel? Cara, você sabe o nome dela? Puta merda, a coisa é bem pior do que eu imaginava! – Se jogando em uma das poltronas da minha sala, Leonard apoia a testa com uma das mãos.

– Não se preocupe com isso, Leonard. Ethel não será um problema, eu posso garantir.

– Pode mesmo? – Olhos castanho cerrados me encaram. Que merda estou falando? Não conheço nada sobre essa mulher e estou colocando minha mão no fogo por ela?

– Apenas deixe para lá. Ignore as ligações, fale que é uma prima distante em visita a cidade, sei lá, faça a porra do seu trabalho!

– Domenico, ninguém levaria uma prima ao “*Back Page*”.

Por incrível que pareça, as palavras de Leonard me acertaram como um direto de esquerda bem na boca do meu estomago. Claro que ninguém levaria uma mulher decente ao “*Back Page*”. Por que então eu combinei de encontrar com a angelical e doce Ethel justamente lá? Por que sou um escroto! Um filho da puta bem escroto!

– Apenas faça o seu trabalho, Leonard. – Me virando de costas, tento dar o assunto por encerrado.

– O sobrenome.

– O que? – Me viro em sua direção, sem compreender direito o que ele pede.

– Eu quero o sobrenome dessa tal Ethel. Precisamos nos calçar, Domenico.

– Já falei que eu resolvo esse problema.

– E até lá Elise, Michael e seus pais vão te sobrevoar como moscas de padaria. Logo você, que sempre presa tanto pelo nome e integridade da família.

Derrotado, me jogo em minha cadeira, sabendo que bem lá no fundo Leonard tem razão. Elise não deixará passar uma oportunidade como essa para tentar arrancar algum dinheiro de mim. Quanto a Michael, esse não gosto nem de pensar no que seria capaz de fazer. Respirando fundo, me dou por vencido.

– Ethel Lisa Willians. – O simples deslizar do nome dessa mulher pela minha língua já me deixa de pau duro. Merda! Preciso me controlar.

– De onde ela é?

– Esse é o seu trabalho, não o meu. – Falo, encarando firmemente meu amigo.

– Claro, o seu trabalho e fodê-las sem pensar no quanto elas podem te foder depois.

– Vá a merda, Leonard!

– Com toda certeza iremos juntos dependendo do que eu descobrir a respeito dessa mulher, Domenico.

– Não irá descobrir absolutamente nada. Ela não é como as outras Leonard. – Não preciso me esconder de meu melhor amigo, ele, melhor que ninguém conhece e encobre minhas preferências sexuais. Se existe alguém em quem posso cegamente confiar, esse alguém é Leonard Robson.

– Irmão, você só pode estar ficando louco! Está me dizendo que saiu com uma mulher que não sabe sobre as suas preferências? Cara, ela pode te acusar de assédio, importuno e dependendo de até onde chegaram, até mesmo violência sexual!

– Não chegamos a lugar algum, Leonard. Se acalme e resolva essa merda! Não quero a foto de Ethel estampada em tabloides e sites de fofoca por um descuido meu.

– Deveria ter pensado nisso antes de ter feito a merda.

– Não fode, Leonard!

– Te foder? Você está preocupado com a possibilidade de que eu possa te foder? Reze meu caro, mesmo tendo sido expulso do céu pelos seus pecados carnavais mundanos, reze muito para que essa mulher realmente seja aquilo que você diz ser.

– Ela é... – Sussurro entre dentes, rezando silenciosamente, mesmo que não saiba fazer isso direito, para que esteja certo.

– Vou fazer a minha parte, faça a sua Domenico. Mantenha-se distante dessa mulher até que eu tenha todas as informações necessárias. – Sem respondê-lo, enfio as mãos nos bolsos da calça e o encaro com indiferença.

– Você entendeu o que eu falei, Domenico?

– Entendi, caralho! – Esbravejo, dando as costas para Leonard, que bufa visivelmente exasperado.

– Isso é para o seu bem, meu amigo.

– Eu já entendi, Leonard! Mas algum assunto de extrema importância que queira tratar comigo? Se não, peço licença, uma vez que tanto eu quanto você temos muito a fazer, não é mesmo? – Faço um gesto com a mão, indicando a porta, o que foi prontamente entendido por meu amigo, que mesmo contrariado, se vira e deixa silenciosamente o recinto.

Em que merda fui me meter? A vida colocou muitas pedras em meu

caminho, me fez tropeçar, me curvar, cansar, tentar novamente, persistir, resistir e por fim desistir. Me tornei frio, intocável, duro, uma pessoa difícil, calculista, insensível. Aprendi que os sentimentos devem ser guiados pelos instintos e serem vigiados pelos sentidos.

Em meio as minhas certezas, do nada me aparece essa menina, transformando completamente aquilo que eu achava seguro, me descobrindo da minha máscara impenetrável de proteção absoluta. Tudo que eu mais quero é ter novamente aquele olhar carente colado ao meu, o sorriso incontido e nervoso, a submissão plena revelada pelo seu desejar desmedido.

Mal deixei-a em casa e já cobicei desesperadamente os beijos delicados, inocentes e apaixonados, suas mãos receosas explorando partes do meu corpo, o sussurrar da sua voz inquieta e insegura ao meu ouvido. Puta que pariu! Como quero levar aquela doce criatura para o meu ninho, para o nosso ninho.

Quero me deliciar ao ver sua dor se confundindo com prazer, sua pele vermelha marcada com meus dedos, quero provar da sua cadência descontrolada, quero sentir sua boca percorrendo meu corpo, ensiná-la como fazer, sem permitir que perca o jeitinho manso, adolescente, quente e apaixonado.

A porra do meu pau lateja só de imaginar sua respiração ofegante por cada limite rompido, sua pele úmida e arrepiada, seu suor, seu grito, seu gemido. Sem pensar muito no que estou fazendo, corro até o banheiro e libero minha ereção, que queima, ansiando pelo toque daquela mulher.

Lentamente me acaricio, de olhos fechados, imaginando a doce Ethel dizendo que sou seu homem, o único capaz de controlar seus desejos, seu dono...Dono da sua obediência. Caralho! Umedeço meus dedos com meu líquido pré ejaculatório e aumento o ritmo, em um vai e vem frenético e necessitado.

Sou uma monstruosidade, um cafajeste filho da puta que quer o seu implorar. Quero ouvi-la pedindo pelo peso da minha mão, ansiando pela dor que só eu posso causar. Me masturbo com entusiasmo com um sorriso torto e patife nos lábios ao imaginá-la de quatro, ajoelhada a minha frente, pronta para beber minha porra.

Quero o choro incontido de tesão e dor daquele anjo, o gozo inconsequente e alucinado vazando por entre suas coxas escancaradas para mim. A delícia que o pensamento me provoca faz com que um jato consistente se libere, a porra contida desde a noite passada se espalha por toda a pia do banheiro, provocando uma sensação de relaxamento, que logo é substituída por querer outra vez.

Ainda rígido, volto a me tocar, dessa vez mais lentamente, banhado na minha porra, imaginando sua boca entalada com meu pau até a garganta. Quero outra vez. Quero esse jogo de caça e caçador, quero repetir muitas vezes a louca

aventura de iniciar esse anjo no meu mundo de perdição, um mundo sujo, cheio de tentações e putarias.

Um mundo meu, que vou transformar em nosso! Mais uma vez minhas bolas de enchem e antes mesmo que eu notasse, já estava me liberando em jatos contidos e pausados, em outra gozada épica, com a mente e a alma ligadas a Ethel Lisa, o doce anjo que me leva a loucura!

Apoiado na pia, tento me recompor. Ao erguer meus olhos vejo minha imagem refletida no espelho. Dizer que gosto do que vejo seria no mínimo ridículo. Um rosto bonito, desenhado e esculpido para enlouquecer o juízo das mulheres e que esconde uma mente doentia. Tão doentia que não vai sossegar até ver a doce e inocente menina Ethel postada aos meus pés, entregue a minha insanidade, a minha violência desmedida, aos meus prazeres, domínio e poder pleno.

CAPÍTULO NOVE



– Me conte garota, como conseguiu o impossível? – Desfilando pela sala, Susanna me encara, buscando ler minha alma com seus olhos de lince.

– Não tenho nada para contar, Susanna!

– Qual é Delaware? Vai querer me fazer de trouxa? As fotos são muito claras. Você saiu da boate junto a Domenico Fox.

– Ele apenas me ofereceu uma carona. – Escrota! Como tenho coragem de responder algo nesse nível para alguém como Susanna Wesley? Vou ser engolida viva!

– Vai continuar com essa brincadeira estúpida? Domenico Fox não é o tipo de cara que dá carona a mulheres. Ou ele te comeu ou quer te comer. Desembucha! – Não foi um pedido, foi uma ordem, que muito me incomodou. Quem essa mulher pensa que é para me tratar dessa maneira?

– Com todo respeito, Srta. Wesley, mas não devo satisfações da minha vida pessoal. – Retruco, certa de que vou levar pela cara uma resposta a altura da minha petulância.

– Sua vida pessoal? Está treinando para algum show de “*Stand up*” ou coisa parecida? Você só teve acesso aquela boate por minha causa, Delaware!

– Isso não significa que deva falar a respeito da minha vida pessoal com você. – Repito, não a enfrentando por achar um absurdo falar sobre minha vida pessoal, mas sim por um medo desesperador de falar sobre o que rolou naquela boate.

– Qual é a sua? Vai mesmo entrar nessa quebra de braço comigo? – Ameaçadoramente, Susanna apoia ambos os braços sobre a mesa e aproxima seu rosto perigosamente do meu.

– Eu não consegui a exclusiva, Susanna! – Admito, mesmo sabendo que isso não será o suficiente para estancar a curiosidade faminta da “*Malévola*”.

– Independente de exclusiva, alguma coisa você conseguiu, Delaware. Lembre-se, esse é o seu trabalho!

– Meu trabalho? Pelo que entendi na nossa última conversa, meu emprego foi condicionado a conseguir uma entrevista que ninguém jamais havia conseguido. Portanto, esse não é o meu trabalho. Não tenho um trabalho,

Susanna!

– Pois agora tem! Saindo daqui passe no RH e acerte tudo com Allan. A partir de agora, você faz parte oficialmente do quadro de funcionários do “NBP”.

– Mesmo sem ter conseguido a exclusiva? – Arregalo os olhos, não sei se de felicidade por ter conseguido o emprego dos meus sonhos ou se desespero por saber que isso sentenciava meu afastamento por completo do delicioso Sr. Fox. Assim que ele descobrir que sou uma jornalista e pior, qual a minha missão, vai desaparecer por completo, se é que já não o fez.

– Pelo que pude perceber, você conseguiu muito mais do que uma exclusiva, meu bem.

– Ele não falou nada sobre a vida dele, Susanna. Estou sendo sincera. A verdade é que mal conversamos.

– Se mal conversamos é porque muito provavelmente estavam ocupados fazendo outra coisa. – Piscando um dos olhos muito bem maquiados, Susanna abre um sorrisinho irritantemente sarcástico.

– Não estávamos! Foi uma coincidência. Eu estava de saída, não passava um taxi e ele teve a gentileza de me oferecer uma carona e para ser muito honesta, eu não fazia ideia de que tinha aceito uma carona de Domenico Aron Fox. – Rezando para ter sido convincente, aperto os dedos com força por sobre o jeans surrado que vesti as pressas antes de vir para o “NBP”.

– Sabe uma das características mais marcantes de meninas do interior, Delaware?

– Não, não sei... – Respondo, baixando os olhos a espera da agulhada de Susanna.

– A incapacidade de mentir. Vocês são puras demais, não sabem omitir verdades. Vamos, já tem o emprego dos seus sonhos, agora me dê o que preciso!

– Mas eu não tenho o que você precisa. Fui honesta quando disse que nós mal conversamos.

– Mas não foi honesta quando disse que não fizeram nada enquanto não conversavam. Qual é, Ethel, acha mesmo que te coloquei nessa à toa? Eu tinha certeza absoluta que você seria a isca perfeita. Nova na cidade, carinha de anjo, uma presa irresistível para um caçador como Fox!

– Então você me usou? – Não sei porque o tom de surpresa em minha voz, se até mesmo Clarisse já havia comentado a estratégia de Susanna.

– Delaware, entenda que o mundo é dos espertos!

– Está por acaso me chamando de burra?

– Inocente..., mas isso vai mudar. Alguns meses em Boston e trabalhando no “NBP”, você já estará no ponto certo, claro que perderei uma grande arma,

mas, de qualquer forma, você tem outros atributos que podem ser facilmente utilizados.

– Olha aqui, Susanna, se você está insinuando... – Começo a falar irritada e sou cortada com a belíssima mão de Susanna erguida quase na altura do meu rosto, me fazendo calar instantaneamente.

– Não estou insinuando nada, Delaware, apenas falando que você é inconveniente, insistente e persuasiva. São esses atributos facilmente utilizáveis. Saia da defensiva garota! Será divertido trabalharmos juntas!

– Então vamos trabalhar juntas? – Pergunto receosa.

– Qual o seu problema afinal? Já não falei que faz parte da nossa equipe? A não ser que esteja a fim de esconder o que está acontecendo entre você e o todo poderoso Sr. Fox.

– E mais uma vez meu emprego está diretamente ligado a Domenico Fox. – Debocho.

– Tenha em mente que, seu emprego sempre estará diretamente ligado a alguma coisa ou alguém. Vá se acostumando. Agora abra essa sua linda boquinha interiorana e me conte tudo!

Sabendo que não vou conseguir escapar da curiosidade febril de Susanna, penso no que Clarisse falou e mesmo morrendo de medo de nunca mais conseguir colocar os olhos, mãos, boca e outras coisas no delicioso Sr. Fox depois de contar o que aconteceu nas últimas duas noites entre nós dois, resolvo abrir a boca, claro que poupando os detalhes sórdidos.

– Eu fiz o que pediu. Depois de pegar a tal lista dos lugares mais frequentados pelo Sr. Fox, comprei algumas roupas e fui atrás do homem invisível.

– E então? – Sem conseguir se conter, Susanna bate com os altíssimos saltos no chão de mármore, causando um tilintar que chega a machucar os ouvidos.

– Estive no “*Whisky Saigon*” na quinta feira. Eu e uma amiga buscamos por informações a respeito da frequência com que ele aparece no local, sem sucesso algum.

– Ninguém falou nada? – Os olhos de Susanna brilham.

– Sim, falaram, inclusive mostraram qual era sua mesa cativa, que naquela quinta feira, estava vazia. – Falo, tentando mostrar desânimo por ter fracassado.

– O mais estranho é: Por meses pesquisei aquela maldita lista de lugares frequentados por Fox, cheguei ao cúmulo de colocar dois repórteres em sua cola vinte e quatro horas do dia e o “*Back Page*” não consta em um dos seus lugares favoritos, pelo que soube, ele vai pouquíssimas vezes lá e quando isso acontece,

sempre as terças feiras, junto ao seu assessor de imprensa. Como você conseguiu encontrá-lo ontem a noite lá?

– Talvez eu tenha dado sorte... Sei lá! – Comento ao acaso, disfarçando o mal-estar que se instala por tentar enlouquecedoramente mentir para a sagaz “*Malévola*”.

– Acaso, destino, sorte, seja lá o que tenha sido, o que importa é, como a carona aconteceu, quando e como ele se aproximou de você? Quero saber tudo!

– Eu fui convidada por essa minha amiga para ir a “*Back Page*”.

– Pode parar, Delaware. Se vai mentir para mim ao menos use de argumentos inteligentes e seja sensata. Aquela boate não é o tipo de lugar que amigas frequentam, a não ser que a sua seja uma garota de programas ou uma acompanhante de luxo.

– Claro que ela não é! Ela é uma médica, muito respeitável.

– Então conte outra. Quem convidou você e por que, coincidentemente, Domenico Fox estava lá em um dia muito improvável que estivesse?

– Promete que se eu contar a verdade você não irá publicar nada?

– Claro que não prometo! E se for um furo de reportagem? Não posso prometer algo que não vou cumprir.

– Mas não foi um furo, na verdade não consegui nada.

– Ainda. Mas meu sexto sentido me diz que vai conseguir.

– Eu o conheci na quinta feira e antes que me chame de mentirosa, sim, sua mesa cativa estava mesmo vazia. Ele me abordou enquanto estava de pé, no bar.

– Puta merda! Eu sabia que carne fresca seria um convite irresistível para Fox!

– Quer por favor parar de me tratar como um objeto?

– Desculpe, não quis ofendê-la. Prossiga. – Se sentando, Susanna batuca impaciente com uma caneta sobre o tampo de vidro de sua mesa, sem desprender os olhos dos meus por um segundo sequer.

– Ele se aproximou, me chamou para dançar e foi o que fizemos. Nada mais que isso!

– Você tinha nas mãos Domenico Aron Fox e me diz que não aconteceu nada além disso?

– Eu não sabia que tinha Domenico Aron Fox nas mãos! – Me defendo.

– Como não?

– Ele não se apresentou e também não se mostrou nem um pouco interessado em saber quem eu era.

– Você está me dizendo que dançou com um cara a noite toda sem sequer saber o seu nome?

– Fala sério que você nunca fez isso, Susanna? Isso é comum até para as inocentes meninas de Delaware! – Franzindo os olhos, a “*Malévola*” me encara com uma expressão nada amistosa.

– Tudo bem, quem nunca, não é mesmo? Continue...

– Quando terminamos de dançar ele colocou um cartão entre os meus dedos, marcando o encontro do dia seguinte no “*Back Page*”.

– E foi aí que se deu conta que estava dançando com o solteiro mais cobiçado do globo terrestre? Me deixe ver esse cartão!

– O cartão não era pessoal, Susanna. Não tinha nome, telefone, nada! Apenas um horário e o nome do local.

– Mas tinha a letra dele...

– E agora a letra do Sr. Fox é um furo de reportagem? – franzo o nariz, sem acreditar no comentário sem pé nem cabeça de Susanna.

– Não, mas eu bem gostaria de ver a caligrafia daquele homem. – O sorriso cor de marfim se mistura a um biquinho de frustração.

– Enfim, voltando aos fatos. Pensei duas vezes antes de ir encontrá-lo ontem, mas acabei cedendo e para te falar a verdade, me arrependi muito. Não fazia ideia de que aquele lugar era um antro de coisas ilícitas.

– Meu bem, tudo em Boston é um antro de coisas ilícitas.

– Foi o que o motorista de taxi falou ao me confundir com uma menina do interior que veio para cidade grande vender o corpo.

– Ele falou isso? – A gargalhada de Susanna ecoou por toda a sala, fazendo-a engasgar e ficar vermelha como um tomate.

– Sim, ele falou e me senti muito mal com a possibilidade de um taxista achar que eu era uma puta.

– Não uma puta qualquer meu amor, eu diria mais uma puta de luxo.

– Nossa, e isso muda muito as coisas, não é mesmo Susanna?

– Muda, querida. Aqui em Boston, muda! Putas de luxo ganham muito mais, mais até que eu mesma! Vamos voltar ao assunto em questão.

– Não aconteceu quase nada.

– Ótimo, a parte que me interessa é exatamente esse “*quase*” antes do nada.

– Quase nada é quase nada, Susanna! – Resmungo.

– O cara te convida para um antro de perdição como a “*Back Page*” e você tem a cara de pau de me dizer que não rolou quase nada? Vamos Delaware, não subestime minha inteligência!

– E você acha que eu, a “*Delaware*” teria a pretensão de subestimar sua inteligência? Jamais! – Assim que acabo de falar, me dou conta que fui debochada com minha nova chefe.

– Hum... Sinto uma pontada de sarcasmo em seu comentário, Srta. Willians?

– Talvez, mas bem pouquinho... – Sorrio ao ver a cara engraçada que Susanna faz.

– Ok, gosto de pessoas sarcásticas e amargas. Está perdoada.

– Eu não sou amarga! – Me acho na obrigação de ter meu momento de defesa.

– Mas eu sou querida. Você não faz ideia do que é chupar gelo para não engordar pelo menos três vezes por semana na hora do almoço! Não é todo mundo que tem a sorte de ter nascido com esse seu corpinho.

– Mas você é linda, Susanna! – falo, verdadeiramente surpresa por ela não conseguir enxergar a escultura de mulher que é.

– Não custa manter os hábitos, mesmo que doentios. Agora vamos por favor voltar ao que interessa?

– Sendo muito honesta, não tenho muito para contar, apenas tomamos um vinho, bem caro por sinal, ele falou pouquíssimo dele, e só fui descobrir quem realmente era já no final da noite, quando estávamos indo embora.

– Explique.

– Estou explicando. – Arregalo os olhos e torço os lábios diante da atitude arrogante de Susanna.

– Não, você não está. Está simplesmente falando aquilo que convém a você.

– Susanna, eu realmente não tenho mais nada para falar. Domenico Fox foi um cavaleiro, galanteador, cortes, educado e também acho que deu em cima de mim. Fora isso, nada mais aconteceu.

– Nem um beijinho? – Susanna pergunta, estreitando os olhos e apertando os lábios, como se já soubesse minha resposta.

– Sim, ele me beijou. – Envergonhada, baixo os olhos e me assusto com o pulo que a “*Malévola*” dá de sua cadeira.

– Tá de sacanagem que você beijou Domenico Fox?

– Beije! Beije não só uma, mas várias vezes e talvez por isso não tenha mais nada para te contar. Estávamos com as bocas ocupadas demais para conversar. – Sem perceber, estufei o peito e empinei o nariz, orgulhosa de mim mesma por ter conseguido algo que a escultural e esteticamente perfeita Susanna Wesley jamais conseguiu.

– Engraçadinha... Ele te levou para casa?

– Levou.

– Vocês trocaram telefones?

– Não.

- Combinaram de sair novamente?
- Não.
- Será que você pode parar de ser monossilábica? Que coisa mais irritante!
- Só estou respondendo o que você está perguntando, uai! – Dou de ombros, ignorando propositalmente a cara irritada de Susanna ao me ver forçando meu sotaque interiorano.
- Acontece o seguinte Delaware, a partir de agora você está com a matéria de Domenico Fox em suas mãos. Se desdobre em mil e consiga alguma coisa que de “*IBOPE*” a respeito desse cara.
- Susanna, eu não faço ideia de como entrar em contato com ele novamente, e você deve concordar comigo, seria no mínimo ridículo se a partir de agora eu comesse por milagre a aparecer em todos os lugares que ele frequenta. Daria muito na pinta! – Falo já com o coração apertado pela possibilidade de nunca mais ver o apetitoso Sr. Fox.
- Ele vai te procurar. – Susanna fala, como se fosse uma profunda conhecedora dos costumes de Domenico Fox, e isso me causa certo desconforto. Ciúmes talvez?
- Posso saber como tem tanta certeza disso?
- Domenico Fox é um predador voraz, minha querida. Se ele mirou em você, não vai sossegar até abatê-la!
- Me abater?
- Te abater, te foder, te comer... Como você preferir. O fato é, ele pode demorar, mas virá atrás, e quando isso acontecer, bingo! Teremos nossa exclusiva nas mãos!
- E vou escrever sobre o que? O fato de Domenico Aron Fox ter uma queda específica por mulheres de Delaware?
- Espero bem mais do que isso de você, Ethel. Seja inteligente e aproveite a oportunidade.
- Oportunidade de que? O que afinal você tanto quer saber sobre esse homem?
- Pelo que dizem, ele tem um passado conturbado, muito bem abafado e extremamente sigiloso. Esse é o nosso furo, Delaware! Descubra o que de tão ruim aconteceu em sua vida!
- E se ele simplesmente resolveu abafar o passado por que isso o faz sofrer? Já pensou nessa possibilidade? – Sério mesmo que acabei de defender Domenico Fox?
- Homens como Domenico não sofrem! São criaturas esculpidas em gelo, sem sentimentos, desprovidas de coração e qualquer tipo de sentimento.

– Você fala isso com muita propriedade. – Mais resmungo do que falo.

– Talvez seja porque tenho alguma coisa em comum com o poderoso Sr. Fox. De qualquer maneira, isso não é da sua conta. Agora vá, procure por Allan, ele vai indicar sua mesa. Seu trabalho é interno e toda vez que tiver algo para fazer na rua, comunique ao seu superior, que nesse caso, sou eu. O cartão corporativo continua em suas mãos, como disse antes, use-o com moderação.

– E quando eu começo? – Pergunto confusa, observando Susanna se levantar e caminhar apressada até a porta, que ela escancara, em um convite explícito para que eu me retire.

– De preferência essa noite, saindo mais uma vez com Domenico Fox e conquistando sua confiança. Lembre-se Delaware, eu confio em você e no seu potencial.

Me dando uma piscadela, Susanna me empurra pelo ombro, praticamente me colocando para fora de sua sala, fechando a porta em seguida e me largando com cara de idiota diante de sua secretária, que parece conhecer muito bem os modos nada diplomáticos de sua chefe e simplesmente ignora minha presença.

Confusa e atordoada, caminho lentamente em direção aos elevadores a fim de cumprir a ordem dada pela “*Malévola*” e ir diretamente para a sala de Allan Stroke, o simpático e bem-humorado gerente de RH, que muito provavelmente me dará todas as coordenadas que minha suposta chefe não o fez. Que lugar de loucos!

CAPÍTULO DEZ



– Então temos aqui uma jornalista credenciada pelo “NBP”? – Clarisse pergunta entusiasmada assim que coloco os pés em casa, depositando um imenso pote de sorvete por sobre a bancada da pia, me oferecendo uma colher.

– Pois é... – Resmungo, entupindo minha boca com sorvete, na esperança de que a inquisição de minha amiga seja ao menos leve.

– Uau, quanto entusiasmo! – Clarisse satiriza meu pouco caso e minha pouquíssima vontade de falar sobre o assunto.

– Meu cérebro está congelando, pode me dar um tempo? – Falo, apertando o nariz para conter a dor que o gelado do sorvete me causa e tentando ganhar tempo, o que é claro, não passa despercebido por ela.

– Todo tempo do mundo, não tenho pressa, hoje é sábado, a noite está quase chegando, sem namorado, sem nada para fazer, sem ninguém para me comer... Estou a sua inteira disposição minha amiga!

– Por falar em alguém para te comer... – Começo a falar e o olhar quase selvagem de Clarisse me faz rir alto, engasgando com o resto do sorvete na boca.

– Acho que esse é um assunto bem desagradável. Inclusive, você como minha melhor amiga, deveria evitá-lo, uma vez que isso me deprime ao extremo!

– Fica deprimida, porque quer. O que não faltam são pretendentes, Clarisse.

– Com o cérebro do tamanho de uma ervilha. Quero sexo selvagem junto a um penetração inteligente.

– Então você precisa de um pau com “*QI*” acima de 130 amiga, literalmente superdotado.

– Gosto de cabeças pensantes, Ethel.

– Mas necessariamente precisam ser as duas? De cima e de baixo?

– Quanto maior a capacidade intelectual, maior o prazer obtido! – Clarisse fala aos suspiros, revirando os olhos.

– Aconselho então que comece a bater ponto na porta da academia norte americana de letras, amiga.

– Se juntar todos os paus daquelas cadeiras, não vai dar nem um inteiro. Tô fora! – A cara de asco de Clarisse é hilariante.

– Então meu amor, coloque um chip de inteligência artificial em seu consolo, aquele de látex cor de rosa, que você tanto gosta. Fora isso, acho que suas exigências jamais serão preenchidas.

– Cala a boca Thell! Pode parar de enrolar, minhas necessidades sexuais não são o assunto em pauta aqui. Vamos lá, conte logo o que a “*Malévola*” falou.

Sorrindo, decido colocar um fim na curiosidade sem limites de minha amiga. Sei que, se tem alguém nesse mundo que torce por mim, esse alguém é Clarisse. Sem a sua ajuda e o seu apoio, jamais teria conseguido chegar onde cheguei. Ela é o meu porto seguro, sempre foi e sempre será!

– Ela perguntou absolutamente tudo. Claro que não contei as partes que achei impróprias.

– Que nesse caso seriam todas, não é mesmo?

– Não, não é mesmo... tem coisas que pude contar.

– Tipo a parte que ele te fez gozar sentada na mesa com os dedos enfiados em você?

– Clarisse, as vezes você me assusta com suas depravações, sabia?

– Eu te assusto com minhas depravações? Você abre as pernas para um cara que nem o nome sabia ainda, goza igual uma louca e eu que sou a depravada? Não faz a louca hein!

– A diferença é que eu sou discreta, você não!

– Ah, tá! Muita discrição gozar na mesa de uma boate com centenas de pessoas ao redor.

– Vai querer saber o que aconteceu ou vai continuar falando na minha gozada?

– Corrigindo, suas gozadas amiga. Pelo que me contou, foram duas.

– Clarisse!

– Tudo bem, parei. Então, que parte foi pura o suficiente para que você pudesse contar a “*Malévola*”?

– contei a parte que ele se aproximou de mim quando estava no bar, que dançamos...

– Entendi. E ela acreditou que só fizeram isso?

– Claro que não. Ela é a “*Malévola*”, esqueceu? – Faço uma careta enquanto falo.

– E aí?

– E aí que enchi o peito para contar que beijei Domenico Fox. – Clarisse arregala os olhos e sua expressão é tão engraçada que não me contenho em continuar a provocá-la.

– Ah, e contei que não o fiz uma vez só, mas sim várias e que esse foi o

motivo de não ter conseguido fazer pergunta alguma a ele, pois nossas bocas estavam muito ocupadas.

– E ela? – Clarisse leva uma das mãos aos lábios, tampando sua boca com uma cara de chocada.

– Ela fez uma cara de quem estava morrendo de inveja. – Não aguento e caio da gargalhada, levando uma colherada no braço de Clarisse.

– Você é uma vadia, Ethel!

– Não, você é uma vadia, eu sou uma doce menina do interior usada como isca para um predador perigoso da cidade grande.

– Falando em predador da cidade grande, ele te procurou hoje?

– Não...

– Sinto decepção em sua voz?

– Acho que sim. Se bem que eu não esperava que ele entrasse em contato. Ele não me parece o tipo de cara que precisa correr atrás de uma mulher, principalmente uma mulher simples e comum como eu.

– Quantas vezes vou precisar repetir que você não é uma mulher simples Ethel Lisa? – Clarisse joga sua colher estrondosamente dentro da pia e me dá as costas, guardando o sorvete no freezer.

– Nos padrões Domenico Fox, sou muito mais do que simples, Clarisse.

– Deixa de ser idiota! Você é linda! Muito linda inclusive. Milhares de mulheres, dessas que você diz serem o tipo de Domenico Fox, dariam qualquer coisa para ter um terço da sua beleza.

– Você finge que está falando a verdade e eu finjo que acredito, ok?

– Não vou mais falar sobre isso com você, mesmo que tente se esconder atrás da menina que veio de Delaware, uma hora vai se dar conta do poder que tem.

– Vou virar a “*Mulher Maravilha*”. – Falo baixinho, duvidando muito da teoria positiva de Clarisse.

– Sarcasmo não combina com você Ethel Lisa. Prosseguindo o assunto que importa, “*Mulher Maravilha*” ou não, você já decidiu como vai fazer?

– Fazer exatamente o que?

– A respeito da tal exclusiva. Ou você acha que Susanna Wesley te contratou por que?

– Não sei, quem sabe escrever uma coluna sobre relacionamentos frustrados vinculada na última página em pequenas letras aos domingos.

– Deixa de ser engraçadinha, Ethel. A hora que ela perceber que você está fazendo corpo mole para conseguir a entrevista com Fox, você ganhará um belíssimo par de pés calçados com sapatos importados na bunda.

– Não estou fazendo corpo mole. Não sei nem como entrar em contato

com esse homem! – Suspiro resignada, sabendo que minha amiga virá com uma resposta a altura.

– Cara! Ele é Domenico Aron Fox! Basta entrar no “Google” e conseguir um e-mail, um telefone da “Geo Fox”, sei lá...

– Inclusive quando eu ligar para “Geo Fox” será o próprio Domenico que irá atender, Clarisse! Acorda mulher!

– Não estou falando isso. Mas você pode deixar um recado. Se ele realmente estiver interessado, ele retorna.

– Em que mundo você vive? Aquele homem não deve nem lembrar da minha existência, Clarisse. O que aconteceu entre a gente deve ser a rotina de todas as suas noites da semana, cada uma com uma mulher diferente!

– Foda-se, que seja! Mas você precisa correr atrás daquilo que será seu futuro!

– Meu futuro? Do que diabos você está falando? Enlouqueceu de vez? Domenico Fox e eu tendo um futuro juntos?

– Não sua besta! Estou falando do seu trabalho! A entrevista com esse cara vai ser um divisor de águas. Dependendo dela, você deixará de ser a menina vinda do interior e se transformará em uma jornalista de renome, respeitada, e terá a consolidação da sua carreira.

– Não sei se vou conseguir, Clarisse.

– Caralho, não aguento esse seu pessimismo!

– Não é pessimismo, é realidade!

– A realidade é que antes de tentar você não pode ter a certeza de que não dará certo! Se um não já é certo, o que custa tentar um sim?

– E lá vem você mais uma vez com essa história de fazer um não virar um sim. Acorda, Clarisse. Tentar um sim com Domenico Fox?

– Que fosse com o Papa, meu bem! Na vida precisamos sempre tentar! Como pode saber se ele não topará?

– Ah tá, agora você quer que eu chegue até ele e peça na cara dura a entrevista?

– Uai! E qual seria o problema? Honestidade gera admiração.

– E raiva também. Clarisse, ele jamais se mostrou a imprensa!

– Mas você não é uma imprensa qualquer. Você é a garota que ele fez gozar na mesa de uma boate!

– Eu e mais metade da população feminina de Boston. Amiga, o fato de termos tido esse tipo de intimidade não muda nada, pelo contrário, nesse caso, só irá me atrapalhar.

– Não concordo. Criar intimidade gera cumplicidade. Quem sabe não era isso que faltava e exatamente o que ele esperava para que expusesse um pouco

da sua vida publicamente?

– Ele aguardava por uma mulher que se permitisse levar umas dedadas em plena boate para falar da sua vida pessoal?

– Não, mas talvez ele esperava por competência associada a algo mais.

– Algo do tipo?

– Tesão, vontade, desejo, entrega.

– Clarisse, já falei que acho melhor você se manter distante dos armários das medicações controladas do hospital. A abstinência dessas drogas está começando a causar um imenso efeito de rebote na sua pessoa!

– Só para constar, não preciso me drogar para ter minhas alucinações. Bastar ter a mente aberta, e claro, ser dotada de uma imaginação bem fértil.

– Com certeza, imaginação fértil é algo que não lhe falta! – Implico, me levantando e tentando racionalizar toda essa conversa.

Mais cedo ou mais tarde vou ter que ir à caça do delicioso Sr. Fox, mesmo que ele nunca mais me procure. Sei que o que Clarisse falou é verdade. Meu emprego está associado a essa merda de entrevista, que não faço a mínima ideia de como conseguir. Chegar naquele cara deve ser simplesmente impossível!

Por mais que eu tenha noção do tamanho da minha competência, só fui contratada por Susanna porque as fotos vazaram e, experta como é, visualizou a imensa possibilidade de conseguir para o “NBP” aquilo que jamais nenhum outro veículo de comunicação foi capaz.

A verdade é que estou para lá de fodida! Se não der a “*Malévola*” aquilo que ela tanto deseja, mais cedo ou mais tarde estarei servindo bebidas em algum bar imundo em um beco sujo de Boston, assim como fiz por anos no “*Millo’s*”. Preciso urgentemente pensar nas minhas probabilidades e, se possível, criar alguma possibilidade.

– Por que não vamos ao “*Wonder Bar*” hoje a noite? – A voz mansa e repleta de segundas intenções de Clarisse me desperta.

– “*Wonder bar*”? – Faço a inocente, sabendo perfeitamente que esse lugar consta na lista dos mais frequentados por Domenico Fox.

– Sim, o pessoal lá do hospital falou que é um lugar incrível!

– Deixa de ser cínica, Clarisse! Eu decorei de cabo a rabo aquela maldita lista.

– Lista? Que lista? – Minha sagaz amiga fala despreziosa, fingindo estar mexendo em alguma coisa de extrema importância no armário da cozinha.

– Clarisse... – Mais rosno do que falo.

– Ah vai! Qual o problema? Poderíamos nos divertir muito e ainda encontrar o bonitão dos dedos deliciosos.

– Não acho graça alguma dessas suas brincadeiras, Clarisse.

– Pois deveria achar! Não estou querendo prejudicá-la, muito pelo contrário, quero ajudá-la. Eu poderia chamar alguns amigos do hospital e no final das contas, se não conseguíssemos encontrar Domenico Fox, ainda assim iríamos nos divertir.

– Sério? Você realmente está enlouquecendo. Passa por sua cabeça doente que vou ficar correndo atrás desse homem?

– Lembre-se que seu emprego depende desse homem.

– Impossível esquecer, uma vez que você fala nele a cada dez segundos.

– Isso é mentira... – Com um bico, Clarisse faz manha.

– Realmente, você tem razão, vou corrigir a frase... Você não fala a cada dez segundos, você fala a cada cinco.

– Agora sim você foi justa. Vamos, Ethel! Sair um pouco de casa não fará mal a ninguém e outra, não vamos com a responsabilidade da certeza de encontrar com Fox, afinal de contas, nem sabemos se é o lugar que ele frequenta aos sábados! – Fazendo uma cara de pura inocência, Clarisse insiste, piscando excessivamente os olhos, batendo os enormes cílios como uma borboleta pronta para acasalar.

– Não sei, Clarisse. E se ele estiver lá?

– Seria um bônus.

– Não, não seria. O cara é importante, ele pode interpretar como perseguição e inclusive pode me processar! Já imaginou o tamanho da assessoria jurídica que esse homem tem na sua retaguarda?

– Se ele fizer isso, você o processa por assédio! Já imaginou que puta matéria? “*Malévola*” daria saltos de alegria.

– Ele não me assediou, Clarisse.

– Vai ser a sua palavra contra a dele. Se ele te foder, você fode antes com ele. Elas por elas minhas amiga. Lei da selva urbana.

– Não quero esse tipo de matéria e muito menos processar um cara poderosos como Domenico Fox por assédio.

– A verdade é que você está caidinha pelo gostosão.

– Estou interessada, não caidinha.

– Dá no mesmo! Vamos, Ethel! Vamos nos divertir! – Juntando as mãos como se fosse fazer uma oração, Clarisse faz menção de se ajoelhar a minha frente, com cara de cachorro abandonado.

– Tudo bem, Clarisse, economize no drama, eu vou. Mas não vou ficar colhendo informações a respeito de Domenico Fox. Estou saindo para me divertir e esquecer toda essa merda de entrevista. Ficou claro para você?

– Claríssimo! Vou ligar para uns amigos e combinar o horário. Vamos

nos divertir muito essa noite, garota!

– Assim espero... – Respondo observando uma saltitante Clarisse se afastar e uma solidão sem precedentes invade todo o meu ser.

Talvez não haja no universo sentimento mais profundo do que este...Solidão interior. Aquela solidão da alma. A constatação fria e inegável de que, não importa o quanto eu esteja cercada de coisas e pessoas, ou o quanto outras criaturas tenham contribuído com a minha caminhada, como Clarisse o fez e ainda faz, em minha consciência, estou sempre só comigo mesma.

Nesse momento da minha existência, minha consciência me força à transformação, à total, profunda e sincera revisão de tudo que vinha acreditando. Ela me faz olhar novamente para tudo o que fiz, construí e aprendi e, de forma implacável, me coloca frente a frente com tudo que sou de verdade, e nem sequer imaginava.

Não há fuga possível, não há como ou onde eu me esconder. É como se todas as máscaras caíssem ao mesmo tempo e eu fosse obrigada a olhar um espelho vivo e límpido, onde estão refletidas todas as minhas verdadeiras emoções, ideias, necessidades e tropeços. Meus medos e minhas carências.

Desde o primeiro momento que coloquei os olhos em Domenico Fox, foi como se tivesse me deparado com minha verdadeira essência, que eu desconhecia e ignorava propositalmente. Foi como se algo se rompesse dentro de mim e criasse um imenso vazio, que me engole e deixa sem chão e sem teto, flutuando, em completa suspensão.

As referências momentaneamente se confundem, como se o tempo todo, eu estivesse seguindo um mapa falso para um tesouro que idealizei, mas nunca existiu de verdade. As crenças parecem diluir-se, como se não passassem de bonecos de açúcar, que criei apenas para adoçar a minha existência, enquanto estava ocupada demais sonhando acordada e sofrendo pelas mágoas do passado.

As certezas de antes se transformam em dúvidas, como se tudo que eu achava saber não passasse de um enredo destinado apenas a justificar a mim mesma. O que fazia sentido fica pálido e borrado, como se o meu universo fosse apenas o produto de uma imaginação muito fértil ou a lembrança de um sonho muito vívido, ou ainda uma alucinação.

E tudo que eu tenho é apenas a mim mesma, em toda a minha realidade nua e crua. Nem mais, nem menos. Sou eu me despiendo para mim mesma, como nunca havia feito antes...Tudo por causa de um homem! Um completo desconhecido que arrancou de mim sentimentos e sensações que jamais imaginei existir dentro da minha própria solidão.

Ao mesmo tempo que vem o alívio da minha aparente libertação, também vem a dor. A dor de perceber que, talvez essa solidão seja apenas

reflexo de uma escolha, de uma postura, uma crença equivocada pela qual eu mesma optei. A dor de saber que quem se afastou da vida fui eu mesma, em um movimento de defesa infantil e inconsciente, em uma fuga assustada por medo de sofrer, ou de perder, ou de ser esquecida.

A dor de me dar conta de que, o tempo todo, fugi apenas de mim mesma e que os outros, apenas respeitaram a minha fuga, deixando-me fugir. Eu desisti de tentar viver. E a dor às vezes é tanta, e tão grande, que faltam forças para sair do lugar, falta energia para fazê-la parar ou mesmo olhar para ela.

Ela dói no corpo e na alma, dói por dentro e por fora, dói pesado e profundo. Depois que conheci Domenico Fox, não pretendo mais anestesiá-la, como também não pretendo ignorá-la. Não dessa vez. Quero experimentá-la até a última gota, se possível, e se eu suportar, é claro. Quem sabe toda essa dor não seja apenas o fluxo natural da vida a me mostrar que preciso me resolver como pessoa?

Então, se assim o for, quero abraçá-la para que ela se transforme em luz, a luz que ainda não tive coragem de buscar para orientar meus caminhos. Não quero apenas passar por ela, mas passar com ela, caminhar com ela, compartilhar seus segredos, conhecer sua história, afinal de contas, é a minha dor, a minha história!

Assustada com a potência de meus pensamentos, me dou conta de que eu e minha dor sempre estivemos no mundo, caminhando com outras pessoas. Pessoas que estão em outros momentos, pessoas que têm outras necessidades, pessoas que só conseguem ver em mim aquilo que já conhecem, sem conseguir nem de leve, suspeitar quem realmente sou. A verdade é que nem eu mesma me conheço bem...Meus traumas talvez me impeçam.

Não há como explicar essa angustia que devasta a merda da minha essência, transformando de forma mórbida a minha existência, um tanto o quanto medíocre, eu diria. Sim, preciso admitir que em meio as minhas confusões emocionais, me transformei em um ser humano medíocre e pouquíssimo interessante.

Não há como decifrar, não há como abrir o peito e mostrar o que está acontecendo bem ali dentro, onde a dor decidiu se instalar desde que era muito nova. Não há como mostrar o coração que dói ao lado daquele que bate, pois só eu o sinto. Só eu sinto o que ele sente. Mas ao lado de Domenico, tudo parece se transformar. O frio se torna quente e a dor, bem, essa simplesmente desaparece, dando espaço a uma satisfação quase sublime.

O mais estranho de tudo isso é quase ter a certeza de que o sagaz e delicioso Sr. Fox sabe da existência dessa minha imensa dor. É como se ele fosse capaz de compartilhar meus sentimentos mais escondidos e profundos. Eu, meus

traumas, meus medos, meu coração massacrado por anos de indiferença emocional e abandono, junto a Domenico Fox, somos cúmplices um do outro.

É como se junto a ele, minha solidão que é triste, se transformasse, deixando de ser a tristeza massacrante de antes. A mesma solidão que assusta, porém já não é mais medo, ainda machuca, preciso admitir, mas não deixa ferida. Uma solidão que é mais que estar sozinha!

Chocada, me dou conta quase incrédula de que minha solidão vai além do estado físico, atinge em cheio e com tudo minha alma, e só é sanada na presença desse completo desconhecido que bagunçou por completo a minha existência, de quem meus pensamentos se tornaram dependentes nas últimas quarenta e oito horas chamado Domenico Aron Fox.

CAPÍTULO ONZE



– Eu não falei que era um lugar legal? – Clarisse sorri ao ver o meu encanto com o espaço aberto, como um enorme terraço, cheio de árvores, lampiões e mesas de madeira rústica.

– Sim, você falou. Dessa vez ganha um ponto por credibilidade. – Sorrio de volta, enquanto minha amiga me faz uma careta ao mesmo tempo em que abre os braços e caminha em direção a um grupo de pessoas logo a nossa frente.

Aproveito a oportunidade de cinco minutos sem a pressão constante de Clarisse e ando despreocupada pelo ambiente. Sim, o lugar é para lá de fofo! Diferente dos outros frequentados por Domenico Fox, esse exala tranquilidade e não tem de maneira alguma aquele apelo sexual gritante que parecia borbulhar nas minhas veias nas duas últimas noites.

Sério que o “*Sr. Erótico*” vem mesmo aqui? Certamente existe algum erro e o nome “*Wonder Bar*” foi colocado por engano na lista.

A música, apesar de ser um estrondoso “*Rock And Roll*”, se espalha suavemente, sendo bem agradável aos ouvidos e permitindo uma conversa tranquila em qualquer lugar, sem a necessidade de quase romper as cordas vocais para precisar ser compreendida. Sim, gostei muito desse tal “*Wonder Bar*”.

– Thell? – Ouço Clarisse me chamar e com um sorriso nos lábios me viro em sua direção.

– Gente, essa é minha grande amiga e futura famosa jornalista, Ethel Lisa Willians. Podem tratar de guardar esse nome, vocês ainda ouvirão muita coisa a respeito dele! – Me abraçando pelos ombros, Clarisse faz sua teatral apresentação, me deixando sem graça e muito provavelmente vermelha como um pimentão.

– Oi. – Me limito a falar, bem baixinho enquanto aceno com uma das mãos.

– Olá quase famosa jornalista Ethel Lisa Willians! Eu sou Andrew Hidden, mas por favor, me chame de Drew. – Um jovem bem bonito e que muito provavelmente regula a idade de Clarisse, é o primeiro a se manifestar, aproximando seu rosto do meu e beijando de maneira quase íntima minha bochecha.

– É um prazer conhecê-lo, Drew.

– Drew também é residente no hospital, Thell. E preciso falar que desde que falei da sua chegada na cidade, ele vem me infernizando a paciência, louco para conhecê-la.

– Sério? – Falo e não consigo conter um sorriso ao ver as bochechas no bem atraente Drew corarem.

– Conhece Clarisse, não é mesmo? Óbvio que ela está sendo exagerada!

– O jovem fala, se aproximando e segurando de forma galante uma de minhas mãos.

– Conheço bem a figura. – Aceito a leve pressão que seus dedos fazem nos meus e o encaro com uma expressão apaziguadora no rosto.

– Claro que isso não tira em nada o prazer imenso que é conhecer você, linda e quase famosa Ethel Lisa.

– Digo o mesmo, Drew. – Sem graça com tanta bajulação, me dou conta das outras duas pessoas que acompanham o falante médico, que parecem se divertir com a situação, bom, pelo menos uma delas. A outra me olha com certa animosidade e fica bem aparente que estou diante de uma imensa e nada amistosa crise de ciúmes.

– Prazer, Ethel. Eu sou Victória, mas por favor, me chame de Vick e essa é Amanda. – A morena alta e bem simpática se pronuncia e sou brindada com um sorriso amarelo da loira baixinha, que não tira seus olhos de Andrew. Será que apenas eu estou percebendo o quanto ela é a fim do cara?

– É um prazer conhecer vocês duas também! – Sorrio, tentando abrandar a impressão ruim de Amanda a meu respeito, claro que sem sucesso. Propositamente, a loira ignora meu cumprimento e como um soldado da guarda real, se posta ao lado de Drew, praticamente implorando por sua atenção.

– Vamos beber alguma coisa? – Clarisse, parecendo notar a pouquíssima disposição de sua amiga de ser ao menos agradável, resolve interceder, me puxando pela mão e caminhando rapidamente em direção ao bar.

– O que há de errado com essa garota? – Pergunto baixinho a Clarisse assim que nos acomodamos lado a lado nos bancos altos que cercam o bar.

– Desde o início da residência ela dá em cima de Drew. Ele acabou cedendo e eles tiveram um rolo a alguns meses atrás.

– Então eles saem juntos?

– Não mais. Porém, parece que Amanda não se conformou ainda com o fato.

– E sempre que ele se aproxima de uma mulher ela faz essa cara?

– As vezes é pior. – Clarisse sorri ao ver minha cara de chocada com a informação.

- Pior? A garota quase me engoliu viva!
- Digamos que ela foi bastante sutil com você, amiga. Geralmente ela rosna e algumas vezes costuma inclusive babar!
- Clarisse!
- Estou falando sério. Já cheguei a levantar a hipótese de ela ser portadora de hidrofobia!
- Você é uma pessoa muito cruel, Clarisse Thompson.
- Apenas com quem merece minha crueldade.
- Achei que fossem amigas.
- Eu? Amiga de alguém assim? Jamais! O problema é, todas as vezes que marcamos de sair e Drew está nos planos, ela se convida e dá um jeito de aparecer.
- Sério? E ele fica bem com toda essa pressão? – Pergunto e sem querer, ergo meus olhos que encontram com o sorriso malicioso e cheio de segundas intenções estampado no rosto de um entusiasmado Andrew.
- Não, ele não fica. Mas acho que aprendeu a conviver com a inconveniência de Amanda.
- E por que diabos ele não tem uma conversa honesta com ela e esclarece que não terão mais nada?
- Drew é um cara muito legal, amiga. E só para você saber, essa conversa já existiu. O fato é, a garota é persistente. Ele, por sua vez, não seria o cavalheiro que é se fosse grosseiro ao tentar afastá-la, portanto, prefere ignorar suas investidas e fingir não reparar seu ciúme quase psicótico.
- Que merda de situação!
- O foda disso tudo é que além da situação em si, ainda existe o trabalho. Nem no hospital ela dá descanso.
- Como assim não dá descanso?
- Andrew já foi chamado por duas vezes na sala do diretor e levou uma baita comida de rabo por causa das cenas de ciúmes protagonizadas por Amanda nos plantões.
- Uai, e que culpa ele tem do descontrole emocional dela? – Pergunto, não acreditando no que estou ouvindo.
- Nenhuma. Acontece que não é assim que ela faz chegar aos ouvidos da direção do hospital. Para os grandões, Drew é um conquistador barato que bagunça propositalmente os sentimentos de uma pobre e indefesa moça apaixonada.
- Mesmo que assim o fosse, é ela quem faz as cenas. Por que então ele deveria ser responsabilizado?
- Porque na concepção dos diretores, Drew é quem precisa segurar a

onda da “namoradinha”.

– Que confusão! – Suspiro com pena do pobre Andrew enquanto bebo um longo gole do meu refrigerante.

– Pois é... Eu diria que é uma puta de uma confusão que não valeu a única trepada que tiveram.

– Eles só foram para cama uma única vez e ela ficou assim?

– Para você ver, amiga!

– Melhor eu ficar distante do “*Sr. Açucarado*”, não quero correr o risco de ficar dependente também! – Clarisse solta uma imensa gargalhada assim que acabo de falar e fica impossível não acompanhá-la.

– Relaxa, você não corre esse risco. Esqueceu que tem o “*Sr. Super gostoso e sexy*”, por quem já adquiriu dependência o suficiente? – Clarisse ergue uma de suas sobrancelhas em uma notória expressão de deboche e minha vontade e de arrancar os cílios postiços dela que batem para mim.

– Tão engraçadinha! E só para deixar claro, não sou e jamais serei dependente de Domenico Fox.

– E eu sou o coelhinho da pascoa... – Clarisse começa a falar, mas nesse instante, sou incapaz de ouvir uma única palavra.

Aquela sensação estranha que mistura frio e calor ao mesmo tempo volta a me invadir. Dessa vez é tão forte que além de causar os arrepios e espasmos por todo o meu corpo que experimentei nas últimas duas noites, chega a doer. Uma dor incontável e também inexplicavelmente gostosa. Aperto os olhos e tenho uma única certeza. Domenico Fox está aqui!

– Ei, você está me ouvindo? – Cutucando meu ombro, Clarisse me desperta, me obrigando a piscar excessivamente os olhos a fim de tentar me livrar do torpor quase mágico que me domina.

– Desculpe amiga... – Não consigo terminar a frase. Minha voz parece agarrada em minha garganta.

– Ethel, você está bem?

– Ele está aqui!

– Ele quem, sua louca? – Clarisse arregala os olhos e me encara, parecendo não entender absolutamente nada do que estou falando.

– Domenico... Ele está aqui! – Falo baixinho, como se ele pudesse ouvir.

– Fala sério, agora você virou sensitiva? – Minha amiga olha em seu entorno, como se assim fosse conseguir reconhecer o homem que vem tirando meu juízo nos últimos dias.

– Quer parar de olhar para os lados! – Chamo sua atenção, mesmo morrendo de vontade de fazer a mesma coisa e encontrar mais uma vez o belíssimo par de olhos azuis que me atrai na mesma proporção que um holofote

o faz com uma mariposa.

– A qual é, Ethel! Eu preciso ao menos saber como esse cara é, não seja egoísta!

– Eu vou embora.

– Ficou louca? Embora por que?

– Não vou ficar aqui e deixar que ele pense que estou correndo atrás dele, Clarisse. – Falo ao me levantar e pegar minha bolsa de sobre o balcão do bar.

– Você não tem o direito de estar no mesmo lugar que ele? Pode ser apenas uma coincidência, ele não pode acusá-la de segui-lo. – Ela segura meu braço, tentando me impedir de deixar o bar.

– Clarisse, por favor... – Apenas olho minha amiga, praticamente implorando para que ela me deixe sair sem argumentar mais nada.

– Ethel, seja sensata. Você nem sabe se ele realmente está aqui. E caso ele esteja, seria ridículo ele te ver sair correndo, não acha?

– Não vai ser ridículo, uma vez que ele não vai ver.

– Sinceramente? Você só pode estar ficando louca! Primeiro que uma sensação não é o suficiente para ter a certeza que o cara esteja realmente aqui, segundo que não vejo motivos para fugir como uma criminosa simplesmente por estar no mesmo local que ele. Como você poderia saber? Seja coerente, sente-se e se acalme.

Me puxando pelo braço, minha amiga tenta me convencer, aumentando em doses cavalares o meu desespero e desconforto, uma vez que a sensação inebriante da presença máscula e viril de Domenico Fox aumenta em uma proporção desordenada a cada segundo que se passa.

– Clarisse, eu só quero e preciso ir embora! Não estou pedindo que vá comigo, apenas que largue a porra do meu braço e me deixe ir.

– Sério mesmo que você vai ser grosseira comigo por causa desse babaca?

– Não estou sendo grosseira, apenas te pedindo para que entenda meu ponto de vista e pare de usar argumentos que, como já deve ter percebido, não me farão mudar de ideia.

Clarisse larga na mesma hora meu braço e seus olhos se arregalam, demonstrando sua surpresa com minha atitude decidida. Imediatamente me viro e começo a caminhar apressada, querendo chegar o mais rápido possível na saída. Mais uma vez a sensação de dormência invade minha alma e meu corpo paralisa.

A minha frente, com os azuis cerrados e colados nos meus, está Domenico Aron Fox. Isso talvez até fosse prazeroso, caso me recordasse das duas últimas noites que passei com ele, o problema é que na mesma hora, minha

visão periférica detecta a presença de uma loira deslumbrante ao seu lado e de maneira nada discreta, desvio meus olhos dos seus, seguindo o caminho de seu musculoso braço até a cintura esbelta de sua acompanhante.

Ciúmes. Acho que é isso que estou sentindo, além é claro, da imensa frustração em me dar conta de que não sou e jamais seria a única na vida de um homem como Domenico Fox. Inexplicavelmente, minhas entranhas se contorcem de raiva e minha vontade é de partir para cima desse homem e arrancar sua mão com braço e tudo da loira aguada, que parece muito mais do que satisfeita por estar ao seu lado.

– Ethel... Tudo bem? – A voz de Clarisse tira meu foco momentaneamente.

– Tudo... Quer dizer, claro, por que não estaria tudo bem? – Respondo, pigarreando na tentativa inútil de encorpar minha voz.

– Certeza? Não quero que você saia daqui chateada comigo.

– Não estou chateada com você, Clarisse.

– Pois não é o que parece.

– Já falei, não estou chateada, só quero ir embora.

– Dá para você olhar para mim enquanto fala? – Clarisse praticamente grita e me vendo permanecer imóvel, vira seus olhos na direção em que estou focada.

– Domenico Fox? – Discretamente ela pergunta, parecendo não acreditar no que vê a sua frente.

– Em carne e osso.

– Carne por parte dele e osso por parte da loira com cara de puta a qual ele está agarrado. – Clarisse completa e fica impossível não rir. Sorriso que logo foi substituído por um desespero sem fim. Domenico e a Loira caminham com toda a elegância do mundo bem em nossa direção.

– Merda. – Praguejo e tento descarregar todo o meu nervosismo na pequena bolsa, apertando-a com toda a força que posso por entre meus dedos a frente do meu corpo.

– Puta que pariu! Ele está vindo para cá. – Clarisse, não tão discretamente quanto eu, blasfema em voz alta, muito mais alta do que deveria.

– Clarisse! Xiu!

– Xiu o cacete! O Sr. “*Super sexy*” está vindo na sua direção!

– E daí? Já deu para perceber que ele está acompanhado. Muito bem acompanhado, inclusive.

– Não considero ter uma puta ao lado estar muito bem acompanhado

– Você não sabe se ela é uma puta. Pare de pré-julgar as pessoas dessa maneira.

– Fala sério, Thell. Pisca em neon vermelho na testa dela a palavra “*Putá*”.

– Cala a porra da boca, Clarisse. – Resmungo, com o estresse no nível “*Hard*”, ao ver o homem que vem atormentando meus pensamentos a alguns palmos de mim, sem desviar as lindas esferas azuis do meu rosto.

Perto o suficiente para que conseguisse sentir o cheiro amadeirado de seu perfume, abri os lábios para cumprimentá-lo e para minha surpresa, com imensa indiferença, ele desviou o olhar do meu e passou direto, desviando do meu corpo e o de Clarisse, sem ao menos um educado “*Boa noite*”, ignorando completamente a minha existência.

– Sério mesmo que o babaca fingiu não te conhecer? – Clarisse acompanha o casal boquiaberta e espumando de raiva, parecendo pronta para saltar por sobre Domenico Fox a qualquer momento.

– Deixa isso para lá, Clarisse. – Falo, sem acreditar que fui tratada dessa forma, ou melhor, simplesmente de forma nenhuma, porque não fui nem tratada.

– Deixar para lá? O cara te enfiou os dedos na noite passada na mesa de uma boate lotada, te fez gozar, falou absurdos no seu ouvido e hoje passa por você e finge não te conhecer?

– Clarisse, apenas deixa para lá.

– Impossível! Esse escroto merece umas boas porradas.

– Talvez eu mereça as porradas por ter sido fácil demais, não acha? – Me viro para minha amiga e tento conter o tremor de meus lábios ao pronunciar as palavras.

– Thell, por cristo! Você não tem culpa alguma do cara ser um completo maluco.

– Ele não é maluco, Clarisse. É pegador! Eu fui apenas mais uma para sua imensa lista. Como te falei, o que uma mulher como eu poderia oferecer a um homem como Domenico Fox?

– Pare de se depreciar, Ethel.

– Não estou me depreciando, estou sendo realista.

– E aí meninas? Se perderam a caminho do banheiro? – Não percebi quando Andrew se aproximou e despretensiosamente segurou minha cintura.

– Pois é, acho que nosso “*GPS*” está com algum problema. Vamos, Ethel, acho que é o banheiro é do outro lado.

Clarisse me puxa pelo braço, caminhando em passos apressados para o ambiente interno, onde muito provavelmente existe um banheiro, para onde supostamente estávamos indo, porém, isso não impede que Andrew mais uma vez se apodere da minha cintura, dessa vez, de maneira mais possessiva.

– Eu acompanho vocês. – Com uma voz profunda e claramente tentando

fazer o sedutor para cima de mim, Drew sussurra em meu ouvido.

– Tudo bem... – É só o que consigo falar. Estou anestesiada demais por ter sido rejeitada por Domenico Fox para ter qualquer outro tipo de reação mais enfática.

Diferente da varanda externa, a parte de dentro é sufocante e bem claustrofóbica. Luzes brancas e roxas piscam sem parar, tornando tudo em volta um imenso e disforme borrão. A música, por sua vez, é desconfortavelmente ensurdecadora e por incrível que pareça, apenas eu pareço me incomodar com isso.

Uma enxurrada de sorrisos e corpos nos cercam. Asfixiada e buscando ar para meus pulmões saturados, me apoio no braço de Andrew, que entende minha ação como um convite e na mesma hora me envolve ainda mais apertado, tornando minha sensação ainda mais desesperadora.

Um pouco antes de chegarmos ao corredor que acredito levar até o banheiro, o par enigmático de olhos azuis de Domenico Fox se prende aos meus. Por alguns segundos, acho ter visto uma mistura de incerteza com desconforto, mas foi mesmo por míseros segundos, uma vez que logo seus olhos se perdem nos braços de Andrew, que se apertam ao meu corpo como tentáculos.

A mudança em sua fisionomia é imediata. De quase receptivo a furioso. O que esse cara tem afinal? Quem ele pensa que é para ficar furioso por eu estar abraçada com um homem se ele mesmo chegou agarrado a uma mulher e me ignorou completamente, me tratando como uma total desconhecida?

– Bipolar! – Falo irritada, mais para mim do que para que fosse ouvida.

– Oi? – Clarisse, que caminhava decidida a minha frente se vira em minha direção.

– Nada...

– Quem nada é peixe minha amiga. Vamos lá, desembucha. – Sem um pinga de cerimônia, Clarisse me puxa dos braços de Andrew e praticamente me arremessa contra a porta do banheiro.

– Cacete, Clarisse! Qual o seu problema? – Reclamo assim que colocamos os pés no ambiente gratificadamente mais silencioso do banheiro.

– O meu problema? Qual o seu problema, Ethel?

– Dá pra parar de repetir o que eu falo?

– Não, não dá. Estou nervosa. – Abrindo espaço entre duas mulheres que estão em frente ao espelho, Clarisse se apoia na bancada de mármore da pia, sem se importar com o quanto encharcada ela está.

– Você está nervosa? Sério mesmo? Posso saber por que? – Pergunto me aproximando e olhando-a através do espelho.

– Você viu o que aquele babaca fez?

– Partindo da premissa que foi comigo que ele fez, sim, eu vi. – Respondo, me recusando mais uma vez a acreditar que fui tratada como tão pouco.

– E você vai simplesmente deixar por isso mesmo? – Uma Clarisse indignada quase engasga ao me encarar.

– Assim como, Clarisse?

– Não vai fazer nada?

– O que exatamente você quer que eu faça?

– Sei lá, mas alguma coisa você precisa fazer. O cara é um completo piroca da ideia!

– Não, minha amiga. Ele é muito do esperto, isso sim. Tonta fui eu, que me permitir ser tão pouco para um homem que mal conhecia.

– Cala a boca, Ethel! A culpa não é sua.

– Claro que é. Domenico Fox tem uma fama bem conhecida, não só em Boston, mas em todo o território norte americano.

– Você não sabia que era Domenico Fox.

– Não, realmente eu não sabia, porém, sabia que estava lidando com um homem com o qual, muito provavelmente não conseguiria lidar.

– De qualquer forma, você precisa fazer alguma coisa, Ethel.

– E o que exatamente sugere, Clarisse? Quer que eu vá até lá e de um dramático e teatral tapa em seu rosto?

– Eu optaria por um soco.

– Claro, você e sua violência desnecessária. Mas o caso aqui é, não vou fazer nada. Seria no mínimo ridículo!

– Mas Thell...

– Sério, amiga. Não se esqueça que estou bem acostumada a rejeições. Uma a mais, uma a menos em minha vida, não fará muita diferença. – Suspiro resignada.

– Momento “*vítima das circunstâncias*”? – Clarisse coloca ambas as mãos na cintura e se sacode como uma boneca descontrolada.

– Momento realidade, minha amiga!

– Foda, viu! – Clarisse pragueja e me faz sorrir, achando uma imensa graça de sua expressão indignada.

– Foda ou não, é assim que vai ser.

– Não pode ser assim, Ethel!

– Claro que pode. Na verdade, já está sendo.

– Sua louca, acorda! Você precisa da merda da entrevista!

Me segurando pelos ombros, Clarisse me chacoalha quase que de forma violenta, me fazendo acordar do transe que estava desde a hora em que dei de

cara com Domenico, me fazendo lembrar que a merda do meu emprego depende desse homem. Puta que pariu! No que fui me meter?

– Honestamente, amiga...Estou mais perdida que um cego em meio a um tiroteio.

– Eu tenho uma ideia. – Os olhos de Clarisse brilham e posso dizer que isso muito me assusta.

– Uma ideia? – Pergunto cabreira, já precedendo alguma coisa muito absurda maquinada por minha amiga.

– Está disposta a fazer o que eu falar? – Clarisse me olha e dessa vez suas feições de endurecem, como se ela tivesse uma certeza absoluta de que seu plano será infalível.

– Não posso responder até que me conte o que está pensando, Clarisse.

– Sim, você pode. Apenas me diga... Você é capaz de fazer o que vou falar?

Um silêncio estressante se instala e todo o burburinho do banheiro parece desaparecer. Analisando com coerência, Clarisse jamais faria absolutamente nada que me prejudicasse, muito pelo contrario, se existe alguém no mundo que quer o meu bem e que faria qualquer coisa por mim, esse alguém é minha amiga.

– Tudo bem, eu faço. – Concordo com seja lá qual for a loucura de Clarisse.

– Ótimo, lembre-se que: Você vai precisar ser convincente, não pode vacilar.

– Convincente?

– Sim, bastante convincente e se eu não estiver enganada e Domenico Fox for realmente o predador voraz que todos descrevem, hoje ele vira a caça minha cara e você... A caçadora!

CAPÍTULO DOZE



– Drew! – Assim que me aproximo de um surpresa Andrew, que parece extasiado com minha mudança súbita de atitude, entrelaço meus braços ao redor do seu pescoço, colando meu corpo ao dele de maneira sensual.

– Muito feliz em te ver também, Ethel! – Sorrindo, Andrew me agarra pela cintura, apertando ainda mais meu corpo, me fazendo sentir o tamanho do seu entusiasmo, bem grande por sinal.

– A fim de dançar? – Esbanjo a lasciva em meu tom de voz.

Jogando minha cabeça para trás, ofereço descaradamente meu pescoço para a sedenta e já bem a postos boca de Andrew, que prontamente atende meu apelo e desliza seus lábios de forma suave por toda sua extensão, alcançando a junção entre meu ombro e pescoço, onde deposita um beijo molhado.

– A fim de qualquer coisa que você também esteja a fim. – Ele responde, segurando com firmeza meu cabelo na altura da minha nuca. E não é que Drew tem uma boa pegada? Isso talvez explique a obsessão de Amanda.

– Então acho que vamos nos divertir muito essa noite, Drew!

Mal terminei a frase e a boca de Andrew tomou a minha. Não posso falar que o beijo é ruim, pelo contrário, é muito bom inclusive, quente e sensual na medida exata. O problema é que depois de Domenico Fox, qualquer coisa se torna insonsa e sem graça. Ninguém tem o poder supremo de encharcar a calcinha de uma mulher com apenas um olhar como aquele homem o tem, quanto mais com um beijo!

No mesmo instante em que Andrew desgruda seus lábios dos meus e começa a explorar a pele nua do meu pescoço a sensação de torpor me invade. Agarrada ao corpo de Drew, corro os olhos pela pista de dança, em busca dos enigmáticos e misteriosos olhos azuis, sem conseguir encontrar qualquer vestígio de sua presença, que não seja o calafrio sem fim que percorre toda a minha coluna, difundido por todos os meus músculos e veias.

– Ei, vamos com calma crianças, isso aqui pode até ser um antro de putaria, mas certamente não aconselho que se peguem no meio da pista. – Clarisse aparece em um passe de mágica, me causando um imenso sobressalto e preciso admitir, um pouco de alívio também.

– Objetivo atingido, amiga! – Ela cochicha em meu ouvido, enquanto aperta as bochechas de Andrew a fim de distraí-lo e desviar sua atenção do que ela fala.

– Eu sei... – Encosto os lábios na orelha de minha amiga para falar com discrição.

– Como?

– Sabendo!

– Estou realmente começando a ficar preocupada com esse seu lado sensitivo, Ethel! – Clarisse debocha e beija levemente minha bochecha, sorrindo em seguida, dando a entender a Andrew que falava alguma coisa casual, ou talvez até mesmo sobre ele, dado a piscadela que ela dá em sua direção antes de se afastar.

– Quer beber alguma coisa? – Usando todo o seu charme, Andrew se afasta do meu corpo e segura minha mão, levando-a até seus lábios, dando um delicado beijo nos nós de meus dedos.

– Uma cerveja, pode ser? – Troco as pernas, desconfortável com a sensação estranha que permanece estagnada em meu corpo.

– Vamos até o bar então.

Colocando uma das mãos em minha cintura, Andrew começa a me guiar pela pista, mas o efeito Domenico Fox fala mais alto. Dessa vez a dormência avançou para uma tremedeira sem fim! Minhas pernas parecem falhar e não me sinto em condições de caminhar ou muito menos acompanhar Andrew, sabendo que os olhos azuis de lince estão colados em mim.

– Preciso ir ao banheiro. Te encontro em cinco minutos, pode ser? – Sorrio, tentando disfarçar meu descontrole emocional que beira a histeria no exato instante em que olhos azuis de fixam aos meus.

– Tudo bem, princesa. Te espero no bar. – Andrew beija de leve meus lábios e se afasta. Respiro profundamente e me viro apressada, louca para me livrar da sensação massacrante que Domenico me causa.

Não cheguei a dar nem dois passos quando dedos fortes seguraram meu braço na altura do cotovelo. É como se uma corrente elétrica se alastrasse pelos meus nervos e alcançasse com enorme força meu desfragmentado cérebro. Na mesma hora sou tomada pelo desejo lascivo, imoral, voraz, e me pego de olhos fechados, praticamente suplicando por seus beijos.

– Eu tomaria bastante cuidado se fosse você.

A voz rouca e nada receptiva, mesmo assim ainda deliciosa de Domenico Fox, sussurra levemente em meu ouvido, me forçando a apertar as pernas a fim de conter a dor misturada ao prazer que se instala em meu sexo diante da vontade ensandecida que sinto por esse homem.

– Cuidado com o que? – Minha voz praticamente não sai e a todo custo, evito seu rosto.

– Comigo! – Mais direto seria impossível!

A mordida em meu pescoço que seguiu a sua única palavra me desmontou completamente, espalhando milhões de pedaços meus por toda a pista de dança. Meu coração dispara e minhas emoções se reviram, tudo que eu mais quero e preciso é me perder nas delicias do sexo que esse homem é capaz de me proporcionar.

– Não tenho porque tomar cuidado com você. – Mais gemo do que falo ao sentir sua língua acariciar o lugar antes castigado pela forte mordida.

– Tem certeza disso? – O tom ameaçador me coloca em estado de alerta, mas não consigo mexer um músculo sequer. O toque insistente de seus lábios, dentes e língua no meu pescoço me inebriam em tal proporção que sou incapaz de reagir.

– Absoluta... – Claro que eu não tenho certeza, mesmo porque, para ter certeza, eu antes precisaria ter juízo e, se eu tivesse um pinga de juízo, jamais afrontaria um homem como Domenico Fox.

– Acho que temos uma “*Bratt*” aqui. – Ele fala desdenhoso, com um sorriso torto e bem filha da puta nos lábios. Mas o que diabos é uma “*Bratt*”?

– Uma o que?

– Uma “*Bratt*”.

– E o que seria, uma “*Bratt*”?

– Uma submissa rebelde, que afronta seu dono propositalmente, em busca de prazer e castigos.

– Sério, você realmente é louco! Submissa, dono, castigos, “*Bratt*” ... Que porra toda é essa?

Irritada e esquecendo completamente os planos de Clarisse, que até então pareciam estar indo de vento em popa, me afasto e puxo meu braço com toda a força que consigo, observando a expressão admirada e um tanto chocada do homem deliciosamente louco a minha frente, que parece não acreditar na minha atitude.

O corpo imenso e ameaçador repleto de músculos avança dois passos em minha direção e isso é o suficiente para reduzir nossa distancia a uma folha de papel. Sua respiração alterada mexe os fios desarrumados dos meus cabelos e seu hálito me reduz a um monte de camadas epiteliais desarrumadas.

– Você vem comigo. – Falando isso, Domenico mais uma vez agarra meu braço e dessa vez posso afirmar categoricamente que não consegui reagir por puro pavor.

Seus dedos se apertam em volta da minha carne, misturando as

percepções de dor e deleite por ser tocada mais uma vez pelas mãos poderosas que me tiram completamente do sério, proporcionando as maiores e melhores loucuras já sentidas em toda a minha vida.

Parecendo recuperar a razão, mais ainda sem condições de qualquer tipo de reação, me vejo ser praticamente arrastada através da pista de dança em direção a área externa. Mesmo diante dos meus protestos verbais quase inaudíveis, Domenico não solta meu braço, muito pelo contrário, seus dedos parecem garras que se apertam cada vez mais ao redor da minha pele já dolorida.

– Você está me machucando... – Reclamo manhosa, mas isso só o faz aumentar consideravelmente a pressão exercida antes. Um pavor sem precedentes me domina. E se ele me machucar? E se ele me bater?

– Não estou te machucando, estou dando aquilo que você merece... E quer!

– Eu mereço? Você banca o babaca chegando aqui com uma puta, passa por mim como se eu não existisse e eu que mereço alguma coisa? – Esbravejo e ele estanca na mesma hora, respirando profundamente com os olhos fechados, como se precisasse desse tempo para recuperar o autocontrole.

– Sabe de uma coisa? Você deve ser mesmo um cara muito perturbado, Domenico. Uma hora me atrai até você, me monopoliza como se eu fosse uma propriedade sua, em outra, simplesmente me joga de escanteio, como se eu não valesse absolutamente nada além de uma trepada em uma noite qualquer, aí, logo depois reaparece, agindo como se fosse meu senhor absoluto, exigindo direitos que não é capaz de conceder!

Não havia percebido, mas ao parar de falar e buscar o ar para os pulmões, consigo reparar em algumas pessoas observando meu escândalo temperamental e impulsivo. Puta merda! Sério mesmo que eu estava aos gritos com Domenico Aron Fox? Fodeu a merda toda de vez agora! Ou vou levar um tabefe, daqueles bem dados, ou ele simplesmente vai me dar as costas e desaparecer de uma vez.

Diante da sua cara apalermada, devo considerar seriamente a segunda hipótese. Já era entrevista, já era tesão, já eram as noites quentes recheadas com as mais libertinas e concupiscentes putarias e sacanagens explícitas... Enfim, já era a porra toda! Lendo meus pensamentos e precedendo minhas preocupações, Domenico solta meu braço e ainda ofegante, me encara firmemente.

– Tudo bem, acho que começamos a noite errado. Te devo um pedido de desculpas. – Sério que estou mesmo ouvindo isso? Não ousa abrir a boca, afinal, interromper um pedido de desculpas de Domenico Fox seria praticamente uma heresia.

– Tudo bem... – Sério que eu falei que está tudo bem? Não acredito que minha boca teve a cara de pau de emitir essas palavras profanas e infames!

– Eu sei que não está tudo bem, Ethel. – Resignado, ele leva uma das mãos aos cabelos e por um segundo inveja seus próprios dedos. Como queria que fossem os meus a serem brindados com o toque certamente suave de suas lindas mexas loiras.

– Não, não está... – Admito.

– Podemos sair daqui? – A pergunta me surpreende. Até dois minutos atrás estava sendo arrastada a força e agora ele me pergunta se podemos sair? Será que ele é bipolar?

– Você está nervoso Domenico, não acho uma boa ideia... – Erguendo uma das mãos ele silencia minhas palavras colocando seu indicador sobre os meus lábios.

– Acha mesmo que eu te machucaria? – Incrivelmente o todo poderoso Domenico Fox deixa transparecer uma certa mágoa em suas palavras e na mesma hora me arrependo de ter pensado que ele seria capaz de fazer qualquer coisa violenta contra mim.

– Não... Sei que não faria. Mas acontece que está tudo errado, se é que existe esse tudo. Não estou cobrando nada de você, saímos duas noites, foi legal, intenso, talvez tenha sido só isso, mas você passou por mim e me ignorou...

– Acho que já me desculpei sobre isso.

– Sim, se desculpou. Mas isso não tira a frustração que eu senti na hora que me ignorou. Sei que talvez sua namorada...

– Ela não é minha namorada! – Exasperado, como se eu tivesse falado a pior das ofensas, ele me observa de olhos cerrados.

– Mas poderia ser.

– Não, não poderia.

– Claro que poderia. É uma mulher linda e se quer ouvir minha opinião, combina bastante com você.

– Quer dizer então que uma puta combina comigo? – Ele ergue uma de suas sobranceiras e a sombra de um sorriso ilumina seu rosto, deixando-o ainda mais lindo do que já é.

– Eu não falei isso...

– Disse que cheguei agarrado a uma puta.

– Foi da boca pra fora. Acho que é a minha vez de pedir desculpas.

– Não se desculpe. Ela é mesmo uma puta.

– Oi?

– Foi exatamente o que ouviu. Agora será que podemos sair daqui e ir a um lugar mais calmo onde possamos conversar numa boa?

– Preciso pegar minha bolsa e avisar Clarisse.

– Uma amiga? A que estava com você no “*Whisky Saigon*”?

– Você a viu? – Pergunto curiosa. Se bem me lembro, quando Clarisse me encontrou, Domenico já tinha ido embora.

– Sim, eu a vi.

– Aqui?

– Não, minha linda e curiosa menina. – O sorriso em seu rosto agora é largo e deliciosamente atinge em cheio seus olhos, tornando-o um ser menos mitológico e mais humano.

– Eu a vi naquela noite, quando ela te conduzia com carinho e atenção até entrarem no taxi.

– Era você... No Bentley! – Eu sabia, alguma coisa me atraiu para aquele carro parado do outro lado da rua!

– Sim, era eu. Agora vamos buscar sua bolsa e avisar sua amiga.

– Eu posso ir sozinha, não precisa se incomodar.

– E deixar aquele filho da puta encostar mais um dedo em você? A não ser que queira ver um assassinato essa noite, acredito que seja bem coerente da sua parte me permitir acompanhá-la.

Impossível não sorrir diante da inesperada demonstração de ciúmes de Domenico. A verdade é que minha vontade é de sair dando piruetas por todo o ambiente como uma ginasta até alcançar o bar, mas respiro fundo e me controlo. Certamente isso não seria visto com bom olhos por ele. No mínimo me acharia uma louca.

– Só para você saber, ele não é um filho da puta, muito pelo contrário, é um cara bem legal. – Falo em defesa do pobre e inocente Andrew, que não faz ideia alguma que foi parte do plano sórdido de Clarisse.

– Não teste a sorte, Ethel.

– Isso foi uma ameaça, Sr. Fox? – Sorrio enquanto falo, deixando clara minha intenção de provocá-lo.

– Gostaria que fosse? – A voz rouca e sensual atinge o ponto em ebulição entre as minhas pernas e preciso desviar os olhos para não entregar minhas vontades nada pudicas.

– Melhor falar com Clarisse. – Disfarço o provável rubor do meu rosto e caminho decidida em direção ao bar, onde de longe, já consigo ver os olhos sagazes de minha amiga me vigiando.

Dou um pulo ao sentir a mão de Domenico ocupar aquele espaço gostoso, que não fica nem na bunda e nem nas costas, mas sim no vale entre ambos, lugar erotizado o suficiente para me arrancar um gemidinho baixo e um trincar de dentes, facilmente percebidos por Domenico, que de pura implicância, começa a fazer movimentos circulares com seu polegar por sobre o tecido fino do vestido rosa chá que estou usando. Esse homem quer me enlouquecer!

– Se perdeu no caminho para o banheiro? – Clarisse se levanta, antecipando Andrew, que já vinha em minha direção com seus tentáculos estendidos. Na mesma hora senti a leve pressão dos dedos de Domenico nas costas e ao olhá-lo, ficou óbvio seu desagrado e animosidade.

– Encontrei Domenico no meio do caminho e paramos para conversar. – Meus olhos buscam pelos de Drew, em um pedido silencioso de desculpas, que é prontamente compreendido e acredito que também aceito.

– Domenico? – Clarisse de faz de desentendida. Cínica!

– Desculpe, esqueci de apresentar vocês. Clarisse Thompson, Victoria Ryan, Andrew Hidden e Amanda Parker, esse é Domenico Aron Fox.

– Domenico Fox? Da “*Geo Fox*”? – Surpreso, Andrew é o primeiro a se manifesta.

– Muito prazer, Sr. Hidden. – Domenico assente com a cabeça e estende sua mão que é prontamente cumprimentada por Andrew.

– O prazer é todo meu Sr. Fox. Suas façanhas no mundo da engenharia são como metas que coloquei para mim, na medicina, é claro. Um dia quero alcançar o seu sucesso. – Como um adolescente que acaba de dar de cara com seu ídolo, Andrew fala entusiasmado, completamente alheio a pouquíssima receptividade de Domenico, que continua com a cara amarrada e com sua mão possessivamente depositada em minha cintura.

– Então trabalhe para chegar ao nível de Fox, Drew! Até lá, deixe o pobre homem em paz. Ninguém merece tietagem explícita a essa hora da noite. – Clarisse se mete, interrompendo o rompante quase apaixonado de Andrew por Domenico e estendendo a mão em sua direção.

– Srta. Thompson. – Educado, Domenico aceita a mão de Clarisse, que esboça um sorriso torto nos lábios, típico de quando ela dá uma dentro. A ginasta abafada a poucos minutos dentro de mim deve estar dando piruetas dentro dela agora, que não fazia a mínima ideia de que seu plano daria tão certo.

– Me chame de Clarisse, por favor. É um prazer conhecê-lo Domenico.

Sem cerimônia alguma, ela o trata pelo primeiro nome e o puxa pela mão, dando um beijo em sua bochecha. Com uma expressão surpresa que beira o sem graça, Domenico retribui o cumprimento, se virando para mim em seguida, acho que para disfarçar seu desconforto.

– Vamos? – Ele fala, o olhar grudado ao meu.

– Posso saber onde? – Clarisse pergunta, cintilando de curiosidade.

– Vamos esticar a noite, amiga.

– Que ótimo! Divirtam-se crianças, não façam nada que eu não faria!

– Tem certeza? – Pergunto sorrindo e vejo minha amiga revirar os olhos e fazer um gesto exagerado com as mãos.

– Ok, dessa vez você me pegou, Thell! É melhor vocês não se espelharem na minha pessoa! Tome conta da minha amiga, Domenico. Sou bem brava quando quero.

– Pode ter certeza que essa informação será de grande valor, Srta. Thompson. – Um leve sorriso desenha os lábios carnudos e gostosos de Domenico, que parece se divertir com o jeito expansivo de Clarisse.

– Clarisse, Domenico... Apenas, Clarisse. – Minha amiga responde, dando um beijo em mim e sorrindo amplamente para o homem perfeito que continua segurando minha cintura, como se tivesse medo de que a qualquer momento eu pudesse sair correndo, desistindo de acompanhá-lo.

Caminhamos em silêncio até o lado de fora, onde o clássico e perfeito Bentley já nos espera. Domenico não aguarda pelo motorista, cordialmente, abre a porta fazendo um gesto com a mão para que eu entre. Sem pensar muito, obedeci e o vi fazendo o mesmo, como na noite em que me deu carona, só que dessa vez, ele não pegou no celular, mas sim em minha mão que descansava displicente por sobre o banco de couro.

Nessa fração de segundos em que meu mundo parece simplesmente ficar em câmera lenta pelo simples toque de seus dedos nos meus, me permiti não pensar em nada e não me dei ao trabalho de sequer perguntar para onde estamos indo. Bagunçada, é assim que Domenico Aron Fox me deixa!

CAPÍTULO TREZE



– Desculpe, mas acho que você esqueceu de falar para onde vamos. – Quebro o silêncio, me sentindo constrangida por Domenico não ter tirado os olhos de mim desde o momento que o carro saiu da porta do “*Wonder bar*”.

– Preocupada com o nosso destino final ou com o que acontecerá quando chegarmos lá? – A voz rouca entra pelos meus ouvidos como um poderoso afrodisíaco, daqueles Tailandeses, que prometem milagres instantâneos e imediatos.

Me viro pela primeira vez em sua direção e não preciso perguntar o que me espera quando chegarmos seja lá onde for, sua expressão faminta já deixa tudo muito claro. Sexo. Muito sexo animal, irracional e talvez até violento! Jesus, que calor é esse que me consome?

– Eu só acho que... – Sinto uma leve pressão em meus dedos e isso me faz calar a boca imediatamente.

Minha respiração, indo contra tudo aquilo que venho tentando disfarçar desde o momento em que coloquei minha bunda no carro, me entrega, se alterando entre curta e profunda. Que merda de reações são essas que esse homem tem a capacidade de despertar em mim?

– Minha doce Ethel! Tão doce e tão inocente. Acredite, você não precisa achar absolutamente nada. Apenas se permita. Se deixe levar e ser conduzida.

– Ser conduzida? Conduzida exatamente para onde?

– A um mundo de prazeres intensos.

– Um mundo de prazeres intensos... É poético, mas a verdade é que não entendo bem as coisas que você fala.

– Então pare de procurar entender. Se entregue a mim.

– Domenico, desculpa pela minha sinceridade, mas as vezes acho que você é meio pancada da ideia.

Assim que termino de falar me dou conta do quão ridícula minha frase foi. O sorriso farto nos lábios de Domenico só me faz ter ainda mais essa certeza. Realmente eu fui muito ridícula. Merda! Dá para agir como uma adulta prestes a transar, Ethel Lisa? Transar não, Domenico Fox não tem cara de que transa, muito provavelmente ele deve foder, e foder para caralho!

– Eu gosto da sua sinceridade. Ela me remete a coisas boas.

– Te faz lembrar de alguém em especial? – Meu faro jornalístico se apura. E se junto com a resposta vier o tal furo que a “*Malévola*” tanto quer? Certamente eu seria uma boa de uma filha da puta se o publicasse. Por outro lado, se eu não publicasse, estaria perdendo a oportunidade da minha vida. Rezo silenciosamente para que ele não fale nada. Absolutamente nada!

– Sim, me faz lembrar alguém muito especial. – Ele fala, deixando seus olhos se perderem nostalgicamente na paisagem que passa apressada pela janela do carro.

– Quer falar sobre isso? – Por que estou insistindo nesse assunto? Alguma coisa me diz que não são lembranças muito boas.

– Acho que não. Mas isso não significa que não deva falar. – Como sempre, enigmático.

– Tudo bem... – Falo, dando de ombros.

– Tudo bem? – Os brilhantes olhos azuis se viram em minha direção e na mesma hora o arrepio já tão característico causado pelo seu contato visual com meu corpo, se apodera de mim.

– Sim, tudo bem você não falar.

– Não quero que pense que estou escondendo alguma coisa de você.

– Não estou pensando isso.

– Certeza? – Sério? De intimidador a quase carente? Que homem confuso!

– Absoluta. – Falo com toda firmeza que consigo colocar em meu tom de voz.

– Você é um anjo, Ethel. – Seus dedos se perdem em meu rosto, acariciando toda extensão, desde as minhas têmporas até meus lábios, onde ele se demora um pouco mais, traçando o contorno com o seu polegar.

– Se você está dizendo... – Puxo o ar com força, apertando uma coxa na outra, tentando a todo custo não entregar a necessidade que tenho pelo seu toque.

– Sim, minha doce menina. Um anjo de olhar cativante e sorriso lindo.

– Já fui chamada de muita coisa, mas nunca de anjo.

– Por que ninguém jamais conseguiu observar as asas cansadas que carrega nas costas.

– Asas cansadas?

– Sim, doce Ethel. Assim como eu, você guarda os seus segredos e suas angustias do passado.

– Não tenho segredos. Angustias, talvez.

– Quer falar sobre isso? – Ele me observa enquanto repete a pergunta que eu mesma fiz a poucos minutos atrás.

– Acho que não, mas isso não quer dizer que não deva. – Sorrindo, imito seu jeito ao copiar exatamente as suas palavras. Domenico escancara um imenso sorriso, um que não havia visto antes. Lindo! Perfeitamente lindo!

– Deliciosamente abusada. Você faz ideia do quanto esse seu jeito é desafiador?

– Eu sou desafiadora? De anjo a desafiadora... Dá para decidir o que de fato eu sou?

– Você é perfeita, Ethel Lisa!

– Perfeitamente imperfeita. – Murmuro, mais para mim do que propriamente para ele.

– Acredite, até suas imperfeições são atraentes. – Claro que ele ouviu. Ele sempre ouve!

– Você não conhece minhas imperfeições, Domenico.

– Conheço sua alma, Ethel.

– Esse papo de alma me deixa meio nervosa, só para você saber.

– Não deveria ficar. A entrega de uma alma é um momento sublime, é a redenção completa e absoluta, é ascender aos céus em meio a inquietude que te assola.

– Isso tudo é muito estranho. Eu até acho lindas as coisas que você fala, mas a grande maioria, não consigo mesmo assimilar.

– Porque esse é um mundo novo para você, minha doce menina.

– Então me explica, que mundo é esse?

– Um mundo em que sua carne será rasgada como véu, onde você irá gritar meu nome em dor, em vício, saliva e lascívia sem se preocupar com mais nada.

– É sobre isso que falo, Domenico! Carne rasgada, dor, vício... O que exatamente você quer comigo?

– Eu quero que você seja minha.

– Ser sua? Sua namorada? – Pergunto, me arrependendo na mesma hora. Tá bom que um homem como esse iria namorar alguém tão comum quanto eu!

– Não costumo ter namoradas, mas talvez para você, até abrisse uma exceção.

– E por que você não costuma ter namoradas? Acredito que a quantidade de mulheres que matariam por isso não seja o problema.

– Porque eu sou um dominador, Ethel. – A voz rouca e poderosa me arrebatava com sua declaração.

Devo estar com cara de babaca, porque meu queixo acaba de despencar diante da sua revelação. Claro que ele já havia dado indícios de que era diferente, desde o primeiro momento que estivemos juntos, isso ficou bem claro,

mas, uma coisa é desconfiar, outra é ouvir dos belos e carnudos lábios uma coisa desse tipo.

Não sou expert no assunto, mas assisti “*Cinquenta Tons de Cinza*” e admito ter ficado aficionada pelo “*Christian Grey*”, entretanto, a única coisa que sei desse mundo de dominação e submissão, foi representada pelo filme, uma coisa lúdica e feita para agradar românticos, como Clarisse mesmo repetiu várias vezes.

Nesse exato momento me arrependo profundamente de não ter seguido os seus conselhos e pesquisado sobre o assunto na internet ao invés de ficar perdendo tempo e babando nas fotos de “*Jamie Dornan*” ou talvez até ter me dado ao trabalho de ler os livros que ela mantém em sua mesa de cabeceira sobre o assunto.

– Um dominador? – Acho que minha voz deve ter saído como o som de um trompete desafinado de tão engasgada que se encontra em minha garganta.

– Sim, um dominador.

– E o que exatamente isso significa?

– Podemos conversar quando chegarmos? Ficaria mais confortável se assim o fosse.

– Não, não podemos, Domenico. Quero conversar agora. O que exatamente significa você ser um dominador?

Não vou esperar chegar seja lá onde for para saber quais são as reais intenções desse cara. Parecendo desconfortável, ele se mexe no banco, soltando meus dedos já suados pelo contanto intenso e alisando brevemente os lindos cabelos loiros.

Ao voltar a me encarar seus olhos parecem ter um brilho diferente, é como se o homem Domenico tivesse simplesmente desaparecido e na minha frente eu só consiga ver o todo poderoso dominador, que me intimida para cacete, preciso admitir, mesmo não fazendo a real ideia do que se trata.

– Só peço que mantenha sua mente aberta, Ethel. Sei que a palavra dominador assusta, mas ela deve ser compreendida como um termo que ultrapassa a barreira estabelecida por um dicionário.

– Dá para você falar a porra da minha língua, Domenico Fox?

– Será que você pode se acalmar e ouvir minha explicação, Ethel Lisa? – O tom de voz alterado e quase rude de Domenico agora realmente muito me assusta. Quem esse babaca pensa que é para falar assim comigo?

– Eu estou calma, ainda. Acho melhor pedir para o seu motorista dar a volta e me levar para casa.

– Não. Primeiro vamos conversar!

– Que fique claro, não estou pedindo sua permissão! Ou você manda dar

a meia volta agora, ou eu salto aqui mesmo e pego um taxi!

– Você não vai fazer isso. – Ele rosnou? Sério mesmo que esse doido acabou de rosnar para mim?

– Sim eu vou! E não rosne para mim, ok?

– Eu não rosnei para você.

– É claro que você rosnou!

– Ethel, apenas me escute, eu não quero te assustar...

– Você já me assustou, Domenico!

O interrompo, me afastando do seu corpo o máximo que posso, não por estar assustada, mas para não correr o risco de pular em seu colo e me deixar levar pelo poder que ele é capaz de emanar pelos poros. Imagina só esse homem na academia, certamente deve suar poder!

– Eu não assustei. Não faça dramas desnecessários.

– Dramas desnecessários? Você deve estar de sacanagem não é mesmo? Te conheço a três dias, nos dois primeiros nem sabia quem era, me entreguei sem um pinga de pudor, mesmo notando que era meio esquisito, meio não, a verdade é que você é esquisito para caralho! Agora, aqui estou eu, dentro de um carro, indo sei lá para onde, e você solta que é um dominador? Devo esperar o que? Que coloque algemas em mim e apareça com um chicote para me espancar? – A gargalhada que se seguiu assim que encerrei meu monólogo histérico me pegou de surpresa. Tudo bem, não esperava mesmo por essa reação!

– Ethel, acho que você anda vendo muitos filmes. – Recuperando o fôlego e ainda com a voz embargada pelo ataque súbito de riso, Domenico fala, agora mais calmo e tranquilo que antes.

– Não é isso que os dominadores fazem? – Pergunto, com o bichinho da curiosidade emergindo com tudo.

– Podemos conversar?

– Estamos conversando, Domenico. – Cruzo os braços e o encaro, notando um leve torcer divertido em seus lábios.

– O que eu quero dizer é... Será que podemos sentar e conversar com calma, não dentro de um carro?

– E o que de fato você quer conversar? Vai me propor assinar um contrato para poder me bater com o meu consentimento? Se essa for sua ideia, já vou avisando, pode tirar o seu cavalinho da chuva! Não vai rolar! – Empino meu nariz e o encaro firmemente, ficando extremamente irritada com o sorriso sacana que aparece em seus lábios.

– Na verdade existe mesmo um contrato...

– Você só pode estar de sacanagem comigo! – Exaspero, respirando profundamente, não acreditando que estou vivendo uma situação bizarra como

essa!

– Ethel, podemos esperar para conversar de uma maneira mais tranquila?

– E qual seria sua maneira tranquila? Jogando cera de vela em mim enquanto estiver amarrada em sua cama? Pra porra com sua maneira tranquila! – Sim, não consigo mais controlar meu nervoso. Onde eu fui me meter?

– Eu não vou fazer nada com você, Ethel. A não ser é claro que concorde.

– Concordar? Acha mesmo que vou concordar em ser torturada por um quase desconhecido? Sério mesmo, você deveria procurar um psiquiatra!

– Dr. Paul é muito bom, além de ser de confiança e não deixar minhas loucuras vazarem para a imprensa. Não creio que eu precise procurar por outro. – A voz calma deixa transparecer que ir ao psiquiatra é a coisa mais normal do mundo e que muito provavelmente eu não deveria me importar com isso, o caso é, me importo, e muito.

– Você vai ao psiquiatra? Meu deus, é bem pior do que eu imaginava! – A única coisa que quero nesse exato minuto é descer desse carro. Esse homem é louco!

– Só para sua informação, 70% da população norte americana vai ao psiquiatra ou faz sessões com um psicólogo.

– Não acho que seja uma informação verídica. 70% é muita gente.

– A informação é verídica... – Ele sorri enquanto fala e nesse momento, quase subliminar, diga-se de passagem, esqueço qualquer medo que poderia nutrir em relação a Domenico. Como pode um homem só carregar toda a beleza do mundo exclusivamente nele?

– Domenico... Agora é sério, é muita informação ao mesmo tempo. Podemos conversar outra hora, outro dia?

– Agora que chegamos? Acha coerente adiar o inevitável? – Por que diabos ele me olha dessa forma? Porque sabe que você é incapaz de resistir, tolinha!

Assimilando o que ele acabou de falar, olho pela janela e me dou conta de que estamos entrando em uma garagem subterrânea. Que legal, maravilhoso mesmo, nem para fugir de um louco eu presto. Me distrai tanto em querer saber o que é um dominador que esqueci completamente que estava com um dentro de um carro indo para algum lugar desconhecido.

– E onde chegamos? – Pergunto baixinho, apertando as mãos na bolsa que carrego em meu colo.

Sim, estou nervosa, nervosa para caralho. Mas não posso enganar que o nervoso não tem absolutamente nada a ver com Domenico ser um dominador. Meu nervoso é pelo fato de não conseguir me controlar. Sei que me entregaria facilmente as loucuras dele, assim como o fiz nas duas noites anteriores. Não

tenho medo de Domenico... Tenho medo de mim!

– Na minha casa.

– Você me trouxe para sua casa? – Pergunto incrédula.

O último lugar que pensei em conhecer na vida, era a casa do todo poderoso Domenico Aron Fox. Tudo bem que a última coisa que pensei em fazer na vida também era gozar com Domenico Aron Fox, ainda mais na mesa de uma boate e duas vezes! Que reviravolta louca é essa que minha vida está dando em tão pouco tempo?

– E para onde achou que eu a traria? – Uma de suas sobrancelhas se ergue e ele parece surpreso com minha pergunta.

– Não sei... Acho que as lendas a seu respeito superam em muito a realidade dos fatos.

– Lendas a meu respeito. Existem lendas a meu respeito?

– Domenico, não se faça de desentendido. Você sabe bem da sua fama.

– Minha fama? – Agora ele sorri abertamente. Puta que pariu! Chega a doer a pressão entre as minhas coxas. Parece que ele tem o conhecimento de que, quando sorri, é como se isso refletisse diretamente em meu sexo. Poderia facilmente gozar apenas em vê-lo sorrir.

– É só buscar no “Gloogle”. A matéria mais legal a seu respeito não é muito animadora.

– E o que ela diz?

– Tem certeza que quer saber?

– Não perguntaria se não tivesse.

– Tudo bem, preparado?

– Preparadíssimo! – Ele responde sorrindo e acenando para o motorista, que discretamente, deixa o carro, desaparecendo de maneira eficiente pela garagem.

– Era algo do tipo... *“Domenico Aron Fox, o todo poderoso CEO da “Geo Fox” e também o mais temido dos estados unidos, dono de um caráter duvidoso, grosseiro, pouco amistoso com a imprensa e conhecido por suas inúmeras conquistas amorosas”*.

– Você pesquisou a meu respeito na internet? – Olhos curiosos e brilhantes, como os de uma criança, me encaram.

– Claro que não! Acha mesmo que perderia tempo pesquisando a seu respeito? – Falo e na mesma hora seu sorriso se alarga e seus olhos se estreitam, como se buscasse a verdade do fundo da minha alma.

Claro que ele vai perceber que estou mentindo, mas preciso a todo custo manter o pouco de dignidade que me resta. Admitir que me dei ao trabalho de entrar na internet e pior, pelos motivos que entrei, para pesquisar sobre a sua

vida, seria o mesmo que assinar minha sentença de que estou completamente entregue a ele.

– Eu acho que está mentindo. – Com um movimento elegante, ele abre a porta do carro, saltando rapidamente em seguida, não me dando a oportunidade de responder. Se bem que, foi até bom, uma vez que não tenho mesmo resposta inteligente para dar.

Como em um passe de mágica, ele aparece na porta em que estou encostada, abrindo-a educadamente, estendendo seus longos dedos em minha direção, em um convite silencioso para que eu deixe o carro e o acompanhe. A verdade é que estou muito a fim de acompanhá-lo, mas o meu lado sensato grita, histericamente inclusive, que preciso me preservar e me manter o mais distante possível de Domenico Fox.

Ignorando por completo o lado que clama desesperado para que me mantenha segura e sã, aceito sua mão, me permitindo experimentar mais uma vez a sensação de prazer extremo que seu toque me causa. Fecho os olhos e me deleito com o arrepio que percorre toda a extensão do meu corpo.

Que se dane a segurança, que se dane se vou sofrer, tudo que preciso é entregar meu corpo, minha alma e talvez até mesmo o meu coração a esse homem louco, cheio de manias doentias que é capaz de acabar com meu pouco juízo, me levando a um mundo misterioso, que junto a ele, não tenho medo de desvendar.

CAPÍTULO BONUS



Que merda estou fazendo? Trouxe mesmo uma mulher para a minha casa? Leonard vai enlouquecer dessa vez! O que essa garota está fazendo comigo? Confuso e sem achar uma explicação razoável para minha atitude impensada, dou a volta no carro e abro a porta, estendendo os dedos a criatura quase angelical que parece perturbada, querendo correr para o mais distante de mim, porém, ao mesmo tempo, desejando claramente se jogar em meus braços.

Essa ambiguidade carregada de inocência me desmonta por completo. De forma tépida, ela aceita minha mão. A porra do meu corpo treme e preciso usar todo o meu auto controle para disfarçar. Coisa de louco esse tesão só de segurar sua mão! Quando meus olhos tocam a figura de Ethel, é como se algo estranho me invadissem e tudo que quero é carregá-la, pelos cabelos, em uma coleira ou no colo, seja do jeito que for, mas que seja direto para a cama. Tudo nessa mulher me excita!

Olhando-a firmemente, me pergunto por onde ela andou e por que demorou tanto para chegar em minha vida! Admito que cheguei a pensar que não existisse alguém capaz de mexer com meus sentidos dessa maneira tão intensa. Ethel Lisa, a garota do telefonema inesperado chegou cheia de magia e encanto, linda, inteligente, meiga, quase angelical.

Assustadoramente, essa criatura desconhecida vem bagunçando meus pensamentos incessantemente nos últimos dois dias, tomando meu corpo e ocupando um espaço, que há tempos, permanecia vago em meu coração. Mas que merda estou falando? Coração? Talvez seja a porra do meu pau pensando mais alto que a minha cabeça.

Eu a desejo. É isso! Preciso apenas tê-la. Encaro os olhos febris que parecem sufocar a minha alma. Ela não percebe, não faz ideia do quanto se faz desejada. Seus instintos são apurados, como os de uma felina e a alma, doce e obediente de uma submissa, completam a mistura insuperável.

Ethel é irresistível e não sabe disso. É encantador! Minha vontade por ela me dá vida, um fôlego que a muito não tinha. Seu rosto quase infantil parece colorir minha existência, aumentando ainda mais meu anseio louco de dominar e conduzir. Quero que ela seja a minha menina.

Mas não quero forçá-la a nada, preciso que o faça por si mesma, cheia de

alegria, paixão e deleite por me servir, receber e me dar prazer. Preciso que ela se sinta presa na corrente dos nossos mais loucos desejos, onde em cada elo, o querer se confunde com sujeição, entrega com condução e a dor com tesão.

– Confia em mim? – Pergunto baixinho, roçando minha boca na pele macia da sua mão, que continua colada a minha.

– Eu não sei... – Ofegante, ela parece se contorcer para tentar controlar o desejo que a invade. Deliciosa, simplesmente deliciosa!

– Eu acho que você confia.

– Eu confio, Domenico, sei que você jamais faria nada de errado comigo... Só estou um pouco confusa com todo esse papo de dominador.

– Vamos esquecer essa conversa por um tempo. Pode ser?

– Esquecer? Não me peça coisas impossíveis. – Ruborizada. Como eu amo quando ela fica assim. Uma mistura de sem jeito e decidida.

– Sei que para você isso é muito importante, mas não é. – Tento tranquilizá-la.

– Domenico...

– Apenas tente... Por favor.

– Eu estou tentando. – Fechando os olhos, ela responde manhosa e meu pau lateja diante da visão subliminar que é essa mulher.

– Então me diga. Você confia em mim? – Muito a contragosto solto sua delicada mão e pego meu lenço do bolso do paletó, tudo diante do lindo olhar confuso que segue meus movimentos.

– Confio. – Surpreendentemente, suas palavras são quase que um orgasmo para mim. Tê-la a minha frente, tão entregue, é um elixir para a minha existência.

– Vamos jogar?

– Jogar? – Ela tenta dar um passo para trás, acho que assustada, mas meus braços são mais rápidos e a mantenho firme, colada ao meu corpo. Não quero perder um segundo de contato com a doce Ethel.

– Não tenha medo, não vou machucá-la. Confie em mim, Ethel.

– Não estou com medo, Domenico... Estou receosa. – Ethel empina seu lindo nariz e a atitude mais uma vez reflete em meu pau. Caralho, tudo que essa mulher faz me afeta profundamente.

– Então apenas relaxe e se deixe levar pelo momento.

– Tudo bem. – Piscando excessivamente os olhos, ela os mantém fixos nos meus, como se isso fosse capaz de apagar a apreensão explícita que rasga sua alma e corpo.

– Vou vender você. – Virando-a de costas para mim, sinto seu corpo tremer, mas ela não emite um único som, talvez morrendo de medo em

concordar, mas não dando o braço a torcer em demonstrar qualquer tipo de fraqueza. Valente e corajosa essa minha menina.

Delicadamente, envolvo seus olhos com meu lenço, tomando todo o cuidado para não apertar demais. Não quero que minha pequena tenha medo. Quero que sua curiosidade chegue a um marco tão intenso que a faça se entregar sem pudores ou receios. Quero que ela curta o que está acontecendo e sinta a necessidade de repetir, repetir várias vezes, e sempre apenas comigo.

– Vamos? – Falo baixo e suave em seu ouvido, enlaçando sua cintura com um dos meus braços e guiando-a com cuidado até o elevador.

– Domenico, eu vou cair! – Suas mãos buscam aleatoriamente por algo que consiga se amparar. Estico meu braço e a faço sentir que está segura. Ela agarra com força a manga do meu paletó, me fazendo sorrir diante da sua falta de jeito.

– Confie em mim. Não vou deixá-la cair.

– Pode ao menos me dizer que jogo é esse? – Isso minha menina. Sentidos e curiosidade aguçados. É um prazer vê-la interessada.

– Jogo dos sentidos. – Sou reticente, claro que intencionalmente.

– Jogo dos sentidos?

– Sim. Agora fique quietinha, pode ser?

A porta do elevador se abre e um casal, o qual nunca vi antes, está em seu interior. Os olhos da pobre mulher saltam ao me ver. Sim meu bem, eu sempre causo esse tipo de reação em vocês. Acredite, por baixo da aparência impecável, existe uma alma imunda e podre, que mulher alguma gostaria de tocar.

– Boa noite. – Cumprimento, não dando muita atenção. A verdade é que eu nunca dou. Talvez sejam moradores tão antigos quanto eu, mas minha antipatia pelo mundo, nunca me deixou enxergá-los.

– Boa noite. – A mulher é a única a responder e a voz forçada e adocicada demais para o meu gosto me faz ter a necessidade de mostrar a minha menina que sou tão dela quanto ela o é minha. Pelo menos hoje.

– Vamos meu amor, já estamos quase em casa. – Um sorriso divino desenha os lábios perfeitos da minha menina. Ela entendeu meu recado.

– Aniversário de namoro. – Comento ao acaso, fazendo os olhos da mulher brilharem, transparecendo uma pontada de inveja, como se quisesse viver algo parecido. Seu parceiro, permanece apático, com uma expressão que beira o patético!

– Que romântico! – A mulher volta a falar, com a voz ainda mais adocicada que antes.

O som metálico que estala em nossos ouvidos me faz olhar para o visor acima de nossas cabeças. Respiro aliviado ao perceber que já estamos no décimo

andar. Ficar mais um minuto com as mãos longe da minha menina seria um martírio doloroso, o qual eu não conseguiria suportar.

– Amor? – Falo baixinho em seu ouvido e meio desengonçada, Ethel caminha em passos minúsculos, sendo guiada por mim para fora do elevador.

– Aproveitem a noite! – Ainda sou capaz de ouvir a mulher falar antes que a porta se feche.

– Me desculpe pelo inconveniente.

– Domenico, não precisa se desculpar por ter encontrado com alguém em um elevador. Isso geralmente acontece.

O atrevimento de Ethel me incita ainda mais. Como pode? Logo eu, que sempre fui tão rígido com regras? Cada vez que ela aumenta um pouco o tom de voz comigo ou que me afronta com algumas das suas frases deliciosamente provocativas, meu corpo inteiro clama por senti-la ainda mais próximo a mim.

Ainda com a mão em sua cintura, abro a porta e a empurro de leve para dentro do apartamento. Suavemente a encosto na parede, fechando a porta logo atrás de mim. Por alguns instantes, fico observando o corpo frágil, assustado e delicado completamente a mercê das minhas vontades. Ethel Lisa é um colírio para os meus olhos sempre tão opacos.

– Posso tirar? – A voz doce, embargada pelo medo quebra o nosso silêncio. Calmamente, seguro suas mãos, não permitindo que ela arranque o lenço.

– Não. Apenas se deixe ser levada. Não se preocupe com nada. Abra sua mente e libere seu pensamento de qualquer coisa que esteja do lado de fora. Aqui, você é livre, nós somos livres.

Peguei minha bela menina nos braços e vagorosamente, caminhei até meu quarto, sentindo o delicioso cheiro de baunilha que exala de seus cabelos. Ela é uma tentação, uma tentação impossível de se resistir. Com cuidado, dando um terno beijo em sua testa, a coloco sentada em minha cama.

– Você teme o novo? – Pergunto, o desejo por Ethel consumindo minha voz. Seus lábios entreabrem e sua respiração se altera visivelmente. Ela acena negativamente com a cabeça, me surpreendendo com sua resposta. Doce e curiosa menina.

– Eu faço parte de um mundo cheio de mistério e sedução. Um mundo onde quem tem coragem manda e quem tem muito mais coragem, aceita e obedece.

Ethel me ouve atentamente, suas mãos tremulas se apertam em seu colo e seu nervoso é aparente. Mesmo exalando medo e apreensão por todos os poros, ela mais uma vez não dá o braço a torcer. Continua imóvel, calada e respirando com imensa dificuldade, como se o ar lhe faltasse. Gosto de saber que sou capaz

de provocar esse tipo de reação descontrolada nela.

– Você chegou até aqui, minha menina.

– Cheguei até onde exatamente? – Sua voz quase não sai, tamanha é a sua inquietação e dúvida.

– Você está no covil do lobo.

– Covil do lobo? – Um sussurro imperceptível escapa por sua garganta.

– Sim, minha menina. O meu covil! Agora eu te pergunto, e seja honesta na sua resposta. Você confia em mim?

Falo bem próximo ao seu rosto, fazendo com que ela sinta meu hálito quente em sua pele. Os segundos que se seguiram foram quase dolorosos. E se ela falar que não confia? Vou ter força o suficiente para resistir e deixá-la ir? A observo engolir em seco e abrir a boca duas vezes, porém sem emitir som algum.

– Sim, eu confio. – Depois do que pareceu uma eternidade, ela responde, certa do que está falando e se mostrando confiante. Sim, minha menina confia plenamente em mim. Impraticável conter um sorriso excêntrico de pura satisfação.

– Tenha certeza que, tudo que acontecer aqui estará cercado de respeito, carinho e muita confiança. Consegue entender isso?

– Sim...

– A cereja do bolo é fazer o corpo gritar de tesão, minha menina. Vamos misturar instintos, sentidos e sentimentos. Tudo bem?

– Sim, tudo bem. – Dessa vez sua voz soou mais segura e incrivelmente alguns decibéis mais alta que anteriormente. Posso estar enganado, mas minha menina está gostando do jogo tanto quanto eu.

– Mas, para que isso aconteça, eu quero que se sinta segura.

– Estou me sentindo segura, Domenico. Quantas vezes vou precisar repetir que confio em você? – Ela retruca e mais uma vez sua impetuosidade me encanta.

– O que estou dizendo é... Você terá um código, uma palavra. Ao pronunciar essa palavra entenderei que chegou ao seu limite e estancarei imediatamente o que quer que esteja fazendo. Escolha uma palavra.

– Uma palavra?

– Sim mocinha... Escolha uma palavra.

– Não sei que palavra escolher. – Impossível não sorrir. A mulher que aceitou sem problema algum estar no covil de um dominador, se vê constrangida por não fazer ideia de que palavra escolher para sua própria segurança. Fascinante!

– Quer que eu escolha? – Pergunto enquanto aliso seus cabelos.

– Acho que vou passar essa. Pode escolher... – Ela brinca e esboça um

sorriso nervoso nos lábios carnudos.

– Lobo. – Falo a primeira coisa que me vem a cabeça. A verdade é que me sinto como um lobo alpha, prestes a atacar com vontade sua presa, sem a mínima pretensão de dividir com sua matilha.

– Lobo? – Ela repete a palavra e o som que sai dos seus lábios é como uma suave sinfonia de “*Bethoven*” aos meus ouvidos.

– Sim, lobo. Está bom para você? – Quero que minha menina esteja confortável, em tudo.

– Para mim, lobo está ótimo. – Erguendo a cabeça em direção a minha voz, quase consigo sentir a intensidade do seu olhar, mesmo que por baixo do lenço.

– Agora quero apenas que me ouça, não diga mais nada e responda apenas sim ou não. Tudo bem?

– Tudo... – Deleitosa é a sensação de não conseguir controlar essa criatura linda e imprevisível a minha frente.

– O que eu falei sobre apenas sim ou não? Agora responda, tudo bem?

Seus lábios entreabrem, em uma clara sugestão que irá protestar, mas logo em seguida um sorriso que chega a ser perverso de tão gostoso se desenha, e fazendo a resignada, ela baixa sua cabeça, apertando as mãos mais uma vez em seu colo.

– Sim...

– Isso, minha menina, é assim que funciona esse jogo. Preste atenção... Vou tirar o lenço e substituir por uma venda. Em momento algum abra seus olhos. Entendeu?

– Sim...

– E lembre-se, se quiser parar, a hora que for, basta usar a sua palavra. – Reforço o que para mim é de grande importância. Prazer junto a segurança.

– Lobo... – De maneira provocante e quase debochada, ela pronuncia a palavra, fazendo meu saco inchar na mesma hora, descontrolado para encher essa sua boquinha gostosa e abusada com a minha porra.

– A resposta, doce Ethel. – Insisto, quero que ela tenha uma confiança cega em mim e que reconheça seus próprios limites.

– Sim... – Dessa vez é um gemido languido que escapole de sua boca. Caralho, o que essa mulher faz com meu bom senso?

Docemente, beijo sua cabeça e me afasto, indo em direção a cômoda onde guardo meus acessórios. De lá, retiro uma venda de veludo e uma palmatória. Mesmo sabendo que talvez seja muito para iniciá-la no meu mundo, preciso que ela entenda quando e como usar a palavra de segurança.

Ela confia em mim, mas preciso saber se posso confiar nela. Perímetros

precisam ser estipulados, e apenas ela pode me dar a dica de quais são eles. Lentamente, retorno para o seu lado e com toda a cautela para não machucá-la, retiro o lenço, vendo-a apertar os olhos, como se fosse abri-los a qualquer momento.

– Não abra os olhos. – Ordeno com a voz pesada, preciso que ela entenda que a partir de agora, eu estou no comando.

– Não vou abrir! – Ela retruca, me fazendo sorrir. Até a malcriação dessa mulher me deixa fora dos eixos. Coloco a venda, liberando alguns fios de cabelos dourados que ficaram presos, assistindo extasiado as caretas que ela faz ao senti-los repuxando.

– Posso continuar? – Falo e vejo-a assentir com a cabeça, inteiramente entregue a mim.

– Hum hum...

– Hum hum?

– Sim, pode! – Minha menina bufa, quase exasperada com a falta de paciência. Sim, ela quer... Talvez não tanto quanto eu, mas quer.

Sem que ela esperasse, dou um beijo terno no canto da sua boca. Ver sua respiração alterar e seus lábios abrirem a espera do meu próximo passo é revigorante. Com a língua, contorno sua boca e alcanço a pele frágil e macia do seu pescoço.

O gosto de Ethel é singular, único, insubstituível! Poderia ficar horas, apenas gozando do seu sabor. Um gemido baixo e sofrido foge da sua garganta enquanto a vejo se encolher na cama, apertando fortemente uma perna na outra. Isso, minha menina, sinte. Não pense, apenas sinte!

– Levante-se. – Dou outra ordem, e essa, é prontamente atendida.

Percorro a pele exposta do seu colo com a ponta dos meus dedos, vendo seus pelos loiros e finos se arrepiarem. Sua respiração fica entrecortada e o rubor que cobre suas bochechas me enche de cobiça por jogá-la na cama e fodê-la sem um pinga de pudor ou pena, por horas a fio, sem me preocupar com qualquer tipo de preliminar.

Vagarosamente, a viro de frente para cama e abro o fecho de seu vestido, correndo os dedos pela pele das suas costas, que ao ser exposta, revela um delicado e quase infantil conjunto de lingerie cor de rosa queimado que combina perfeitamente com o vestido. Tão mulher e ao mesmo tempo tão menina. Como não arrastar uma frota inteira de caminhões por essa criatura?

O tecido fino do vestido desliza pelo seu corpo delicioso, mostrando a pele clara e resplandecente da minha menina. Sedento e mal conseguindo me controlar, a viro de frente para mim e acho o fecho do seu sutiã, não encontrando resistência alguma por parte de Ethel. Me afasto e por alguns minutos me

permito observar a obra de arte que tenho a minha frente.

Seus seios são lindos. Simplesmente perfeitos! Os bicos rosados e rijos apontam em minha direção, em um convite explícito para que eu os abocanhe com vontade, quero mordê-la, chupá-la, marcá-la. Tentando tocá-la o mínimo possível, seguro seu corpo e a ponho deitada em minha cama.

– Paro? – Pergunto ao ver seu corpo languidamente jogado sobre os lençóis tão alvos quanto a sua pele.

– Não...Por favor! – O grunhido rouco e necessitado que ela emite junto ao barulho do roçar de seu corpo no lençol, é um estímulo extra para minha dominância e impureza doentias. Resistir é uma tarefa impossível!

– Erga seus braços.

– O que?

– Erga seus braços, por sobre a cabeça.

– Domenico...

– Confia em mim?

– Eu confio..., mas para que exatamente você quer que eu erga meus braços? – Me confrontando mais uma vez.

– A resposta vem com o prazer. Agora obedeça. Erga os braços.

Observo-a obedecer sem mais nenhum questionamento e um sorriso filho da puta e vitorioso domina o meu rosto. Me estico e abro a gaveta da mesa de cabeceira, de onde tiro duas braçadeiras de veludo. Subo por sobre o seu corpo e na mesma hora a sinto estremecer. Deliciosa reação, a que eu esperava.

Fazendo o possível para aumentar o contato da minha ereção escondida pelo tecido fino do terno com a sua pele nua, me estico e prendo ambas as suas mãos na cabeceira da cama. Assim que termino o serviço, me levanto e deixo meus olhos se perderem na cena quase lúdica a minha frente. Ter Ethel, minha doce menina de voz angelical nessa posição, é quase o mesmo que dar uma gozada.

Me afasto e propositalmente deixo que ela ouça o barulho abafado dos meus passos, fechando a porta, criando uma falsa ilusão de que ela está ali, desprotegida, amarrada e sozinha. O corpo perfeito se mexe nervoso sobre a cama e fica óbvia sua vontade de chamar por mim, basta olhar o movimento repetitivo de seus lábios, que abrem e fecham sem parar, mas a determinação em não quebrar as regras do jogo provavelmente a impede.

O silêncio é ensurdecedor. Apenas a respiração errática da minha pequena é aparente. Tentando ser o mais silencioso possível, me reaproximo, ainda extasiado com sua posição de redenção plena. Se ela soubesse que nasceu para isso. Se ela fizesse ideia do quanto o seu lado submissa grita para ser liberto!

Decidido, deixo o quarto sem olhar para trás, com medo das minhas próprias emoções descontroladas. A verdade é que não quero deixá-la. Que aproveitar de todos os segundos em sua companhia, quero desfrutar da visão subliminar que ela me proporciona.

Chegando na cozinha, me sirvo com uma dose de uísque. Preciso me acalmar, não posso me perder em meio ao maremoto de ansiedade quase adolescente que me sobrepuja. Estalo o pescoço e vou em direção a geladeira, enchendo meu copo com gelo. Estou ficando louco!

Minha natureza está chamando aquele meu lado mais desumano, é como se meu oxigênio estivesse terminando e dependesse exclusivamente do corpo cálido repousado sobre minha cama para respirar. Quero seu corpo, sua alma, quero que ela amanheça e adormeça em mim. Quero me perder nas suas curvas, mostrar o prazer que a dor pode ocasionar.

– Se controle homem! – Sacudo a cabeça, tentando me livrar dessa obsessão doentia, mesmo sabendo ser impossível. Vamos voltar a minha menina, vamos voltar ao jogo!

Abro a porta e caminho lentamente em direção ao corpo assustado e hiperestimulado de minha pequena. Ela, por sua vez, mexe as pernas, dobrando-as e ficando em uma posição sexy para caralho. Meu pau lateja e minha razão foi para a puta que pariu! Me apoiando com os braços no colchão, passo a língua ao redor do bico do seu seio, repetindo o movimento no outro.

Quando sinto seu corpo relaxar diante do toque, desfiro uma mordida, não uma qualquer, uma forte, forte o suficiente para deixar minha marca, minha assinatura. Ethel geme, como uma gata manhosa, reclamando silenciosamente da dor. Continuo a tortura incessante de lambidas, sucções e mordidas.

Gritos febris escapam por sua garganta a cada nova sensação de dor que produzo nela. Ela gosta disso, tanto quanto eu. A dor a excita, a faz querer mais, distorce a visão comum que tinha a respeito do sexo. Curiosa e faminta, essa é a minha doce mulher, que se desmancha em meus dentes e língua.

Abandono seu corpo, não conseguindo desviar os olhos da minha esfomeada e insaciável menina, que silenciosamente implora pelo meu toque. Gostosa e apetitosamente receptiva. É exatamente assim que te quero mocinha. De dentro do copo, busco por uma pedra de gelo, deixando cair uma gota gelada em seus lábios.

Ela geme, entreabrindo a boca convidativa e carnuda e lambendo os lábios sedenta. Continuo a trilha gelada, dessa vez é o seu queixo que merece minha atenção. Outra gota e o gemido progride para um gritinho abafado e quando alcanço o vale entre os seus seios, ela se rende por completo.

– Domenico! – Ethel grita de maneira necessitada pelo meu nome e eu,

como o grande miserável que sou, me deleito ao ouvir sua voz doce e excitada clamando por mim.

– O que foi minha menina? – Pergunto rouco, deslizando a pedra de gelo ao redor do bico de um dos seus seios.

– Por favor... – Que delícia ver minha menina implorando.

– Não fale, doce Ethel. Apenas sinta!

Repito o movimento no outro seio, vendo seus bicos rosados e convidativos intumescerem. Início uma tortura silenciosa. Ora um, ora outro, derretendo a pedra no calor quase pecaminoso que emana do seu corpo. Por mais que eu tente resistir, é impossível! Levo minha boca ao seu seio e dou uma nova e intensa mordida.

Seu corpo arqueia, ao mesmo tempo que ela foge da dor, se oferece inteiramente a mim. Vagarosamente, deslizo a pedra de gelo por sua barriga lisa e perfeita. Vendo seus pelos se arrepiarem, circulo seu umbigo, enquanto ele transborda com o gelo derretido. Continuo até alcançar o limite do tecido fino e delicado de sua calcinha e instintivamente, ela abre as pernas. Puta merda! É um apelo tentador demais para que eu consiga me opor.

Resvalo o gelo por sobre a renda fina de sua calcinha, subindo e descendo, por toda extensão de sua boceta encharcada. Sua expressão extasiada junto ao grunhidos, sussurros, gemidos e gritinhos que ela emite são um açoitado extra para minha ânsia de dar e sentir prazer junto a minha mocinha.

– Quer que eu pare? – Pergunto, apertando a pedra de gelo contra a entrada de sua boceta.

– Domenico, por favor... – Sua voz é um gemido.

– Por favor? Acho que eu fiz uma pergunta. Como você deve responder, mocinha?

– Sim... – Ethel grita.

– Sim? Quer que eu pare? – Aperto mais a pedra do gelo, enfiando junto ao tecido em seu sexo melado de vontade e tesão.

– Não... – Sorrio diante da carinha desesperada que ela faz. Gostosa demais, tentadora demais, tudo demais!

Chega de enrolação, está na hora de minha menina entender como as coisas são. Ela precisa ser inserida na minha vida cheia de erros, porém sem medos e cheia de cheiros, berros, temperos e sem falsas culpas. Não é nada de plástico, não existe falsidade ou coisas frívolas entre as quatro paredes que domino.

Comigo ela jamais vai sentir o copo meio vazio ou manter os lindos e dourados cabelos penteados. Quero respirar o vento que rasga sua carne, quero o café que revela a manhã, contemplando o lençol úmido e amassado pelos nossos

pecados. Hoje é o dia que ela precisa se permitir ter escolhas impensadas, dane-se que metaforicamente o vinho manche o tapete.

Ela precisa abrir as cortinas e liberar os pensamentos impuros que manteve adormecido dentro de si, deixando tudo de lado, me permitindo vestir sua pele. A hora é agora, não dá mais para esperar, não é possível deixar para depois. Cheguei em sua vida para trazer a cor que lhe faltava, reverenciando-a com meu desejo que percorre o seu chão.

Abra sua carne, minha doce menina, quebre suas paredes, dobre seus joelhos para mim e finalmente descanse! Sinta o que quero, experimente o que você quer. Livre-se enquanto pode da vida seca e sem graça que tinha antes de mim, livre-se enquanto pode, de si mesma!

Me afasto do seu corpo e encerro nosso contato. Ao vê-la ofegante meu coração dispara. Ela espera por mais, como uma criança ansiosa por abrir o seu presente de natal. A hora é agora, juntando meus dedos, dou uma palmada ardida em sua deliciosa e melada boceta.

Antes que ela tivesse tempo de reagir, fiz o mesmo no seu seio. Um grito seco invade o silêncio do quarto, com os lábios abertos, minha doce menina se revira na cama, envolta em medo, dor, tesão e prazer. Eu sabia, desde o momento em que atendi o telefone e escutei a voz de anjo, que essa menina seria a minha perdição.

– Domenico... – A voz chorosa me extasia.

Sem me dar ao trabalho de responder, deslizo meus dedos por sua pele nua e tiro lentamente sua calcinha, levando-a até o nariz, sentindo o delicioso cheiro de baunilha da minha mulher. Incapaz de me conter, enfio a língua em sua boceta quente e receptiva, para sentir o sabor do seu tesão.

Seu melado encharca o meu rosto e me esfrego, tentando roubar o máximo do seu prazer para mim. Quando noto a mudança em seu corpo e o enrijecer de seus músculo, mostrando que ela está muito próxima de atingir um orgasmo, eu paro, deixando um gosto de quero mais, ficando em silêncio e deixando de tocá-la.

– Continuo? – Pergunto baixinho, tão louco quanto ela para continuar.

– Por favor...

– Por favor o que, Ethel?

– Sim... – Ela geme languida e não deixo de sorrir. Essa menina está me surpreendendo em todos os aspectos possíveis. Parece ter nascido para se entregar a submissão.

Desamarro suas mãos da cabeceira, a viro de bruços e volto a prendê-la, e sem mais delongas ou esperas, dou um forte e sonoro tapa em sua bunda deliciosa. Ela grita, acho que mais de susto que de dor. Quase que em transe por

estar provando de tamanha inocência, dou outro tapa, e depois outro.

As marcas dos meus dedos começam a aparecer na pele branca, agora tentadoramente cor de rosa. Baixo meu corpo e beijo seu pescoço, dessa vez o grito que escapa por sua boca é misturado a um gemido sensual para caralho. Até para gemer essa mulher é diferente das outras.

– Me diz, minha deliciosa menina. Quer mais? – Pergunto, com a boca colada em seu ouvido.

– Sim... – Um som débil escapa por seus lábios, como se ela não tivesse forças para exprimir suas vontades.

– Não ouvi. Quer mais? – Antes da sua resposta, dou outro tapa, dessa vez cruelmente forte. Ethel joga o corpo para frente e grita. Um grito selvagem, como o de uma presa que recebe o bote final e toma a consciência de que não adianta mais lutar.

– Sim! – Ótimo! Ela gosta de apanhar, tanto quanto eu gosto de bater!

– Empina essa bunda gostosa para mim. – Ordeno e a vejo hesitar. Vamos mocinha, isso não é hora de ter receios.

– O que? – Ela pergunta, em meio a um soluço. Lágrimas? Que elas lavem a alma impura que tenho e que não irá sossegar enquanto não consumir toda a sua ingenuidade.

– Não fale. Apenas empine a bunda!

– Domenico, eu... – Aperto sua carne macia do quadril e estanco sua vontade de falar qualquer coisa.

– Eu falei para não falar. Agora faça o que mandei, empine a bunda.

Não foi preciso mais que uma única ordem. Minha menina empinou a bunda rosa em minha direção e meus olhos saltaram em pura lasciva diante da imagem esplêndida. Dois fortes tapas ecoaram pelo quarto, a pele alva, já castigada, mostra a marca dos impactos constantes e meu pau dobra de tamanho com a visão.

Um novo e pesado silêncio nos invade. Ethel, ao mesmo tempo em que parece estar gostando da nova experiência, também se mostra acuada, nervosa, e não muito certa se o que está fazendo é correto. A realidade nua e crua é: Não existe mais volta! Mesmo que ela relute, eu preciso ser o dono supremo de seus pensamentos.

Aqueles pensamentos mais loucos, impróprios, pecaminosos, proibidos e impuros, todos serão meus! Quero me apropriar de suas lembranças e não permitir que ela me esqueça, jamais! Quero assombrar seu sono, provocar arrepios em sua alma só de imaginar nós dois juntos.

Bocas, toques, cheiro, gosto, paixão, tesão, tudo isso será meu. Minhas mãos pesando em sua pele, meu corpo tomando seu corpo. Quero habitar seus

sonhos, fazê-la se sentir tocada, invadida, dominada... Minha menina obediente. Ethel precisa fechar seus olhos e sentir como se eu estivesse presente em sua cama, levando-a a realizar todos os meus doentios desejos.

Quero fazer parte das suas fantasias, do seu querer mais clandestino e proibido. Preciso, como do próprio ar que respiro, incomodar seu sossego com meus mistérios, fazê-la se arrepender caso não se permita entregar, não assumir sua obediência, sua submissão, seu desejo de me servir de forma incondicional, sem qualquer questionamento.

Tenho pressa em fazer com que tudo isso se torne real. Hoje, eu quero e preciso dessa mulher, mas amanhã... Amanhã, nem sei ao certo se vai chegar ou se meu querer vai perdurar. Sim, sou um filho da puta doente, que sente prazer em viver suas batalhas, livre da paz que uma mulher como Ethel poderia ser capaz de me proporcionar.

– Preparada para o próximo passo, doce Ethel?

– Próximo passo? – Outra fungada e agora é certo, minha menina está chorando, mas nem assim se entrega.

– Sim, próximo passo. Responda apenas sim ou não!

– Sim... – O sussurro rouco e abafado pelo seu rosto enfiado no lençol é comovente.

Respiro fundo e me pergunto se realmente é hora para isso. Por um instante, o miserável dominador e sádico desaparece e um sentimento estranho, ao qual não estou acostumado me invade. Compaixão? Medo? Temor? E se eu assustá-la? E se ela não suportar a dor e desistir?

Sacodindo a cabeça, resolvo que não é hora de voltar atrás. A alma submissa de Ethel clama por ser liberada e de forma egoísta, necessito desesperadamente que seja eu a fazê-lo! Sem pensar muito, empunho a palmatória, chegando próximo ao seu ouvido e beijando de leve o lóbulo de sua orelha, para depois mordê-lo bem de leve.

– Preparada para a palmatória? – Cochicho em seu ouvido.

– Palmatória? – Alarmada, ela tenta se mover, mas a detenho com o peso do meu corpo.

– Apenas sim ou não, doce Ethel. Fora isso, existe a possibilidade de usar sua palavra de segurança. Agora responda. Preparada para a palmatória?

– Domenico, eu não sei se quero mais esse jogo.

– Então diga a palavra. – Meu corpo treme. Tudo que não quero é que ela desista. Vou perdê-la se isso acontecer.

– Acontece que eu não sei se quero dizer a palavra. – Ethel fala, quase que envergonhada por mostrar seus instintos mais primários.

– Então aceite... Aceite que você nasceu para isso. Permita que a dor e o

prazer se harmonizem com sua alma.

– Domenico...

– Sim ou não, Ethel. – Insisto, dessa vez com a voz grossa e rude. Ela precisa entender o jogo e aceitar as regras. As minhas regras!

– Não quero que me machuque.

– Jamais faria algo para machucá-la, minha menina. Quero apenas que reconheça seus limites e saiba explorá-los.

– E se o meu limite não for o suficiente para você? – Meus lábios entreabrem. Como pode uma mulher ser tão abnegada? Estou prestes a dar-lhe uma surra e ela pensa se vai ou não me agradar?

– Tudo em você é suficiente para mim, Ethel. – Amansando a voz, respondo enquanto acaricio sua bunda rosada que descansa sobre o colchão.

– Então eu quero. – Erguendo o rosto, ela o vira de lado, como se pudesse me ver e fala decidida. Linda! A perfeição de tão linda!

Solto uma de suas mãos e coloco seu corpo de lado, me ajoelho a sua frente e abro o zíper da minha calça, deixando escapar meu pau dolorido e ávido para sentir do que a minha doce menina é capaz.

– Abra a boca. – Dou uma ordem.

– O que? – Ela hesita e sou obrigado a ser mais ríspido.

– Abra a boca, estou mandando.

Deliciosamente ela abre. Esfrego a cabeça do meu pau em seu rosto e libero uma gota salgada do meu líquido pré ejaculatório em seu lábio. De primeira, meio sem jeito e até tímida, ela aceita meu membro em sua boca e depois inicia uma sucção deliciosa, me chupando com uma habilidade encantadora.

Sim, minha menina é boa nisso. Seguro seu cabelo com uma de minhas mãos e imobilizo sua cabeça, me enfiando até sentir sua garganta. Com a outra mão, pego a palmatória e dou um golpe suave em sua bunda. Entalada com meu pau, sinto o seu gemido e meu descontrole aumenta, me impossibilitando de me segurar.

Me enfio mais, até ver uma lágrima escorrer pela venda que cobre seus olhos. Golpes alternados com a palmatória marcam sua pele de seda e quanto mais vermelha ela fica, mais vontade tenho de marcá-la. Chega! Preciso me controlar. Hoje não é o dia para gozar. Quero dar o que puder a minha menina, mas isso não inclui a minha porra. Não hoje.

Satisfeito com a linda assinatura em sua pele, solto sua outra mão e a coloco de joelhos a minha frente. Me sento apreciando o corpo frágil e tremulo, que se contorce em uma mistura deflagrada de dor e tesão. Delicadamente acaricio seus lindos seios, puxando seus mamilos, apertando e depois soltando.

Ela geme, grita e joga a cabeça para trás, consumida por minha tirania mordaz.

– Domenico....

Escuto a voz sedenta, implorando por algo que talvez nem ela mesma saiba o que é. Inclino meu corpo, beijo suavemente seus lábios e sem que ela espere, dou um leve tapa no seu rosto. Sua boca entreabre, buscando o ar, mais pela surpresa do ato do que pela violência contida nele.

Mais um beijo e outro tapa. O rosto ruborizado queima em meus dedos e não suporto mais. Quero, preciso que ela se renda incondicionalmente a mim. Quero sua submissão latente e completa. Segurando-a pelos cabelos a ergo da cama, ela reclama com o gesto brusco, mas não me manda parar.

Ajoelho-a no chão e antes mesmo que percebesse, minha menina estava na posição dos Deuses! Divinamente ajoelhada, as mãos em minhas pernas, a cabeça levemente encostada em meus joelhos. Puta merda! Essa mulher nasceu para servir. Para me servir. Me sento na beirada da cama e deixo que ela se aninhe as minhas pernas.

Suas mãos me acariciam de forma cálida e introvertida, como se esperasse pelo meu consentimento para ser mais impetuosa. Essa é a hora. Meu ser grita para que sua carne se rasgue pelo prazer da entrega de sua alma.

– De quatro, no chão. – Falo baixo, mas ríspido o suficiente para sentir seus dedos finos e frios tremerem por sobre a calça do meu terno.

– Como assim? – Sua voz é nervosa e ela tenta se afastar. Agarro seus cabelos bagunçados na altura da nuca e retiro uma mecha colada no suor da sua testa com os dedos da outra mão.

– Quero você de quatro, beijando meus pés.

– Não vou beijar seus pés! – Ela gritou? Sério que minha menina vai fazer a Bratt justamente agora?

Antes que ela tivesse a oportunidade de falar qualquer outra coisa, agarro com mais força seu cabelo e a empurro para baixo, forçando-a até o carpete fofo sob meus pés. Eu quero, e quando eu quero, você faz, doce menina!

– Domenico... Por favor, pare! – Ela fala, com o rosto colado aos meus sapatos de couro.

– Quer que eu pare?

– Sim, eu quero!

– Então diga a sua palavra. Estancarei imediatamente qualquer coisa que esteja fazendo. – Provoco seu ímpeto rebelde, rezando para que meu desafio derive no resultado que espero.

– Não vou falar merda de palavra nenhuma, mas não vou beijar seus pés.

– A menina rebelde e agressiva está de volta. Minha Bratt predileta. Como é bom ter um desafio depois de tanta coisa fácil.

– Sim, você vai beijar!

Para meu completo e extasiado deleite ela se rendeu sem mais nenhum tipo de protesto. Um beijo leve e quase imperceptível. Caralho, o que essa porra de mulher está fazendo comigo? Cheio de tesão e com o desejo carnal de consumi-la o máximo que posso, puxo seu cabelo, arrancando um gemido rouco de sua garganta.

Minha mocinha está excitada, tão excitada que a cada nova puxada da minha mão, ela beija com mais vontade o couro do meu sapato e qual não foi o meu fascínio e gozo quando a vi lambê-lo, em uma mistura de servidão e tesão. Mais uma puxada pelo cabelo e a jogo na cama de quatro e diante da sua total entrega, não vejo mais a necessidade de me controlar.

Entre dolorosos tapas e mordidas, minha língua percorre sua boceta encharcada, deslizando até encaixar em seu cuzinho cor de rosa e perfeito. Administro uma chuva de tapas, chupadas e mordidas, finalmente permitindo que ela goze em minha boca. Os gritos ensandecidos que escapam de sua garganta me fazem ferver e não paro. Não quero parar.

Viro-a de frente e arreganho suas pernas, me encaixando entre elas, continuando a torturá-la com chupadas em seu grelo, enfiadas de dedo e tapas em sua boceta, extraindo todo o prazer que ela pode me dar. Depois de gozar mais quatro vezes, seu corpo desfalece banhado em suor por sobre o lençol molhado pelos seus orgasmos múltiplos.

Me esticando, retiro sua venda e a puxo para o meu colo, apertado minha menina em um abraço protetor e possessivo enquanto beijo ternamente sua testa. Seus olhos não se abrem tamanho seu cansaço. Aos poucos, agarrada em mim como uma criança indefesa, sua respiração desacelera e minha Ethel, minha, só minha, adormece com o lindo rosto encostado em meu peito.

Fecho os olhos e em meio a minha loucura sádica, me deixo levar por sua respiração morna. E é nessa loucura que encontro a sanidade dos meus dias, nos diferenciais que escolhi viver. Não vivo as regras da sociedade, vivo das minhas escolhas e nelas sou completo, minha vida não tem nada de morno, nada que não valha a pena, tudo nela é aprendizado e é muito intenso, e só permanece nela quem se atreve a viver. Ethel Lisa Willians se atreveu a viver!

CAPÍTULO QUATORZE



– Ethel, por favor, abra essa porta! Estou começando a ficar preocupada!

A voz de Clarisse me faz encolher ainda mais na cama. Desde a hora que o educado, porém calado, motorista de Domenico me deixou em casa, me vi perdida em pensamentos conturbados. Meu corpo inteiro dói, meu coração dói, e o mais preocupante de tudo, minha alma dói profundamente.

Acordei atordoada essa manhã, sozinha no imenso, soberbo e também bastante frio quarto de Domenico Fox. Um bilhete rabiscado e uma rosa vermelha no travesseiro ao meu lado foi a única coisa que dava algum indício de que a noite anterior não fora tão somente fruto da minha imaginação.

“Espero que esteja se sentindo bem. Nos vemos em breve. D.F”

Me sinto perdida em um mar intenso de emoções. E na verdade, o que mais me assusta, é que não são emoções boas. Muito pelo contrário. São emoções pesadas, que me esmagam e retiram de mim a força vital que achava ter. O que de fato esse homem fez comigo?

– Merda, Ethel! Vou ter que colocar a porta abaixo? – Pelo tom, fica claro que Clarisse realmente irá colocar a porta abaixo caso eu não a abra.

– Já estou saindo, Clarisse. – Seco as lágrimas que encharcam meu rosto no lençol e tento me recompor.

– Uma vírgula que já está saindo! Você está falando isso a mais de uma hora. O que aquele filho da puta fez com você?

– Eu já estou saindo, Clarisse. Me dê apenas cinco minutos, ok?

– Cinco minutos, Ethel Lisa, é o que você tem! Depois disso chamo o zelador e coloco essa porra de porta abaixo.

Me levanto e vou em direção ao banheiro. De frente para o espelho, observo chocada os estragos em meu corpo. A pele da minha bunda, castigada pelas mãos potentes de Domenico e também pela palmatória, apresenta hematomas que vão do vermelho claro até o roxo.

Meus seios doem de uma forma inexplicável e meu sexo lateja, como se eu tive sido consumida por horas a fio. Tampe o rosto e me envergonho do que me permiti viver! Flashes da última noite estalam em meus pensamentos. Cheiros, palavras, sensações. A verdade é que mesmo apavorada e me sentindo

um trapo, não posso negar a mim mesma que estou completamente apaixonada por Domenico Aron Fox.

Mas também me sinto usada, invadida e penetrada sem ao menos ouvir a palavra “Posso?”. Essa paixão, que beira o nível mórbido, me fez escrava dos meus próprios devaneios. Talvez me livrar dela não seja uma alternativa que consiga racionalizar, ou talvez seja sim, eu que simplesmente não o queira fazer!

Bem lá no fundo, apesar da dor que Domenico foi capaz de difundir em meu corpo, ele também me deu ânimo e despertou em mim um desejo que beira o delírio! Será que realmente me tornei sua escrava? Mais uma imbecil para sua longa lista? Será que a tradução para tudo que vivi na última noite é mesmo paixão? E se não for?

O foda é que um lado meu quer mais, quer essa paixão louca, já o outro, se sente pisoteada, envergonhada, sobrepujada e pior, humilhada! Será que tudo que aconteceu pode ser enquadrado como violência? Devo denunciá-lo? Mas eu consenti, fui permissiva... As dúvidas mais uma vez me levam as lágrimas, lágrimas essas que por anos a fio guardei, incapaz de me permitir vertê-las.

Jogo uma água no corpo e trato de cobrir os danos causados na última noite. Enfrentar Clarisse já vai ser uma barra bem pesada, se ela ver o estado que me encontro, não vai pensar duas vezes antes de abrir a porta e correr para a delegacia a fim de denunciar Domenico.

Por mais que eu tenha também pensado nessa possibilidade, não sei se seria certo, uma vez que a dor causada me levou a delírios sublimes de prazer. Puta que pariu! Que merda estou fazendo com minha vida? Desanimada e dolorida, caminho pelo longo corredor, sabendo que a parte mais difícil ainda estar por vir. Clarisse pode ser um pesadelo quando assim se dispõe a ser!

– Sem conversa fiada, Ethel. Você está a meia hora enrolando e não fala nada. O que aconteceu ontem a noite?

– Clarisse, eu não sei ao certo o que aconteceu. Não posso falar aquilo que nem eu tenho certeza, concorda?

– Vocês transaram?

– Pode-se dizer que sim...

– Como assim? Transaram ou não transaram?

– Ele me fez gozar... Muitas vezes. Mas não chegamos a transar.

– Pera aí. Você está me dizendo que passou a noite com aquele homem que tem na testa um imenso letreiro de que fode para caralho e ele não te comeu?

– Ele não precisou me comer para me dar prazer. – Reviro os olhos e me jogo contra o encosto do sofá, fazendo uma cara feia diante da dor que sinto em

minha bunda.

– O que foi? Está sentindo alguma coisa? – A sempre perspicaz Clarisse nota na hora meu desconforto.

– Não. – Minha resposta vaga só potencializa a desconfiança de Clarisse.

– Qual é Ethel? Vai mesmo começar a me esconder as coisas agora?

– Não estou escondendo nada.

– Sim, você está. É só olhar para sua cara! Alguma coisa está te incomodando. Não esqueça que ninguém te conhece melhor que eu!

– Se eu te contar você promete que não fará nada?

– Fazer nada? Como assim não fazer nada?

– Apenas prometa, Clarisse!

– Não posso prometer absolutamente nada, uma vez que não faço ideia do que vai falar.

– Clarisse... Por favor, prometa! – Imploro com os olhos e minha amiga se sensibiliza, virando seu corpo em minha direção e segurando minhas mãos.

– Ethel... O que houve? – A voz que antes era abusivamente curiosa e até um pouco estridente, se torna doce e receptiva.

– Promete... – Insisto. Ela precisa prometer!

– Eu prometo!

Nos vinte minutos seguintes, expliquei da melhor maneira que consegui, tudo o que aconteceu no apartamento de Domenico Fox. Clarisse permaneceu muda todo o tempo, as vezes entreabrindo os lábios, mas se abstendo de qualquer tipo de comentário. A expressão ilegível de minha amiga me assusta muito mais do que se ela mostrasse uma imensa indignação.

– Me deixa ver. – Clarisse finalmente quebra o seu silêncio, acenando com a cabeça em direção ao meu traseiro.

– Clarisse... – Tento argumentar, mas o olhar decidido de minha amiga me faz calar instantaneamente.

Sabendo que não tenho escapatória, retiro com cuidado o short, evitando tocar na pele edemaciada que tanto dói. Me viro de costas e escuto apenas um breve e abafado grunhido. Sim, Clarisse está muito puta da vida e mesmo que eu queira achar uma explicação razoável ou qualquer argumento inteligente que possa justificar as marcas que carrego em meu corpo, não teria coragem de usá-los contra ela. Me envergonharia profundamente de fazê-lo.

– Vou buscar alguma coisa para cuidar disso. – A voz presa e rouca em sua garganta demonstra o quão indignada minha amiga está.

– Clarisse, isso realmente não é necessário!

– Ethel, isso é necessário. Na verdade, é muito mais que necessário! É imperativo e indispensável!

– Não está doendo...

– Sim, está doendo. Você foi massacrada por aquele doente pervertido e nojento! Como pôde se permitir isso? – Olhos arregalados de fúria me encaram. Como responder algo que nem eu tenho a resposta?

– Eu não sei...

– Você não sabe? Ethel, esse homem é um filho da puta agressivo, que se esconde atrás de diretrizes muito sérias como as do “BDSM” para espancar mulheres!

– Mas isso não é o BDSM? – Pergunto confusa.

– Não, Ethel. Não é! Existem regras e principalmente é usada a sigla “SSC”!

– “SSC”?

– Sim! São, seguro e principalmente consensual!

– Mas foi consensual, Clarisse! Eu permiti!

– Mas não foi seguro! Que merda você tem na cabeça? “*Spanking*” nem é mais uma prática muito realizada, vários Dominadores de renome estão abolindo por acharem que não abrange as regras do seguro. Se com uma submissa experiente já é arriscado, imagina uma pessoa que nunca teve conhecimento alguma com esse meio!

– “*Spanking*”? – Pergunto incrédula.

– Sim Ethel. Foi o que esse bastardo fez. Ele te bateu, e bateu muito! Violência contra mulher! Ele precisa ser denunciado imediatamente!

– Clarisse, por favor, você prometeu!

– Sim, eu prometi, até ver o estrago que esse corno fez em você. Como pode ser conivente com isso?

– Não estou sendo conivente, Clarisse, apenas pensando nas possibilidades.

– Possibilidades? Que possibilidades? Você só pode estar louca! Não está mesmo passando por sua desorganizada cabeça ver esse homem novamente, está?

– Honestamente? Estou bagunçada demais para saber o que está se passando por minha cabeça.

– Ethel, me escute.

Clarisse segura meus ombros e me encara. A seriedade dos seus olhos e a expressão fechada, são o indício doloroso de que sua preocupação tem fundamento. Estou me sentindo violada! Como pude ser tão complacente? Como pude permitir que Domenico me agredisse dessa forma tão cruel?

Como se pesasse uma tonelada, a realidade despenca dolorosamente em cima de mim. Me deixei levar por um momento, sem pensar nas consequências

que isso acarretaria. Domenico Fox me usou para seus propósitos, deturpando o valor de uma entrega plena e segura. A quem de fato estou querendo enganar me fingindo inocente?

Não sou uma santinha que fui engabelada. Muito pelo contrário, tive conhecimento do que estava rolando e estava nas minhas mãos parar suas agressões desmedidas, bastava eu falar a porra da palavra! Por que então diabos, me permiti viver uma experiência tão bizarra e humilhante? Talvez eu seja tão doente quanto ele, porque sim, eu gostei... E gostei muito!

– Planeta terra chamando... – Clarisse me sacode levemente e pisco os olhos, saindo do meu transe vegetativo.

– Desculpe.

– Não se desculpe, Thell. Homens como Domenico Fox existem aos montes por aí. São os famosos “*filhos de Grey*”.

– “*Filhos de Grey*”?

– Sim, meu bem. Depois de uma infinidade de publicações a respeito do assunto, falsos Dominadores apareceram. Homens frustrados, com algum tipo de problema emocional, que não conseguem se manter estáveis e principalmente, tem uma imensa queda pela violência física contra mulheres.

– Você acha que Domenico Fox tem uma queda por bater em mulheres?

– Ethel, um Dominador de verdade jamais a iniciaria de maneira tão escrota e agressiva. Eles são homens nobres, cheios de regras e o importante para eles é dar prazer, isso os faz ter prazer. A conquista da alma antecede a conquista plena do coração e do corpo. Esse Domenico nada mais é que uma fraude. Uma fraude bem gostosa, preciso admitir, mas ele é um cara perigoso e muito provavelmente, o que fez com você ontem, já o fez antes com outra e irá fazer mais uma vez, caso não seja denunciado e impedido!

– Eu não quero denunciá-lo.

– O que? – A cara chocada de Clarisse me faz dar um passo para trás.

– Clarisse, entenda que não estamos lidando com um homem qualquer. Ele é Domenico Fox, um dos empresários mais importantes dos Estados Unidos. Entrar nessa briga seria como entrar em uma jaula cheia de leões famintos prontos para nos devorar!

– Foda-se que ele é importante! Isso não pode ficar assim, Ethel! Olha o seu estado!

– Eu permiti, Clarisse! Pior que isso, eu gostei! Eu podia tê-lo parado, mas não o fiz!

– Não, você foi induzida a isso. Ele fodeu sua cabeça e você achou que isso era uma coisa normal no mundo dele.

– E como você sabe tanto a respeito desse mundo, Clarisse?

– Me interessei e estudei sobre o assunto.

– Estudou sobre o assunto?

– Sim, Ethel. Mas não fui atrás de Dominadores Danone como esse tal Fox! Fui atrás dos melhores. Minha tese da faculdade foi sobre distúrbios psiquiátricos, esqueceu? Introduzi o assunto por ser tão debatido e pouco conhecido. Não existe nada de doentio em uma relação “*Dominador/Submissa*”. Muito pelo contrário, o respeito prevalece acima de tudo!

– Eu não sou uma submissa, Clarisse. E só para que você saiba, Domenico me respeitou. Ele todo o tempo me deu as cartas, eu poderia tê-lo parado.

– E por que diabos não o parou, Ethel?

– Porque eu queria, e queria mais. Doeu? Sim, doeu muito, mas o prazer que ele me proporcionou, foi além de qualquer coisa que já vivi até hoje!

– Ethel, pelo amor de Deus! Olha as loucuras que você está falando!

– Não são loucuras, Clarisse, são a verdade. Eu dei carta branca para ele.

– Seria mais um motivo para que ele respeitasse seus limites, não acha?

– Mas eu não impus limites! Ele me ofereceu uma palavra de segurança, e por diversas vezes, parou o que estava fazendo e me deu a oportunidade de usá-la. Não usei porque não quis!

– Que merda, Ethel! Para de defender esse canalha!

– Eu não estou defendendo ninguém e ele não é um canalha! Estou apenas assumindo minha própria culpa, Clarisse! Não sou uma garota do interior inocente! Posso ter vindo de Delaware, mas sei bem como as coisas funcionam. Ele fez porque deixei que fizesse!

– Você está deturpando tudo, Ethel!

– Não, eu não estou, Clarisse. Noite passada, Domenico Fox me fez menina, mulher e amante, tudo ao mesmo tempo. Se eu gostei de ter aquele instante para sonhar? Sim, eu gostei! Sentir seus beijos, o prazer constante mesmo diante da dor, me ver sendo agarrada com carinho até adormecer, ver seus olhos brilharem, me apreciando com imenso cuidado, não foi absolutamente nem um pouco doentio. Foi prazeroso, e se isso faz de mim tão doente quanto ele, então eu sou! Mas não posso negar que tive sim tesão e prazer com o que aconteceu!

– O que esse homem fez com você? Lavagem cerebral? Não é possível que esteja falando sério! Ethel, esse cara te espancou, te machucou, te humilhou! Que porra de prazer é esse?

– Eu não sei, Clarisse! Honestamente eu não sei! Só sei que eu gostei, gostei muito e repetiria, repetiria várias vezes!

– Eu preciso trabalhar. Gostaria muito de poder passar o dia conversando

com você, tentando compreender esses seus devaneios, mas infelizmente não posso! Amanhã a noite espero que esteja mais centrada e que esteja pronta para tomar uma atitude contra esse homem.

– Clarisse...

– Ethel, se você não o denunciar, eu o farei!

– Você não pode fazer isso. Eu estou falando que consenti.

– Foda-se se você consentiu. Esse homem é uma fraude e o lugar dele é atrás das grades! Não se permita ser tão pouco Ethel! Depois de tudo que passou em sua vida, esperava um pouco mais de amor próprio de sua parte!

Sem mais uma única palavra e parecendo bastante alterada, Clarisse anda apressada em direção ao seu quarto, me largando envolta em pensamentos distantes e sombrios. Como não me julgar e não me envergonhar? Como não me culpar? Perdi a convicção dos meus próprios e sempre tão controversos princípios. Me perdi de mim mesma!

CAPÍTULO QUINZE



Toda segunda feira é irritantemente igual. Preguiça, instabilidade emocional para sair da cama e agora, junto a tudo isso, ainda existe a insegurança de chegar ao “NBP” e ser informada pela “Malévola” que não tenho mais meu emprego, uma vez que não consegui a tão esperada exclusiva com Domenico Fox.

Ultrapasso as portas de vidro encarando quase que asfixiada a imensa logo vermelha que parece debochar do meu nervosismo, cumprimento alguns outros funcionários e vou direto para minha pequena baia, ligando meu laptop e olhando fixamente para tela. O que afinal de contas preciso fazer? Fui encarregada de entrevistar Domenico Fox, enquanto isso não acontece, qual será ao certo a minha função no jornal?

– Bom dia, Delaware! – A voz maliciosa de Susanna me faz erguer os olhos. Com certeza chamar essa mulher de bonita seria muito pouco. Me sinto como uma colegial de aparelho nos dentes e cheia de espinhas perto dela.

– Susanna...

– Como estão as coisas? Alguma evolução com Domenico Fox?

– Nenhuma. Ele não me procurou.

– E você não procurou por ele? Acho que te dei uma lista farta dos locais que ele frequenta justamente para isso.

– Eu procurei, Susanna. Acontece que ele não se encontrava em nenhum dos lugares que estavam na lista nesse final de semana.

– Fontes não lá muito confiáveis, devo admitir, falaram que ele está em Tóquio. Parece que uma de suas grandes e imponentes obras teve algum tipo de contratempo e ele precisou correr para resolver.

– Sério? Se sabe tanto a respeito da vida de Domenico, por que então coloca nas minhas costas a responsabilidade de descobrir seus segredos? Talvez essa sua fonte consiga muito mais do que eu!

– Sendo sarcástica, Delaware? Bom, não importa, mesmo porque, como já falei antes, gosto de sarcasmo. Não em demasia, é claro.

– Se eu estiver sendo demasiadamente sarcástica, por favor, me avise.

– Vejo que a mocinha do interior acordou azeda hoje. “TPM”?

– Não Susanna, não estou de “TPM”, só não sei exatamente o que fazer! Sei que fui encarregada da exclusiva com Domenico, mas enquanto não consigo, o que vou ficar fazendo? Olhando para tela do computador buscando fofocas a respeito dele? – Um sorriso debochado desenha os lábios vermelhos da “Malévola”.

– Acho que seria desperdício, tanto de verbas quanto de inteligência.

– Então, o que posso fazer pelo jornal?

– Vim aqui justamente para isso. Preciso de uma entrevista com Rick Mitchell.

– O magnata da telecomunicação?

– Esse mesmo, Delaware!

– Por que você só me dá missões praticamente impossíveis?

– Porque você é boa nisso.

– Boa em exatamente o que?

– Em se aproximar desses caras.

– Fala sério, Susanna!

– Estou falando, por isso, preste bastante atenção. Richard Mitchell, junto a sua empresa, está lançando um novo modelo de smartphone, que não usa energia para ser recarregado.

– Sério? E como é recarregado? – Debocho e me arrependo no instante em que os olhos cerrados de Susanna quase me engolem viva.

– Sarcasmo em demasia, Delaware. Voltando ao assunto em questão, luz solar. É uma inovação que todos esperavam, uma vez que nem sempre temos um carregador ou uma tomada disponíveis.

– Pelo que ouvi, ele vai dar uma coletiva amanhã a noite, no salão principal do “Sheraton” a respeito disso. Estou enganada?

– Não, você não está. Acontece que quero mais detalhes. O “NBP” não se contenta com uma simples coletiva. Trabalhamos com exclusivas. Quero que consiga uma entrevista, antes da coletiva. Precisamos desse furo.

– Sério? Só isso mesmo que você precisa?

– Sim. Simples não? – Agora é Susanna quem carrega a voz no sarcasmo.

– E como exatamente vou fazer isso, Susanna?

– Isso eu já não sei. Na verdade, é um problema seu, você ganha para isso. Use da sua criatividade e talento. – Ela pisca um olho para mim e se vira, dando o assunto por encerrado.

– E o que você quer que eu pergunte?

– Tudo! Quero as informações na minha mesa até o meio dia de amanhã. Preciso publicar o furo antes da coletiva, na edição extra da tarde.

- É um prazo muito curto, Susanna.
- Trabalhamos com prazos curtos e sob imensa pressão, Delaware. Vá se acostumando, o “NBP” não é o seu jornalzinho de faculdade.
- Vou ligar para assessoria de imprensa dele, quem sabe ele está de bom humor e resolva falar comigo.
- Eu não contaria com isso, em todo caso, faça o que for necessário. Independente dos meios que use, consiga a entrevista.

Meio dia e nada. Tenho vinte e quatro horas para conseguir o impossível! Caminho aleatoriamente pelo movimentado centro comercial da “*Newbury Street*”, sem saber ao certo o que fazer e muito menos como. Na verdade, estou tentando a sorte. Segundo a assessoria de imprensa de Richard Mitchell e as informações que consegui coletar na internet, é por aqui que ele costuma almoçar.

De qualquer forma, por mais que a sorte resolva dar as caras para mim no dia de hoje, acho bem improvável encontrá-lo nos lugares onde posso pagar. Desanimada, derrotada e já me preparando para um chique daqueles de Susanna, paro em uma cafeteria e decido por um chocolate quente. Apetite é a última coisa que consigo ter.

Minha mente bagunçada vai de um ponto a outro. Domenico, que não dá as caras desde o sábado a noite, ocupa boa parte dos meus pensamentos e agora, mais do que nunca, preciso dar razão a tudo que Clarisse disse. Fui cruelmente usada! O que leva um homem a ser assim? Talvez seja de verdade uma doença, ou não...Sei lá.

A verdade é que preciso decidir entre esquecê-lo de uma vez, e isso inclui abdicar de todo o prazer que apenas ele é capaz de deflagrar em meu corpo, ou manchar de uma vez por todas sua imagem pública, usando do seu sexo nada convencional, a fim de compor a tal exclusiva que a “*Malévola*” não cansa de cobrar. Isso garantiria meu emprego. Seria um golpe duro, mas não sujo. O que ele fez comigo, isso sim, foi sujo, muito sujo.

Claro que eu esperei pelo seu contato. Não posso negar que fiquei frustrada. Queria a todo custo acreditar que o que fizemos não foi assim tão errado, talvez isso amenizasse minha culpa, que pesa em minha consciência e me faz infeliz e incompleta por ter sido tão permissiva.

É como se os poucos motivos que tive para sorrir até hoje tivessem desaparecido por completo, de uma vez por todas, sem intenção alguma de voltar, porém, o mais foda de tudo é saber que o motivo não são as marcas físicas deixadas por Domenico em meu corpo, mas sim a marca irreversível que

se instalou em minha alma.

Me apaixonei pela pessoa errada e sim, estou sofrendo. Sofrendo por ter sido idiota e por ter caído na conversa de um homem frio e calculista como Domenico Aron Fox. Meu celular toca em minha bolsa, me despertando do momento auto estima lá embaixo no qual me enfiei desde minha última conversa com Clarisse.

Atolada, busco pelo aparelho no poço sem fundo, tateando em meio ao amontoado de coisas desnecessárias que carrego, claro que sem conseguir encontrá-lo. Apavorada por não atender uma ligação que pode ser a minha salvação, vai que o poderoso Rick Mitchell mudou de ideia e concordou com a entrevista, enfio minha cara na bolsa em uma busca frenética e incessante.

Uma pancada seca e me vejo encharcada de chocolate quente. O líquido fumegante queima de encontro a minha pele enquanto, desequilibrada, me sinto amparada por mãos fortes, que seguram meus braços, impedindo assim, que me estatele com tudo de costas no chão.

– Merda! – Esbravejo, puta da vida com minha falta de cuidado.

– Achei que fosse chocolate. – A voz macia e levemente rouca me faz erguer os olhos.

Boquiaberta, me vejo frente a frente com Richard Mitchell, completamente melecado de chocolate quente! Caralho, já posso cortar os pulsos agora? Só de olhar para o terno perfeito, e com certeza caríssimo, ensopado e grudento com o excesso de chocolate e chantili, minhas entranhas reviram de vergonha.

– Me desculpe... Eu não tive a intenção. – Começo a falar e um sorriso divino desenha o rosto mais divino ainda.

Vi diversas fotos de Richard Mitchell na internet. Claro que achei o homem um espetáculo, mas pessoalmente, ele consegue ser ainda mais divino. Os cabelos negros iluminados pelo sol, contrastam fortemente com o vivos e quase translúcidos olhos azuis. A palavra “*Lindo*” deveria ser substituída do dicionário por “*Richard Mitchell*”.

– Sério? E eu achando que foi proposital.

– E por que seria? – O encaro, amando a expressão divertida e descontraída de seu rosto.

– Talvez estivesse com a mesma vontade que eu.

– Vontade? De que?

– De um contato maior.

– E você estava com essa vontade?

– Não até tocá-la, preciso admitir. A verdade é que chocolate e baunilha são dois sabores que muito combinam. Arriscaria dizer que são irresistíveis! –

Sorrio quando ele faz referência ao meu perfume. Um cara com a percepção apurada, gosto disso!

Com suavidade, ele solta meus ombros e se afasta apenas o suficiente para que tenha maior mobilidade. Enfiando a mão no bolso interno do seu paletó, ele retira um lenço, que é claro, também está completamente molhado de chocolate. Entortando a boca, ele me olha e muito provavelmente estou vermelha como um tomate maduro, prestes a estragar.

– Pois é, se não estivesse tão sujo, eu ofereceria a você. – Ele me mostra o lenço e não consigo evitar uma gargalhada. O humor desse cara é contagiante!

– Falando sério, eu sinto muito, de verdade! – Falo assim que recupero meu fôlego.

– Tudo bem. A culpa não foi apenas sua. Eu também estava distraído.

– Não. Não estava, só está tentando ser delicado e diminuir minha culpa.

– Isso é verdade, espero que esteja funcionando. – Enquanto sorri, ele leva o polegar até o meu rosto e tira uma gota de chocolate que respingou. O toque inesperado me faz recuar e um nervoso sem limites me invade. Se acalme Ethel, nem todos os homens são como o sádico nojento do Domenico Fox, que faz gato e sapato em uma noite e depois desaparece, sem deixar qualquer rastro.

– Sim, está! – Murmuro envergonhada, baixando os olhos e finalmente vendo o imenso estrago em minha roupa.

– A propósito, sou Richard Mitchell. – Ele estende sua mão perfeita e antes de apertá-la, me indago se esse homem não é feito de cera. Vai ser lindo assim lá no inferno!

– Eu sei quem você é, acho que todos sabem. Sou Ethel Lisa Willians. Mas pode me chamar de Thell. – Me apresento no modo automático, sem levar em consideração que a meia hora atrás, liguei para sua assessoria de imprensa e enchi a paciência para conseguir uma exclusiva.

– Lindo nome. – Um vinco sexy aparece entre suas sobrancelhas e uma única covinha, do lado esquerdo do rosto, se revela por baixo da barba serrada e muito bem aparada. Propositalmente, ele parece ignorar o fato de eu já conhecê-lo. Claro que ele ignora, afinal, quem não conhece Richard Mitchell, seja pela posição de destaque que ocupa ou até mesmo por sua beleza de tirar o fôlego!

– Obrigada.

– Pelo sotaque, acredito que não seja daqui. Estou enganado?

– Sou de New Castle. Estou apenas a alguns dias em Boston.

– E o que a trouxe para essa cinza selva de pedra?

– Vim a trabalho.

– E volta quando para New Castle?

– Não volto, acho que me expliquei mal. Fui contratada pelo “NBP”.

– Uma repórter?
– Prefiro o termo jornalista. – Empino meu nariz, ficando levemente irritada com a antipatia que ele impõe a palavra “Repórter”.

Tudo bem, a vida do cara deve ser um inferno, muito provavelmente está sendo fotografado nesse exato instante por alguém tabloide sensacionalista ou ainda por um site desses de fofoca, mas isso não dá direito que desmereça minha profissão. Ele sorri e dessa vez minhas pernas amolecem. Sobrenatural é pouco!

– Não foi um comentário pejorativo, Srta. Chocolate.
– Não achei que tivesse sido.
– Claro que achou! Seus olhos falam por você.
– Tudo bem, eu me senti ofendida.
– Peço desculpas por isso.
– Relaxa, isso acontece com uma frequência maior do que você poderia imaginar. – Faço um gesto amplo com a mão, arrancando uma farta gargalhada de Richard.

– Pelo visto você trabalha com Susanna Wesley.
– Você conhece a “Malévola”? – O encaro, já não sei se meus olhos estão arregalados por ele conhecer Susanna ou se por ter usado o apelido que eu e Clarisse inventamos para ela.

– “Malévola”? Francamente, já coloquei vários apelidos em Susanna, alguns inclusive dos quais muito me envergonho, mas “Malévola”, foi insuperável!

– Ela é uma pessoa meio difícil. – Falo baixinho, como se a qualquer momento Susanna pudesse aparecer e me comer no esporro.

– Susanna não é difícil, é insuportável! – Richard sorri e me permito ser levada por seu delicioso e convidativo bom humor.

– Parece que você a conhece bem.
– Melhor do que deveria, mas isso é um assunto antigo, do qual também não me orgulho muito. – Aperto os olhos e conto até dez.

Não acredito que Susanna teve a cara de pau de me mandar fazer uma exclusiva com um dos seus antigos casos! Ela poderia facilmente conseguir a informação com Richard, isso só deixa claro que sua finalidade é infernizar a minha existência e dificultar ao máximo minha vida dentro do jornal.

– Vocês foram namorados? – Merda de boca grande! Por que diabos fui perguntar isso?

– Saímos algumas vezes juntos. Mais alguma pergunta de cunho pessoal que vá me deixar sem graça?

– Desculpe-me, Sr. Mitchell. Não quis ser indiscreta.

– Claro que não quis, você muito provavelmente só está se perguntando o

porque de Susanna ter mandando você conseguir uma exclusiva comigo quando ela mesma poderia tê-lo feito.

– Então você sabe quem eu sou...

– Digamos que seu nome não é muito comum, ficou fácil ligar uma coisa a outra.

– Desculpe-me, eu ia falar...

– Sei que ia. Mas, antes que fale, quer almoçar comigo?

– Almoçar? Com você?

– Agora fiquei preocupado, sou uma companhia tão bizarra assim? –

Richard sorri e puxa de leve a lapela suja do seu paletó.

– Não foi isso que quis dizer. Sua companhia passa bem longe de ser bizarra.

– Hum... E como você qualificaria minha companhia?

– Agradável? – Faço um bico e entro na brincadeira.

– Tudo bem, melhor agradável do que bizarra. E então, aceita?

– Estou toda suja, Sr. Mitchell.

– Me chame de Richard, por favor. Sr. Mitchell me faz sentir muito mais velho do que realmente sou.

– Você não é velho!

– Tenho idade o suficiente para ser chamado de Senhor, mas não me agrada muito uma moça jovem e bonita como você fazendo isso.

– Trinta e dois anos não é idade suficiente para que o chamem de Senhor. E só para saber, sou apenas nove anos mais nova.

– Sério que você sabe a minha idade?

– Eu queria uma exclusiva, esqueceu? Precisei pesquisar a seu respeito na internet.

– Nosso amigo “Google”?

– Exatamente!

– Fico lisonjeado.

– Não fique, estava atrás de algum podre seu que pudesse persuadi-lo a me dar a exclusiva.

– Deliciosamente cruel. Só por curiosidade, achou alguma coisa? – O sorriso parabólico me derrete inteira.

– Não, absolutamente nada! Pelo que pude perceber, você é um homem bastante querido, até mesmo pela imprensa sensacionalista.

– Eu tento.

– E consegue.

– E então, vamos almoçar?

– Uma lanchonete eu topo, nada de restaurantes finos e chiques. Olha o

meu estado!

– Vamos a um lugar que fique à vontade, mesmo estando suja. Pode ser?

– Um lugar que eu fique à vontade? – Pergunto receosa.

– Se acalme, Srta. Chocolate, minha intenção é foder o juízo de Susanna ao conceder a você, com exclusividade, os detalhes do meu mais novo lançamento.

– Sério? Você faria isso?

– Faria não, vou fazer!

– Isso tudo é mágoa pelo término da relação?

– Mágoa? – A risada sexy de Richard me deixa extasiada. Vejo seu rosto pender para trás e a visão de seu pescoço me faz ter ímpetos de mordê-lo, lambê-lo e beijá-lo. Virei uma ninfomaníaca?

– Srta. Chocolate, não estou fazendo isso por Susanna, mas sim por você!

– Por mim?

– Quando ela designou a tarefa a você, sabia que seria impossível. Eu jamais daria detalhes do lançamento antes da coletiva marcada para amanhã. Da mesma forma que eu a conheço bem, ela também me conhece, sendo assim, só posso interpretar sua atitude como uma afronta pessoal a sua pessoa, uma vez que ela tinha certeza que iria fracassar.

– Você não é a primeira tarefa impossível que ela me dá. – Falo, mais para mim do que para ele.

– E conseguiu realizar a outra? – Richard afasta o corpo, para que um pedestre com cara de pouquíssimos amigos possa passar pela calçada.

– Não. – Como explicar que consegui, mas não tenho coragem de fazer? Tenho tudo que a “*Malévola*” quer em minhas mãos sobre Domenico Fox, seria o maior furo de todos os tempos, então por que não faço? Já estou até imaginando o título: “*Domenico Fox, o grande magnata do concreto e seus gostos para lá de singulares.*”

– Acredite, você vai conseguir.

– Não sei se quero conseguir... – Mais lamento do que falo.

Nesse exato instante meu coração aperta diante de tudo que vivi junto a Domenico e aquela sensação de abandono volta a me invadir. Sinto saudades do seu toque quase brutal, da sua boca selvagem, das palavras vulgares... Sinto saudades de Domenico Fox inteiro e sim, estou magoada por ele não ter me procurado, admito para mim mesma mais uma vez.

– Acho que deveríamos sair do meio da rua, estamos começando a atrapalhar os pedestres, concorda?

– Tudo bem, eu almoço com você.

– Fico grato por sua caridade. – Merda, não acredito que dei a entender

que seria um sacrifício almoçar com um homem como Richard Mitchell.

– Não estou sendo caridosa, pelo menos não agora.

– Eu sei. A verdade é que tenho consciência do quanto sou irresistível!

– E tem a consciência do quanto é convencido?

– Acho que não, mas poderemos conversar sobre isso durante o almoço.

– Um lugar informal, onde ninguém repare nas minhas roupas sujas.

– Você quem manda! – Pegando seu celular do bolso da calça, observo a agilidade dos seus longos dedos digitarem uma mensagem, mas o que realmente me chama atenção é o modelo do celular, o qual nunca havia visto antes.

– Esse é o tal aparelho? – Pergunto curiosa.

– O próprio. Gostou?

– Elegante, requintado e alinhado. Digno de homens como você. – Eu e meu bocão mais uma vez!

– Sou um homem elegante, requintado e alinhado?

– Honestamente?

– Adoraria!

– Você é mais do que isso. Corrigindo, você é isso e muito mais, colocaria o bonito, inteligente e bem-humorado também na lista de elogios desacerbados.

– Está puxando meu saco para conseguir a exclusiva, Srta. Chocolate?

– Talvez, mas só um pouquinho. Preciso me redimir do banho de chocolate que te dei.

– Posso garanti-la que não precisa se redimir de absolutamente nada. Foi o melhor banho de chocolate que já tomei em toda a minha vida.

– Já tomou outro antes?

– Não. Apenas esse, e espero realmente que seja o último. – Tudo bem, seu sorriso torto demonstra que colocou um duplo sentido na frase, mas não consegui captar sua sagacidade.

– Era para eu entender? – Indago ao mesmo tempo em que prendo a respiração ao sentir seus dedos tocarem minhas costas e me guiarem através das pessoas até uma belíssima Mercedes SUV estacionada logo a nossa frente.

– Era, mas já que não entendeu, vamos deixar a explicação para outro dia.

– Uma desculpa para outro encontro? – Implico e o vejo sorrir pelo canto dos olhos.

– Estamos tendo um encontro? – Legal, acabei de ficar sem graça. Claro que um homem desse tipo não teria um encontro comigo. Ele só está a fim de sacanear a “*Malévola*”, tanto quanto eu.

– Acho que não. – Baixo minha cabeça e aperto as mãos ao redor da alça

da minha bolsa.

– Pois eu acho que estamos. Um primeiro encontro meio desastrado, preciso admitir, mas que já está sendo muito interessante.

Entreabro os lábios para responder, mas não encontro nada a altura de suas palavras. Fazendo a resignada, opto por me manter calada e mais uma vez ele sorri, o sorriso dos deuses. Com educação e praticando imenso charme, ele abre a porta do carro, me convidando silenciosamente para entrar. Convite aceito ele faz o mesmo, segurando na mesma hora minha mão, me fazendo encará-lo surpresa.

– Charlie, para o Davio's.

Sem desviar os olhos dos meus, ele dá a ordem ao seu motorista e dessa vez eu até quero falar alguma coisa, apenas não consigo. A potência do seu olhar me paralisa e é como se o mundo inteiro estivesse em câmera lenta tornando desfavorável a quebra desse contato energético e ao mesmo tempo gentil.

Diferente do tesão enlouquecedor que senti todas as vezes que estive na presença de Domenico, Richard me faz derreter em um puro e imaculado fascínio. Claro que ele é um homem belíssimo, mas antes disso, é palpável, real e absolutamente comum, apesar da posição de destaque que ocupa.

Talvez por isso, me sinta tão confortável em sua presença. Com ele posso ser apenas a interiorana Thell, sem precisar me preocupar com absolutamente mais nada, isso o conhecendo a apenas meia hora. Richard é aquele tipo de homem que te remete a coisas boas e passa uma tranquilidade serena e plácida...O avesso de Domenico Fox!

CAPÍTULO DEZESSEIS



– Achei que viríamos a um lugar informal. – Falo assim que Richard puxa a cadeira como um autêntico cavalheiro para que eu me sente.

– Mas o “*Davio’s*” é um lugar informal. – Sentando a minha frente, ele mantém um educado e bem fofo sorriso nos lábios.

– Não, Sr. Mitchell, definitivamente, o “*Davio’s*” não é um lugar informal.

– Apenas Richard, Srta. Chocolate. E sim, é um lugar informal, pelo menos para mim. Sem contar que estamos em uma mesa privada, apenas os garçons e o metre terão contato com a gente.

– Isso não diminuiu em nada o meu desconforto por estar toda melecada de chocolate.

– Estamos no mesmo barco, esqueceu? – Sorrindo abertamente e cheio de charme, retira seu paletó, jogando-o de maneira displicente sobre uma das cadeiras vagas em nossa mesa.

– Impossível esquecer. – Faço um bico e tomo um gole da água que um simpático garçom acabou de colocar em nossas taças.

– Então vamos apenas fingir que estamos limpos e que nada aconteceu. Quer fazer o seu pedido? – Ele estica o cardápio em minha direção e me sinto um pouco menos deslocada ao vê-lo se acomodar confortavelmente na cadeira, como se estivesse no sofá de casa.

A refeição transcorreu em um clima delicioso. Richard Mitchell, além de lindo, é o homem mais bem-humorado do universo. Para tudo ele tem uma resposta e essa, é sempre hilariante. Precisava desse tipo de descontração para tirar o doentio Domenico Fox dos meus pensamentos. Não que tenha acontecido, mas, ao menos fui capaz de me desligar da minha louca paixão por algum tempo.

– Vamos ao que importa, Srta. Willians. O que deseja saber sobre o meu mais novo lançamento? – Assim que termina sua sobremesa, Richard toma a frente, cumprindo a promessa de me dar a tal exclusiva.

– Honestamente? Acho que não fiz meu dever de casa. Não sei o que te perguntar.

– Então vamos fazer assim, eu falo o que acho relevante e você anota o

que for do seu interesse, pode ser?

– Poderia, se eu estivesse preparada. Não tenho um bloco. Posso gravar com meu celular?

– Contanto que não filme.

– Jamais usaria uma imagem sua sem autorização prévia, Sr. Mitchell.

– Eu sei disso Ethel Lisa. Mas o caso aqui é: Espero qualquer tipo de insanidade por parte de Susanna, mesmo que ela tenha certeza que caso o faça, enfrentará uma batalha perdida com o meu departamento jurídico.

– E eu que achava conhecer a “*malévola*”. Pelo visto ela é muito pior do que eu imaginava!

– Susanna não é uma mulher ruim, Ethel. Ela apenas faz qualquer coisa pelo seu trabalho e isso inclui transformar as pessoas em otárias e babacas!

– Isso faz dela uma otária bem babaca.

– E não é essa a função dos jornalistas? – Richard estreita seus olhos e me encara, acho que pela primeira vez, aparentando bastante seriedade.

– Não, Sr. Mitchell. Jornalistas tem a função de informar, esclarecer e criar uma opinião a respeito de determinado assunto.

– Seria bonito se essa teoria aprendida na faculdade fosse colocada em prática, Ethel.

– Mas é! Bom, pelo menos por mim.

– Acontece que não é bem assim que as coisas funcionam, Veja seu próprio exemplo. Hoje, mais cedo, me informou que pesquisou a meu respeito na internet.

– Sim, pesquisei. Ia fazer uma entrevista com você, nesse caso, precisava de toda a informação disponível que fosse capaz de armazenar.

– Só que você confessou ter buscado por algum podre meu, a fim de me dissuadir a conceder a exclusiva.

– Pois é... – Super sem graça, baixo minha cabeça, sabendo exatamente em que ponto ele pretende chegar. A verdade é que minha atitude não foi muito diferente das de Susanna.

– Entende agora o que estou querendo falar? No fundo todo repórter, ou jornalista, como você prefere ser chamada, tem a mesma pretensão.

– E qual seria essa pretensão?

– Conseguir a qualquer custo atingir seus objetivos!

– Desculpe-me Sr. Mitchell. Eu não falei aquilo por mal, mesmo porque, se eu achasse algo contra o senhor, jamais seria capaz de usar.

– Por enquanto, Ethel. Você ainda carrega a inocência do interior, o que de verdade, é um bônus a seu favor, por hora. Com a experiência e o tempo, acredite, você começará a usar desse tipo de artifício sem que ao menos perceba.

– Se eu me transformar nesse monstro perigoso, por favor, me mate! – Levo a mão até o peito e faço uma careta engraçada, arrancando um sorriso torto dos lábios bem delineados.

– Vamos ao que importa? Tenho uma reunião dentro de... – Faz uma pausa e olha atentamente seu belíssimo relógio de ouro antes de continuar.

– Uma hora, é o que você tem, Srta. Chocolate.

– Vou colocar para gravar. – Ele concorda com um discreto aceno de sua cabeça. De simpático a totalmente profissional. O homem bem-humorado dá lugar ao CEO implacável e competente, me fazendo admirá-lo ainda mais.

Sem jeito, busco pelo gravador em meu celular, claro que levo uma surra tecnológica, uma vez que nunca usei o aplicativo. Depois de longos minutos, enfim, consegui ligá-lo. Sim, agora posso fazer a profissional, uma vez que até o momento, só dei mancadas. Imensas e desastrosas mancadas!

– Entrevista com Richard Mitchell, presidente da “*RM tecnologia avançada*”. O que o senhor poderia falar a respeito do seu mais novo lançamento que anda atraindo tanto os consumidores e causando um burburinho descrente entre a concorrência?

– Eu não descreveria como descrença por parte da concorrência. Talvez uma pontinha de frustração por não ter pensado ou executado a ideia antes da “*RM*”.

– De qualquer forma, deve-se considerar que a “*RM*” é uma inovadora ao usar a energia solar em um celular.

– Claro que a possibilidade de associar energia solar as telecomunicações muito provavelmente já foi levantada pela concorrência. A tecnologia que usa a energia limpa já foi diversas vezes utilizada. Casas, empresas, fábricas, carros... Por que não um celular? Não é de contínuo termos uma tomada por perto e quase sempre, quando a bateria acaba, estamos precisando loucamente do aparelho, seja para fechar grandes negócios ou para ligar para os filhos. Apenas unimos a necessidade de se comunicar a facilidade de recarregar.

– Quanto ao sistema operacional, o que o Senhor pode nos adiantar? – Pergunto com segurança. Sim, modo profissional ativado.

– Fizemos uma parceria com a “*Mac*”. O sistema operacional será o “*IOS*”, e todos os aplicativos da “*Apple Store*”, também estarão disponíveis para os usuários do “*ZY 8*”. Bastará acessar sua conta e pronto, será como ter um “*Iphone*” e toda a sua tecnologia em suas mãos, tudo isso associado a facilidade de quase nunca precisar de uma tomada.

– Todos os aplicativos?

– Sim, absolutamente todos, desde os mais comuns como a própria “*Apple Store*”, “*Itunes*”, “*Face Time*”, “*Icloud*” e “*Ifotos*” até os mais

complexos como o “*Garage Band*” e “*Siri*”. Sem contar que o “ZY 8” também poderá ser conectado a qualquer outro dispositivo “*Mac*”, como um “*MacBook*”, “*Ipad*” ou mesmo um “*IMac*”.

– Interessante. E quanto ao sistema “*Androide*”?

– Infelizmente o “ZY 8” não usará tal sistema.

– Poderia perguntar o motivo?

– Ineficácia e falta de compatibilidade. O sistema “*Androide*” ainda não é completo o suficiente para atender a demanda de um aparelho como o “ZY 8”.

– Sei...E o preço, vai ser o equivalente ao “*Iphone*” também?

– Lembre-se Srta. Chocolate... – Ele sorri e pisca um dos belíssimos olhos, sabendo perfeitamente que vou precisar editar essa parte para entregar a matéria para Susanna. Sorrio de volta, sem conseguir conter o movimento de meus lábios. Richard Mitchell é um elixir concentrado de bom humor.

– O “ZY 8” não será um celular comum. Dito isso, seu preço não pode ser equivalente a um aparelho comum.

– E desde quando o “*Iphone*” é um aparelho comum? – Indago, incrédula com sua colocação despropositada.

– Perto do “ZY 8”, sim. Estamos falando de elegância, classe e uma excelente performance, tudo isso incorporado a um design luxuoso.

– E quanto isso tudo vai custar?

– Em média sete mil dólares. Vai depender, é claro, das personalizações as quais será submetido pelos clientes.

– Puta merda! Um celular feito de ouro? – Arregalo os olhos e deixo escapar o palavrão, nem lembrando que a conversa está sendo gravada.

– Não, Srta. Chocolate, o de ouro vai custar o dobro disso... Talvez o triplo. Como falei antes, é um celular bem exclusivo. Talvez mais tarde possamos pensar em uma versão mais doméstica, por enquanto, nosso público alvo é o de executivos, que usam o celular como se fosse uma extensão do corpo.

– Bem democrático... – Murmuro baixinho para mim mesma e ao ver uma das sobranceiras escuras e bem delimitadas se erguer, vejo que mais uma vez fui traída por meu imenso bocão.

– E por que exatamente não acha meu celular democrático? Por que busco agradar uma clientela específica? – A curiosidade em sua voz é verdadeira e vejo que dei uma puta bola fora.

Falar que Richard Mitchell não é um cara democrático é uma blasfêmia! O homem é um dos que mais contribui para causas humanitárias nos Estados Unidos, claro que não tirei essa conclusão apenas pelo seu bom humor ou seu rostinho lindo e tentador, mas sim pela vasta pesquisa que fiz a seu respeito mais

cedo.

– Desculpe, acho que falei demais, Sr. Mitchell.

– Não se desculpe, gosto que sejam honestos comigo. Gostaria de saber sua opinião.

– Não foi isso que quis dizer. – Envergonhada, tento me redimir da imensa merda que falei.

– Então o que quis dizer, Srta. Chocolate? – Seus lábios carnudos e volumosos desenhavam um sorriso de canto de boca, acho que meio cínico. Vai saber!

– Apenas não acho justo que uma minoria favorecida tenha acesso a tamanha tecnologia.

– Concordo com você, por isso citei que mais tarde poderemos pensar em uma versão doméstica do aparelho. Escute uma coisa Ethel, quando criamos algo novo, precisamos pensar em todas as possibilidades. A “RM” já possui diversos outros aparelhos que funcionam de forma exemplar com preços bastante acessíveis, justamente para agradar a grande maioria, pouco favorecida. Lançar um aparelho que se equivalha aos outros usando uma tecnologia inovadora, seria o mesmo que distribuir um filme de “Spielberg” antes do dia marcado para a pré-estreia!

– Gastar verbas à toa? – Pergunto receosa.

– Exatamente! Pense comigo: A minoria, como você chama, será uma ótima experiência para adaptar e corrigir erros que são inevitáveis em um lançamento. Distribuir o aparelho para a grande maioria, seria o mesmo que fazê-los gastar dinheiro em algo que não sabemos ainda ser seguro.

– Então que gaste quem pode gastar?

– Mais ou menos isso.

– Isso é honesto?

– E por que não seria? – Ele bebe o último gole de vinho da sua taça e volta a olhar para o relógio em seu punho.

– Bom, Srta. Chocolate, por mais que tenha sido uma das mais agradáveis entrevistas que já dei, meu tempo se esgotou. – Mesmo aparentando imensa simpatia, estremeço diante do tom firme que pela primeira vez o tão galante Sr. Mitchell usa comigo.

– Ah, claro... Me desculpe, não vi o tempo passar.

– Isso geralmente acontece quando a companhia é aprazível e deleitosa, Srta. Willians. Honestamente, adoraria ter mais tempo, mas acredito que todas as informações que passei serão suficientes para suprir as necessidades quase diabólicas de Susanna e tirá-la do seu pé, pelo menos por alguns dias.

– Como se isso fosse possível! Mas agradeço demais pela ajuda Sr.

Mitchell. Não sei o que seria do meu pescoço caso não conseguisse entrevistá-lo.

Ainda estávamos rindo do meu comentário quando meu telefone interrompe a gravação, que eu distraída, nem percebi que ainda estava rolando, tocando insistentemente. Olhando o visor e percebendo que Richard discretamente faz o mesmo, vejo um número completamente desconhecido.

– Se importa? – Aceno com a cabeça em direção ao aparelho e sou brindada com aquele sorriso torto e simpático de Richard Mitchell.

– Fique à vontade. – Ele responde, erguendo o braço e solicitando ao metre que trouxesse a conta.

– Alô...

– “*Srta. Willians*”. – A voz rasgada e cínica do outro lado da linha faz meu corpo inteiro se arrepiar.

– Oi...Como vai? – Tentando disfarçar, olho desesperada para Richard, que se mantém indiferente a minha frente, parecendo não se importar nem um pouco com minha ligação.

– “*Receosa de citar meu nome na frente de seu novo amigo*”?

– O que? – Falo sobressaltada, ao dar de cara com geladas e nada amistosas esferas azuis logo atrás de Richard. Puta merda! O que Domenico Fox está fazendo aqui?

– Algum problema? – Richard levanta os olhos e me observa atentamente.

– Ah...Não. Problema nenhum. É apenas uma amiga. – Cerrando os olhos, tomo coragem e repreendo um quase surpreso Domenico com o olhar, deslizando o dedo ela tela e desligando o telefone.

– E você não vai falar com ela? – Richard se estica e busca seu paletó na cadeira ao lado, não parecendo verdadeiramente interessado no fato de eu falar ou não com minha suposta amiga.

– A ligação caiu. Mais tarde tento novamente. Mais uma vez gostaria muito de agradecer pelo almoço e principalmente pela entrevista, Sr. Mitchell.

– Foi um prazer. Qualquer dia podemos repetir. O almoço é claro, nada mais de exclusivas, a não ser que Susanna ameace sua integridade física, o que não acho muito difícil, partindo dela. – Impossível não sorrir, apesar da tensão que se instalou em meu corpo desde o momento em que me deparei com os olhos febris de Domenico Fox.

– Acredito que ela não chegue a tanto.

– E eu acredito que você é bem inocente Ethel Lisa. Bom, realmente preciso ir, já estou mais do que atrasado. Provavelmente nos encontraremos amanhã na coletiva. Garanto responder suas perguntas com bastante carinho. – Piscando um dos belíssimos olhos ele se levanta, estendendo a mão em minha

direção e de forma galanteadora beijando os nós dos meus dedos.

– Não se incomode comigo.

– Vai ficar aqui? – Olhos curiosos me analisam.

– Não, claro que não. Mas prefiro ir caminhando. Estou bem perto de casa e preciso comprar algumas coisas.

– Tudo bem. Nos vemos por aí “*Srta. Chocolate*”.

Acompanho o corpo esguio e elegante se afastar, ainda com aquela sensação sufocante que a presença de Domenico me causa. Corro os olhos pelo ambiente, mas não consigo localizá-lo. Por fim, resolvo me levantar e sair o mais rápido possível do restaurante, a última coisa que preciso e quero, é dar de cara com ele.

Não estava mesmo preparada para o que aconteceu. Foi tudo muito rápido. Antes mesmo que eu colocasse os pés na calçada, mãos fortes enlaçaram minha cintura. Tentei me desvencilhar discretamente, porém, quanto mais eu resistia, mas ele apertava suas garras ao meu redor.

O imponente Bentley surge a minha frente e a porta é rapidamente aberta, não fui jogada no banco traseiro, mas também não posso dizer que fui colocada delicadamente para dentro. Assustada, me encolho o máximo que posso, evitando olhar na direção do meu sedutor e bem delicioso algoz.

– O que pensa exatamente que estava fazendo? – A voz baixa e assustadoramente rouca me coloca em alerta máximo.

– Fazendo? Estava almoçando seu louco! E mesmo que não fosse apenas isso, com que direito você praticamente me sequestra, me enfiando a força e contra a minha vontade dentro dessa merda de carro?

– Baixe o tom de voz, Ethel.

– Não vou baixar porra nenhuma! Não tenho nada com você! Satisfações e obediência são as últimas coisas que lhe devo!

– Não vou falar uma segunda vez. Já mandei parar de gritar!

Sim, agora Domenico está verdadeiramente puto da vida. Mas que se foda, eu também estou. A única diferença é que eu não sou perigosa quando estou nesse estágio sentimental, já ele... Bom, melhor nem pensar no que pode ser capaz. Resolvo por fim obedecer, não por vontade, mas por pura preservação a minha integridade física.

– Por favor, Domenico.

– Por favor o que, Ethel? – Sentando por sobre uma das pernas, ele vira o corpo em minha direção e preciso me encolher ainda mais, mostrando minha completa vulnerabilidade diante da sua presença.

– Eu quero sair do carro. Apenas pare e me deixe descer.

– Não.

– Não? E desde quando você toma decisões por mim?

– Desde quando você se tornou minha.

– Não sou sua Domenico! E considere-se um cara de sorte por não ter ido a uma delegacia denunciá-lo! – Um sorriso torto e cínico, daquele tipo que o deixa delicioso, se forma em seus lábios, iluminando os olhos semicerrados.

– E ia dar parte de exatamente o que? Gozar várias vezes e gritar pelo meu nome pedindo mais virou algum tipo de crime agora?

– Vá a merda! Você me bateu, me machucou! Me deixou marcada. – Exaspero, tomando coragem para encará-lo.

– E você gostou.

– Eu gostei? Gostei de ser espancada?

– Olhe para mim e seja honesta com você mesma, Ethel Lisa.

– Estou sendo.

– Não, você não está. Você gostou, não só gostou como repetiria tudo novamente. Você gritou, pediu por mais. Pela primeira vez em sua vida, excedeu seus próprios limites e conheceu a entrega verdadeira de uma alma. Agora olhe para mim e diga a verdade.

Por alguns minutos me vi olhando para minhas mãos apertadas em meu colo. Claro que não posso negar o quanto gostei. Gostei não, achei simplesmente deslumbrante estar sob o comando de Domenico. Dentro daquele quarto, nada mais me importava. Eu não fazia mais questão de ser quem eu era, apenas queria ser quem ele queria que eu fosse.

– Eu gostei... – Murmuro baixinho.

– Acho que não ouvi direito, Ethel.

– Eu disse que gostei. – Tento encorpar minha voz, claro que em vão. A presença de Domenico é muito mais que intimidadora, é massacrante.

– Ainda quer ir a uma delegacia dar parte de mim? Se assim o for, eu mesmo a levo.

– É claro que eu não quero, Domenico. Mas isso não significa que não tenha ficado em dúvida se o que fizemos foi certo ou não.

– Eu falei que no início seria assim, minha doce Ethel.

– A verdade é que estou assustada. Não só com você e suas manias, como posso falar, diferentes. Estou assustada e muito, comigo mesma.

– Assustada por estar se libertando dos seus medos, receios e traumas?

– Socialmente isso não é normal e tão pouco aceitável, Domenico.

– Quando você vai compreender que pouco importa o que as pessoas pensam? Quando fechamos a porta, tudo passa a ter um outro sentido, outras razões... E que se dane se o mundo lá fora não consegue entender o que parece a eles tão estranho, misterioso e assustador. Quando na verdade, aqui dentro,

tudo é desejo, cumplicidade, tesão, entrega. – Ele toca com seu indicador em minha têmpora, como se assim fosse conseguir colocar suas palavras quase a força em meu cérebro bagunçado.

– Da forma que você fala, parece que tudo é muito normal e saudável.

– E ter prazer não é saudável?

– Não estamos falando de prazer. Estamos falando de uma sessão de tortura, Domenico.

– Que te trouxe imenso prazer. Arriscaria dizer que o maior que já teve em toda sua vida. Qual o problema com isso, Ethel? Por que temer tanto aquilo que antes era desconhecido?

– Para onde estamos indo, Domenico?

– Mudando de assunto?

– Apenas acho que tenho todo o direito do mundo de saber para onde está me levando.

– Surpresa.

– Não estou a fim de surpresas. Quero que me diga, e agora, para onde estamos indo!

– Consegue perceber que não está em condições de exigir absolutamente nada? – O olhar glacial me atinge com tudo e mais uma vez, penso em me encolher, o problema é que não existe mais espaço físico para que eu o faça.

– Domenico...

– O que você estava fazendo com Richard Mitchell? – A pergunta direta e não muito amistosa me pega de surpresa. Domenico conhece Richard? Claro que conhece, afinal, ele é o fodão das telecomunicações mundial, todos conhecem Richard Mitchell!

– Essa informação não te diz respeito. – Retruco.

– Tem certeza que vai querer me provocar, Ethel? – A expressão linda endurece e seu rosto parece ter se transformado em pedra.

– Não estou te provocando, apenas preservando minha intimidade.

– Sua intimidade me pertence, mocinha. – Ah, vá! Era só o que me faltava, ouvir tal asneira!

– Quer dizer que a sua também me pertence? Porque, se assim o for, acho que tenho o direito de perguntar com quantas mulheres trepou ou quem sabe torturou desde a última vez que nos vimos. – Ergo o queixo, enfrentando-o.

– Duas. – Ele responde com uma simplicidade que me deixa perplexa. Diante da minha cara de idiota, aquele sorriso debochado volta a se desenhar em seu rosto.

– Legal... – Acho que minha cara de decepcionada o obrigou a dar algum tipo de explicação.

– Como disse antes, esse tipo de relação deve ser baseado em confiança.
– E você chama de confiança dormir com duas mulheres estando comigo? – Ciúme. Sim, o bichinho estressante do ciúme acaba de me invadir com tudo.

– Estando com você?

– Sim, Domenico! A três noites atrás tivemos alguma coisa, sei lá que merda de coisa foi aquela. Achei que estávamos envolvidos de alguma forma.

– E estamos envolvidos. Mas não da forma convencional que você está acostumada.

– Forma convencional? Por acaso você é algum Sheik que está acostumado a ter um mar de mulheres ao seu lado, abanando e dando uvas em sua boca?

– Ironia não combina com sua inocência, doce menina.

– Inocência? Não sou inocente Domenico, sou burra!

– Você não é burra, passa bem longe disso.

– Sim, sou burra, muito burra! Se tivesse um pinga de inteligência não estaria nesse momento dentro do seu carro indo sei lá para onde contra a minha vontade com você!

– Estamos indo para minha casa, Ethel.

– Não quero e não vou para sua casa. – Respondo, com a virilha já pinicando diante do leque de possibilidades que estar na casa de Domenico abre. Devo estar realmente ficando louca!

– Chega, Ethel! Não vou mais tolerar que me desrespeite.

– Te desrespeitar? Você por acaso trabalha em algum circo? Porque se não o faz, está desperdiçando um imenso talento... O de palhaço!

– Mais uma palavra e será castigada. – Claro que sorri, um sorriso que murchou imediatamente ao me deparar com a expressão furiosa e nada amigável de Domenico.

– Castigada? Você realmente é louco!

– Não diga que não avisei!

Nesse instante o carro adentra o já conhecido estacionamento de seu prédio. Fico calada, apenas observando os movimentos, ou melhor, a falta de movimentos de Domenico, que não me dirige mais a palavra ou sequer me olha. Assim que estaciona, o discreto motorista se retira, até achei que esse seria o instante em que Domenico falaria alguma coisa, mas não.

Calado, ele salta do carro e dá a volta, abrindo minha porta e me segurando pelo braço, eu diria que com pouquíssima delicadeza. Seguimos ainda em silêncio até o elevador, que já nos esperava com as portas abertas. Dessa vez, fui capaz de ver o requinte do local, uma vez que da última, estava vendada.

Espelhos, mármore e leitores digitais. Sim, luxo e extravagância exagerados. A cara de Domenico Fox.

Sem muita cortesia, ele abre a porta de seu apartamento e me empurra, e dessa vez, ele realmente me empurrou, com força exagerada. Sentando-se no sofá, me vejo parada, de pé a sua frente, ainda sem entender ou conseguir crer que estou passando por esse tipo de situação bizarra mais uma vez.

Segurando meu punho ele me puxa para o seu colo. Meu rosto cola no couro macio que tem um delicioso cheiro amadeirado, enquanto da cintura para baixo, me vejo sobre suas pernas, em uma posição bem vulnerável. Puta merda! O que esse louco vai fazer? Sim, estou literalmente ferrada!

CAPÍTULO DEZESSETE



– Domenico! – Exclamo nervosa, tentando me virar, mas sou impedida por uma mão forte, que se aperta no meio das minhas costas, me colando ainda mais de encontro ao sofá.

– Eu avisei que seria castigada.

– Vá a merda! Quem você pensa que é para me castigar?

Um tapa ardido e doloroso atinge com tudo minha bunda. Puta que pariu! Isso realmente doeu. Mas ao mesmo tempo que doeu, me fez perder um compasso cardíaco diante da expectativa do que mais poderia vir. Levantando de uma vez o meu vestido, ele alisa a pele dolorida, causando uma mistura de sensações e provocando um arrepio intenso em todo o meu corpo.

Mais um tapa se seguiu, me mantive calada, sem dar o gostinho de gritar ou me lamentar. Uma sequência dolorosa, sempre no mesmo local, me carregou ao precipício do limite da dor. Acredito que no décimo tapa eu gritei, gritei muito alto, não suportando mais a condensação violenta em minha pele.

Foi nesse instante que sua mão deslizou por entre o vale da minha bunda. Seu polegar forçou aquele pontinho escondido, enquanto seus outros dedos, brincaram sobre a renda encharcada da minha calcinha. Como posso estar excitada sendo exposta a tamanha brutalidade?

Calado, ele aumenta a frequência do seu toque, dessa vez me arrancando um gritinho, só que de puro prazer. Relaxo completamente o corpo ao sentir seus dedos me libertarem da calcinha, rasgando-a por completo. A massagem deliciosa continua e um gemido rouco escapa da sua garganta quando enfia dois dedos em mim. Mordo com força o couro, tentando me controlar, mas é impossível diante do vai e vem delicioso que ele inicia.

Mais uma tapa e mais uma vez seus dedos se enterram profundamente na minha carne necessitada. Respirei profundamente, tentando a todo custo adiar o orgasmo de potência nuclear que começa a se formar em meu ventre contraído. Outro tapa forte, forte o suficiente para que meu corpo fosse jogado para frente.

Gritei, gritei um emaranhado de palavras desconexas, pedindo para que parasse e ao mesmo tempo, para que fizesse mais. Estou assustada. Não pelo que está acontecendo, mas por estar gostando de sentir dor, por perceber que a dor

que ele me aflige me causa um prazer extremo e é capaz de me levar a lugares que nunca, jamais pensei em chegar.

De uma hora para outra os torturantes abusos cessaram. Me senti abandonada, vazia e uma leve reclamação brotou de meus lábios. Não consegui ver, mas foi fácil ouvir a risadinha quase diabólica de Domenico. Me jogando contra o sofá, sua mão se apodera de meus cabelos, puxando minha cabeça, chegando ao limite do possível pelo meu pescoço.

Ajoelhado por trás de mim, ele afasta minhas pernas. Ainda me torturando com as fortes puxadas de cabelo, enfia dois dedos em mim, estocando com força quase brutal, profundamente, empurrando meu corpo para longe, ao mesmo tempo em que me traz para perto pelos cabelos.

Um som metálico invade meus ouvidos ao mesmo tempo em que seus dedos se retiram, agora de maneira bem delicada. Um beijo carinhoso é depositado em meu traseiro e completamente despreparada, recebo a fúria de sua imensa potência por inteiro, de uma vez só em minha profundidade.

O toque me fez recuar, a dor me fez gritar, o prazer me fez gemer. A confusão que se instala em meu corpo é traduzida nas tremedeiras e arrepios incessantes. A cada enfiada, ele se torna mais violento. A sessão de tapas se reinicia. Ao mesmo tempo que maltrata meu sexo brutalmente, ele me bate.

Espasmos fortes e incontrolláveis começam a se espalhar. Minhas pernas, que parecem não mais me obedecer fraquejam. Sua ereção me machuca, encostando no meu ponto mais profundo. Consigo ouvir sua respiração alterada, talvez até mais do que a minha.

Um forte tapa e me rendo por completo. Entregue as loucuras desse homem, empurro meu corpo contra seu pau, fazendo-o ir ainda mais fundo, gritando deliciada ao ouvir seu gemido diante da minha reação inesperada. Me enfiei nele, me joguei contra ele e me destruí em desejo a cada novo tapa que levava.

Um orgasmo sem precedentes me invadiu. Uma explosão pirotécnica, um tsunami de hormônios incandescentes. Minhas veias borbulharam e minha alma desgarrou do meu corpo. Gozei. Gozei como jamais havia gozado antes, gritando pelo seu nome, me forçando contra o seu corpo e implorando por mais da sua violência descabida.

Ofegante, ele se enfiou mais uma, duas, três vezes, se jogando silenciosamente em minhas costas, liberando jatos condensados do seu prazer, fazendo leves e circulares movimentos, aproveitando cada milésimo de sensação provocada por sua gozada. Suados, ficamos algum tempo calados, seu corpo pesado por sobre o meu, me permitindo ter uma sensação deliciosa de intimidade. Que é claro, não durou muito, afinal, esse é Domenico Fox em toda a

sua essência.

Rapidamente e quase me provocando outro orgasmo, ele se retira de mim, foi quando virei meu rosto e consegui percebê-lo retirar a camisinha e dar um nó, jogando-a em algum canto, sem um pinga de cuidado. Se levantando, o vejo fechar a calça, quero falar alguma coisa, quero ao menos conseguir me sentar, mas não tenho forças. É como se um caminhão tivesse passado por cima de mim.

Se abaixando, ele retira delicadamente o cabelo que cobre o meu rosto. Consigo assistir extasiada aquele sorriso torto e cínico desenhado em seus lábios e mais uma vez, involuntariamente, meu sexo se contrai. Impossível enjoar desse homem. Um delicado beijo no topo da minha cabeça e ele me ergue em seus braços.

Agarrada ao seu corpo, aproveitei ao máximo o pouco tempo que nos separava da sala e seu quarto, permitindo que seu cheiro divino penetrasse em meu cérebro. Enlaçando seu pescoço com meus braços, fui ousada o suficiente para acariciar sua nuca e a satisfação que me atingiu ao sentir seu corpo se reter, não tem explicação!

Assim que chegamos em seu quarto, ele me colocou de pé, bem próximo a sua cama, me dando as costas e caminhando elegante e lentamente até uma poltrona em couro branco, que não havia notado na última vez. Ele retira seu paletó, sua gravata, suas abotoadoras e se vira em minha direção.

– Ajoelhe-se. – A voz rouca e potente me pega de surpresa, assim como sua ordem.

– O que? – Questiono, ainda desorientada.

– Ajoelhe-se, Ethel.

– Me ajoelhar? Sério isso? Olha só Domenico, eu até curto algumas das suas loucuras, mas isso já está começando a passar dos limites... – Me calei instantaneamente assim que, com os olhos arregalados, o vi diminuir nossa distância em passos largos e bem assustadores.

– Eu mandei se ajoelhar. Vai desobedecer? – Um grunhido rouco escapa de sua garganta e seus olhos frios e estranhamente selvagens não me deixam outra opção a não ser obedecê-lo.

Me ajoelhei sobre o tapete fofo, sem ousar olhar para cima. Por algum tempo, fiquei encarando os lindos sapatos de couro, quase reluzentes de Domenico. Claro que devem custar uma fortuna, assim como aqueles que lambi como uma louca na noite de sábado! Mas por que diabos estou me preocupando com o preço de seus sapatos, quando deveria estar me preocupando com o que de fato ele pode ser capaz de fazer comigo?

Ele se afasta. Permaneço imóvel, as mãos espalmadas por sobre minhas

coxas, esperando como um cordeirinho a hora de ser devorada pelo lobo. Falando em lobo, acabei de lembrar da tal palavra de segurança. Lobo. Estou mais uma vez, e por vontade própria, no covil do lobo mais perigoso que existe.

– Levante-se. – A voz rouca me faz abrir os olhos, que fechei ao tentar conter as lágrimas que não faço ideia alguma do motivo de estarem brotando. Obedeço.

– Lágrimas... Deliciosas e gratificantes, lágrimas! – Sorrindo quase que carinhosamente, Domenico passa seu polegar por minha bochecha, limpando-a e em seguida, lambendo o líquido salgado, prova da minha fragilidade e insegurança.

– Domenico, eu...

– Apenas se deixe levar. Não questione seus motivos. Não se obrigue a reflexões desnecessárias. De fluxo as suas vontades, seus desejos. Entregue sua deliciosa alma, doce Ethel. Eu vou cuidar de você.

– Cuidar de mim? Estou ficando cada vez mais confusa com tudo isso, Domenico. Minha bunda dói, meu corpo dói e minha alma, essa que você tanto diz precisar ser liberta, também dói.

– Você está brigando contra o inevitável. Gosta disso tanto quanto eu. Sua alma dói justamente por isso. Você está contendo um mar de emoções, não se permitindo libertar.

– Eu não tenho certeza se sentir dor é sinônimo de se libertar, Domenico. A verdade é que cansei dessa brincadeira. Quero ir para casa. – Me afasto, dando as costas e seguindo o caminho da porta. Um braço forte surge na lateral do meu rosto e sua mão se espalma na madeira maciça da porta, me impedindo de abri-la.

– Me enfrentando mais uma vez?

– Para com esse papo estranho de te enfrentar! Tenho discernimento e consequentemente, livre arbítrio. Apenas estou falando o que penso e sinto, se na sua mente doentia isso é enfrentamento, desculpe-me, não posso fazer nada por você.

Tudo bem, fácil falar, difícil é levar adiante quando mãos experientes e deliciosamente quentes tocam seu corpo. Meus quadris ganham a atenção de seus dedos e com uma agilidade impressionante, ele me vira de frente para ele, colando seu nariz no meu.

– Apenas me fale que quer ir embora e eu te levo. Não precisa fugir, Ethel.

– Não estou fugindo, apenas quero ir embora. – Óbvio que não consegui convencer nem a mim mesma com minha frase.

– Me convença, e eu mesmo a levo, imediatamente. Tem a minha

palavra. – Olhos suplicantes se encontram aos meus. Como entender esse homem? Em alguns momentos tão distante, tão violento e em outros, tão carente, tão necessitado, tão...Meu!

– Domenico... – Murmuro, jogando minha cabeça para trás ao sentir seu nariz navegar pela pele sensível do meu pescoço.

– Apenas diga, Ethel.

– Eu não quero ir embora. – Admito, me agarrando em seu pescoço e entrelaçando meus dedos em seus deliciosos cabelos.

Minha atitude o pegou de surpresa, sua expressão beira o assustado. É como se em toda sua vida, mulher alguma tivesse tomado qualquer tipo de iniciativa com ele. Sorrio ao ver uma mistura de desejo e confusão nos lindos olhos azuis. Sem conseguir evitar, aproximo meu rosto do seu, deslizando suavemente a língua em seu lábio inferior, ao mesmo tempo em que puxo seu cabelo, impedindo-o de interromper nosso contato.

– Caralho, Ethel! – Ele rosna e seus braços envolvem minha cintura, em uma entrega que jamais imaginei ver em Domenico Fox.

Seus lábios se encontram com os meus, é um beijo lento, devastador, suave, carinhoso e reverente ao mesmo tempo. Sua língua experimenta sem pressa cada pedacinho de mim, provando do meu gosto, me permitindo provar o dele. Pela primeira vez, Domenico se doou por completo a mim

Não sei ao certo por quanto tempo ficamos assim, nos degustando, nos sentindo, a única coisa que sei com toda a certeza é que quero esse homem, quero ele junto a todas as suas loucuras, dominador ou não, é por ele que estou apaixonada e é com ele que me sinto completa e mulher.

Parecendo recuperar a razão, ele retira minhas mãos de seus cabelos, dando um passo para trás e afastando nossos corpos. Uma mistura de decepção e desapontamento dominam minha alma. Amar Domenico é o mesmo que se entregar ao surrealismo irreal de um conto de fadas.

Por mais que minha mente crie fantasias de que algum dia ele poderá me amar e talvez mudar um pouco por mim, sei que isso jamais irá acontecer. Minha razão grita como louca para que eu termine aqui esse martírio, mas meu coração, ah músculo burro e cheio de vontades próprias, esse, não admite em hipótese alguma que me afaste, muito pelo contrário.

– Venha aqui. – Esticando sua mão, ele me chama. Meus pés obedecem na mesma hora, mesmo meu cérebro mandando uma ordem completamente diferente.

– Levante os braços. – Eu obedeço, e vejo seus olhos sedentos percorrerem a nudez completa de meu corpo após ele arrancar facilmente o leve vestido que cobria minha pele.

– Agora, se ajoelhe. – Seu tom de voz se torna mais rouco e por alguns segundos, fiquei confusa entre obedecer ou não.

– Domenico... – Lamento baixinho.

– Você quer, Ethel. Sabe que quer. Apenas ajoelhe-se.

E foi o que fiz. De cabeça baixa, submissa, subjugada, me ajoelhei aos seus pés, liberando as lágrimas que ardiam em meu peito. Não sei se choro por vergonha de estar me entregando a algo tão socialmente errado ou se simplesmente pela certeza de que nada que eu faça, fará esse homem me amar na mesma proporção que o amo.

Sua mão desliza pelos meus cabelos. É um carinho suave, quase paternal. Seus dedos entrelaçam cada mecha, me fazendo entortar a cabeça, satisfeita e completamente entregue ao seu toque. Suspirei profundamente e nesse momento, o toque cessou e o vi se afastar.

– Preste bastante atenção, Ethel. Não levante a cabeça, não fale e não olhe para mim, a não ser que eu solicite. Mantenha-se nessa posição.

– Domenico... – Chamei por seu nome e ergui o rosto.

Seu olhar, diabolicamente transformado, me deu o indício que precisava para que me calasse. O dominador está a minha frente e eu, bom, eu sou a submissa, aquela que a minutos atrás, admitiu querer estar com ele e viver suas loucuras. Desistindo de argumentar, volto a baixar meu rosto, apoiando as mãos sobre as coxas.

Um movimento e a vontade louca de levantar a cabeça me inunda. Apertando as unhas na pele fina das coxas, me contive e senti um breve movimento por trás de mim. Assustada, me encolhi e em um sinal claro de que não era para me preocupar, recebo um delicioso carinho nas costas, que causa aquele arrepio delicioso por toda a extensão da minha coluna.

Puxando minha perna e me obrigando a levantar da posição que estava, sinto Domenico colocar algo em minha canela direita. Meu coração dispara, o toque aveludado já me dá indicações do que é. As algemas de veludo. As mesmas que usou da última vez que estivemos juntos.

Voltando a posição original, sentada por sobre minhas pernas, arrisco olhar para o lado e agora o pânico completo me invade. Domenico está me amarrando, como o faria com um cachorro, ao pé da cama. Que merda é essa? Não me contenho mais e apavorada, acho seus olhos, que me mandam um alerta silencioso de que estou fazendo alguma coisa errada.

Sem falar absolutamente nada, ele se levanta e caminha para longe, ficando de costas para mim e de frente a imensa parede de vidro que separa o quarto da colossal varanda que circula todo o apartamento. Quieta, observo ele arrancar a blusa e a visão das costas musculosas e dos braços bem delineados me

extasia.

Ainda de costas, é a vez de se despir da belíssima calça do seu terno. Puta que pariu! Que porra de homem é esse? Esqueço a posição, a ordem de não erguer a cabeça e principalmente a de não abrir a boca se não fosse solicitada. Minha respiração alterada me fez soltar um gemido languido.

Com um virar de cabeça, ele me olha por sobre o ombro e mesmo sabendo que estou errada, não consigo desviar os olhos do Deus mitológico a minha frente. A cueca boxer marca com perfeição sua bunda, uma bunda bem deliciosa, diga-se de passagem, e quando ele se vira de frente, não consigo segurar o queixo.

A imensa massa muscular que preenche o tecido da cueca, me faz simplesmente salivar. Como pode alguém ser tão anatomicamente perfeito? Parecendo notar meu arrebatamento febril, ele fica alguns minutos ali, parado, os braços pendendo nas laterais do corpo, como uma tela exposta em um museu, criada com a única função de ser admirada!

Logo, um sorriso se desenha em seus belos lábios. Aquele sorriso torto, cínico, debochado, petulante e cafajeste. Desdenhoso, ele ergue uma das suas sobrancelhas e quase em câmera lenta, tira sua cueca. Caralho! Quero morrer agora, ressuscitar, voltar a morrer, voltar a ressuscitar e assim consecutivamente se puder ter essa visão do paraíso todas as vezes.

– Seja boazinha e fique onde está.

– O que? – desperto do meu transe hipnótico e ergo as sobrancelhas. Como assim ser boazinha e ficar onde estou?

– Apenas seja uma boa menina. – Me dando as costas, ele some através de uma porta e me larga ali, acorrentada, ajoelhada e sem entender porra nenhuma.

– Domenico? – O chamo, sem sucesso.

Repeti meu apelo por diversas vezes, sem ser atendida. Ficando em silêncio e tentando pensar na merda a qual estou me submetendo, escuto o barulho de água. Não creio que ele está tomando banho enquanto me mantém amarrada como um animal aos pés da sua cama!

Enfio meu rosto entre as mãos e me perco em lágrimas. Lágrimas fartas, refreadas por tanto tempo, talvez todas as que guardei por anos diante da criação nada amorosa que tive. Chorei até quase me afogar, colocando para fora a frustração de não entender esse jogo humilhante ao qual estou sendo submetida.

Cansada, com medo, nervosa e bastante estressada, pensei em arrancar a algema de veludo de minha perna. O que me impede? Por que exatamente ainda não o fiz? Desesperada, concluo que nasci para isso, nasci para ser domada, subjugada, humilhada. Foi assim por toda a minha existência, por que então seria

diferente agora?

Uma infinidade de sentimentos contraditórios passa por minha cabeça. Derrotada, deito sobre o carpete fofo e acolhedor. Sim, gostaria de poder dizer a Domenico que o amo, assim como gostaria que ele me amasse. Assusta, penso que se eu não for totalmente dedicada as suas vontades, ele simplesmente desaparecerá, deixará de existir e assim, vou precisar deixar de amá-lo.

Mas como matar essa merda de sentimento tão forte que nasceu em tão pouco tempo? Ter Domenico em minha vida significa trabalhar a consagração da minha submissão completa, saciando assim sua fome de dominação. O desejo que ele sente por mim é mau e ilusório. Mas mesmo assim é o desejo, pode não ser aquele que eu preciso, mas com certeza é dele que necessito.

Migalhas, pequenos pedaços concedidos a mim, pedaços esses que deixam claro o verdadeiro absoluto ilimitado e infeliz de não ser amada. Domenico Fox subtrai minha energia e ao mesmo tempo, é a fonte suplementar dela. Deveria ter ouvido minha avó, ao menos uma vez ela estava certa... O desejo nos arrasta até ao eixo dos polos e por fim, depois de nos esmagar, ele nos cega, nos deixando completamente sem opções.

CAPÍTULO BONUS



– Caralho, que merda está acontecendo comigo? – Resmungo apoiado no azulejo frio do chuveiro, deixando a água forte e gelada bater em minhas costas, me autoflagelando por tamanha fraqueza.

O que essa menina tem que me deixa tão louco e descompensado? A respiração ofegante, o gosto único, o gemido... Caralho, e que gemido, inesquecível e viciante. A dor que causei em seu corpo, qualquer outra mulher teria falado a palavra de segurança. Mas ela não.

Mesmo se contorcendo ao toque brutal dos meus dedos, padronizou um teor de confiança, foi valente e fez vibrar um desejo latente e flamejante da sua pele. Sim, devo estar ficando louco. Jamais me permiti levar assim por ninguém, mas como não seguir o fluxo do adorável cheiro de baunilha que emana de todos os seus poros?

Parecendo um demente, sorrio dos meus próprios princípios sórdidos. Como pensar com tanto carinho de alguém que acabei de acorrentar aos pés da minha cama? Sacudo a cabeça irritado por ter me permitido ir tão longe. Sentir suas mãos se movendo pelo meus cabelos, meu rosto, meu pescoço, alisando minha barba, fez fluir um sentimento desconhecido, quase casto por minha parte.

Melhor que isso foi ter meus dedos e meu pau dentro dela. Foi como se estivesse me conhecendo, a fazendo me conhecer e no momento desesperado em que a ouvi murmurar manhosa o meu nome, me perdi completamente dos meus propósitos. A voz assustada, excitada, agitada e necessitada, encontrou o caminho do meu ouvido, me deixando completamente inerte diante de tão deslumbrante visão.

Saindo do chuveiro, me apoio na bancada da pia, sem me importar nem um pouco com o fato de estar inundando o banheiro. A única coisa que consigo pensar é: Ethel me beijou. Não que nunca tivesse beijado uma mulher antes, mas posso assegurar que a conquista de meus lábios é para poucas.

O problema é que a iniciativa partiu dela! Seus lábios caíram sobre os meus, criando uma sombra em meus pensamentos e paralisando minhas reações. Com aquele beijo, sua vida foi derramada sobre a minha alma e entre gemidos e sussurros que escapavam por entre nossos lábios, me vi desolado, completamente doente de paixão!

Dou um sorriso cínico ao limpar o embaçado do espelho. Paixão? Como posso chamar o que faço de paixão? Eu tenho um distúrbio. Um distúrbio irreversível de caráter. Sou uma merda de um monstro. Mas esse monstro desaparece diante do doce e ao mesmo tempo corajoso olhar de Ethel, do entrelaçar de dedos ingênuo e ao mesmo tempo proposital em meus cabelos, me fazendo negligenciar quem verdadeiramente sou.

Esfregando com vigor a toalha felpuda em meu corpo, me dou conta que estou cada vez mais enfeitiçado, imortalizado em alguma necessidade, quase uma obra de arte que preciso ter. Ter todas as partes, tudo, apenas para mim. Quero o lado dengoso, corajoso, marrento, menina, mulher, desafiador e angelical de Ethel.

Fecho os olhos, apertando as pálpebras o máximo que consigo ao lembrar das delicadas, porém, ágeis mãos me tocando. É como se ela deixasse uma trilha de fogo. O maravilhoso olhar que muda de cor sob a luz intensa do prazer, desejo e da dor, as pernas longas e esplendidamente flexíveis, que me fazem adorá-la e tê-la como fonte de todo o meu prazer e querer. Apavorado, me dou conta de que ultimamente, Ethel vem sendo meu único querer, meu único prazer.

Acordo do meu devaneio. Chega! Sou Domenico Aron Fox. Não existe espaço para sentimentalidades em minha vida. Eu sou aquele que submete, que domina, que detém o poder. Enrolando a toalha em minha cintura, saio lentamente em direção ao quarto e a cena que se consolida diante dos meus olhos me entenece.

Ethel está deitada, quase em posição fetal, completamente despida. Sua pele clara se confunde com o carpete, o que torna tudo ainda mais cinematográfico. A tentação de me abaixar e tomá-la em meus braços é gigantesca, mas, como bom filho da puta que sou, a contenho, apenas me deliciando com o sabor doce da vitória.

Ethel poderia facilmente ter se livrado das amarras e ido embora. Mas não o fez! Sorrindo, me sinto como um caçador, um caçador bem babaca, reverenciado pela submissão suprema de um animal difícil de se domar. O rosto, levemente exposto por entre o emaranhado de cabelos, está molhado. Ela chorou!

É assim que funciona o sistema. As lágrimas a libertam e provaram aquilo que eu já sabia. Ethel Lisa nasceu para ser uma submissa. Ela precisa de alguém que a guie, que cuide dela e que detenha o poder que emana de sua alma. Sua carne, seu gosto, sua vida, me pertencem.

Me abaixo e acaricio sua cabeça. Olhos sonolentos e inchados se abrem, me encarando. Ela está assustada, ao mesmo tempo que não consegue esconder o tamanho do prazer que sente ao meu toque. Tiro o que sobra de suas mechas de

seu rosto e assim posso ver a plenitude de toda a sua beleza.

Que homem em sã consciência pode resistir a algo tão angelical? Ethel Lisa é o brilhante desejo da alma de qualquer dominador. Como não a querer, como não perder um compasso cardíaco diante de tamanha inocência. Assustado, percebo o tremer descontrolado do meu corpo.

Nossos olhares se encontram e é como se nossas mentes se conectassem, engrossando ainda mais a escuridão deliciosa que se criou entre nós, escuridão essa, para qual eu a trouxe. Engulo em seco e tento disfarçar, o que é impossível diante do profundo suspiro que ela solta.

Bebo do seu folego, um doce, tentador e perigoso veneno que exala do seu inebriante hálito mentolado. Ethel é viciante e completamente diferente de qualquer outra mulher que já conquistei, domei, puni e submeti. Essa doce menina tem o poder de ser sensual sem um vestígio sequer de vulgaridade.

Sem pensar muito e me rendendo as minhas vontades, me deito por trás dela, puxando seu corpo de encontro ao meu, me encaixando, pressionando meu comprimento em sua deliciosa e tentadora bunda. Ela geme, um gemido longo, quase sofrido. Delicadamente, mordo seu ombro e sinto o gosto doce de sua pele morna.

Ethel é como mel para a minha boca. Me manter afastado é praticamente impossível. Lentamente e sem me preocupar com qualquer tipo de proteção, posiciono meu pau em sua entrada melada. Ela vira o pescoço e apenas me observa, exalando desejo, impiedosa, quase feroz.

Seu braço se levanta e pende para trás, alcançando minha cabeça e puxando meu cabelo. Deliciosa! Submissa e dominante ao mesmo tempo. Encaixo minha mão em seu seio quente, duro e perfeito, apertando com força o mamilo. Ela grita, um grito alto, sofrido, como se repudiasse tal sensação, o que é claramente negado pelo seu corpo, que se joga com força contra o meu, me fazendo deslizar lentamente em seu espaço quente, justo e profundo.

Me afundo em sua carne apertada e ela rebola. Puta que pariu! Ethel rebolando em meu pau é como tomar um uísque com o demônio de tão prazeroso. Murmuro seu nome ao pé do seu ouvido e ela lamenta com imensa lasciva, quando inicio um vai e vem lento, sendo acompanhado pelo sensacional movimento de seus quadris.

Merda, quem é esse homem? Não me reconheço mais! Domenico Fox sumiu e surgiu do nada um homem subjugado por um anjo, um anjo que consegue me levar do inferno ao qual estou acostumado a viver, para o paraíso, onde ela comanda como uma deusa suprema, me fazendo curvar a seus pés.

– Domenico... – A voz tremula salta de seus lábios colados em meu queixo.

– Ah, doce Ethel! – Aumento a frequência das minhas estocadas ao senti-la apertar meu pau, de um jeito que me enlouquece. Mais um minuto fazendo isso e vou me derramar dentro dela, sem nem ao menos ter me preocupado em perguntar se ela toma qualquer tipo de contraceptivo.

– Faz amor comigo! – O pedido saiu como um sussurro abafado e precisei respirar fundo e parar meus movimentos para compreender exatamente o que ela havia falado.

– Domenico, faz amor comigo! – dessa vez ela foi enfática e sem pensar duas vezes, me retirei de dentro dela, desatei sua perna e a argui nos braços, colocando-a delicadamente no centro da minha cama.

Olhos pesados e ainda inchados de tanto chorar me encaram com imensa ansiedade. Como resistir a essa mulher? Deixo escapar um grunhido quando suas pernas entrelaçam meus quadris, me puxando sem cerimônia na sua direção. Ethel inicia uma fricção enlouquecedora e preciso me segurar para não gozar apenas com isso.

– Ethel, eu não faço amor. – Falo, ao mesmo tempo que beijo seu pescoço, talvez tentando evitar o olhar decepcionado que brotou de seu lindo rosto.

– Então tente... Domenico, eu quero você, dentro de mim, fazendo amor comigo!

– Porra Ethel!

Não resisti mais. Me erguendo em um dos braços, posicionei meu pau em sua abertura quase vulcânica de tão quente e ali brinquei por um tempo, vendo todo o seu corpo se arquear de prazer. Com delicadeza, fui me metendo. Milímetro por milímetro, deixando-a experimentar a sensação de ser completamente tomada.

Incrivelmente, ela sabe como me instigar. Ela aperta meu pau com sua boceta, me puxando cada vez mais para dentro, me arrancando um gemido alto, permitindo que ela me guiasse, que ela tomasse as rédeas da situação. Pela primeira vez, uma mulher manda na cama, e como manda gostoso!

– Me engole minha cachorra! – Grunhi em seu ouvido e ela pareceu gostar, me apertando ainda mais.

– Sua boceta é uma delícia, Ethel. E ela é minha, só minha! – Me estoco com força e ela grita, agarrando meu cabelo, arranhando meus ombros e voltando a me dar as rédeas da situação.

A entalo com imenso vigor. Meu pau toca seu útero de tão profundo que vou, ela emite sons estranhos em meio a gemidos de dor, prazer e tesão. Meu nome escapa por seu lábios e enfio meu rosto em seu pescoço, me segurando, como jamais precisei fazer em toda a minha vida. Ela volta a me apertar,

comprimindo seus músculos ao redor do meu pau e é a porra da minha perdição.

Disperso jatos consistentes de porra em sua profundidade, estancado, aproveitando a sensação maravilhosa de possuí-la por inteiro, de fazê-la minha. Sem perceber, chamo pelo seu nome e seu corpo estremece. Jogando sua cabeça para trás, ela se entrega a um orgasmo lento. Procuro por sua boca e a engulo, deliciado com a sensação de juntos, atingirmos o mais alto dos prazeres carnavais. Ethel Lisa Willians será minha perdição!

CAPÍTULO DEZOITO



– Você já amou alguém? Tipo, amor de verdade? – pergunto, quebrando o silêncio de quase meia hora que se seguiu após a gozada estratosférica que demos juntos.

Estamos de frente um para o outro, Domenico não me toca, mas claro que isso não é necessário, uma vez que apenas o seu olhar já é capaz de causar uma conspiração em todos os hormônios existentes em meu corpo. Erguendo as sobrancelhas, ele parece surpreso com minha pergunta. Apoiando a cabeça em uma das mãos ele entorta a boca, parecendo mais cínico do que divertido.

– Não sou o tipo de cara que ama, Ethel lisa.

– Não concordo.

– E o que a faz achar isso?

– Você disse que não fazia amor..., mas fez.

– Não fizemos amor, Ethel. Fodemos, um pouco mais tranquilos e com menor intensidade.

– Eu chamo isso de fazer amor.

– Chame do jeito que achar melhor e que quiser.

– Sério? Eu posso? Não vai me amarrar ao pé da cama caso eu pense por vontade própria?

– Talvez amarre por estar sendo malcriada.

Claro que ele não está brincando. Por mais que tenha um sorriso sem vergonha desenhado nos lábios, os olhos deixam claro que caso eu volte a enfrentá-lo, serei castigada. Será assim todas as vezes? Vou precisar me entregar em total remissão sem ter vontade própria?

– Então uma submissa não merece ser amada, é isso? – Acho que deixo transparecer mágoa em minha voz. Por que diabos estou entrando nesse assunto?

– Ethel, entenda uma coisa: A submissão é uma prova irrefutável da intensidade do amor, doação e devoção. Ela quebra tabus, transforma e mostra a força, a alma nua e fêmea, muitas vezes descrentes perdidas pelo caminho da vida.

– Simples assim? Nossa, como não tinha compreendido toda essa essência sublimar antes! – Debocho revirando os olhos e torcendo o nariz.

Domenico apenas sorri e dessa vez, é um delicioso e convidativo sorriso sincero. O que faz ele ficar ainda mais lindo do que já é.

– Você é engraçada, Ethel Lisa. Abusada, mas engraçada.

– Muito obrigada por me chamar de palhaça.

– Não falei isso. De qualquer forma, já que você falou de essência, vamos nos aprofundar no assunto.

– Vai precisar me amarrar para isso? – Provoco.

– Apenas se você continuar sendo debochada, e além de amarrar, vou amordaçar também. – Claro que fiquei calada, a última coisa que quero é ser amordaçada e não duvido absolutamente nada que ele o faça.

– Vamos lá...A essência da submissão, permite ver o mundo de uma forma ampla, livre das amarras impostas. Engana-se quem pensa que ser submissa é algo simples, que basta dizer “*sim Senhor*” e pronto. Lutas são travadas constantemente, submissão grita dentro da mente baunilha, mudanças de hábitos, comportamento, palavras e ações percorrem a mente confusa.

– Não acho que submissão grite dentro de uma mente baunilha. Sempre fui baunilha e jamais me imaginei sendo uma submissa.

– Você achava que era baunilha, Ethel Lisa. Mas a verdade é que nasceu uma submissa.

– Eu não acho isso

– É exatamente sobre isso que estou falando. A transição pelo mundo no qual você estava acostumada e o mundo novo que estou te mostrando, requer equilíbrio psicológico, estudo e auto avaliação.

– O seu mundo é estranho Domenico. Não sei se consigo entender direito. Fico confusa com o que é certo ou errado. Com o que devo ou não fazer, ou aceitar que você faça.

– Você precisa entender que doe esperar, errar, não ser compreendida, a rejeição. Dias bons e ruins cercam a alma submissa, o silêncio e reclusão se faz necessário as vezes, para absorver todos esses sentimentos e deixo um conselho, por mais que isso vá contra mim.

– Que conselho?

– Respeite seu tempo, escute aquela voz que chega como alerta. Ser submissa, submissão, submeter-se e servidão, são sentimentos preciosos, não tem hora para chegar, não tem idade, cor ou status social, porém, não é despertado para todas, mas quando é despertado, acredite minha doce menina, você jamais será a mesma! Acho que isso você já percebeu. – Seus lábios deliciosos se entortam naquele sorriso sem vergonha, que apesar de me deixar irritada, também consegue me deixar encantada!

– Eu não sou uma submissa, Domenico.

– Negação faz parte. Mas todos os indícios levam a crer que você é sim, uma deliciosa e irresistível submissa.

– Não sei se gosto de me submeter a tudo.

– Tudo? Ethel, você ainda não viu nada, portanto, não fale do tudo. Esse tudo ainda se encontra muito distante.

– Isso foi para me assustar? Porque se foi, parabéns, obteve sucesso. – Fecho a cara e puxo a coberta, sentando encostada na cabeceira de braços cruzados. Domenico acompanha meu movimento, sem se dar ao trabalho de cobrir uma parte sequer do seu corpo maravilhoso, completamente a vontade, me deixando espumando de vontade.

– Não quero assustá-la. Mas quero que tenha a consciência do que nasceu para ser. Muitas submissas, o que não foi o seu caso, sonham, idealizam e anseiam pela primeira sessão. Você jamais havia vivido nada parecido, mas da primeira vez em que estivemos juntos, você se curvou aos pés do seu dono. Sua alma, Ethel, se curvou junto a você naquele exato instante.

– Eu me submeti ao desejo, Domenico. Isso não significa que seja uma submissa pronta para aceitar todas as suas ordens!

– Aí que está, submeter-se não é acatar ordens. Submeter-se é se permitir... deixar aflorar sua real essência.

– A soma e objetivo de quem busca e deseja viver o BDSM. – Murmuro, mais para mim do que para Domenico.

– Exatamente, minha menina.

– E se eu não desejar viver nesse mundo?

– Estaria se enganando...E seria um desperdício, preciso admitir!

– Domenico, eu não sei...

– Me escute, eu tenho anos de experiência no mundo blue, Ethel. Posso dizer categoricamente que o seu momento de viver o real chegou!

– Conveniente para você esse momento ter chegado justamente depois de conhecê-lo, não é mesmo?

– Você não me conheceu, Ethel, mas sim encontrou o seu senhor e juntos, vamos construir uma relação estável e saudável.

– Isso é loucura, Domenico! Meu senhor? Acha mesmo que vou tratá-lo de “meu senhor”?

– Nos momentos de nossas sessões? Sim, vai!

– Não, não vou!

– Ethel... – Sua voz engrossa e seu olhar faz com que me cale na mesma hora. Intimidador seria pouco.

– Domenico, acredito que aceitar entrar no seu mundo é uma escolha única e exclusivamente minha! Você não tem o direito de opinar!

– Concordo, são suas escolhas, certas ou não, só você saberá. Apenas se permita.

– E como posso me permitir algo que não faço a mínima ideia do que seja direito?

– Vale o bom senso, Ethel. Siga o passo a passo, aceite de bom grado as informações que estou disposto a dividir com você. Tenha discernimento sobre os seus desejos e principalmente, sobre quem você é!

– Eu não quero errar, Domenico! Não quero tentar ser quem não sou ou talvez, me privar de ser aquilo que eu deveria ser.

– Ethel, quem nunca errou, vai errar, funciona assim com a vida. Administrar e absorver em menor impacto é o que fará a diferença entre a realização e frustração. Sua vida é sua responsabilidade antes de entregar as cegas para alguém, mesmo que esse alguém seja eu.

– Muito esclarecedor, Domenico!

– Conforme as sessões forem acontecendo, você entenderá melhor, eu te garanto.

– Sessões? Eu não sei se estou preparada para sessões! Não sei se sou forte o bastante para isso, não sei como me portar, o que fazer, o que vou sentir nos próximos tapas, golpes, humilhações. Sem falar nas marcas!

– Queria muito ter a resposta para essas suas dúvidas, minha menina, mas não tenho. Não existe uma cartilha de como se comportar. O BDSM lida com o mais puro dos sentimentos...A entrega plena. Cada flor tem o seu jardim, doce Ethel!

– Cada flor tem o seu jardim? Será que você pode parar de usar metáforas para tratar de um assunto tão sério? Estou colocando minha integridade física em risco deitada ao seu lado nessa cama! – A gargalhada deliciosa que Domenico soltou, me deixou extasiada e foi impossível não acompanhá-lo.

– Deixe de ser boba, estou aqui para cuidar de você, jamais para ameaçar sua integridade física.

– E que papo é esse de cada flor tem o seu jardim? – Começo a ficar interessada no assunto. A realidade é, tudo que Domenico fala me instiga e me faz pensar em inúmeras e deliciosas possibilidades.

– A flor é uma submissa e o jardim... – Ele não termina a frase e ergue as sobrancelhas, esperando que eu complete.

– O seu dominador?

– O seu Senhor, Ethel. Me atrevo a dizer que nas minhas mãos, bem regada, você estará mais do que pronta.

– Eu não quero ser apenas mais uma, Domenico... – Baixo os olhos,

envergonhada por estar fazendo a ciumenta diante de um dominador que hoje mesmo admitiu ter dormido com duas mulheres diferentes desde a última vez que nos vimos.

– Tudo isso será levado em consideração, Ethel. Antes de vivenciar realmente uma relação, vamos sentar, discutir e avaliar a essência da submissão e servidão.

– Como assim? Faremos um acordo de cavalheiros? – Ele sorri e alisa minha bochecha com o polegar, parando em meu lábio inferior e o puxando com delicadeza para baixo.

– Sua curiosidade é gratificante.

– Minha curiosidade está mais para medo, Domenico.

– Não minta para você mesma, Ethel. Medo é a última coisa que sente quando estamos juntos e, respondendo sua pergunta, sim, faremos um acordo, encontraremos um meio termo.

– E como podemos encontrar um meio termo se preciso sempre te obedecer e caso não o faça, sou amarrada ao pé da cama e obrigada a ficar deitada no chão?

– Você não estava no chão, esse carpete custou milhares de dólares, não seja injusta!

– Esse é o momento em que a submissa pode mandar o “senhor” ir a merda?

– Não, não é, e não ouse! – Apertando os olhos ele faz cara de bravo, mas o sorriso que tenta disfarçar mostra que não levou a sério minhas palavras e acredito, nem as dele.

– Falando sério, Domenico. Não sei nada, como posso fazer um acordo as cegas?

– Me diz, o que te conquista? – Ele me observa atentamente.

– O caráter de uma pessoa, eu acho.

– Bela resposta, se estivesse concorrendo a miss universo. Estou perguntando o que te conquista na hora do sexo, Ethel, o que a faria se curvar?

– Me curvar?

– Ceder, doce menina. Existem submissas que se satisfazem com relações avulsas, outras precisam do elo que faz a ligação entre dono e posse.

– Ligação dono e posse? – E mais uma vez o bichinho da curiosidade me ataca.

– Sim. O sentimento de se pertencer, não que isso não ocorra nas sessões avulsas, a troca de poder é algo tão intenso que durante aquele momento o sentimento será de posse plena.

– Então não vou ser sua namorada?

– Ethel...

– Não quero ser uma posse, Domenico! – Ele me olhou por algum tempo e de repente se levantou.

– Acho que por hoje chega, doce menina. Vou pedir que meu motorista a leve para casa.

Certo, acabei de ficar pasma. Primeiro porque Domenico desfilou por todo o quarto completamente pelado até alcançar seu roupão e segundo, por estar sendo dispensada como uma puta após ser usada. Só falta ele deixar o pagamento perto da minha bolsa.

– Eu agradeço, mas posso pegar um taxi. – Irritada, levanto enrolada no lençol e busco meu vestido jogado no chão, aos pés da cama.

– Não, você não pode.

– Sim, eu posso! Não vou com a merda do seu motorista Domenico Fox e também não vou permitir que me trate como uma puta!

– Ethel...

– Pare! Chega! Isso não vai dar certo. Desisto, antes mesmo de tentar!

– Isso tudo por que disse que meu motorista iria levá-la em casa? – Sim, agora ele realmente me irritou.

– Domenico, pode me fazer um favor?

– Apenas diga o que é que eu faço. – Ele responde de pronto.

– Vai tomar no olho do seu cu, seu babaca insensível de merda!

Sem esperar por sua resposta ou por qualquer tipo de reação da sua parte, corri para o banheiro me trancando e sentando por alguns segundos no mármore gelado do chão. Preciso me acalmar, preciso entender o que está acontecendo comigo. Minha cabeça dói e meu coração, bem, esse está desfragmentado.

Jamais serei a namorada de Domenico, o máximo que ele pode me oferecer é ser sua posse. Não quero ser uma posse. Isso significaria que ele teria direitos sobre mim, mas e eu? Teria algum direito sobre ele? Muito provavelmente não. Engulo um soluço e prometo a mim mesma não me deixar mais chorar por causa de Domenico.

Tentando a todo custo desviar minha atenção, corro os olhos pelo cômodo exageradamente asséptico. O branco em todos os lugares dá a impressão que estou sentada em uma nuvem. Tudo, e quando digo tudo, é sem exagero mesmo, é completamente branco. Desde as toalhas até os objetos chiques e provavelmente bem caros que ornaram o ambiente.

A banheira em vidro é o que mais me chama atenção. Como não babar de vontade de se enfiar nela depois de tudo que aconteceu? Olho meu surrado relógio e percebo que já passa das dez da noite. Não me dei conta do tempo passando, de qualquer forma, quem ficou até as dez, pode facilmente ficar até as

onze se o motivo for justo e, estar nessa banheira, nem que seja por dez minutos, é um motivo muito mais do que justo.

Levanto, e decidida, toco no botão digital que acredito colocá-la para encher. Claro, não acertei de primeira. Um barulhão, daqueles de doer os ouvidos invadiu o banheiro. As pressas, tornei a apertar o mesmo botão e depois de mais duas tentativas, enfim consegui fazê-la começar a encher.

Quando estava colocando o pé na água que parece o manjar dos deuses, uma batida na porta me interrompe. Não sei se fico mais puta por saber ser Domenico ou se por não ter conseguido entrar na banheira. Tudo bem, talvez tenha ficado puta pelos dois motivos, na mesma proporção.

– Ethel? – Ele me chama, com a voz rouca e abafada.

– Me deixe em paz, Domenico.

– Você vai abrir a porta ou vai me obrigar a fazê-lo? – Como assim obrigá-lo a fazê-lo? Tenho certeza que tranquei a porta. Verifiquei a chave por duas vezes antes de encher a banheira.

– A porta está trancada, Domenico. A menos que a coloque abaixo, acho bem improvável que consiga abri-la.

– A não ser, que eu tenha a chave reserva. – E o filho da puta abriu a porta.

– Não estou mesmo acreditando que você foi capaz de invadir minha privacidade dessa maneira, Domenico!

– Preciso lembrá-la que esse é o meu banheiro? – Aquele sorriso cínico desenha seus lábios e minha vontade de entrar na banheira acaba de ficar em segundo plano diante da vontade que sinto de mordê-lo inteiro!

– Tudo bem! Fique com ele. – Recuperando o juízo, passo a mão na toalha mais próxima e enrolo no corpo, caçando meu vestido que joguei sobre a bancada da pia.

– Ei, mocinha. Será que poderia se acalmar?

– Me acalmar? Você me usou, me tratou como uma puta, me amarrou ao pé da sua cama, depois veio com um papo de que em sua vida não cabe namorar e muito menos amar... Desculpe Domenico, acho que a última coisa que consigo fazer agora é me acalmar!

– Ethel, você está distorcendo tudo que conversamos.

– Não estou! Você não quer uma companheira, você quer ser dono de alguém, alguém com quem possa colocar em prática suas manias esquisitas, bizarras, sei lá como denominar, mas, em contrapartida, não quer ser de ninguém!

– Qual a parte de que a submissão é uma prova irrefutável da intensidade do amor, doação e devoção, você não entendeu?

– Não entendi parte nenhuma. Ou sou muito burra, ou você é complexo demais para que te acompanhe.

– Será que você pode deixar de ser arisca?

– Não estou sendo arisca, estou sendo realista. Analisando bem esse seu papinho torto, se a submissão é a prova irrefutável do amor, isso significa que apenas a submissa ama, deixando o dominador livre desse tipo de coisa baunilha, não é mesmo?

– E quem disse que um dominador não pode ser submisso a sua menina?

– Ele sorri e se aproxima. Ai, merda! Por que diabos ele precisa se aproximar?

– Vai se ajoelhar a minha frente e deixar que te acorrente na cama enquanto encho sua bunda de tapas? – A gargalhada farta que Domenico soltou me levou a outra dimensão. Deliciosa, instigante, estimulante e sexy para cacete!

– Para de ser marrenta, me deixa cuidar de você. – Sua voz assume um tom quase carinhoso. Se não fosse Domenico a minha frente, até acreditaria que ele realmente se importa.

– Sou grandinha o bastante para cuidar de mim mesma.

– Marrenta.

– Não sou marrenta e não quero que cuide de mim.

– É marrenta e eu vou cuidar. Queira você ou não, doce Ethel.

Ele puxa a toalha com a qual me protejo e seus braços se atrelam em minha cintura e mesmo tentando empurrá-lo com as mãos espalmadas em seu tentador peito musculoso, a única coisa que consigo é gemer e me permitir ser erguida em seus braços. Domenico caminhou lentamente em direção a banheira e com todo o cuidado do universo, me colocou imersa na água tentadoramente quente.

– Chega o corpo para frente. – Ele diz e entra na banheira, por trás de mim e é nesse exato minuto que seu celular toca.

Domenico ainda balança entre atender ou não atender. Saindo da banheira, ele me dirige um olhar reverente, como quem se desculpa e se enrola em uma toalha, tudo sem desviar os olhos de mim, que por algum motivo inexplicável, também não consigo desviar meus olhos do corpo magnificamente escultural a minha frente.

– Desculpe, mas esse é aquele tipo de toque que não posso ignorar. – Pisquei os olhos, saindo do meu transe. Seria um toque personalizado para alguma de suas submissas? Irritada, fechei a cara, mas tentei disfarçar.

– Tudo bem, sem problema. – Tento demonstrar indiferença.

– Eu já volto.

– Tenho certeza que sim. – Abro um sorriso amarelo e recosto a cabeça na almofada acolchoada que mais lembra um confortável travesseiro de plumas.

Provavelmente devo ter cochilado, não sei ao certo quanto tempo se passou, mas um barulho, diria que foi mais um estrondo, me tirou da minha inércia preguiçosa, obrigando-me a abrir os olhos. Um Domenico transtornado invade o banheiro e com cara de pouquíssimos amigos, joga uma toalha em minha direção, que atinge com tudo o meu rosto.

– Vista-se. Scott irá levá-la. – Curto, áspero e grosso.

– Aconteceu alguma coisa? – Me levanto sem jeito, me protegendo no tecido felpudo da toalha.

– Sim, aconteceu. Apenas vista-se e saia.

– Domenico...

– Boa noite, Ethel Lisa! – E ele saiu do banheiro, me deixando apática e sem entender absolutamente nada. O que acontece com esse homem?

CAPÍTULO DEZENOVE



O retorno para casa foi um verdadeiro martírio. Scott, o simpático e atencioso motorista, fez de tudo para que eu me sentisse menos desconfortável, ou talvez, estivesse apenas fazendo de tudo para que eu parasse de verter o rompante de lágrimas descontroladas que não consegui controlar desde o minuto que praticamente fui expulsa do apartamento de Domenico.

Qual a porra do problema desse homem afinal? Isso é ser um dominador? Ser grosseiro, petulante, agressivo e fascista? Esse cara vem consolidando um enorme turbilhão confuso e obscuro em meu cérebro. Para ser muito honesta, até pensei que estivéssemos nos entendendo. Um telefonema, e tudo simplesmente muda, da água para o vinho.

A verdade é que não sei ao certo se sinto mais raiva de mim ou dele. Claro que estou me permitindo passar por esse tipo de situação, mais do que estar me permitindo, estou gostando e cada vez quero mais, porém, isso não dá o direito a esse idiota de me tratar como se eu não valesse absolutamente nada.

Lembrando o quanto Clarisse deve estar apavorada com meu desaparecimento, busco pelo meu celular dentro da bolsa e, como não poderia ser diferente, o aparelho está completamente descarregado. Já passa das onze da noite, minha amiga sabe que jamais ficaria até tão tarde na rua sem dar qualquer satisfação. Não duvido nada que a essa altura do campeonato, já tenha entrado em contato com a polícia, dando parte do meu desaparecimento, dado o exagero de sua personalidade cheia de rompantes.

– Chegamos, Srta. Willians. – A voz de Scott me desperta. Estava tão entretida em arrumar uma desculpa convincente para aplacar o provável ataque que Clarisse dará, que não me dei conta de que já estava na porta do prédio.

– Obrigada Scott.

– Sempre as ordens.

Ainda fungando, sorrio de forma débil em agradecimento e não espero que ele salte do carro para abrir a porta. Como se precisasse sair o mais rápido possível de tudo que faz parte da vida de Domenico, corro sem olhar para trás para dentro do prédio, rezando para todos os santos existentes que Clarisse esteja dormindo, ou quem sabe tenha precisado ficar no hospital em um plantão extra.

– Que merda, Ethel! Você faz ideia do pouco que estava faltando para eu ligar para polícia? – Clarisse grita assim que abro a porta.

Respiro fundo e me armo de toda calma que consigo. A batalha com os ideais de Clarisse vai ser decisiva dessa vez. Minha amiga precisa entender que, por mais que esteja me ajudando, não pode simplesmente me tratar como sua filha e muito menos decidir o que é melhor ou não para minha vida.

– Fiquei sem bateria. – Me justifico baixinho.

– Ficou sem bateria? E você está sem bateria desde a hora do almoço?

– Na verdade não percebi quando ela acabou, Clarisse!

– Claro que você não percebeu, muito provavelmente estava sendo espancada mais uma vez por aquele bastardo. – A hostilidade contida na voz de minha amiga me faz arregalar os olhos.

– Para sua informação, eu estava trabalhando.

– Uma ova que estava trabalhando. Acha que sou idiota? Liguei umas vinte vezes para o “NBP”, Ethel, e todas as vezes obtive a mesma informação, que você deixou o escritório pouco antes do meio dia e não apareceu mais por lá depois disso.

– Será que você pode se acalmar, Clarisse.

– Me acalmar? Você realmente quer que eu me acalme?

– Sim, eu quero! Se o seu problema era a preocupação de eu estar bem ou não, sim, estou aqui, sã e salva, não existe mais motivos para o seu estresse. – Não havia reparado, mas ergui o tom de voz com minha amiga, que cruzando os braços a minha frente, me encara, parecendo ler cada traço do meu rosto.

– Você estava com ele, não estava?

– Sim, estava...

– Merda, Ethel! – Nervosa, Clarisse me dá as costas e anda como uma louca de um lado para o outro na sala.

– Sinceramente? Não estou nem um pouco disposta a falar sobre isso agora, Clarisse.

– E quando estará? O dia que for manchete nos jornais depois que aquele pervertido te matar de tanta porrada?

– Será que você pode sentar e se controlar o suficiente para que possamos conversar? – Me redimindo do tom anteriormente rude, falo mansa e incrivelmente, vejo uma calada Clarisse obedecer.

– Você me deixou preocupada, Ethel. – Ela fala, assim que me sento ao seu lado no sofá.

– Eu sei, e peço desculpas por isso. Eu realmente sinto muito, Clarisse.

– Eu sei que sente... – Um sorrisinho tímido desenha o lindo e ainda corado rosto de minha amiga.

– Vou explicar tudo que aconteceu, pode ser?

– Deve, estou me revirando em cólicas de curiosidade! – Sim, essa é Clarisse em toda a sua essência. Sorrio e viro meu corpo em sua direção.

– Hoje mais cedo, a “*malévola*” me deu a missão quase impossível de conseguir uma prévia da coletiva de amanhã com Richard Mitchell.

– O gostosão das telecomunicações?

– O próprio. Acontece, que ela sabia que eu não conseguiria, uma vez que o lançamento do aparelho só acontecerá na quarta feira pela manhã, no auditório da “RM”. Sem contar que ela é um ex caso dele, o que deixa claro que me deu a tarefa com finalidade única de me sacanear.

– Mais uma vez querendo te foder. Essa mulher é uma vadia! Como assim ela e Richard Mitchell já tiveram um caso?

– Ela é mais que uma vadia, Clarisse, ela é uma vadia bem filha da puta. Quanto ao caso dos dois, não soube nada além do que o próprio Richard falou, o que não foi muito.

– Piranha dos infernos! – Clarisse pragueja e é impossível conter a risada. Recuperando o fôlego, recomeço meu discurso.

– O que ela não contava era que, hoje a sorte estava ao meu lado!

– A sorte sempre está ao seu lado, Ethel, você que é pessimista demais para enxergar isso. – Reviro os olhos diante do comentário de Clarisse e decido por ignorá-lo.

– Voltando ao assunto...Estava caminhando, pensando em como conseguir a tal entrevista quando do nada esbarrei em um mar moreno musculoso, cheiroso e bem gostoso, tudo isso revestido em um caríssimo terno de marca que ficou completamente melecado de chocolate quente.

– Domenico Fox? – Clarisse entorta o nariz ao falar o nome de Domenico.

– Que mané Domenico! Esbarrei em Richard Mitchell em carne, osso e músculos, muitos músculos!

– Puta que pariu! Não acredito! – Clarisse leva uma das mãos a boca tampando-a, como quem está chocadíssima com a informação.

– Resumindo, dei um banho de chocolate no cara, ele me chamou para almoçar, me concedeu a exclusiva e vou ferrar com a “Malévola”, que achou que ia me ferrar.

– Então você estava até agora com Richard Mitchell? – De olhos arregalados, minha amiga parece não acreditar no que fala.

– Não, não estava. – Baixo os olhos, sabendo que a partir de agora, vou

precisar ter muito jogo de cintura para fazer Clarisse entender minha louca relação com Domenico, se é que posso chamar o que temos de relação.

– E com quem você estava? – O tom junto ao olhar acusatório, me faz sentir em um tribunal, sendo condenada por um crime gravíssimo.

– Encontrei com Domenico no restaurante, logo após encerrar a entrevista.

– Sei... Quanta coincidência, não?

– Clarisse, por favor, apenas me deixe falar ok?

– Tudo bem...

– Mesmo?

– Mesmo. Manda ver, sou toda ouvidos.

– Vou direto ao ponto.

– O ponto onde ele te surrou mais uma vez?

– Clarisse!

– Desculpe amiga, mas não consigo me conformar com o fato de você ainda dar trela para esse cara.

– Acontece que eu quero estar com ele!

– O que? Você só pode estar louca! – Clarisse se levanta e volta a caminhar, dessa vez em círculos pela sala.

– Não estou louca, estou apaixonada.

– O cara é um monstro, Ethel!

– Ele não é um monstro. Pode ser meio esquisito, admito, mas eu me descobri mulher junto a ele.

– Ele te bateu, Thell!

– Não, ele não me bateu. Tivemos uma relação consensual baseada em respeito.

– As marcas que ele deixou em seu corpo agora são um sinal de respeito?

– Ela fala, carregando seu tom em sarcasmo.

– Será que você pode abrir sua mente e tentar entender?

– Entender que minha melhor amiga decidiu se auto flagelar com um homem de costumes duvidosos?

– Ele é um Dominador, Clarisse. Em momento algum me escondeu isso.

– Ok, ele é um dominador. E você, Ethel? É uma submissa? – Olhos sagazes atravessam minha existência.

– Não sei amiga.

– Mas mesmo assim você quer continuar com essa coisa doentia?

– Apenas não quero sentir vergonha pelas minhas escolhas.

– Então você já escolheu? – Chocada, Clarisse volta a se jogar pesadamente sobre o sofá.

– Não escolhi ser uma submissa, mesmo porque, nem sei ao certo no que isso consiste, mas escolhi não me envergonhar das minhas expectativas, dos meus desejos e principalmente dos meus sonhos.

– Sonhos? Ao lado de um cara que trata as mulheres como verdadeiros objetos? Qual é, Ethel, isso é impossível!

– Amiga, mesmo que pareça impossível, eu decidi pela primeira vez na vida, sem receio algum, me permitir! Mesmo que aos olhos dos outros tudo pareça impossível, quero deixar que a esperança torne tudo verdadeiramente real.

– Ethel, honestamente, está difícil demais compreender seu raciocínio. Como pode haver algum tipo de esperança ao lado de um dominador?

– Existem relações estáveis no BDSM, Clarisse.

– Acontece que você não faz parte desse mundo!

– E se eu quiser fazer? – Questiono e vejo uma de suas sobrancelhas muito bem-feitas se erguer.

– Você tem que saber a diferença entre querer fazer parte ou se forçar a fazer parte simplesmente para manter Domenico por perto.

– Eu não sei se vou ter Domenico por perto, Clarisse. A única coisa que sei é que ao lado dele me descobri viva! Amiga, o tempo não para e passa muito rápido, em um piscar de olhos, tudo acaba, tudo se vai... Preciso aproveitar o hoje, o sentimento que sinto nesse momento.

– E o sentimento que tem nesse momento é o de que apanhar é legal?

– Não é só isso... – Desanimada, me levanto, sabendo que por mais que eu tente explicar, Clarisse jamais irá entender ou dimensionar a intensidade do meu envolvimento com Domenico.

– Desculpe-me, Ethel. Sei que talvez esteja sendo intransigente, mas eu quero o seu bem.

– E se o meu bem for ao lado de Domenico? – Paro de frente para minha amiga, que pela primeira vez parece não ter resposta e simplesmente, dá de ombros.

– Clarisse, quando vim para Boston estava disposta a recomeçar! Queria a todo custo esquecer o meu passado de merda, caminhar sem os rancores, vergonhas, julgamentos ou culpas que carreguei durante toda a minha vida em meu coração. Quero ser livre, e estar livre é uma decisão minha, apenas minha!

Minha amiga apenas me observa. Sei que bem lá no fundo ela está assimilando minhas palavras e, por mais que seja contra os princípios meio loucos de Domenico, sei que por querer tanto minha felicidade, está pensando em alguma probabilidade, por mais louca que seja, de encontrar algum tipo de argumento que a convença de que apenas eu sei o que é certo para mim.

– Sim, Ethel, estar livre é uma decisão sua, somente sua. Mas isso não impede que quem te ama se preocupe com suas decisões.

– Eu só quero que entenda que o que eu e Domenico fazemos não é errado.

– Desculpe minha amiga, mas não consigo achar certo o fato de você gostar de apanhar.

– Meu Deus! Quando vai colocar nessa sua cabeça dura que não é só isso? Viver nesse mundo é como se entregar!

– Se entregar a que, Ethel? – Impaciente, Clarisse mexe nos cabelos, parecendo nervosa, muito mais nervosa do que jamais a vi antes.

– Me escute... – Me ajoelho a sua frente e seguro suas mãos, obrigando-a a encarar meus olhos.

– Minha escolha não está sendo fácil, Clarisse. Principalmente, porque fere, dói e machuca outra pessoa que não consegue compreender a verdadeira essência do contexto, nesse caso, você. Mas uma coisa posso afirmar: A vida está me chamando! Quero abrir a porta, correr na chuva, pisar na lama, sorrir como jamais fui capaz de fazer... Eu quero viver! – Termino meu monólogo com lágrimas nos olhos. A emoção contida no rosto de Clarisse é comovente. Dói demais em meu coração saber que estou lhe causando tamanha preocupação.

– Tudo bem, vamos dizer que eu concorde com essa sua insanidade... – Clarisse faz uma pausa dramática e respira profundamente antes de continuar.

– Como vai ser? Vocês vão assumir publicamente uma relação ou vão continuar a se esgueirar em noite regadas a sexo, chicotadas e hematomas?

– Clarisse!

– Qual é, só fiz uma pergunta!

– Capciosa, ardilosa e traiçoeira. – A recrimino.

– Ok, pode ser, mas é a verdade.

– Não é não, Clarisse, depois que você conhecer Domenico melhor...

– Nem pensar! – Ela me interrompe, praticamente gritando.

– Não quero e não vou fazer parte dessa loucura, Ethel! Você é adulta, não posso impedi-la de seguir o rumo da sua vida, mas posso me preservar.

– Se preservar de que?

– De vê-la sofrer mais tarde. Consegue entender como é difícil para mim toda essa merda de situação? A três dias atrás eu te via como uma doce menina, frágil como uma pétala de flor e hoje, bem, hoje estou aqui sentada conversando com uma mulher adulta que não sente vergonha alguma em admitir que quer se entregar aos fétidos lençóis de um sádico dominador!

– Não é assim que funciona, Clarisse! Pode por favor deixar de ser dramática?

– A não ser que me convença de que estou errada? Não, não posso! – Bufo exasperada. Como colocar em palavras o que sinto junto a Domenico? Se ao menos Clarisse facilitasse as coisas para mim!

– Apenas abra sua mente e tente compreender, Clarisse.

– Estou tentando... Juro por Deus que estou!

– Domenico é o homem que habita a minha mente, mesmo que seja entre as sombras de impronunciáveis e também indescritíveis desejos proibidos e meio estranhos. Ele me desalinha, umedece minha existência e transforma minha solidão naquilo, que junto a ele, chamo de vida, naquilo que eu e ele chamamos de nós!

Por longos minutos Clarisse apenas me olha, como se estivesse diante de um ser de outro planeta, capaz de a qualquer momento pegar sua arma laser e atacá-la. Ela pigarreia, se remexe, alisa os cabelos, os prende, os solta. A verdade é que, conhecendo-a como a conheço, sei que está maquinando alguma resposta a altura, mas, por mais que tente, não encontra e isso, a faz impotente.

– Acho que nada que eu fale vai te fazer mudar de ideia, não é mesmo? – Clarisse tem os olhos marejados em lágrimas quando fala.

– Eu não sei, amiga! Eu não sei nem se eu e Domenico temos realmente alguma coisa. Mas eu sei que quando estou com ele, me sinto plena, completa, satisfeita... Me sinto mulher!

– Você ama esse cara! – A conclusão óbvia de Clarisse me aterroriza em níveis alarmantes.

Como posso estar amando um cara que conheço a apenas três dias? Apaixonada? Pode ser que sim, mas essa dependência louca, essa vontade de estar sempre junto e principalmente a capacidade de me subjugar a todos os seus gostos é muito mais do que uma simples paixão. É uma entrega plena, livre de qualquer tipo de cobrança ou medo. Minha alma pertence a Domenico Fox!

– Eu não sei, Clarisse!

– Claro que ama! Meu Deus Ethel, a coisa é muito mais séria do que eu imaginava!

– Séria e complicada.

– Complicada? – Clarisse volta a se sentar e me puxa pelo braço, me fazendo tombar como uma banana madura ao seu lado.

– Pois é... Hoje, pela primeira vez ele se mostrou mais humano. Fizemos amor amiga! Amor normal, claro que do jeito dele, mas sim, não fodemos, ele não me torturou, pelo menos não nesse momento. Mas conheci um Domenico que não conhecia e devo admitir, me encantei ainda mais.

– E o que tem de complicado em um cara fazer amor com você? Pela primeira vez estou achando-o até mais normal.

– Acontece que, depois de tudo que aconteceu, depois de conversarmos, brincarmos e nos conhecermos melhor, fomos tomar um banho, foi nesse momento que seu celular tocou e o cara mudou completamente.

– Mudou? De que forma? – O rosto preocupado de Clarisse provavelmente é reflexo de minha aflição por relembrar o momento humilhante em que praticamente fui colocada para correr de sua banheira.

– Sei lá... Ele saiu do banheiro, atendeu o telefone e quando voltou simplesmente me deu boa noite e desapareceu.

– E como voltou para casa? De taxi?

– Não, Scott me trouxe.

– Scott? Quem é Scott?

– O motorista de Domenico. Mas o fato é, quando achava que tudo estava indo bem, a merda toda desandou.

– Ethel, esse cara é piroca da ideia. – Clarisse sacode a cabeça, como se falando isso fosse mudar alguma coisa do que sinto.

– Eu sei que ele é meio doido, talvez tenha seus motivos.

– Motivos para fazer amor com você e depois escorraça-la de sua casa? Desculpe minha amiga, não vejo outro motivo que não seja loucura no nível hard!

– Eu só preciso tentar entende-lo, Clarisse.

– Simples assim? Enquanto isso ele continua te usando e te fazendo de gato e sapato, não é mesmo?

– Chega, Clarisse! Não estou mais a fim de falar sobre isso. Sem contar que apesar do estresse e cansaço, ainda tenho que transcrever a entrevista de Richard, que precisa estar na mesa da “*Malévola*” até o meio dia de amanhã.

– Mudando de assunto... – Clarisse se levanta e caminha lentamente em direção ao corredor que leva aos quartos.

– Só preciso de um tempo, Clarisse. Você poderia ao menos ser compreensiva.

– Eu sou, Ethel. Vá fazer sua matéria, não quero atrapalhar seu trabalho, mas acredite, ainda voltaremos no assunto Domenico Fox.

– Tenho certeza que sim... – Murmuro, certa de que, na distancia que se encontra, Clarisse jamais poderia ter me ouvido. Ledo engano!

– Fico feliz que tenha tanta certeza. Ainda falaremos muito sobre esse assunto. Boa noite, Thell, e que seu sono te traga algum juízo!

– Boa noite, amiga.

CAPÍTULO BONUS



– Uma jornalista? – pergunto incrédulo e puto da vida comigo mesmo. Como pude ser tão idiota? Logo eu, sempre tão precavido a respeito da minha vida pessoal.

– Sim, meu caro amigo, uma jornalista. Mas essa não é a pior parte.

– Existe uma parte pior do que essa?

– Ah, sim, existe. Ethel Lisa Willians trabalha no “NBP”.

– Caralho!

– Deixe para praguejar quando eu falar quem é a sua chefe. – Leonard me passa um envelope, que muito provavelmente contém todas as informações referentes a Ethel.

– Deixe-me adivinhar... Susanna Wesley.

– A própria. Posso fazer uma pergunta de cunho pessoal?

– Não, não pode. – Respondo puto, me jogando contra o encosto da cadeira.

– Vou fazer assim mesmo. Até que ponto você chegou com essa mulher, Domenico?

– Até o ponto de deixar sua bunda bem marcada por minhas mãos! – Como pude ser tão inconsequente!

– Pelo que fiquei sabendo, Ethel é aquele tipo de trunfo, a joia rara de Susanna.

– Explique.

– Inocência associada a uma aparência angelical. Arma perfeita para fazer um babaca como você cair na sua lábia.

– Eu não caí na lábia de Ethel.

– Claro que caiu. Mesmo porque, se não tivesse caído não estaria tão puto.

– Não fode a porra da minha paciência, Leonard!

– O que essa garota sabe? O que você falou? O que você fez Domenico?

– Fodi com ela, a torturei, espanquei, amarrei ao pé da minha cama...

Nada que não faça com as outras, Leonard!

– Amigo, você sabe que deu um prato cheio para essa mulher, não sabe?

– Ela não estava fazendo uma matéria a meu respeito, Leonard! Ela

sequer sabia quem eu era até a segunda vez que nos vimos.

– Domenico, Susanna deu a Ethel a tarefa de conseguir uma exclusiva com você, e junto a isso, vinculou seu emprego, caso ela não conseguisse, adeus trabalho!

– Filha da puta!

– Desculpe, mas qual das duas?

– Leonard...

– Não vem com esse tom ameaçador para cima de mim, Domenico. Você fez merda! Uma imensa merda. Eu te avisei desde o início para que não seguisse adiante com essa loucura!

– Suas palavras estão ajudando muito, Leonard! – me levanto e me sirvo de uma dose dupla de uísque. Ainda não acredito que caí em uma armadilha!

– Você falou alguma coisa sobre o seu passado com ela?

– Claro que não! Por mais que estivesse com tesão e querendo fodê-la, não chegaria ao cúmulo de usar minhas tragédias pessoais para dissuadi-la.

– Faz ideia do que essa jovem pode fazer com tudo que sabe sobre você, Domenico?

– Espalhar que sou um sádico dominador? Foda-se, que faça!

– Cara, você é um dos maiores empresários norte americanos, CEO absoluto da maior firma de engenharia do mundo, responsável por inúmeras obras sérias que envolvem clientes respeitáveis. Você realmente acha que se algum desses clientes descobrirem seus gostos não lá muito convencionais continuarão trabalhando com a “Geo Fox”?

– O que meus gostos pessoais têm a ver com minha competência profissional, Leonard?

– Digamos que espancar mulheres não é algo muito aceitável, Domenico!

– Não distorça meu jeito de vida! Não espanco mulheres. Faço parte de um mundo diferente onde tudo é feito de maneira consensual!

– Então faça o mundo e seus clientes entenderem isso antes que essa matéria seja vinculada, caso contrário, acredite, estarei ao seu lado quando sua falência for anunciada na “Forbes”.

– Não seja dramático. – Viro todo o conteúdo do copo e volto a enchê-lo.

– Não estou sendo dramático, mas sim, realista. E só um conselho... Se embebedar não irá resolver a situação.

– Quais são as nossas possibilidades? – volto a me sentar e encaixo o rosto entre minhas mãos. Que merda fui fazer!

– Tudo vai depender das probabilidades, Domenico.

– Probabilidade de que, Leonard? – Irritado, soco o tampo da mesa, fazendo balançar todos os objetos sobre ela.

– Não sei qual era a intenção de Susanna quando colocou essa jovem na sua cola. Claro, que conhecendo a megera como conhecemos, não pode ser boa coisa. Apenas o fato de ter a informação que você pertence ao mundo BDSM, já será um prato feito para ela.

– Será a palavra dela contra a minha. Podemos colocar o departamento jurídico para abafar a situação.

– Sim, meu caro, podemos. O que você não consegue compreender é que, pagamos muito bem a mulheres que assinaram um termo de confidencialidade que, convenhamos, judicialmente não vale porra nenhuma! Se isso vier à tona, obviamente as aproveitadoras apareceram e confirmaram a história, a não ser que esteja disposto a ser chantageado pelo resto da sua existência!

Leonard apenas me observa. Como sempre tenho solução para absolutamente tudo, talvez seja isso que ele esteja aguardando. Derramando mais uma vez o líquido cor de âmbar que arde em minha garganta, tento colocar minhas engrenagens para funcionar. Preciso de uma saída antes que Ethel divulgue qualquer coisa a meu respeito.

– Quero o telefone se Susanna Wesley.

– O que? Sério mesmo que você está achando que uma simples conversa vai impedi-la de publicar qualquer coisa a seu respeito?

– Leonard, apenas me arrume o telefone de Susanna. O resto é comigo.

– Cuidado meu amigo, muito cuidado. Você estará lidando com uma cobra criada.

– Sei bem com quem estarei lidando, não me trate como criança.

– Então pare de agir como uma. Não piore ainda mais a sua situação Domenico.

– O telefone, Leonard! Apenas o telefone.

Vejo meu amigo sair da sala contrariado e no fundo, mesmo não sabendo fazer isso, me pego mais uma vez rezando, dessa vez para que meu plano escroto dê certo. Se qualquer coisa sobre minha vida íntima vazar, será minha ruína, talvez não nos negócios, isso seria facilmente contornado, mas com Elise, seria simplesmente o meu fim!

Mas antes, preciso fazer uma coisa, a mais importante de todas. Não sei se por vingança ou por mero prazer, mas preciso. Me levanto, pego meu paletó e saio da sala, parando em frente a mesa da sempre com cara de apaixonada Srta. Matheus. Como essa criatura é irritante!

– Cancele todos os meus compromissos de hoje.

– Sr. Fox, hoje a tarde será aquela vídeo conferência com Tóquio...

– Não me lembro de ter perguntado minha agenda. Apenas cancele, tudo!

– Sim, Senhor. Desculpe-me.

– Não se desculpe. Faça!

Pego o telefone e ligo para Scott, pedindo que me espere na entrada do prédio. Tenho pressa, caso contrário, todo o meu plano pode vir água abaixo. A descida no elevador parece uma eternidade, pensei em ligar, mas ela fugiria de mim, então, que seja a força, que seja do meu jeito e que seja a última vez!

– Para onde Sr. Fox. – Scott pergunta assim que entro no carro.

– Vamos para o New Boston Post.

– O jornal? – O olhar quase assustado que Scott me dirige pelo retrovisor chega a ser engraçado. Ele, como todos que me cercam e são de confiança, sabem o quanto sou avesso a qualquer tipo de contato com a imprensa.

– Conhece outro? – Acenando negativamente com a cabeça, Scott arranca com o carro, parecendo compreender minha pressa e açoitamento.

Assim que paramos na porta do prédio fiquei imaginando como fazer para pegar Ethel de surpresa. Subir e arrancá-la de sua sala não é uma opção. Esperar sentado no carro até a hora do seu almoço talvez pudesse ser mais coerente, mas minha falta de paciência e excesso de energia jamais me permitiria tamanha indiligência.

– Scott, preciso que vá até a Srta. Willians e a convença a descer.

– E como exatamente vou fazer isso chefe?

– Sei lá, diga que o prédio está pegando fogo!

– Acho difícil que uma moça inteligente como ela acredite nisso.

– Ative os alarmes se for necessário, mas traga Ethel para dentro desse carro!

– Farei o possível, chefe. – Scott responde, parecendo achar imensa graça da minha atitude completamente desmedida.

– Faça o impossível! – Sério mesmo que vi um sorrisinho de formar no rosto do meu motorista? Prefiro ignorar, estou ansioso demais para dar importância a esse tipo de coisa.

Dez minutos se passaram e nada! O que diabos Scott está fazendo que ainda não foi capaz de arrancar Ethel de dentro dessa merda de prédio. Minha agitação aumenta, nervoso, abro e fecho minha abotoadora repetidas vezes. Por que estou tão nervoso?

Eu sou Domenico Fox, não estou buscando uma tarde de amor e romance com Ethel, quero puni-la, quero fazê-la sentir a minha fúria, quero suas lágrimas de dor, de entrega e principalmente, de arrependimento, por ter brincado com alguém tão perigoso quanto eu.

Olho mais uma vez pela janela do carro em direção a entrada do prédio, um movimento me deixa excitado, mas foi alarme falso. Por que exatamente todo mundo resolveu sair, menos quem eu quero que saia? Pego o celular e

escrevo uma mensagem para Scott, perguntando o que está acontecendo.

Antes que tocasse no botão enviar, meus olhos se perderam nela. Caralho, apenas em ver o leve balançar de seus quadris e suas pernas claras alcançadas pela luz do sol já me faz ficar de pau duro. Sento ereto e com a mão, tento ajeitar o volume nada discreto que se forma por baixo da calça do meu terno. Preciso me controlar!

– Pelo amor de deus, o que houve com você? – Nervosa, Ethel praticamente se joga em cima de mim assim que Scott abre a porta do carro.

– O que? – Pergunto confuso, afinal, não sei qual argumento Scott usou para conseguir arrancá-la no meio do expediente do seu trabalho.

– A srta. Willians ficou muito preocupada quando contei a respeito da sua dor no peito, Sr. Fox.

– Não entendo o porque de ainda não ter ido para o hospital!

– Eu estou bem, Ethel!

– Não, você não está! Está pálido! – Muito provavelmente devo estar. Ter Ethel tão próxima, sentir seu cheiro e não poder tocá-la, é praticamente uma tortura.

– Só preciso de você por perto, isso me fará melhorar. – A merda toda é: Não estou mentindo. Realmente a simples presença de Ethel já é o suficiente para que eu me sinta completo e saudável, mesmo não tendo passado mal em momento algum.

– Domenico, o que afinal está acontecendo? Ontem você agiu de forma estranha, praticamente me colocou para fora da sua casa. Sei que não temos uma relação, pelo menos não uma convencional, mas desde então tenho pensado no que de fato quero e preciso.

– E o que de fato você quer e precisa, doce Ethel?

– Acho que isso é um assunto que podemos deixar para depois. Agora você precisa ir para um hospital.

– Não vou para hospital algum.

– Sim, você vai! Dor no peito pode ser indício de um ataque cardíaco, na sua idade... – Impossível não rir. Ethel se atropela em suas próprias palavras e sua preocupação genuína me comove e me faz sentir arrependido por estar pensando em ainda seguir adiante com meu plano.

– Está me chamando de velho? – Sorrio ao ver seu rosto vermelho e os olhos brilhando, como duas lindas esmeraldas. Ethel é a perfeição expressa em uma tela de imenso valor. Imenso valor para mim!

– Não, meu amor, não estou! Só estou preocupada.

– Do que foi que me chamou? – Afasto suas mãos que estavam ao redor do meu rosto e a encaro com firmeza.

– Desculpe... Sei que não temos esse tipo de intimidade. Foi só maneira de falar... – Sem graça, ela baixa os olhos e se contorce no banco, afastando o corpo do meu, o máximo que consegue.

– Eu gostei. – Puta que pariu, não acredito que falei isso!

– O que? – Olhos arregalados parecem querer ler a minha alma. Isso não menina, isso você e nem ninguém jamais será capaz de fazer.

– Podemos sair daqui? – Pergunto, acenando com a cabeça para Scott, que entende meu recado e dá partida no carro.

– E para onde exatamente você quer ir? – A desconfiança em sua voz me faz sorrir. Essa menina é deliciosa.

– Para algum lugar que possamos ficar a sós.

– Domenico, eu realmente não estou querendo acreditar que me tirou do trabalho por um mero capricho! Não sou como você, não venho de família rica, muito pelo contrário, preciso do meu salário para viver!

– Eu poderia mudar isso facilmente. – Vamos começar a testar a credibilidade da doce Ethel.

– E eu poderia mandá-lo tomar no cu facilmente também!

– Ethel... – Com os olhos cerrados e estalando cada ossinho do meu pescoço, chamo sua atenção, me controlando para não colocá-la em meu colo e dar umas boas palmadas em seu belo traseiro aqui mesmo, dentro do carro.

– Pera aí! – Ela arregala os olhos e tem uma expressão indecifrável.

– O que foi?

– Como você sabe onde trabalho?

– Eu sei absolutamente tudo sobre você, Ethel Lisa. – Levo minha mão ao seu rosto e acaricio sua bochecha, que fica rubra com o meu toque. Não é possível que essa menina, com jeito de anjo consiga ser tão dissimulada ao ponto de aceitar uma relação comigo apenas para conseguir uma matéria.

– Estou falando sério, Domenico! Eu nunca disse o que fazia e muito menos onde trabalhava!

– Eu nunca perguntei.

– O que de fato está rolando aqui? – Seu tom parece nervoso e seus lábios tremem. Sim, ela sabe que eu sei.

– Não posso querer passar um tempo com a minha garota?

– Sua garota? Não sou sua garota, você deixou isso bem claro para mim, ontem mesmo, quando me expulsou da sua casa!

– Eu não a expulsei. E sim, eu a considero minha.

– Sua posse, não sua garota. Já deixei claro o que penso a respeito disso tudo.

– E foi exatamente por isso que resolvi vir buscá-la. Quero conversar,

fazer um acordo, estipular limites. O que eu preciso e o que você quer, sem falsas expectativas. Podemos encontrar um meio termo.

– Domenico... – Ela apenas murmura o meu nome e isso faz com que uma rebelião ocorra dentro das minhas calças.

– Apenas abra sua mente e se permita, Ethel Lisa.

– Acho que já me permiti até demais. Quero voltar para o escritório.

– Trabalhando em alguma matéria importante que não pode esperar? – Ela empalidece e consigo ouvir o seu engolir em seco. Merda, não quero e não posso acreditar que ela está mesmo fazendo uma matéria a meu respeito.

– Sou jornalista, Domenico. Sempre tenho matérias importantes.

– Por que não me disse antes que era jornalista?

– Você não perguntou. – Ela me desafia.

– Ethel, não teste minha complacência. Uns tapas nessa deliciosa bunda exatamente agora segurariam essa sua boca enorme. – Ameaço e ao contrário do que achei, ela sorri.

– Mudaria alguma coisa se tivesse falado? – Empinando o nariz, ela me enfrenta mais uma vez e sim, agora preciso me controlar para não arrancar sua roupa e fodê-la com força, de quatro, aqui mesmo.

– Talvez. Como você já deve ter ouvido falar, levo muito a sério minha privacidade.

– Se levasse a vida como você o faz, também seria bastante precavida com tudo que diz respeito a minha privacidade. – Como não sorrir diante de tanta petulância. Ela é instigante, vibrante, estimulante.

– Ethel Lisa, minha mão está coçando.

– Enfie-a no bolso. Sr. Fox. – Mais uma vez foi impossível não sorrir.

– Prefiro enfiá-la em outro lugar. – Aproximo meu corpo do seu, segurando seus braços para trás com uma das mãos e com a outra, aperto seu rosto, trazendo-o para perto do meu.

– Domenico...

– Shuuu, quietinha, Srta. Willians. – Rosno ao mesmo tempo em que deslizo meus lábios pela delicada pele do seu rosto.

– Nós vamos brincar. – Completo, mordendo com força o vale criado pela junção de seu pescoço e ombro. O gemido que escapa pelos seus lábios deflagra uma explosão de testosterona em meu corpo. Meu pau dói e minhas bolas parecem prestes a explodir.

– Eu não quero... – Ela lamenta e lambe os lábios, contradizendo suas palavras.

– Sim, você quer. Agora fique quieta, vamos começar a jogar.

Aperto seus punhos com mais força e tomo seus lábios. O gosto de Ethel

é maravilhoso. Uma mistura de menta e algo doce, assim como o seu cheiro de baunilha inebriante. Aumento o vigor com que pressiono seus lábios, mordendo, chupando, fazendo-a gemer e contorcer o corpo.

O gosto metálico de sangue me extasia. Ainda com os dentes fincados em seu lábio inferior, passo a língua sobre o pequeno ferimento que propositalmente ocasionei, como pode ser tão bom? Já fiz a mesma coisa milhares de vezes e em nenhuma delas, me senti tão aceso, empolgado...Vivo!

Me afasto, observando o lindo rosto rosado, seus lábios inchados e o tremor descontrolado do seu maxilar. Sim, é assim que eu te quero. Com tesão e medo. Dor e prazer. Com um sinal de minha mão, peço que Scott encoste o carro, o que ele o faz de imediato.

– Te chamo se precisar.

Falo ao abrir a porta e saltar do carro. Scott faz o mesmo e se afasta. Uma tremula Ethel me encara pelo vidro, sem entender absolutamente nada. Dou a volta e abro sua porta, estendendo a mão, convidando-a a sair. Ela olha de um lado para o outro, parecendo perdida.

– Onde estamos? – Sua voz não é mais que um lamento medroso.

– Não importa. Entre. – Abro a porta do carona e faço um gesto com a mão, indicando que quero que ela se sente.

Por incrível que pareça, ela não oferece qualquer tipo de resistência, deslizando pelo couro do assento e ela mesma fechando a porta. Assumo a direção, e antes de dar a partida, retiro minha gravata. Ethel me olha, agora demonstrando estar completamente em pânico. Sim, baby, é assim que eu te quero. Com medo de mim.

– Coloque os braços para trás. – Ordeno.

– O que? – Confusa, ela pisca os olhos rapidamente e isso a deixa encantadora. Merda, homem, se concentre!

– Coloque os braços para trás. – Repito, dessa vez usando um tom mais rude. Ela obedece, sem desviar os assustados olhos azuis esverdeados dos meus.

– O que você vai fazer? – Ela pergunta quando me vê enlaçando seus punhos com minha gravata.

– Não está óbvio? – Debocho, mostrando o completo canalha que sou, ou, que estou tentando ser.

– Domenico, eu não quero. – Implora e eu, bom, eu me delicio com isso.

– Mas eu quero. E você faz exatamente aquilo que quero. – Respondo seco, abrindo o porta luvas e retirando um lenço de algodão negro.

Antes que ela tivesse qualquer tipo de reação, a vendei, impedindo-a de ver para onde estamos indo. A respiração errática de Ethel denuncia o quanto estressada está, tento fazer o indiferente, mas alguma coisa dentro de mim grita.

Por que com ela tudo é tão diferente?

Meia hora depois, estacionei o carro na porta da casa de verão da família. Por que a trouxe aqui? Sinceramente, não sei, mas coloco a todo custo na minha cabeça que o motivo não tem nada absolutamente nada a ver com Ethel ser diferente das outras, mas sim pela privacidade que a casa oferece.

– Domenico, eu tenho que trabalhar...

– Quero você em silêncio, Ethel.

– Mas eu não posso... Preciso cobrir uma exclusiva hoje a noite...

– Com o babaca do Richard Mitchell? – Que porra é essa? Ciúme?

– Ele não é um babaca! O único babaca aqui é você, Domenico! –

Tentando mexer as mãos, ela se agita. Sério que ela teve a ousadia de defender outro homem na minha cara?

– Já chega!

Salto do carro e praticamente corro em direção a sua porta, abrindo-a e puxando-a com pouquíssimo cuidado para fora. Desequilibrada, ela tombou seu corpo na direção do meu, tocando meu peito com seu rosto, o que foi o suficiente para me deixar com a porra do pau ainda mais duro.

Entrando na casa completamente vazia, não perco tempo e a ergo nos braços, carregando-a até o quarto principal, onde a coloco no chão, encostada na parede. Ethel está pálida, suando frio e parecendo verdadeiramente aterrorizada. Minha mão se agarra em seu pescoço e faço uma leve pressão, até sentir sua respiração falhar.

Alivio a força e tomo seus lábios, que apesar de apavorados, são receptivos, quentes, doces, como toda Ethel o é. Quanto mais pressiono seu pescoço, mas ela parece gostar. Incrível como essa menina nasceu para isso. Ou talvez eu esteja enganado e ela esteja apenas fingindo, a fim de conseguir sua entrevista.

Estanco o beijo e me afasto. O corpo ofegante reclama minha ausência e sorrio. Sou um filho da puta descarado! Como me agrada ver tamanha vulnerabilidade, dependência, quase vício partindo dela. Com delicadeza, volto a me aproximar. Dessa vez não a toco, apenas abro o fecho lateral de seu vestido rodado e muito mais curto do que deveria ser para o meu gosto.

O tecido escorrega em seu corpo, revelando um conjunto fantástico de lingerie vermelho. Caralho! Como pegar leve com ela quando exala sensualidade e tesão por todos os poros? Me encarrego do sutiã, jogando-o sobre o carpete e em seguida, trabalho a retirada de sua calcinha.

Me abaixando a sua frente, puxo as tiras laterais com meus polegares, roçando de leve a pele cálida de suas coxas. As sandálias ficarão no lugar. Lindas e trançadas em suas pernas, elas me excitam. Ao subir, passo minhas

mãos pela lateral de seu corpo, dando um beijo leve em seu sexo.

Ethel geme e joga seu corpo para trás, contorcendo-se de desejo. Coloco a mão em seus ombros e delicadamente a abaixo. Ela sabe o que precisa fazer e não discute. Lindamente obediente, ela se ajoelha aos meus pés, baixando a cabeça, mostrando sem receio algum sua completa submissão.

Ali parada a minha frente, imóvel, está o objeto de todos os meus desejos. Apenas o som da sua respiração fraca se faz presente no silêncio absoluto do quarto. Seus olhos ainda permanecem encobertos pelo pano negro e macio do lenço de algodão. Imagino para onde eles se movem o que buscam.

Devem procurar por mim, devem tentar imaginar meus movimentos a sua volta. Mas estou em silêncio, por simples opção, não para torturá-la. Me fascino olhando, admirando, desejando aquela pele, aquele cheiro, aquele perfume. Não preciso da sua permissão para tocá-la afinal o acordo já havia sido lacrado anteriormente. Ela não parece disposta a dar para trás, muito pelo contrário.

Cada momento que antecede o toque aumenta meu desejo. Eu sei que ela está com medo ao mesmo tempo que fascinada, afinal o desconhecido tem seus encantos, mesmo levando-a para longe da sua zona de conforto. Mas, ainda assim está aqui, aos meus pés, pronta, perfeita.

– Eu te quero... – Me abaixo e sussurro ao seu ouvido, deixando que meu hálito arrepie a pele delicada se seu pescoço.

Essa é a ultima palavra que vai ouvir antes de sentir meu toque mais firme, antes que seus desejos e toda a sua luxuria sejam despertados e aos poucos seja vencida pelo êxtase do prazer que apenas eu sou capaz de proporcionar em seu delicioso corpo. Sim, Ethel Lisa, você agora é minha!

Mesmo que suas mãos estivessem livres da gravata que as prende junto a suas costas, deixando seus seios expostos, duros e empinados, prontos para serem tocados com as pontas de meus dedos, minha boca e língua, tenho certeza que ainda assim ficaria imóvel.

Ethel sabe que o desconhecido está ali, bem a sua frente. Ela sabe que seus desejos serão totalmente satisfeitos, entre gritos, sussurros, gemidos e lágrimas, todos os seus desejos serão supridos e outras coisas agora inimagináveis ainda estão por vir. Seja minha menina, se entregue as dores que só o prazer que consome a alma pode proporcionar.

CAPÍTULO VINTE



Um silêncio estarrecedor domina o ambiente. Não faço a mínima ideia de onde esteja, mas consigo sentir o carpete fofo por baixo dos meus joelhos. Penso no apartamento de Domenico, mas demoramos demais para chegar, a ansiedade e o medo do que ainda está por vir, bloqueia completamente meu cérebro, não me permitindo pensar em nada com clareza.

Um toque delicado em meu rosto e meus sentidos ficam em alerta. Aquele imenso aviso em neon escrito “Perigo” invade minha mente. Com Domenico, nada é fácil, nada é previsível, nada é comum. Me encolho e busco desesperadamente por qualquer coisa que possa me dar alguma dica do que ele pretende.

Não demorou muito tempo para que minhas dúvidas fossem saciadas. Sinto o toque quente e macio de sua ereção em meu rosto. O cheiro viciante de Domenico invade minhas narinas e conseqüentemente, altera todas as células existentes em meu corpo. Aperto minhas pernas uma na outra, tentando inutilmente conter a rebelião molhada que se inicia em meu sexo.

Meu corpo treme, minhas pernas amolecem, começo a suar desesperadamente e em um lampejo de sanidade, penso em recuar e pedir para que ele pare. Acontece que não consigo. Ele esfrega seu pau duro e já melado por todo o meu rosto e involuntariamente, meus lábios entreabrem, a espera do presente sagrado que é ter o pedaço latejante de carne enfiado em minha boca.

Para minha decepção, isso não acontece. Domenico se esfrega em meus lábios, contornando-os, melando-os com seu líquido pré ejaculatório. Lambo as migalhas que ele me oferece e penso ouvir um sorriso sacana escapar de seus lábios. De repente, o que era delicado, se torna brutal, quase violento.

Domenico agarra meu cabelo e força seu quadril de encontro ao meu rosto. Praticamente sufoco, mas, meu orgulho não me permite render. Ele roda o quadril, seu pau imenso atinge todos os cantos e impossibilitada de tocá-lo, me sinto frustrada. Uma puxada de cabelo forte, e minha cabeça vai toda para trás. Sinto a pele macia de suas bolas roçarem em meus lábios e fico louca! Quero lambê-las, chupá-las, mordê-las.

– Abra a boca. – Estremeço diante do tom rude de sua voz, mas obedeco.

Domenico encaixa suas bolas em minha boca e seu pau, duro como pedra, mas contraditoriamente quente e macio, ocupa toda a extensão de pele exposta do meu rosto.

– Chupa.

E eu chupo. Engulo aquele pedaço incrivelmente tentador, a pele macia, flexível me faz superar qualquer limite de vontade. Sugo a pele e a mordo. Domenico deixa escapar um grunhido rouco e assustador do fundo de sua garganta e eu, repito, sugo, sugo até sentir o monte enrugado se endurecer, prestes a explodir.

Puxando meu cabelo com força desmedida, ele interrompe minha degustação. Como eu queria poder observar suas reações, mas, não tive nem um segundo para pensar na possibilidade de pedir que retirasse minha venda. Com imensa agressividade, Domenico estocou seu pau por inteiro na minha boca, me causando imensa ânsia e provocando um engasgo.

Ele não parou, eu sufoquei na minha saliva grossa, que escorreu pelo canto da minha boca. Quanto mais eu engasgava, mas ele se enfiava. A pressão é insuportável. Tentei puxar minha cabeça para trás, mas fui impedida pela mão agressiva que se mantém atracada ao meu cabelo.

Sem ar, abri um pouco os meus lábios, babando o excesso de saliva que não consigo engolir e nesse instante, recebo um violento tapa no rosto. A força foi tamanha, que me desequilibrei e meu corpo tombou. Fui amparada, se é que posso chamar isso de amparar, pela mão forte de Domenico que puxando meu cabelo, me trouxe de volta a posição original.

– Chupa meu pau, sua puta! – Animalesca, assim posso classificar a voz emitida por Domenico.

Outro tapa no rosto, no mesmo local de antes, me faz reiniciar a serie de sucções fortes. Engasgo atrás de engasgo, me vi com o colo, pernas e rosto completamente melados de saliva. A cena provavelmente deve estar sendo grotesca, a verdade é que eu estou achando tudo grotesco e aterrorizante.

Um rugido e ele se retira da minha boca. Um jato quente e condensado resvala em meu rosto, outro e mais um. Domenico goza na minha cara, fartamente, espalhando sua porra, melando meu cabelo, meu pescoço, me deixando completamente molhada com o seu prazer absoluto.

– Vamos vadia, limpe meu pau. – A voz dele agora está irreconhecível. Medo, um medo sem limites me domina. Não ousa discordar, mas também não entendo o que ele quer.

– Lamba, até que fique completamente limpo. – Um rosnado selvagem brota de sua garganta e eu, apavorada, mas não posso deixar de admitir, também bastante excitada, abro a boca e coloco a língua para fora.

O trabalho que antes achei ser um castigo, se tornou o maior dos deleites. Provar o gosto levemente salgado de Domenico é como chupar um sorvete fabricado com algum tipo de iguaria bem rara. Tudo nesse homem é uma delícia. Submerjo no tempo em que chupei, lambi, mordi e me perdi em seu pedaço latejante de carne.

Dando encerrada minha sessão de prazer absoluto, sou puxada com extrema violência pelos cabelos. Domenico, o dominador, deu lugar a algum tipo de homem das cavernas. A dor me faz gritar, mas nem uma palavra sequer é emitida por ele. Ele me arrasta, como se estivesse puxando uma boneca de pano.

– Domenico, pelo amor de Deus, o que você está fazendo? – Me atrevo a perguntar e mais uma vez, obtenho apenas um rosnado como resposta.

Com força, ele me ergue, e tenho certeza que algumas mexas de meu cabelo foram arrancadas diante de tamanha fúria. Meu corpo é jogado por sobre aquilo que acredito ser o encosto de um sofá. O couro gruda em meu corpo melado e a sensação não é nem um pouco agradável. Cada vez que tento me afastar, é como se um pedaço de pele estivesse sendo arrancado.

Alguns segundos se seguiram até que sua mão mais uma vez se apoderasse do meu cabelo. Minha cabeça é puxada para trás e não consigo evitar mais as lágrimas. O que está acontecendo? Isso é o mundo BDSM? Não sei se quero esse tipo de agressividade gratuita e desmotivada para mim.

Sinto sua respiração bem próxima ao meu ouvido, e isso é o suficiente para me fazer esquecer completamente meus pensamentos anteriores. Meu corpo treme e a quentura do seu hálito parece me entorpecer. Domenico Fox é uma droga poderosa, capaz de viciar e muito provavelmente, causar a ruína!

– Me diz, o que você é?

– Domenico, eu não sei....

– Não sabe? Então eu te digo. Você é uma puta, uma puta bem vadia. – Sua ereção encosta na minha bunda e ele se esfrega e é exatamente assim que me sinto, uma vadia. Domenico está me tratando como uma grande e barata vadia.

– Pare com isso Domenico! – Tento gritar, mas minha voz trava na garganta ao sentir o forte tapa que ele desfere na pele nua da minha bunda.

– Fale, o que você é?

– Me deixe em paz! Eu não quero... – Outro tapa, dessa vez muito mais forte. Já não controlo mais meu corpo e minhas emoções.

– Fale. – A voz baixa, rouca e ameaçadora engole meus sentidos. Um medo sem precedentes me toma e não controlo mais os soluços que seguem as lágrimas absorvidas pela venda.

– Eu sou uma puta, uma merda de uma puta vadia! – Grito em meio ao desespero e recebo outro tapa.

Cada vez que sua mão encosta em mim, mais doloroso é. Meu corpo inteiro reclama, estou no auge daquilo que considero aceitável. A verdade é que jamais, em toda a minha vida, senti dores tão intensas. Uma confusão abriga meu cérebro. Isso é prazer? Poderia tamanha agressão ser considerada normal?

A surra não chega ao fim, mordo o couro do que ainda acho ser o encosto de um sofá, contendo meus gritos assustadores até mesmo para mim. As lágrimas, antes contidas pela venda, vazam fartas e talvez por puro instinto de preservação, tento me livrar do meu violento algoz, jogando meu corpo com força contra o dele.

Uma bufada e me arrependo na mesma hora da minha atitude impensada. Domenico parece simplesmente irado diante da minha atitude desafiadora. Continuo apanhando, dessa vez, não é sua mão que me atinge, algo sólido, como uma raquete, resvala minha pele sem pena alguma, e a cada golpe, Domenico parece gostar ainda mais, como se estive em um transe.

Sua respiração se altera ao ponto de conseguir ouvi-la, seu suor, pinga em minhas costas. Apavorada, me dou conta do imenso prazer que ele está sentindo com isso. Ele é um sádico doente. Bater em uma mulher o deixa excitado, estimulado. Estou no meu limite, físico e psicológico!

– Chega! Pare, Domenico! – Grito, o mais alto que consigo, mas a única resposta que tenho é outra açoitada violenta, dessa vez em minha coxa.

Esfregando meu rosto contra o couro, tento me livrar da venda, mas a dor é tamanha, que já não consigo mais pensar com clareza. Selvagem, ele aprofunda sua tortura. Sim, estou sendo dilacerada por um homem completamente desprovido de limites. Não aguento mais, isso precisa parar!

– Lobo.... Lobo! – Grito, ao me lembrar da tal palavra de segurança e isso, só parece irritá-lo ainda mais.

Me virando de frente, ele arranca minha venda e por alguns segundos me encara. Um lampejo de piedade pode ter brilhado em seus belíssimos olhos azuis, mas logo, a selvageria volta a controlá-los e de azul cristalizados, ficam opacos, quase sem vida, dolorosamente frios e distante.

Um tapa no rosto e choro, choro descontroladamente. Domenico segura meu rosto, forçando-me a abrir a boca. Sua língua encontra a minha, mas não é um carinho, é doloroso. Se afastando um pouco ele cospe. Domenico Fox acabou de cuspir em minha boca, esfregando sua saliva com força por todo meu rosto.

Xingamentos e mais tapas se seguem, a frequência aumenta e me apavoro ao vê-lo puxar o cinto do cós de sua calça. Não, chega! Dolorida e humilhada, fecho os olhos, mas, um tapa me faz voltar a abri-los. Domenico se afasta e me observa mais uma vez, o prazer em sua expressão chega a ser

assustador.

– Pelo amor de Deus, Domenico... Chega... Eu não aguento mais! – Imploro entre as lágrimas que me sufocam. Seus olhos endurecem ainda mais e é nesse momento que o cinto resvala na pele fina do meu abdômen.

Não tenho como mensurar a dimensão da dor que senti. A voz falhou, o ar me faltou e não consegui sequer gritar. Extasiado, ele sorri, um sorriso diabólico, e repete a ação. Presa, subjugada, dolorida e apavorada, me encontro sem qualquer opção. Apenas começo a rezar, para que sua ira sexual prazerosa termine o mais rápido possível.

Uma sucessão de cintadas de seguiu. Ofensas verbais misturas a dor física. Coxas, barriga, braços. Nada escapou da fúria incontida de um irreconhecível Domenico. Minhas lágrimas, soluços e lamentos, pareciam estimulá-lo ainda mais. Não consigo mais gritar, não consigo mais reagir.

Me desligo. É como se estivesse em um universo paralelo, onde ali, protegida, não sentisse nem dor ou medo. Um misto de emoções tomou conta de mim. Seria eu uma submissa vivendo uma experiência real? Seria toda essa exaltação comum no mundo BDSM?

Já não sei mais como meu corpo reage e muito menos que emoções surgem. Alfinetadas fortes de dor me fizeram voltar ao presente e dúvidas monstruosas surgiram em meio aos hematomas. Mesmo que eu tente, jamais conseguiria descrever meus sentimentos.

A intensidade da dor que sinto, simplesmente é impossível de ser descrita. Lágrimas, lágrimas e mais lágrimas. Como pude me permitir chegar a esse ponto extremo de degradação física e moral? Domenico parece não se importar, muito pelo contrário, quanto mais dor causa, mais satisfeito parece ficar.

Uma pausa e meu corpo desfalece! Caio completamente sem forças, de joelhos dobrados, ao pés daquele que me domina, talvez muito mais psicologicamente do que fisicamente. Soluços arrebatam meu corpo. Sinto vergonha. Vergonha de mim mesma. Vergonha por ter me permitido ser tratada dessa maneira.

Mãos, dessa vez leves, desfazem as amarras que mantiveram meus braços presos por tanto tempo. Incerta e sem saber se devo ou não me mexer, continuo na mesma posição, cabeça baixa, mãos para trás. Nesse momento, vejo os vergalhões azulados em minhas pernas.

Sem conseguir mais segurar o peso do meu tronco, me deito sobre o carpete fofo, que mesmo diante de tamanha macies, não é capaz de acalantar a dor e ardência que consome minha pele. Choro baixinho, como uma criança que acabou de ser castigada. Meus dedos se perdem nas fibras delicadas e claras,

apertando o máximo que consigo, colocando para fora toda a minha frustração.

Não vejo mais os pés de Domenico. Também não sinto mais a sua presença, como sempre acontece. Talvez o massacre que ele acabou de praticar contra mim, tenha quebrado de vez essa nossa comunicação. Talvez, tão somente talvez, eu tenha me dado conta de que não é disso que preciso para viver.

Degradada e sem forças, pensei em levantar, mas não consegui. A dor que envolve meus músculos me impede qualquer movimento. Aquele arrepio característico, que faz meu cérebro ferver, reaparece. Domenico está aqui. Não ergo a cabeça, apenas sinto sua mão.

Dessa vez, leve, delicada, suave. Ele me acaricia em cada ponto dolorido, é como se sua mão estivesse me lendo, me abraçando, me protegendo, cuidando. Fico com raiva de mim mesma por ter esse tipo de emoção positiva após tudo a que fui submetida, depois de tanta dor.

Mas, sentir as mãos de Domenico como plumas, quase sem ser tocada, me faz pensar que ele é sim, o meu senhor absoluto, aquele para quem me entrego, me submeto, com quem me permito ser eu mesma. Mais lágrimas brotam. Tento repelir a ideia de que eu seja realmente esse tipo de mulher.

Chocada, percebo que a vontade de estar junto a esse homem é mais forte que qualquer medo, receio ou dor que possa vir a sentir. Fui pega no colo. Braços cuidadosos me seguram e recosto minha cabeça no peito musculoso e suado diante do esforço da tortura deflagrada.

Várias coisas passam por minha cabeça. Raiva, vontade, prazer. Revi rapidamente meus conceitos e toda a caminhada desde o momento que Domenico colocou as mãos em meu corpo pela primeira vez. Tenho forças para enfrentar toda essa loucura? Vou conseguir suportar as dificuldades, críticas e lutas necessárias para seguir adiante e me jogar de cabeça nesse mundo tão cruel, mas ao mesmo tempo, tão excitante e convidativo?

Agarrada ao corpo que me deteriora e ao mesmo tempo é o meu elixir de cura, arrisco dar uma olhada ao redor. Parece que estamos em uma casa, daquelas usadas no verão. Domenico ainda está de calças e sapatos, e caminha seguro até a última porta existente no corredor.

Ao abri-la, me deparo com um cômodo de tirar o fôlego. Imenso seria pouco! Ele não para, continuando a andar, abre outra porta e me vejo em um banheiro digno dos nobres do século XV. Todo em mármore, inclusive nas paredes, o ambiente está quente e aconchegante, parecendo ter sido preparado previamente para a nossa chegada.

Um beijo no topo da minha cabeça e percebo Domenico arrancar os sapatos, jogando-os longe, ainda comigo em seus braços. Sem retirar as calças, ele entra na banheira, me aconchegando ainda mais em seus braços ao sentir o

encolher do meu corpo, diante da dor que a água quente causa em meus ferimentos.

Com cuidado, ele pega uma suave esponja e despeja uma boa quantidade do que acredito ser um gel anticéptico. Com cuidado e observando atentamente as reações do meu corpo, ele inicia uma leve fricção. Um gemido languido se desprende da minha garganta e seus braços se apertam ainda mais a meu redor.

– Tudo bem? – A voz surpreendentemente suave de Domenico, ecoa ao pé do meu ouvido.

Depois de tudo que aconteceu, é a primeira vez que ele se dirige a mim e não sei porque, mas meu coração pareceu dilacerar e querer saltar pela boca de emoção. Deus do céu, em que tipo de monstro doentio estou me transformando?

– Dói... – Balbucio, voltando a derramar uma enxurrada de lágrimas.

– Eu sei. Já vai passar, eu prometo.

Acreditando em suas palavras, me entrego completamente aos seus cuidados mais que intensivos. Domenico percorrer todas as minhas curvas, sempre dando atenção especial as áreas que foram açoitadas e massacradas por suas mãos febris. A cada toque, novos arrepios, que já não sei mais distinguir se são de dor ou puro deleite de estar entregue as suas cuidadosas e habilidosas mãos.

– Por que você fez isso? – Pergunto baixinho, talvez com medo de que ele se irrite e mais uma vez resolva me castigar.

– Você precisava descobrir os limites do seu corpo. Tire isso como um aprendizado valioso.

– Mas eu pedi que parasse... Eu não queria mais... – Solução e Domenico me vira de frente para ele, me obrigando a abrir as pernas e entrelaçar seu corpo com elas.

– Seja honesta comigo. Foi tão ruim assim? – Olhos perfurantes invadem minha alma.

– Foi horrível Domenico. Você me humilhou, física e mentalmente. Eu tive medo, muito medo. Você excedeu qualquer limite aceitável.

– E mesmo assim você está aqui, dentro de uma banheira comigo, entregando seu corpo aos meus cuidados?

– Pois é... Devo ser louca!

– Não, você não é louca, é apenas uma deliciosa submissa que ficou impactada diante do medo e da dor. Suas lágrimas a liberaram minha doce menina.

– Me liberaram de que Domenico? – Encosto minha testa na dele, parecendo surpreende-lo com minha atitude.

– De tudo aquilo que vivia dentro de você! De toda a soma daquilo que

era, exaltando aquilo em que se transformou.

– Você me machucou... – Reclamo manhosa e o vejo sorrir. Não aquele sorriso filho da puta e diabólico, mas um delicioso e carinhoso sorriso.

– Eu sei que machuquei. Essa era a intenção. – Faço um bico diante de suas palavras e não posso negar, o contato do meu sexo completamente desprotegido com sua ereção que dá sinais bem claros por baixo da sua calça me ligam em 220w.

– Vem aqui minha dengosa, manhosa. É assim que eu te quero e é desse jeito que eu gosto.

– Com medo? – Afasto minha testa da dele e o encaro.

– Com ou sem medo, Ethel Lisa. Eu te quero.

Sua boca toma a minha. O beijo é delicado, suave. Sua língua me reverencia, como se tudo que passei enchesse seu peito de orgulho. Domenico acaricia minhas costas e aumenta a potência com que sua língua brinca com a minha. Como compreender essa louca mistura de emoções que esse homem é capaz de demandar em mim?

– Para Domenico... – o afasto, espalmando minhas mãos em seu peito.

– Por que? – Sério? O cara que acabou de me surrar está perguntando por que?

– Não sei, acho que estou com vergonha...

– Vergonha de mim?

– Vergonha de tudo, Domenico! – Ele sorri, e dessa vez, parece um anjo.

– Vem aqui Ethel Lisa, vem com vergonha, mesmo que eu a prefira completamente sem vergonha, desarrumada, descabelada, sem graça, sem alegria. Vem comigo que eu te alegro, te toco, te acendo, te pego, te conduzo, abuso do seu corpo e da sua mente. Eu te levo e te busco de encontro ao prazer. Mas, só para que saiba, se você quiser e for inteligente, saberá bem como me levar também.

– E como eu te levaria, Domenico?

– Você me leva com a beleza que tem em sua alma, no seu cheiro, no seu hálito, seu suor...

– Domenico...

– Shuuu... Me deixe cuidar de você. Acredite, sinto um imenso orgulho de tudo que você viveu e se permitiu.

– Você sente orgulho?

– Sim, muito! Agora me permita terminar o seu banho, tenho um compromisso inadiável mais tarde, não posso me atrasar. – Talvez tenha ficado decepcionada. Depois de tudo a que fui submetida, mais uma vez vou ser largada, como uma peça usada, sem valor algum.

Em um lampejo, me recordo da coletiva com Richard Mitchell que preciso cobrir ainda hoje. Olhando pela imensa parede de vidro do banheiro, vejo os últimos raios de sol desaparecem no horizonte. Merda, vou estar muito fodida se não chegar a tempo. Susanna, que já não anda muito satisfeita por eu não ter conseguido nada sobre Domenico, vai simplesmente surtar se eu não comparecer.

– Domenico, eu preciso ir. Tem uma coletiva que preciso de qualquer jeito cobrir.

– Tudo bem, já terminamos aqui.

Ele sorri e me retira do seu colo, se levantando e arrancando as calças encharcadas. Saindo da banheira, ele busca uma toalha, enrolando-a em sua cintura. Repetindo o gesto, ele faz o mesmo com outra, só que dessa vez, em meu corpo. Enquanto me enxugo, o vejo abrir uma das gavetas da imensa bancada em mármore do banheiro. Enchendo um copo com água ele se vira em minha direção.

– Tome.

– O que é isso? – Pergunto ao ver os dois comprimidos na palma da sua mão.

– Advil. Vai aliviar as dores.

– Nossa, quanta consideração. – Debocho, pegando os comprimidos e os enfiando na boca.

– Não comece, Ethel. Apenas tome os remédios.

Pego o copo de sua mão e entorno todo o líquido. Não fazia ideia do quanto estava com sede. Domenico me observa e retira o copo da minha mão, voltando a enchê-lo. Agradeço com os olhos e volto a derramar o líquido transparente, que parece ser absorvido como se meu corpo fosse uma esponja gigante.

– Mais? – Ele pergunta, erguendo uma das sobrancelhas em uma expressão divertida.

– Não, obrigada. – Baixo os olhos, fugindo da intensidade sufocante que emana dos olhos de Domenico.

Fizemos o caminho de volta calados. Domenico se concentrou em receber e enviar diversas mensagens em seu celular, eu, por minha vez, fiquei quieta, apenas observando a paisagem que passava como um borrão pelos meus olhos. Aproveitei o sossego e o longo caminho para tentar organizar minhas ideias.

Será verdade que meu prazer está ligado a servidão, a me doar a alguém,

a condução e disciplina? E se assim o for, como exatamente devo proceder? Talvez deva usar de cautela para me aventurar nesse mundo tão diferente e desconhecido que é o BDSM para mim, aplicando os conhecimentos adquiridos com Domenico, me autoanalizando, para entender e decidir qual novo passo devo dar.

Estar nesse mundo é uma caminhada solitária, não tenho que provar quem eu sou ou o que faço para ninguém, isso só interessa a mim. Mas preciso respeitar os meus momentos, meus limites. O problema é que hoje ficou muito claro para mim que não conheço meus próprios limites. Deveria estar odiando Domenico nesse momento, mas, ao contrário disso, só consigo admirá-lo.

Eu não busquei pela prática do BDSM, por sessões de sexo, orgasmos e tesão junto a corpos lindos, momentos picantes ou complementação de algo que me faltava. Tudo isso veio até a mim. Assustadoramente, veio por intermédio de um sádico delicioso e suas manias doentias e ameaçadoras.

Atordoada, concluo que me satisfaço com minhas doações intensas, principalmente porque consigo perceber o quanto Domenico se satisfaz e também se doa. O problema é: me entregar de cabeça a essa opção de vida pode ser sinônimo de anular quem eu sou, extinguindo completamente o meu valor. A curiosidade e a pressa de acompanhar as peculiaridades de Domenico podem me cegar.

Dominadores não são namorados baunilha. Tudo que tive até hoje simplesmente morrerá, desaparecerá junto a antiga Ethel. Mas, não era exatamente isso que eu queria? Um recomeço, uma nova vida? Gritar ao mundo que não vim à toa e que não vou mais me permitir sofrer pelo passado que erros alheios me impuseram?

Se sou uma submissa, fica muito obvio que minha submissão deseja repousar nos braços de Domenico, mesmo eu não tendo a mínima ideia se isso algum dia realmente irá acontecer. Preciso andar devagar, sem pressa, pesquisar, aprender, entender e só aí, então, me ajoelhar aos pés do meu Senhor, meu Domenico, que sei que jamais será apenas meu.

Mas a verdade é que desejo me submeter as suas vontades, me sentir útil a ele, servir, ser usada, puta e amada. Quero doar meu amor e cuidar do único homem que soube ler minha submissão e me fez curvar em sua totalidade. Quero seus defeitos, suas qualidades. Quero simplesmente a sua posse!

Incrivelmente, apesar de todas as confusões, medos e dúvidas, eu quero, quero muito. A jornada continua, jornada essa onde medo e desejo caminham juntos, lado a lado, sempre regados pelo prazer imenso que Domenico sabe conduzir como um verdadeiro sonho com sua experiência, realizando meus

anseios mais perversos, corrompidos e desmoralizados.

Pergunto silenciosamente a menina que ainda vive dentro de mim se é isso mesmo que ela deseja. Claro que, como eu, ela também não sabe a resposta. A única coisa que ela sabe é que... estar com Domenico Fox, é o mesmo que viajar para o paraíso e olhar a paisagem da janela do avião, sem intenção alguma de pousar. É unicamente uma escolha!

Não quero viver assustada, mas o desconhecido me excita, um turbilhão de sentimentos surge e me abre espaço para que tenha acesso a ele, o homem que já considero como meu dono. Sonho em tocar o corpo lindo que em tão pouco tempo, já amo. Quero beijá-lo, lambê-lo, sentir seu cheiro magnifico, mergulhar no seu olhar, ouvir e sentir o seu sadismo.

Mas o que realmente desejo é ficar quietinha dentro do seu abraço, sendo cuidada por ele, cuidado dele, buscando viver em todo o seu esplendor o after care, contabilizando as marcas, arranhões e hematomas surgidos pelo excesso de desejo.

Quero me permitir, quero ter coragem, quero esquecer os indecentes receios da menina boba que teima em se esconder. Quero me tornar inesquecível para o melhor e mais intenso homem de toda a minha vida... Domenico Aron Fox!

SÉRIE DOMINADA

A descoberta

(LIVRO I)

Outras obras da autora:

Série INCONSTANTE

Inconstante Prazer

<https://www.amazon.com.br/dp/B07CKHJB14>

Inconstante Prisão

<https://www.amazon.com.br/dp/B07CSMN6S8>

Inconstante Amor

<https://www.amazon.com.br/dp/B07FC9PCDN>

Inimigo íntimo (Livro Único)

<https://www.amazon.com.br/dp/B07G5L5LJ8>

Laços de Sangue (Livro único)

<https://www.amazon.com.br/dp/B07GM9SHYZ>

Acompanhe as novidades sobre a autora nas redes sociais.

Página Oficial Facebook

www.facebook.com/klchristynoficial/

Site Oficial

<http://www.klchristyn.com.br/>

Instagram Oficial

www.instagram.com/klchristyn/?hl=pt-br

Contato E-mail

klchristyn@gmail.com

Nota da autora:

É com imenso prazer que entrego a vocês o primeiro livro da série “DOMINADA”. Espero que curtam tanto quanto eu curti escrever. Ainda tem muita coisa para rolar entre Domenico e Ethel e espero poder, o mais rápido possível, publicar a sequência da história. Beijos enormes e, é claro, nos vemos em breve!

K.L. Christyn

DOMINADA

A DESCOBERTA

DOMINADA
A DESCOBERTA

POR

K.L. Christyn